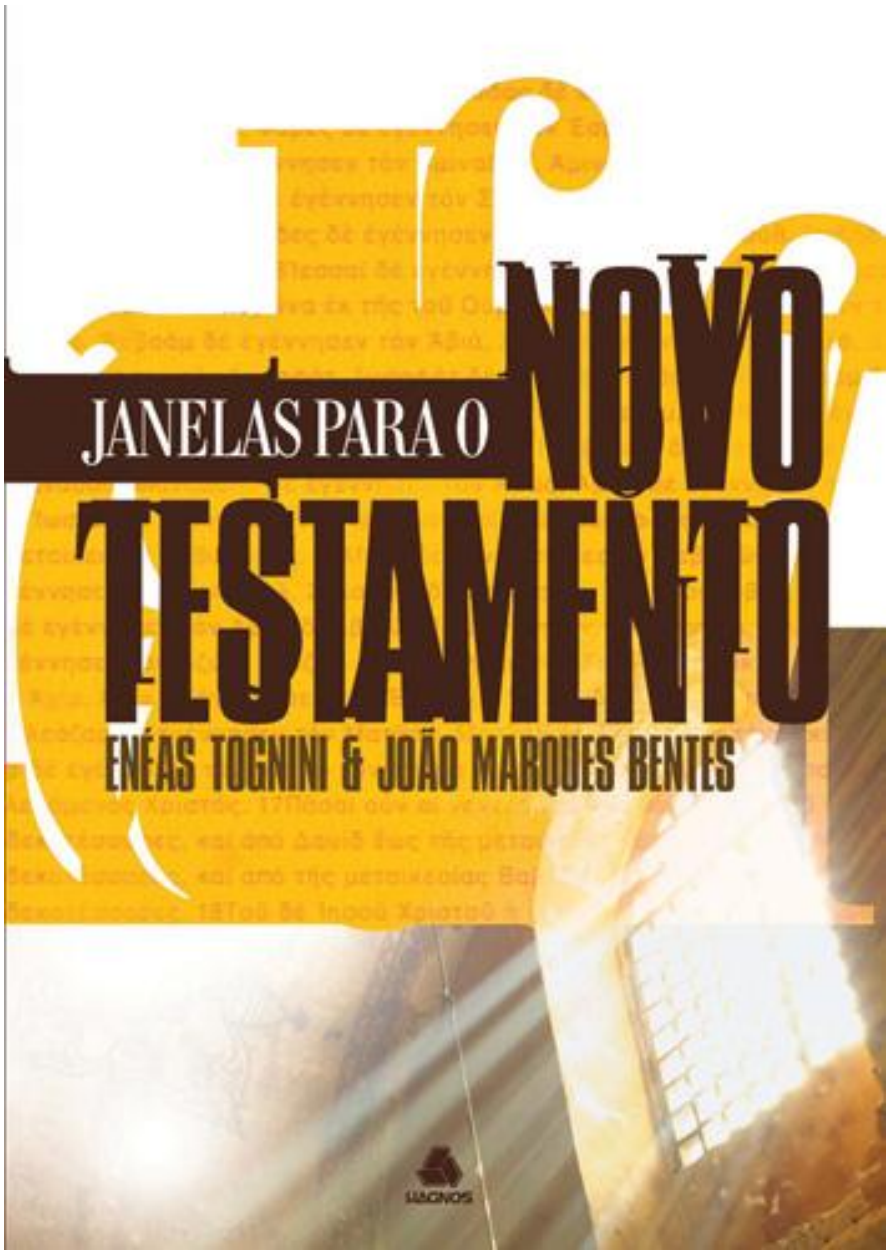

JANELAS PARA O
NOVO
TESTAMENTO
ENÉAS TOGNINI & JOÃO MARQUES BENTES

JANELAS PARA O NOVO TESTAMENTO

ENÉAS TOGNINI E JOÃO MARQUES BENTES

www.hagnos.com.br

© 2009, por Enéas Tognini e João Marques Bentes

Capa
Souto Crescimento de Marca
1ª edição - agosto de 2009
Gerente editorial
Juan Carlos Martinez

Todos os direitos desta edição reservados para:
Editora Hagnos
Av. Jacinto Julio, 27
04815-160 - São Paulo, SP
(11) 5668-5668
hagnos@hagnos.com.br
www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro SP, Brasil)

Tognini, Enéas; Bentes, João Marques
Janelas para o Novo Testamento / Enéas Tognini, João Marques Bentes — São Paulo: Hagnos, 2009.
ISBN 978-85-7742-052-0
1. Bíblia. NT - Estudo 2. Bíblia. NT - Introduções 3. Bíblia. NT - Teologia I. Título
09-01588 CDD-225.07

Índices para catálogo sistemático:
1. Novo Testamento : Estudo 225.07

Conteúdo

Introdução

Parte 1 — Para entender o Novo Testamento

1. O Período Interbíblico
2. A formação do cânon do Novo Testamento
3. Os manuscritos do Novo Testamento
4. O idioma do Novo Testamento
5. A divisão em capítulos e versículos: prós e contras

Parte 2 — Os evangelhos e Atos dos Apóstolos

6. O problema sinótico
7. Mateus
8. Marcos
9. Lucas
10. João
11. Atos dos Apóstolos

Parte 3 — As epístolas e Apocalipse

12. Cronologia das epístolas paulinas
13. Romanos
14. 1—2Coríntios
15. Gálatas
16. Efésios
17. Filipenses
18. Colossenses
19. 1—2Tessalonicenses
20. 1—2Timóteo
21. Tito
22. Filemom
23. Hebreus
24. Tiago
25. 1—2Pedro
26. 1—3 João
27. Judas
28. Apocalipse

Parte 4 — Apêndices

Apêndice 1: Harmonia dos evangelhos
Apêndice 2: A vida de Paulo
Apêndice 3: O movimento gnóstico

Bibliografia

Introdução

Este livro tem uma história simples. Primeiramente, o pastor Enéas Tognini pesquisou e fez anotações sobre questões de introdução ao Novo Testamento, pelo espaço de um ano e meio. Essa é a base do livro. Terminada essa fase, entregou 256 páginas datilografadas de suas anotações ao pastor João Marques Bentes, para que este dispusesse em ordem o material, ao moldes de obras evangélicas similares, e completasse, excluísse ou alterasse o que achasse por bem, a fim de enriquecer a obra. O pastor Bentes dedicou, intensivamente, cerca de 500 horas, diante de seu microcomputador, a fim de terminar a sua parte na confecção da obra. A forma final do livro é, portanto, trabalho do pastor Bentes, que testificou: "Mas sem os detalhados estudos feitos inicialmente pelo pastor Tognini, seria muito difícil a empreitada".

Esclarecidos esses pontos, a obra é dos dois autores, muito conhecidos nos círculos cristãos evangélicos. O pastor Tognini, como autor de longa data; o pastor Bentes, como tradutor de obras evangélicas de longa data, e que nesta obra ensaiou os primeiros passos como autor.

O propósito deste livro é ajudar aos estudantes de teologia, de modo especial, bem como a todos os irmãos no Senhor, para que conheçam melhor o conteúdo da Palavra de Deus, vivam uma vida mais santa e cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

O Novo Testamento é o livro do cristão por excelência. Para muitos, porém, é desconhecido. Precisamos desenterrar todas as riquezas dessa mina e colocá-las na mão de cada pessoa que ama a Jesus e deseja ardentemente conhecer sua Palavra. Por certo, nunca chegaremos a extrair a última porção dessa mina celestial. Mas precisamos extrair o máximo possível.

Este livro está dividido em quatro partes. A Parte 1 — "Para compreender o Novo Testamento" — traz informações introdutórias sobre o Novo Testamento. O capítulo 1, "O Período Interbíblico", traz informações gerais e bem resumidas sobre os 400 anos que antecedem o Novo Testamento. Não foi preciso desenvolver tanto nessa parte sobre o assunto, porque Enéas Tognini já tem um livro publicado que trata especificamente dessa matéria. Assim, o leitor terá pincelas desse período, e, querendo se aprofundar, basta consultar a mais novíssima edição do livro *O Período Interbíblico* (São Paulo: Hagnos, 2009). Os capítulos de 2 a 5 tratarão respectivamente dos seguintes tópicos: "A formação do cânon do Novo Testamento", "Os manuscritos do Novo Testamento", "O idioma do Novo Testamento" e "A divisão de capítulos e versículos: prós e contras".

Na Parte 2 — "Os evangelhos e Atos dos Apóstolos" — discutimos inicialmente a questão do chamado "problema sinótico", envolvendo os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Em seguida, estudaremos os evangelhos na sequência em que aparecem nas Escrituras. Atos dos Apóstolos está na mesma parte por ser reconhecidamente a continuação do evangelho de Lucas. Nos evangelhos, abordaremos a questão central: a carreira terrena de Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado. Em Atos dos Apóstolos examinaremos os resultados ou desdobramentos da morte e da ressurreição de Cristo, com a propagação da "boa mensagem", por impulso e sob a égide do Espírito Santo, começando por Jerusalém, passando para a Judeia e Sumaria, e daí até aos confins da terra (veja At 1.8), em cumprimento da Grande Comissão que dá o enfeixo a esse e aos demais evangelhos sinóticos (veja Mt 28.18-20; Mc 16.15-16; Lc 24.47,48).

Em seguida, na Parte 3 — "As epístolas e Apocalipse" — encontramos as explicações e os conselhos dados pelos apóstolos às jovens igrejas cristãs. Lá estão fixadas as doutrinas que devem ser cridas, vividas e defendidas pelos cristãos de todos

os tempos. Por fim, em Apocalipse, achamos, sob a forma simbólica de grandiosas visões, a predição inflável de como o reino de Deus haverá de se tornar uma realidade sobre a terra, por ocasião do milênio, e, em seguida, como o Senhor restaurará céus e terra, devolvendo assim o paraíso aos remidos pelo preço do sangue de Jesus. E isso encerra de modo felicíssimo o imenso drama da criação do plano traçado pelo beneplácito do Pai.

Para finalizar, a Parte 4 traz três apêndices muitos valiosos: "Harmonia dos evangelhos", "A vida de Paulo" e "O movimento gnóstico". Visto que cada um dos quatro evangelistas — Mateus, Marcos, Lucas e João — escreveu com base em seu próprio plano e propósito, uma harmonia dos evangelhos é indispensável para que se possa fazer um satisfatório estudo comparativo entre os quatro primeiros livros do Novo Testamento. E visto que o apóstolo Paulo é o autor mais profícuo das Escrituras, pois dos 27 livros do Novo Testamento, 13 são dele, estudar sua vida é fundamental para o entendimento da teologia do Novo Testamento. Além disso, muitas epístolas surgiram devido às controvérsias suscitadas pelo movimento gnóstico, uma seita que rivalizou com o cristianismo por vários séculos. As respostas do apóstolo ao gnosticismo fazem parte do desenvolvimento da teologia cristã e são uma ferramenta importante para os pastores atuais diante do ressurgimento de ideias gnósticas.

O pastor Bentes achou conveniente atender a uma recomendação do escritor Robert H. Gundry, segundo a qual um compêndio de introdução ao Novo Testamento deve incluir material como pano de fundo, questões técnicas a algum comentário de cada livro do cânon neotestamentário. Gundry também observa que uma falha comum das introduções é que nelas quase não há comentários sobre o texto sagrado propriamente dito. Essa reconhecida falha foi sanada aqui. Portanto, é na consciência de estarem publicando uma obra de introdução ao Novo Testamento, que atende aos mais modernos requisitos considerados indispensáveis pela erudição bíblica, que os pastores Enéas Tognini e João Marques Bentes estão oferecendo ao público leitor esta valiosa obra, tendo em vista a glória eterna de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Conhecer o Novo Testamento é conhecer o Senhor Jesus; e com Jesus podemos chegar às profundezas de Deus, de seus mistérios, alcançando o âmago do seu coração, onde a luz brilha incessante e o poder é supremo. O rio da água da vida corre sem parar, levando a bênção por onde passa no desabrochar das flores, nos frutos abundantes, no cantar das aves e na alegria festiva. Oseias 6.3 diz: "Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor: como a alva a sua vida é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como a chuva serôdia que rega a terra".

A Palavra é viva e eficaz, e penetra no mais íntimo de nosso coração, afasta o pecado, golpeia Satanás e nos conduz em carros de triunfo. É nosso alvo supremo que este livro possa gerar nos servos do Senhor o desejo de estudar o Livro Santo, a infalível Palavra do Senhor, cheia de graça e de verdade. Se esta obra despertar corações famintos pela Palavra de Deus, os autores se sentirão plenamente recompensados.

São Paulo, SP
Primavera de 2009

Parte 1

Para entender o Novo Testamento

1
O Período Interbíblico

Para entender de forma adequada o Novo Testamento precisamos conhecer, antes de tudo, o "Período Interbíblico". Esse nome designa um período de 400 anos que vai do profeta Malaquias ao evangelho de Mateus. Também poderia ser chamado "Período Intertestamentário".

Nesse período de 400 anos de silêncio divino, o mundo se viu diante de uma quantidade imensa de novos acontecimentos. Impérios surgiram, fortes e grandes, mas outros sucumbiram; reis ascenderam e outros afundaram no ocaso da glória e mergulharam na noite do esquecimento. Partidos políticos surgiram, novas línguas passaram a ser faladas e costumes estranhos se impuseram, principalmente na terra de Israel. Essas inovações, incluindo práticas religiosas, foram impostas pelas armas dos vencedores, chocando-se com as nativas, motivando guerras, levantes, distúrbios e derramamento de sangue.

Desde Gênesis 3.15 — quando Deus prometera a vinda de um "descendente" — havia em cada coração do povo da promessa, os judeus, a esperança messiânica, isto é, um suspiro pelo Messias Redentor. Essa "esperança" se revitalizava à medida que surgiam guerras e conflitos, em que recrudescia a perseguição e o povo de Deus era apertado pelos sofrimentos.

Nesse período Deus preparou o mundo, especialmente o "povo eleito", para a vinda de Jesus. O Filho de Deus não veio antes nem depois do tempo marcado no relógio do tempo. Antes, veio na "hora" marcada pela eternidade. Segundo o apóstolo Paulo, Cristo veio "na plenitude do tempo" (Gl 4.4). Que tempo foi esse? Desde Gênesis 3.15 até que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14). Quando ele chegou, encontrou um mundo preparado para realizar o seu ministério, com base no qual foi propagado o seu evangelho de vida e salvação.

Destacamos a seguir quais são os fatos relacionados ao Novo Testamento explicados nesse período:

1. A dominação dos romanos sobre os judeus.
2. A dinastia de Herodes, o Grande.
3. A origem dos principais partidos religiosos e políticos entre os judeus: escribas, fariseus, saduceus, zelotes e herodianos.
4. O surgimento de grupos marginalizados, como os publicanos, além da explicação do porquê da rixa entre judeus e samaritanos.
5. A história da reconstrução do templo de Jerusalém, a principal instituição judaica, além do aparecimento de outras duas instituições: a sinagoga e o Sinédrio.

Para conhecer melhor esse tempo de 400 anos, recomendamos a leitura da nova edição do livro *O Período Interbíblico*, de Enéas Tognini.[1]

[1] TOGNINI, Enéas. *O Período Interbíblico*. São Paulo: Hagnos, 2009.

2

A formação do cânon do Novo Testamento

Por que "Novo Testamento"?

Esse nome está relacionado com a história das alianças entre Deus e o seu povo Israel. Êxodo 20 registra a primeira Lei que o Todo-poderoso expôs em tábuas de pedra gravadas em ambos os lados (Êx 32.15). Essa Lei não foi guardada com fidelidade pelos filhos de Israel. Devido à fraqueza humana, ela não cumpriu seu papel. Então Deus, na sua paciente misericórdia, anunciou pelo profeta Jeremias uma "nova Lei" ou "nova aliança" (Jr 31). No devido tempo a "nova aliança" foi promulgada pelo Senhor Deus. Ela é eterna e inviolável, pois não foi selada com sangue de touros e bodes, mas com o sangue imaculado do Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor (Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20; 1Co 3.6; Hb 8.8; 9.15; 12.24).

O nome "Novo Testamento" vem exatamente de "nova aliança" (ou "novo pacto"). Assim, quando atribuímos o nome "Novo Testamento" aos evangelhos, a Atos dos Apóstolos, às epístolas e a Apocalipse estamos afirmando o que Deus celebrou com o homem mediante o sangue do Senhor Jesus.

O vocábulo "cânon"

Benedito de Paula Bittencourt, especialista em Novo Testamento, informa sobre a origem da palavra "cânon": "A palavra *kânom* (no hebraico, *gâneh*, significa primitivamente vara ou régua, especialmente usada para manter algo em linha reta, à semelhança da linha ou régua dos pedreiros e carpinteiros".[1] Outro especialista declara:

> A palavra Cânon muda de sentido, conforme é tomada em sentido ativo ou passivo. Em sentido ativo (medida, norma, princípio regulador), a Sagrada Escritura é chamada Cânon enquanto ela é o critério da verdade, a norma da fé e dos costumes. Geralmente, porém, Cânon é tomado em sentido passivo (colocado no Cânon, na lista eclesiástica de livros sagrados; nesse sentido a palavra já se encontra em Orígenes (*Prol*, *in Cant*.). Cânon, portanto, quer dizer que tal livro é reconhecido pela igreja como pertencente ao Cânon por ser inspirado.[2]

Como o cânon do Novo Testamento foi estabelecido

O que influenciou a igreja a formar o cânon do Novo Testamento? Isso se deve a pelo menos duas influências. Em primeiro lugar, os cristãos do Novo Testamento estavam familiarizados com os livros do Antigo Testamento, já organizados canonicamente. Isso os inspirou a pensar numa coletânea semelhante para os escritos dos apóstolos. Em segundo lugar, munidos dos evangelho e das epístolas, já escritos e bem divulgados nas igrejas, pessoas de responsabilidade entre os cristãos começaram a copiar tais escritos, colecionando-os e guardando com os nomes de seus respectivos autores. Esses escritos eram muito valorizados e cobiçados.

O dr. Aluah Hovey, estudioso da matéria, comenta:

> Se, por exemplo, as igrejas de Filipos e Corinto receberam de Paulo cartas saturadas do espírito de amor, sabedoria e autoridade — cartas que louvavam as suas virtudes, reprovavam seus pecados, corrigiam seus erros, aliviavam-nas de suas perplexidades, livravam-nas das suas dúvidas, acendiam suas esperanças — elas certamente não deixariam de guardá-las, com máximo cuidado, ou legá-las como herança preciosa aos seus sucessores nas igrejas. E conquanto desejassem vê-las lidas e copiadas pelos discípulos de Cristo de outras igrejas, fariam

---

[1] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*. Rio de Janeiro: Juerp, 1984, p. 21.

[2] *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 235.

empenho absoluto de guardá-las com segurança. E as cartas dirigidas a uma única igreja eram poucas em número (quase nunca além de duas), e jamais haveria o perigo de erro na autoria.[3]

A igreja primitiva aceitava a coletânea dos livros do Antigo Testamento como inspirada. Mas os escritos sobre Jesus exerciam um fascínio sobre os cristãos. Era uma vida de poder, de graça e de prodígio. Sobre ele foi dito: "Nunca homem algum falou como este homem" (Jo 7.46). Quando os apóstolos começaram a escrever os grandes acontecimentos da vida e do ministério de Jesus, isso trouxe tremendas consequências sobre a vida de seus seguidores. Talvez eles nem fizessem ideia de que estavam compondo a segunda porção da Bíblia, o Novo Testamento.

Entretanto, ao lado dos livros que compõem o canôn do Novo Testamento surgiu uma infinidade de outros escritos de caráter exortativo. Estes foram escritos por líderes e pastores de igrejas, e também eram amados pelos cristãos. Além destes, apareceram muitos outros escritos produzidos por hereges ou por pessoas mal informadas. Diante disso, como saber o que era inspirado por Deus? Isso só foi possível pela atuação do Espírito Santo. Ele, que impulsionou os autores no Novo Testamento, continuou sua obra, orientando homens e organizações a selecionarem a pura semente da Palavra de Deus ou as gemas preciosas dos 27 livros do Novo Testamento. O Santo Espírito de Deus conduziu tudo a bom porto. O joio foi separado do trigo. Com isso, temos a lista canônica dos 27 livros inspirados por Deus, o Novo Testamento; além disso, apesar de não terem entrado no cânon, muitos outros livros eram respeitados por seu bom conteúdo; outros, no entanto, foram classificados de "apócrifos", pois, além de não serem inspirados, contradiziam as palavras de Jesus e o que os apóstolos haviam ensinado.

Para esses homens, não foi um trabalho fácil e de poucos dias; a jornada foi longa e cansativa, mas eles seguiram balizas seguras e metas determinadas. A lenta formação do cânon foi um processo que obedeceu a certos critérios, a saber:

1. *Um livro deveria expor com clareza e autoridade a vontade de Cristo*. Ao lado de outros escritos — alguns bastante bons —, os de Paulo, por exemplo, alcançavam lugar de destaque na preferência dos leitores. B. P. Bittencourt afirma: "Por volta de 130 d.C., a *Epístola de Barnabé* 6.14 usa para citar Mateus a mesma fórmula usada por Paulo quanto à autoridade do Antigo Testamento para corroborar seu ensino: *gégraptai* ["ficou escrito"]. Isso quer dizer que os livros do Novo Testamento estavam sendo colocados no mesmo pé de igualdade com os do Antigo, considerados inspirados pelos cristãos e possuidores de divina autoridade".[4]
2. *O nome do autor que subscrevia o livro era de grande importância*. Alguns escritos apócrifos, à semelhança dos evangelhos, traziam o nome de certos apóstolos; o mesmo aconteceu com as epístolas, principalmente as de Paulo. Com o correr dos anos, o joio foi separado do trigo, e o trigo puro permaneceu: Marcos escreveu "Marcos", Mateus escreveu "Mateus", Paulo escreveu Romanos", e assim sucessivamente.
3. *Um escrito deveria ter brotado da pena de um apóstolo ou de alguém a ele intimamente ligado, fosse evangelho, fosse epístola*. Ainda mais: no documento deveria transparecer a autoridade de Jesus, uma narrativa completa, e não meros fragmentos de ensinos ou milagres de Jesus. No caso das epístolas, esse critério tinha algo de diferente: as igrejas fundadas por Paulo, que haviam recebido uma ou duas de suas cartas, começaram a

[3] Em BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1942, p. 4.

[4] Em BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*, p. 25.

produzir cópias delas e a trocá-las por cópias de outras de suas epístolas, enviadas a outras igrejas. Tais escritos podiam ser reconhecidos com facilidade, pelo que um congênere de origem desconhecida era rejeitado terminantemente.

4. *A doutrina do livro devia ser ortodoxa*. O chamado "Evangelho de Pedro" recebeu a chancela do bispo Serapião antes mesmo de ter sido lido; mas esse "evangelho" estava recheado de heresias.[5] O confronto entre esses escritos espúrios e os verdadeiros foi eliminando escritos não-ortodoxos.
5. *O livro devia ser amplamente usado para instrução e edificação dos fieis*. O uso de bons escritos demandou cópias em bom número do material sadio. Essas cópias eram lidas nas casas dos cristãos, principalmente nas igrejas, para instrução e edificação dos fiéis. O dr. S. P. Tregelles declara: "No reinado de Trajano, isto é, quase imediatamente após João, último apóstolo, portanto, último evangelista, os quatro evangelhos foram agrupados em um volume, e assim circularam nas igrejas em geral, no segundo século. Também, no mesmo período, circularam as cartas de Paulo num só volume. A epístola aos Hebreus constava em algumas dessas coleções".[6]

Aos poucos, com o uso desses critérios, os livros do Novo Testamento foram sendo agrupados até se chegar à coletânea completa de seus 27 livros. Estes, sem exceção, foram escritos no primeiro século de nossa era. Quase todos foram editados em 67 d.C., ano em que Pedro e Paulo foram executados. Os livros de João apareceram entre 85 e 98 d.C.

A coleção inteira, os livros em forma de rolo, era guardada em caixas, nas igrejas cristãs. E assim circularam até 400 d.C. no Ocidente, e até 500 d.C., no Oriente, quando o cânon ou seleção dos livros foi firmemente estabelecido.

Períodos de definição do cânon

Assinalaremos a seguir os períodos em que foi definido o cânon neotestamentário.

Primeiro: dos dias apostólicos até 120 d.C.

Os escritos dos chamados "pais apostólicos" foram escassos. Os principais autores foram:

Clemente de Roma

De acordo com Irineu, Clemente foi sucessor de Anacleto, sucessor de Lino, primeiro pastor de Roma. Irineu, discípulo de Policarpo, é digno de crédito, pois estava próximo das fontes originais, principalmente do apóstolo João. "A tradição atribuiu inúmeras obras a Clemente, porém as pesquisas modernas e um criterioso estudo levantam dúvidas sobre tais obras, exceto a sua dirigida aos Coríntios".[7] Essa carta de Clemente de Roma aos coríntios foi escrita em cerca de 95 d.C., e reflete o pensamento profundamente cristão do autor, harmônico com as doutrinas dos apóstolos, sobretudo Paulo, Pedro e João, além dos evangelhos sinóticos. Aparecem ali frases inteiras de 1Coríntios, além de Mateus, Lucas, Romanos, Efésios, 1Timóteo, Tito, Hebreus e 1Pedro.

Inácio

As referências sucintas dos primeiros escritores cristãos apoiam a crença de ele foi pastor em Antioquia da Síria, e que entre 107 e 116 d.C. foi enviado a Roma para ser martirizado. Sua epístola foi preservada de três formas: uma longa e duas breves. A

---

[5] EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*, IV, 125.

[6] TREGELLES, S. P. Citado por HORNÉS. *Introduction to the Holy Scriptures*, vol. IV, p. 25.

[7] CRABTREE. A. R. *Introdução ao Novo Testamento*, Rio de Janeiro: Juerp, 1963, p. 44.

mais longa tem sido rejeitada por críticos abalizados. As duas formas mais breves são as que contam com o apoio da crítica. Em seus escritos, Inácio revelou conhecimento da literatura neotestamentária: citou Mateus, João e 1Pedro. A versão siríaca das obras de Inácio reproduz trechos de quase todo o Novo Testamento.

Policarpo

É o elo entra a era apostólica e pós-apostólica. Foi discípulo de João e mestre de Irineu. Este citou as seguintes palavras de Policarpo: "Em minha juventude ouvi João descrever suas comunicações com Jesus e com outros que viram o Senhor". Policarpo teve uma longa vida (84 anos) e foi decapitado em 156 d.C.

Segundo: de 121 a 170 d.C.

O cristianismo alastrou-se rapidamente pelos três continentes do mundo antigo. Isso alarmou o governo civil. Um grupo de hábeis escritores cristãos aproveitou o impulso para defender o cristianismo, mostrando sua superioridade sobre as religiões pagãs. Os principais defensores ou apologetas desse período foram:

Justino Mártir

Nasceu em Siquém, perto dos montes Ebal e Gerizim, no ano 100 d.C., e foi supliciado em Roma, em 165. Há duas apologias de sua autoria, bem como o *Diálogo com Trifão*. As "Memórias dos Apóstolos" (os evangelhos) eram o tema da primeira apologia. Ela era lida aos domingos, nas igrejas, junto com trechos do Antigo Testamento. Nos tratados de Justino Mártir descobrimos a prova de que, por essa altura, os escritos do Novo Testamento já tinham o mesmo valor que os do Antigo. Podemos concluir por meio de Justino que já havia então um cânon do Novo Testamento.

Taciano

Foi discípulo de Justino Mártir. Celebrizou-se pela sua harmonia dos quatro evangelhos, chamada *Diatessarão*. A obra *Memórias dos Apóstolos*, os evangelhos de Justino, alude ao *Diatessarão*. Tanto Justino como Taciano conheciam os quatro evangelhos, Atos, seis epístolas de Paulo, Hebreus, 1João e Apocalipse. Em sua primeira apologia, ele diz: "Pelo poder de Deus, eles [os apóstolos] proclamaram a todas as raças humanas que eles mesmos foram enviados por Cristo e ensinaram aos homens a Palavra de Deus".

Hegesipo (faleceu entre 150 a 180 d.C.)

Escreveu para as igrejas e citou muitos dos livros do Novo Testamento. Nos fragmentos que restam de seus escritos lemos que as heresias foram introduzidas por seitas judaicas. Dava grande importância à questão da sucessão apostólica através dos bispos.

Papias

Escreveu entre 130 a 140 d.C., ou mesmo mais tarde, havendo algumas dúvidas sobre a questão. Foi pastor em Hierápolis, na Frigia. Eusébio, em sua *História eclesiástica*, declara que Papias, na metade do segundo século, fez uso de certos livros, alguns dos quais não eram aceitos por todas as igrejas. Papias, referindo-se aos livros do Novo Testamento, cognominou-os de "oráculos do Senhor". Ainda segundo Eusébio, Papias usou 1João e 1Pedro, e reconheceu Apocalipse como inspirado. O historiador disse:

> Assim, pois, Mateus compôs os oráculos na língua hebraica, e cada um os interpretava como podia. E do ancião João disse: "Marcos, tendo-se tornado o intérprete de Pedro, escreveu acuradamente tudo o que lembrava, sem, contudo, recordar em ordem o que foi dito ou feito por Cristo. Pois nem ele ouviu o Senhor, nem o seguiu, porém mais tarde, como eu disse, o ouviu e seguiu. Pedro, que adaptou suas instruções às necessidades dos seus ouvintes, não teve por desígnio dar uma narrativa em ordem dos oráculos (ou discursos) do Senhor. Assim, pois,

Marcos não errou quando registrou coisas à medida que delas se lembrava, pois teve todo o cuidado de nada omitir do que ouvira, ou de fazer alguma declaração falsa.[8]

Terceiro: 171-220 d.C.

Em fins do século II e princípio do século III d.C., o cânon já estava praticamente aceito, com exceção de alguns livros. A literatura cristã desse período é volumosa. Surgiram grandes pensadores, como:

Irineu (nasceu em cerca de 130 d.C.)

Era natural da Ásia Menor e viveu em Roma. Discípulo de Policarpo, que fora discípulo de João, o que indica que ele tinha ligação direta com aquele apóstolo. Estava preparado para a tarefa de proclamar a Cristo, sendo um defensor intransigente da verdade, apoiando-se sempre no Novo Testamento. Além dos quatro evangelhos, ele também fez uso de Atos, das cartas de Paulo e de Apocalipse, tendo-os em pé de igualdade com o Antigo Testamento. Em seu tempo, não pairavam dúvidas sobre a canonicidade dos quatro evangelhos e das epístolas paulinas. O título "Novo Testamento", usado em 193 d.C. por um autor desconhecido, mais tarde foi empregado por Orígenes. Antes disso, os livros canônicos eram chamados "O Evangelho e os Apóstolos".

Clemente de Alexandria (150-215 d.C.)

Nasceu em Atenas. De seus escritos, apenas quatro foram preservados, a saber: *Protreptikos*, exortação dirigida aos gregos, conclamando-os a se converterem a Jesus Cristo; *Stromata*, pensamentos variegados sobre a filosofia e a fé cristã; *Paedagogos*, um retrato de Cristo como o poder que instrui os fiéis quanto à reta conduta; e *Hypotiposes*, um comentário das Escrituras. Clemente citou os quatro evangelhos e um bom número das epístolas.

Fragmento muratoriano

Descoberto em 1870 por Muratori, bibliotecário de Milão. Escrito no fim do século II d.C., trata-se de um tratado interessante sobre a história do cânon. Menciona todos os livros do Novo Testamento, exceto Hebreus, Tiago e 1—2Pedro. A primeira linha, onde estava o título de Mateus, se encontra apagada. As igrejas de Israel não aceitavam Apocalipse, e as igrejas do Egito repeliam as epístolas universais.

Quarto: 221-400 d.C.

Durante esse período apareceram muitos cristãos notáveis.

Orígenes (185-254 d.C.)

É o mais destacado desse período. Nasceu na cidade de Alexandria, no Egito. Tornou-se pastor em 203 d.C. Foi renomado exegeta das Escrituras Sagradas. Respeitado e admirado em todos os grandes centros cristãos do mundo, ele aceitava a inspiração de Apocalipse, Hebreus e Judas, mas tinha dúvidas quanto a de Tiago, 2Pedro e 2—3João. No Ocidente, Apocalipse foi aceito sem relutância; mas o Oriente hesitou. O contrário deu-se com Hebreus.

Cipriano (200-285 d.C.)

Nasceu na África do Norte. Foi pastor em Cartago. Ressaltava Apocalipse, mas nada dizia sobre Hebreus. Das epístolas universais mencionou somente 1Pedro e 1João. Mas no fim do século III d.C. essas duas epístolas já eram universalmente reconhecidas.

Eusébio (faleceu em cerca de 340 d.C.)

Foi pastor em Cesareia, antes do ano 315. Eusébio entrou definitivamente para a história como famoso historiador do século IV d.C. Foi testemunha de monstruosa perseguição contra os soldados da cruz (os perseguidores queimaram muitos exemplares

[8] EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*, XX.

das Escrituras Sagradas). Sua famosa obra *História eclesiástica* forma uma biblioteca de seis volumes. Ele classificou os livros cristãos em dois grupos: os *universalmente aceitos* (os quatro evangelhos, as epístolas paulinas, Atos dos Apóstolos e Hebreus) e os *não--canônicos* (Tiago, 2Pedro, 2João, 3João, Judas), mas não mencionou Apocalipse.

Atanásio (296-373 d.C.)

Pastor de Alexandria de 328 a 373 d.C. Em uma de suas epístolas pastorais, aludiu aos 27 livros do Novo Testamento, afirmando:

> Estas são as fontes de salvação para que todos aqueles que tenham sede se satisfaçam com os preceitos desses livros. Ninguém acrescente nem tire coisa alguma desses livros.

Gregório Nazianzeno (cerca de 329-390 d.C.)

Nesse último ano, publicou uma lista com 26 livros do Novo Testamento, excetuando apenas Apocalipse.

Concílio de Cartago

Por fim, o concílio de Cartago, reunido em 397 d.C., determinou a aceitação dos 27 livros do Novo Testamento, decretando que, "fora das Escrituras canônicas, nenhum outro livro deve ter lido nas igrejas como escritura divina".

Com a adoção do cristianismo como religião oficial do Império Romano, o cânon do Novo Testamento foi aceito plenamente. No Ocidente, Jerônimo e Agostinho exerceram grande influência sobre a canonicidade dos 27 livros do Novo Testamento, como livros sacros e genuinamente apostólicos, para uso dos cristãos. Jerônimo concluiu a tradução do Novo Testamento, do grego para o latim, em 390; e a do Antigo Testamento, em 405. Assim completou-se a *Vulgata Latina*, pondo fim ao espinhoso empreendimento da catalogação dos livros do Novo Testamento. O especialista B. P. Bittencourt arremata:

> Cerca do ano 500, André escreveu em Cesareia seu grande comentário sobre Apocalipse, no qual defende a inspiração desse livro. Em 530, numas palavras que pronunciou num mosteiro em Jerusalém, Leôncio designou o "Apocalipse de São João" como o último livro canônico da igreja".[9]

O GNOSTICISMO E O CÂNON DA BÍBLIA

Enquanto Justino Mártir, Taciano e outros pregavam as verdades gloriosas do puro evangelho, explodia nas igrejas a erva daninha do gnosticismo (veja 1João). Esse sistema gerou ardente polêmica, que se estendeu por decênios, girando em torno da autenticidade dos escritos do Novo Testamento. Os gnósticos ensinavam que Jesus teria transmitido aos apóstolos "verdades esotéricas", transmitidas por tradição secreta. Mas as igrejas cristãs negavam terminantemente tal aberração. Temos aí uma das fontes das "tradições orais", defendidas até hoje pelo catolicismo romano e ortodoxo.

Basílides de Alexandria (117-138 d.C.)

Durante o reinado de Adriano, ele proclamava que havia recebido verdades apostólicas de Pedro, através de Matias e Glaucías. Para reforçar isso, citou Mateus, João, Romanos, 1Coríntios, Efésios e Colossenses, chamando esses livros de "Escrituras Sagradas".

Valentino

Sabe-se dele muito pouco, mas foi um alexandrino que alcançou fama em Roma, no século II d.C. Ele dizia que recebera a doutrina de Paulo através de Teudas. Aceitava todos os livros aceitos por Basílides. Mais tarde, Tertuliano escreveu que Valentino aceitava todos os livros do Novo Testamento.

Marcião

[9] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 44.

Era natural do Ponto e foi o mais notável dos mestres gnósticos. Chegou a Roma em cerca de 140 d.C. Rompeu com a igreja. Como tinha palavra fluente, exerceu grande influência sobre vários grupos cristãos. Para melhor defender suas doutrinas, formou seu próprio cânon. Rejeitou o Antigo Testamento. Quanto ao Novo Testamento, seu cânon incluía: Lucas, dez das epístolas de Paulo (rejeitava as epístolas pastorais), Hebreus, Mateus, Marcos, João, Atos, as epístolas universais e Apocalipse. A controvérsia com Marcião evidencia que as cartas de Paulo eram bastante conhecidas e apreciadas, além de mostrar a necessidade de um cânon que incluísse todos os livros apostólicos. Foi desse conflito — entre cristãos e gnósticos — que nasceu o cânon do Novo Testamento.

3
Os manuscritos do Novo Testamento

Definição

Em sentido estrito, "manuscrito" significa "escrito à mão". Em sentido técnico, refere-se à volumosa bagagem de rolos ou fragmentos escritos à mão com textos das Escrituras Sagradas. Mais especificamente, alude aos escritos do Novo Testamento, desde os tempos apostólicos até a invenção da imprensa, na metade do século XV.

Material usado

Desde os tempos mais remotos, o homem usou vários materiais sobre os quais escrevia:

Pedra

Foi empregada no Egito, Síria, Mesopotâmia, Israel e outros países. Os caracteres (cuneiformes ou hieróglifos) eram gravados nas colunas dos templos, como os de Lúxor e Carnaque, no Egito; ou em cilindros, como o código de Hamurabi; ou nas rochas, como em Persépolis; ou mesmo em lápides, como a pedra roseta, decifrada por J. F. Champolion (1790-1882).

Cerâmica

Material usado desde os tempos imemoriais na região da Mesopotâmia. Os arqueólogos acharam dois tipos: seca ao sol e seca ao forno.

Papiro (cyperus papyrus)

Planta da família das cipeáceas, cujo talo cilíndrico alcança dois metros ou mais. Esse talo era escorchado e estendido em sentido cruzado, prensado, raspado e polido; então estava pronto para ser usado. Continua sendo usado largamente no Egito até hoje.

Pergaminho

Couro de cabrito. Era curtido, raspado e polido com alume. Recebia a escrita na flor do couro. Foi usado pela primeira vez na cidade de Pérgamo, na Ásia Menor, ao tempo do rei Eumenes II. Era um material mais bonito e mais resistente do que o papiro.

Manuscritos gregos

Papiros

O texto do Novo Testamento continuou sendo escrito sobre papiro até o século VII. Mas a partir do século IV já se usava o pergaminho. Há 76 papiros que contêm porções do Novo Testamento.

Unciais

Escritos em pergaminho. Há aproximadamente 250 cópias, atribuídas do século IV ao IX.

Cursivos

Também escritos em pergaminho. Há cerca de 2.650 cópias, do século IX ao XV.

Lecionários

Igualmente escritos em pergaminho. Há 1.997 cópias. Eram leituras escolhidas do texto do Novo Testamento para serem lidas nas reuniões públicas nas igrejas.

Portanto, há nada menos de cinco mil manuscritos gregos. De todas as obras literárias antigas, nenhuma é tão bem documentada como o Novo Testamento. De Homero, por exemplo, há 457 papiros, 2 manuscritos e 188 unciais. Dentre os seis volumes dos Anais do romano Tácito, só temos um manuscrito do século IX d.C.

Ostracas

Pedaços de jarros quebrados, grafados com pequenas porções do Novo Testamento ou de outras obras literárias. Do Novo Testamento há apenas 25, contendo: Mateus 27.31,32; Marcos 5.40,41; 9.17,18,22; Lucas 12.13-16; 22.40-71; João 1.1-9,14-17; 18.19-25 e 19.15-17.

Amuletos

Também chamados "talismãs da sorte". Eram pedaços de lança, madeira, barro, pergaminho e papiro, com inscrições, algumas com breves porções do Novo Testamento, incluindo a oração do pai-nosso. Pertencem aos séculos IV a XIII. Russell Champlin, especialista em grego e Novo Testamento, afirma o seguinte:

> Durante a história da igreja, o uso de talismãs tem sido tão abundante que foram necessárias advertências e proibições baixadas por decretos eclesiásticos ou por importantes personagens da igreja. Tais reprimendas se acham nos escritos de Eusébio e Agostinho, bem como nos decretos do sínodo de Laodiceia.[1]

Manuscritos em geral

Geralmente os papiros tinham a forma de rolos. Já os pergaminhos usavam páginas, como as que usamos hoje. A um agrupamento dessas páginas chamavam *bíblos* (no latim, *líber*). A um rolo, reunião de fascículos dos grandes manuscritos, dava-se o nome de *somátion*, correspondente ao nosso conceito de "livro". Os manuscritos tinham um título que aparecia no começo e no fim da obra. O códex (ou códice) Sinaítico tem quatro colunas; o Vaticano, três; o Alexandrino, duas; e o Efraem, uma. B. P. Bittencourt declara:

> As abreviaturas devem ser conhecidas do estudante para o estudo do MSS [manuscritos] do Novo Testamento, e neste caso específico, os nomina sacra que foram usados pelos escribas para poupar espaço, principalmente OC (THE_S), KC (K"RIOS), IINA (PNEUMA), XC (XRIST_S), IIP (Pater), IC (IESO S), YC (UI_S), ANOC (ºNTHROPOS), os mais importantes encontrados nos grande unciais, e antes destes, no "Papiro Chester Beatty".[2]

Particularidades dos manuscritos

Os manuscritos mais antigos foram escritos em papiro. No século IV começou a ser usado o pergaminho. Um códex (no plural, códices) vem de um termo latino que indica um livro feito de folhas de pergaminho. Quando uma porção do Novo Testamento era traduzida do grego para outra língua, dava-se o nome de "versão". Já o "Texto

---

[1] CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2006, vol. 1, p. 87.

[2] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 90.

Recebido" (*Textus Receptus* — TR) indica o texto de Erasmo de Rotterdam (1496-1536), em grego, publicado em 1516.

Para facilitar o manejo e a classificação dos manuscritos, os investigadores passaram a usar símbolos:

1. Manuscritos latinos: a, b, c.
2. Fragmentos de papiro: P1, P2, P3, P54, P254 etc.
3. Versões siríacas: Sirsin, Sircu.
4. Cursivos: 1, 2, 3.
5. Unciais: Sinaítico (Alef).
6. Vaticano (B).
7. Alexandrino (A).
8. Ephraemi Rescriptus (C).
9. Bezae (D).
10. Washingtoniensis (W).

Os grandes códices unciais

São mais antigos que os cursivos. São datados do século IV ao X. Encontraram-se 44 deles registrados não em rolos, mas em folhas de pergaminho. As letras eram escritas bem apertadas para economizar espaço no pergaminho. Um leitor ditava e os escribas (5, 10 ou mais, de uma só vez) copiavam. Mas, devido à semelhança de certos fonemas, era comum um copista grafar uma palavra em lugar de outra. Há 170 unciais de porções do Novo Testamento, algumas maiores e outras menores.

Códex Sinaítico (Alef)

Descoberto por Lobergott F. C. von Tischendorf, no convento de Santa Catarina, ao pé do monte Sinai, em 1844. Pertence ao século IV. Exibe características do códex Vaticano (B), que é neutro. Tudo indica que sofreu influência do Bezae (D) e de outro manuscrito ocidental, e do Alexandrino CL. Depois de acurado exame, Tischendorf fez nada menos de 3 mil correções em seu *Novum Testamentum Graece*. É o único códex que contém o Novo Testamento inteiro. Acha-se no Museu Britânico.

Códex Vaticano (B)

Encontra-se na Biblioteca do Vaticano. Os especialistas Brooke Foss Westcott (1825–1901) e Fenton John Anthony Hort (1828–1892) consideravam-no o melhor manuscrito grego do Novo Testamento. Apareceu pela primeira vez na lista dos livros do Vaticano em 1481, sendo possível que tivesse chegado ali muito antes disso. É guardado em cofre-forte. Em 1669, Bertoluci produziu uma cópia dele, mas essa cópia jamais foi usada até a sua descoberta por Schalz, em 1819, na Biblioteca Real de Paris. Esse manuscrito foi escrito em pergaminho de ótima qualidade. Suas folhas são quase quadradas, com 28,5 x 27 cm, em cadernos de dez folhas e com letras miúdas. Todas as evidências o apontam como pertencente ao século IV. Mas vai somente até Hebreus 9.13.

Códex Alexandrino (A)

Pertence à primeira metade do século V. Cada parágrafo começa com uma iluminura. Escrito por quatro copistas, seu texto é misto. Nos quatro evangelhos, o texto aproxima-se do Siríaco; em Atos dos Apóstolos, nas epístolas e em Apocalipse, é neutro. Em 1621, o patriarca de Constantinopla, Cirilo Lucas, presenteou-o a Jaime I ou (Tiago I), rei da Inglaterra. É vazado em quatro colunas. Hoje acha-se no Museu Britânico.

Códex Ephraemi Rescriptus (C)

Vem do século V, com trechos de todo o Novo Testamento, exceto 2Tessalonicenses e 2João. É um palimpsesto, ou seja, um pergaminho que foi raspado, a fim de que o antigo texto fosse apagado, no lugar do qual seria escrito outro. No século XII, Efraim-

Siro apagou o texto do Novo Testamento e escreveu ali os seus sermões. Inutilizou algumas folhas e jogou fora outras folhas do precioso texto, que é misto e com muita afinidade com o manuscrito Alef e com o Siríaco. Dimensões: 33 x 24,5 cm de largura, com uma única coluna.

Códex Washingtoniensis (W)

Escrito no fim do século IV ou no alvorecer do século V. Foi comprado no Egito pelo colecionador Charles Lang Freer, de Detroit, e atualmente pertence à Biblioteca Nacional de Washington. Esse códice contém os quatro evangelhos nesta ordem: Mateus, João, Lucas e Marcos.

Outros manuscritos

Além desses, contamos com outros manuscritos unciais, na seguinte ordem:

Claromontano

É bilíngue, como o manuscrito Bezae, e pertence ao século V. Além dos livros canônicos também exibe os livros de Barnabé e Hermas. Encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris.

Laudiano

Bilíngue, com o texto latino à esquerda. Vem do século V. O livro de Atos está quase completo. Acha-se em Oxford.

Bioreelio

Vem do século IX. Acha-se na Biblioteca da Universidade de Ultrecht. Contém os quatro evangelhos.

Régio

Pertence ao século VIII. Inclui o trecho de Marcos 16.9 em diante. Encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris.

Purpúreo petropolitano

Escrito em letras de prata e de ouro, sobre pergaminho purpúreo. Possui 227 folhas de um códex que deveria ter 462 folhas. Vem do século VI.

Porfiriano

Palimpsesto do século IX, que se acha em São Petersburgo (antigo Leningrado), na Rússia. Contém Apocalipse, as epístolas paulinas, as epístolas universais e Atos.

Sangalense

Do século IX. Bilíngue, com o texto latino nas entrelinhas do texto grego. No evangelho de João não consta o trecho de 19.17-35. O evangelho de Marcos é alexandrino, e os outros evangelhos, bizantinos.

Karideto

Do século IX; possivelmente copiado de um manuscrito do século IV. Descoberto na Igreja dos Santos Kerykos e Julia, em Karideto, nos montes do Cáucaso, em 1913.

Laurense

Contém os evangelhos de Marcos 9 em diante, além de Atos, das epístolas universais, das epístolas paulinas e de Hebreus. Pertence ao século VIII. Acha-se no mosteiro de Laura, no monte Atos, na Grécia.

Manuscritos cursivos

Conhecidos também como "minúsculos". As letras são menores do que nos manuscritos unciais, ocupando menos espaço e poupando pergaminho. Geralmente, apesar de pequenas, as letras eram ligadas umas as outras. Os cursivos mais antigos datam de 835 (códex 461, em São Petersburgo). São cerca de dez vezes mais numerosos

que os manuscritos unciais. Estão guardados nas mais famosas bibliotecas, em número de 2.647, a maioria dos quais ainda não foi examinada em profundidade. Eis os mais famosos:

1. Manuscrito 28 (século XI). Com variantes significativas, mormente em Marcos. Contém os quatro evangelhos. Encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris.
2. Manuscrito 33. Chamado de "rei" dos manuscritos. É o mais antigo dos cursivos e vem do século IX, ou mesmo de antes. Guardado na Biblioteca Nacional de Paris. Contém todos os livros no Novo Testamento, exceto Apocalipse. É provável que tenha sido copiado de um uncial muito antigo.
3. Manuscrito 61 (séculos XV ou XVI). Foi o primeiro cursivo encontrado a incluir 1João 5.7,8. Está na Biblioteca do Colégio da Trindade, em Dublin, na Irlanda. Contém os 27 livros do Novo Testamento.
4. Manuscrito 81. Datado de 1044. Representa o texto alexandrino. Contém somente Atos dos Apóstolos.
5. Manuscrito 157. Vem do século XII e está no Vaticano. Texto do tipo casereano. Feito para o imperador João Comeno (1118-1143). No final de cada evangelho há um subscrito, afirmando que foi copiado de antigos manuscritos em Jerusalém. Contém todos os evangelhos.
6. Manuscrito 383 (século XIII). Tipo ocidental. Contém Atos, as epístolas de Paulo e as epístolas gerais universais.
7. Manuscrito 565 (século XIII). Foi copiado de um manuscrito antigo, do tipo cesariense. Escrito em letras douradas sobre pergaminho púrpura. Contém todos os evangelhos.
8. Manuscrito 579. Vem do século XIII, oriundo de um texto mais antigo, do tipo alexandrino. Contém todos os evangelhos.
9. Manuscrito 614. Do século XIII. Texto tipo ocidental, contendo Atos, as epístolas paulinas e as epístolas gerais.
10. Manuscrito 700. Vem dos séculos XI ou XII. Difere do Texto Recebido em nada menos de 2.724 particularidades. Há muitas variantes. Contém os quatro evangelhos.
11. Manuscrito 892. Vem dos séculos IX ou X. Provavelmente foi copiado de um antigo manuscrito uncial. Texto próximo do Alexandrino. Contém os quatro evangelhos.
12. Manuscrito 1241. Dos séculos XII ou XIII, com texto alexandrino. Contém todo o Novo Testamento, exceto Apocalipse.
13. Manuscrito 1424. É o mais antigo do grupo, talvez do século IX. Contém todo o Novo Testamento, mas numa ordem *sui generis*.
14. Manuscrito 1739. Vem do século X com notas marginais compiladas dos escritos de Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio e Basílio. Texto tipo alexandrino. Contém Atos e as epístolas.
15. Manuscrito 2053. Vem do século XIII. Contém Apocalipse completo, com um comentário de Ecumênio.

Famílias de manuscritos

Família é um grupo de manuscritos cujo ancestral pode ser reconstituído mediante comparação com seus descendentes. Eis alguns exemplos:

Família 1

No princípio do século XX, Kirsopp Lake identificou um grupo de manuscritos que chamou de "Família 1". Fazem parte dessa família os manuscritos 1, 118, 131 e 209, dos séculos XII a XIV. O texto conforma--se ao uncial Theta (Códex Koridethi). O texto dessa família representa o grupo cesariense. Para seu Texto Recebido, Erasmo pouco aproveitou os manuscritos dessa família. Mais tarde chamou-os de "erráticos".

Família 13

O professor Hugh Ferrar, de Dublin, na Irlanda, denominou de "Família 13" (séculos XI a XV) os seguintes manuscritos: 13, em Paris; 69, em Leicester; 124, em Viena; 346, em Milão; 543, no Museu Britânico; 788, em Atenas; 826, em Grottaferrata; 980, em Atos na Grécia. O texto é do tipo cesariense. Um detalhe importante desse grupo é que o texto de João 7.53—8.11 foi deslocado para Lucas 21.38.

Família PI

Agrupa cerca de 100 manuscritos dos quais o mais importante é PI (códex Petropolitanus), do século IX. O ancestral dessa família é uma cópia perfeita de um manuscrito do século IV. É provável que PI represente o texto de Luciano, pai da igreja do século IV, que, em 310 d.C, procurou unificar os textos de tipo alexandrino, ocidental e oriental. Seu texto mesclado terminou conhecido como "Bizantino anterior". Mas alguns estudiosos pensam que esse texto é mais parecido com o manuscrito Alexandrino do que com PI. Os mais importantes manuscritos da família PI são: PI, K, Y (unciais) e os cursivos 112, 1079, 1219, 1500, 1346, 265, 1816, 489, 1313, entre outros.

Papiros

Os papiros são objeto de estudo da papirologia, definida pelo professor A. Calderini, da Universidade Católica de Milão, desta forma:

> Papirologia é a ciência que tem por objetivo a leitura e a interpretação dos escritos em papiro; ciência com todo direito autônoma, por ter um objeto de estudo — os papiros, não pouco, mas milhares [...] não só de caráter paleográfico, mas também histórico, arqueológico, jurídico e outros. Estende-se a outros ramos da ciência. Por extensão, amplia posteriormente os seus estudos a outros documentos escritos, sobre todo o Egito e o Oriente, como as ostracas, as tabuinhas de cera, os pergaminhos e tantos outros.[3]

O número de papiros gregos relacionados à Bíblia Sagrada chega a 76. O grande valor dos papiros é que eles são de 100 a 150 anos mais antigos do que os pergaminhos. Eles são enumerados pela letra "P" e por algarismos arábicos ao lado: P1, P2, P3, e assim sucessivamente. Eis os mais importantes:

1. P1. Encontra-se na Pensilvânia. Pertence ao século III e é procedente de Oxyrhynchus, no Egito. É do tipo de texto alexandrino e contém o trecho de Mateus 1.1-9,12,14-20,23.
2. P8. Vem do século III e está no Museu de Berlim. É uma mescla de alexandrino e ocidental. Contém Atos 4.31-37; 5.2-9; 6.1-6,8-15. Fiel ao texto do Vaticano.
3. P10. Datado do século III, está na Universidade de Harvard. Escrito por um escriba mediano. Descoberto em Oxyrhynchus. Contém Romanos 1.1-7 e é do tipo alexandrino.
4. P11. Vem do século VII e é do tipo alexandrino. Acha-se na Biblioteca Pública de Leningrado. Os textos são estes: 1Coríntios 1.17-23; 2.9,12,14; 3.1-3; 4.3-5; 5.7,8; 6.5-7,18; 7.3-6,10-14.
5. P13. Escrito entre os séculos III e IV. Também é do tipo alexandrino e está no Museu Britânico. Os textos são Hebreus 2.4—5.5; 10.8—11.13; 11.28—12.17.
6. P38. Vem dos séculos III e IV.
7. P45. Parte da coleção Chester Beatty. São 30 folhas de um códex que agrupava os quatro evangelhos e Atos. A ordem é: Mateus, João, Lucas, Marcos e Atos. Vem do século III e foi escrito em um única coluna.
8. P46. Kenyon publicou as 10 folhas do P38. Pouco depois a Universidade de Michigan adquiriu 31 folhas e Beatty outras 46. Agora o manuscrito tem 86 folhas. O original deveria ter 110. Vem do século III e contém as epístolas de Paulo, menos as pastorais.

---

[3] CALDERINI, A. *Tratado de papirologia*. Barcelona: Garriga,1963.

9. P52. Adquirido no Egito, em 1920, acha-se na Biblioteca John Tylands, em Manchester, Inglaterra. Data de 130 aproximadamente, e contém João 18.33,37,38. Isso prova que o evangelho de João já circulava no começo do século II, no Egito, e, portanto, fora de Éfeso, contrariando assim a opinião do grande expoente de Alta Crítica, Ferdinand Christian Baur, que negava a antiguidade e autenticidade de muitos textos bíblicos.
10. P66. Martin Bodmer, famoso bibliófilo de Genebra, Suíça, foi seu descobridor. Suas páginas têm 16,5 x 15 cm. Seis cadernos formam o precioso livro de 104 páginas. Deve pertencer à segunda metade do século II. É do tipo alexandrino, mesclado. Parte está em Colônia, Alemanha, e parte em Genebra, Suíça, na Biblioteca Bodmer. Contém João 1.1-6,10,35; 14.26 e fragmentos de 14.27—21.9.
11. P72. Vem do século III. Foi adquirido por Martin Bodmer e contém a mais antiga cópia da epístola de Judas, e também 1—2Pedro e os Salmos 33 e 34.
12. P75. Está na biblioteca Bodmer, em Genebra. Consiste num só caderno e contém Lucas e João. Do original de 144 páginas, restam 102. Os especialistas datam-no entre 175 e 225. Um uncial escrito com cuidado. O texto é do tipo oriental.
13. P76. Data do século IV e contém João 4.9-12. Está em Viena, na Áustria, na Osterreichische Nationalbibliothek, e ainda não foi classificado.

Ficam assim registrados os papiros mais importantes. Sobre cada um deles demos informes resumidos. Os papiros que não foram aqui mencionados são de menor interesse, mas constam de muitos aparatos críticos, como o de Nestlé, por exemplo. Para melhor conhecê-los, o leitor deve examinar a obra *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, de Russel Norman Champlin.[4] Para a reprodução fotográfica de papiros e pergaminhos, aconselhamos o livro *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, do dr. B. P. Bittencourt.[5]

4
O idioma do Novo Testamento

No dobrar dos séculos X e IX a.C., Homero imortalizou, na *Ilíada* e na *Odisseia* o grego considerado superclássico, falado em certas regiões da antiga Grécia. Em outras regiões do país falavam-se dialetos dessa língua. O dialeto ático chegou no século III a.C. Era o dialeto os jônios da Ásia Menor, que tinham invadido a Grécia, apesar da resistência de grupos eólicos. Era falado na corte da Macedônia. No século II a.C., o ático suplantou os demais dialetos. Ptolomeu, rei da Macedônia, introduziu-o no Egito; Seleuco, na Síria; e Eumenes, na Ásia Menor.

A princípio, o ático era falado em uma minúscula região da Hélade. Mas com o advento de Alexandre, o Grande, transpôs as limitadas fronteiras gregas e alcançou terras longínquas. Na realidade foi um fenômeno político, embora seu bojo cultural contivesse alta dose religiosa. Certos livros apócrifos do Antigo Testamento, como *Sabedoria de Salomão*, *Epístola de Jeremias* e *2Macabeus*, *3Macabeus* e *4Macabeus* foram escritos nesse tipo de grego.

Esse estágio do ático, disseminado entre os povos, foi adquirindo formas peculiares em cada país; e finalmente surgiu um grego comum, conhecido como grego *coiné* ou *coinê*, que significa "comum". Era então a língua franca, falada por todos os povos,

[4] CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 1, p. 87-90.

[5] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 132-143.

embora cada povo também continuasse falando seu próprio idioma. O coiné continuou sendo falado até cerca do século VI, dentro e fora do Império Romano.

O posicionamento moderno inclina-se por pensar que o coiné enriqueceu o ático, incorporando-lhe termos importantes. "Os romanos conquistaram os gregos pelas armas, mas os gregos conquistaram os romanos pela cultura." O coiné, mediante uma simplificação paulatina, "em comparação com o grego clássico e por uma pluriformidade bastante rica — em consequência de influxos estrangeiros e pela maleabilidade com que adaptava ou absorvia outros elementos — tornou-se iminentemente apto para ser a língua internacional do período helenístico, facilitando certamente, e não pouco, a expansão do cristianismo".[1]

No século XVI, ainda durante a Renascença artística e literária, os humanistas ousaram desprezar o grego da Septuaginta e do Novo Testamento. Travou-se então uma batalha entre os "puristas" e os "hebraístas". Esses últimos criticavam a linguagem ali usada e apontavam violações de normas clássicas, ao passo que os primeiros defendiam a pureza dos escritos bíblicos. Em uma primeira fase da batalha, os "hebraístas" saíram-se vitoriosos. A sua alegria, porém, duraria pouco.

No século XIX, foram encontrados muitos papiros em Herculano e Pompeia, na Itália. Em Behnesq, antiga Oxyrrynchus, no Egito, foi desenterrada imensa quantidade de cópias de papiros, na verdade aos milhares. Estes foram encontrados por acaso. Um operário, nervoso diante de seu monótono trabalho de mudar de um lugar para outro crocodilos mumificados (os egípcios reputavam esses animais como sagrados), atirou um desses animais contra uma rocha. Quando o animal empalhado se partiu, surgiu diante dos olhos admirados do operário um dilúvio de papiros. Analisados posteriormente por peritos, os papiros eram "missivas de famílias, cartas de amor, ordens a inquilinos, recibos de compra e venda, recibos de impostos, contratos de casamento e divórcio, testamentos, escrituração de casas de família e de templos, registros de processos e julgamentos forenses".

Devidamente catalogados, esses papiros chegam hoje a 50 mil nas estantes de várias bibliotecas. Um conhecido e renomeado estudioso grego, Gustav Adolf Deissmann, de Marburgo, na Alemanha, examinando certo dia um desses papiros, encontrou vocabulário e frases que lhe eram familiares na Septuaginta e no Novo Testamento. Entre 1895 e 1897 publicou uma famosa obra, em alemão, expondo suas descobertas. Os estudos de Deissmann foram seguidos pelos de Thumb. Isso influenciou outros acadêmicos, como J. H. Moultoun, L. Radermacher, A. Debrunner, John A. Broadus e Archibald Thomas Robertson. Este último afunilou todo esse conhecimento na monumental obra *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, lançada em 1914; desde essa primeira edição até hoje a obra não foi ultrapassada no terreno da gramática do grego coiné.

Com base naqueles papiros vazados em linguagem profana, descobriu-se que nem a Septuaginta nem o Novo Testamento original foram escritos em algum grego degenerado, judaizante. Vocábulos soltos, frases e mesmo expressões idiomáticas encontrados na Septuaginta também aparecem naqueles papiros. Chegou-se então à conclusão de que a linguagem da Septuaginta reflete um estágio ligeiramente anterior do coiné, quando confrontada com o Novo Testamento grego.

Tal como na Septuaginta e no Novo Testamento, os papiros também exibiam, ocasionalmente, alguma construção semítica e as particularidades semânticas de muitas palavras da Bíblia. Portanto, esses supostos "hebraísmos" eram naturais ao coiné

[1] *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 653.

secular, e não somente ao coiné bíblico, conforme os anteriores "hebraístas" argumentavam. O vocabulário da Bíblia grega, sem dúvida, era o mesmo coiné falado todos os dias pelo povo da época, e não algum jargão religioso. Ademais, o grego falado não deveria diferenciar-se muito do grego escrito. Os escribas dominavam o idioma em que escreviam.

Contudo, a linguagem do Novo Testamento original corresponde na íntegra ao coiné falado nos círculos inferiores da sociedade? Não exatamente. "Eles [os autores do Novo Testamento] escrevem em um dialeto simples e rude, em comparação ao grego ático; usam formas que embaçariam os puristas que desejam ser admitidos em Cambridge. Mas que outros homens contaram uma grande história com tanta simplicidade, em linguagem mais direta e com mais poder? Creiam-me, pondo de lado todos os pedantes deste mundo, os dialetos que contam tal história não são língua pobre, mas a expressão de uma grande e frutífera educação" (Mahaffy).[2] E o grande filólogo Thayser testificou: "Ela [a língua do Novo Testamento] ocupa aparentemente uma posição entre os vulgarismos populares e o estilo estudado dos literatos do período. É maravilhosa ilustração da divina orientação, colocando honra naquilo que o homem chama de comum".[3]

O *Dicionário enciclopédico da Bíblia*[4] critica Deissmann e seus colegas por terem considerado vulgar toda a literatura do Novo Testamento, excetuando-se somente Hebreus.

Lembremo-nos de que Pilatos mandou escrever e afixar no topo da cruz de Jesus um letreiro em hebraico (aramaico), latim e grego (veja Jo 19.20). Então, esses três idiomas eram correntes na Palestina devido às circunstancias históricas. Muitos hebraísmos entraram na composição do Novo Testamento, como se vê, para exemplificar, em Mateus 19.5; Lucas 1.34,42; 20.12. Mas não que o coiné secular também não contivesse alguns raros "hebraísmos", segundo vimos anteriormente. É realmente significativo que Lucas, o médico grego, tenha incluído "hebraísmos" em seu evangelho.

Alberecht afirma que o "Antigo Testamento é o léxico do Novo Testamento".[5] Certos vocábulos que aparecem na Septuaginta, também usados pelos autores do Novo Testamento, revestiam-se de tanta nobreza que são constantemente usados neste último, como *nómos* (lei), *metanoia* (mudança de mente ou arrependimento), *ággelos* (mensageiro ou anjo), *dóxa* (glória), *Xristoós* (ungido ou Cristo), *fotízo* (iluminar).

Termos de origem latina também aparecem no Novo Testamento, como "pretório", "legião", "centurião", "sudário", "denário" etc. Nem por isso os estudiosos falavam em "romanização" do Novo Testamento, mas argumentavam em defesa de uma tese.

Os hebraísmos refletem a cultura palestínica do Novo Testamento. Por essa razão há palavras de origem hebraica transliteradas para o grego, como "aleluia", "amém", "satanás", "*abba*" etc. Há também outras influências estrangeiras. Thayse via os seguintes elementos:

1. Egípcios: *sínapi*, "mostarda" (Lc 13.19).
2. Macedônicos: *parembolê*, "fortaleza", "quartel" (At 21.34).

---

[2] Citado por ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. Nashville: Broadman, 1934, p. 84.

[3] Citado por BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 58-59.

[4] *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 654.

[5] Citado por BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 60.

3. Persas: *sandalía*, "sandália" (Mc 6.9; At 12.8).
4. Fenícios: *arrabôn*, "garantia", "penhor" (Ef 1.14).
5. Cirenaicos: *bounós*, "colina" (Lc 3.5).

Além disso, palavras que no grego coiné tinham significação extensa, reveste-se de majestade no Novo Testamento, como: *ágape* (amor), *ekklesía* (assembleia), *báptismos* (imersão), *diákonos* (serviçal), *presbúteros* (ancião), *eiréne* (tranquilidade, paz).

O estilo e a sintaxe dos autores do Novo Testamento são peculiares em alguns casos, incluindo até mesmo possíveis erros gramaticais populares. O pior grego coiné no Novo Testamento é o de Apocalipse e o de Marcos. O melhor é o de Hebreus, o da literatura lucana (Lucas e Atos) e o das epístolas de Paulo, nessa ordem.

Como sabemos, o grego coiné foi uma transição entre o classicismo de Homero e o grego moderno. Outra transição foi o período do grego bizantino, durante a Idade Média, antes da invasão turca. Diante da expansão do helenismo implantado por Alexandre, a influência do coiné dominou o mundo, atingindo preferencialmente a cultura e a religião, acompanhada de um forte colorido político.

Como não podia deixar de ser, cada autor do Novo Testamento apresenta características pessoais. Hebreus chega quase a ser um texto clássico, exceção feita às citações da Septuaginta (18 ao todo, começando em 1.6 e terminando em 13.6).

A língua materna do bem educado Lucas era o grego, que dominou com rara maestria. No prólogo de seu evangelho, o grego é quase ático. Mas como já vimos, ele incluiu termos semíticos em seus escritos. O grego de Tiago, 1Pedro e Mateus é superior ao de Marcos; o de Apocalipse é suave, curioso, fluente, mas com incorreções de concordância verbal. Deixa entrever a tensão espiritual em que se achava o autor, diante da grandiosidade e do espanto das visões recebidas. "Desce a praça do mercado para encontrar sua construção na linguagem do vulgo", afirma o estudioso B. P. Bittencourt.[6] Lucas, no seu evangelho, usou 250 termos empregados somente por ele, e nada menos de 500 em Atos. Isso exibe a extensão de seu vocabulário. Acerca do apóstolo João, ele possui uma simplicidade e uma grandeza sem rival em qualquer outro livro do Novo Testamento.

Paulo merece um comentário à parte. Como sabemos, nasceu falando o grego. Nascido e criado em Tarso, na Cilícia, grande cidade universitária da época, conhecia como ninguém a literatura do mundo helênico. Suas cartas, quase todas ditadas, foram vazadas em um bom grego coiné. Quanto ao estilo, porém, ele se mostrou confuso em certos momentos, eivado de anacolutismos, como Efésios 3, ou com uma lógica difícil de ser acompanhada, como em 1Coríntios 11, para exemplificar. Ele mesmo testificou que se sentia pressionado pelo cuidado por todas as igrejas. Paulo mostra-se um apaixonado em seus escritos, e isso nos comove profundamente.

Paulo tinha assuntos demais na cabeça, a ponto de Festo atribuir--lhe certo desequilíbrio mental (veja At 26.24), no que estava equivocado, naturalmente. Seus escritos eram ardorosos e cheios de entusiasmo, como era toda a sua personalidade. Em suas cartas de guerra, ele pode exprimir seu grande zelo; em outras epístolas, como em Filipenses, entreabriu a porta de seu espírito amigável e cândido. Em 1Coríntios 13, Paulo atingiu alturas talvez inigualadas pelo próprio Homero, quanto à vivacidade de linguagem e elasticidade de imagens mentais.

O Novo Testamento em outros idiomas

De que se tenha conhecimento, a primeira versão do texto bíblico foi a Septuaginta, do hebraico para o grego. Foi elaborada em Alexandria, Egito, entre os anos 285 e 150

[6] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 63.

a.C. Com a implantação do helenismo por todo o mundo até então conhecido, por obra de Alexandre, o Grande, os povos da terra passaram a falar duas línguas: seu idioma nativo e o grego. A Bíblia usada por Jesus e pelos apóstolos, incluindo Paulo, sem dúvida alguma foi a Septuaginta. Ela fora traduzida para aquela forma do grego que mais tarde se tornou conhecido como grego coiné, ou seja, "comum". O Novo Testamento inteiro também foi escrito nesse grego comum, pendendo ora mais para o clássico, ora menos.

Mas já no primeiro quartel do século II d.C., para benefícios de povos que não dominavam o grego, o Novo Testamento começou a ser traduzido para outras línguas e dialeto, entre eles o latim, o idioma oficial dos dominadores romanos. E no latim multiplicaram-se as traduções, chegando a haver mais traduções latinas do que manuscritos gregos do Novo Testamento. Essas versões começaram a circular a partir de 150 d.C.

A classificação das versões latinas varia de autor para autor. Mas a mais aceita é a seguinte: (a) grupo africano; (b) grupo europeu; (c) grupo italiano. Mediante o uso que alguns dos chamados pais da igreja fizeram dos textos bíblicos em latim é que foram determinadas as três formas. Assim, Cipriano (285) representa a forma africana; Irineu (século II), a europeia; e Agostinho (350), a italiana. Há quem divirja dessa classificação, alegando que as diversas apresentações coincidem, afinal, com a Vulgata Latina, que nada mais seria do que uma tentativa de Jerônimo (382) para harmonizar entre si os muitos textos latinos.

Acredita-se que o papa Damaso (cerca de 372) confiou a Jerônimo a difícil tarefa de eliminar a confusão reinante no domínio dos textos latinos do Novo Testamento. O trabalho foi espinhoso. Para termos uma ideia das dificuldades, somente no caso de Lucas 24.4,5 havia pelo menos 27 variantes ou formas diferentes. Jerônimo, pois, reuniu boa quantidade de textos gregos e latinos, dando preferência aos de tipo ocidental, que se aproxima do tipo alexandrino, e deu-nos o que veio a chamar-se *Vulgata Latina* ("latim vulgar"). Ele terminou o seu trabalho em 382.

Examinemos agora três formas em que aparecem as versões latinas, obedecendo a esse critério geográfico:

Grupo africano

Nesse grupo temos três códices principais:

1. *Códex Palatinus*. Designado pela letra "e".[7] Vem do século V e contém porções dos evangelhos. Embora seja do grupo "africano", foi alterado e guarda boa semelhança com o grupo "europeu".
2. *Códex Fleury*. Designado por "h". Vem do século VI. É um palimpsesto e contém boa parte de Atos, das epístolas gerais e de Apocalipse. Nessa versão há alguns sérios equívocos textuais.
3. *Códex Bobbiense*. Designado por "k". Vem do século V e é considerado o mais importante códex do grupo "africano". Contém 50% de Mateus e outro tanto de Marcos. Sinais paleográficos indicam que esse manuscrito foi copiado de outro, proveniente do século II. Nesse documento, Marcos termina em 16.8, concordando assim com o término mais antigo do texto grego original (Alef, B, 304).

Grupo europeu

São seis os principais códices desse grupo, nesta ordem:

---

[7] Ao contrário dos grandes códices gregos, unciais ou cursivos designados por letras maiúsculas, os códices latinos o são por letras minúsculas.

1. *Códex Verselensi*. Designado por "a". Foi preparado por Eusébio, bispo de Vercelli, no norte da Itália. É a mais importante das versões latinas, com os quatro evangelhos.
2. *Códex Veronense*. Designado por "b". Data do século V e está na catedral de Verona, Itália. Um manuscrito de cor púrpura, escrito com letras prateadas e douradas. Contém os quatro evangelhos quase completos na seguinte ordem: Mateus, João, Lucas e Marcos.
3. *Códex Colbertino*. Designado por "e". Vem do século XII. Contém os quatro evangelhos, de tipo nitidamente "europeu".
4. *Códex Bezae*. Designado por "d". Atribuído ao século V, mas com possibilidade de ser da primeira metade do século III. Concorda ocasionalmente com "k" e com "a", quando todas as demais autoridades diferem. Contém Mateus, Marcos, Lucas, João e Atos.
5. *Códex Corbiense*. Designado por "ff". Data dos séculos V ou VI. Contém os quatro evangelhos. Muito semelhante aos códices "a" e "b".
6. *Códex Gigante*. Designado por "gig". Vem do século XII, mas, quanto a Atos e Apocalipse, seu texto parece ser do século IV. Contém a Bíblia toda em latim e uma enciclopédia de Isidoro de Sevilha, em 20 volumes. Também contém as "Antiguidades" de Josefo, em latim, as "Crônicas da Boêmia", de Cosmas de Praga, e outros livros. O tamanho de suas páginas é 51 x 92 cm. É conhecido como a "Bíblia do Diabo" por duas razões: (a) por trazer no meio de suas páginas uma gravura representando o Diabo; e (b) devido à lenda que afirma ter sido produzido por um frade prisioneiro que quebrou as regras do convento e pediu ajuda ao Diabo, o qual, em uma única noite, preparou o "Códex Gigante". A importância desse códex consiste em concordar com o códex de Lúcifer, da Sardenha.

Grupo italiano — A Vulgata Latina

Os mais conhecidos e mais importantes códices da Vulgata Latina são estes nove:

1. *Códex Amiantino*. Tido como do século VIII, contém toda a Bíblia latina. Considerando o manuscrito mais importante desse grupo. Designado por "A".
2. *Códex Cavense*. Designado por "C". Provém do século IX e contém a Bíblia inteira.
3. *Códex Dublinense*. Conhecido como livro de "Armag". Vem dos séculos VIII ou XI e contém o Novo Testamento completo, acrescido da epístola apócrifa de Paulo aos laodicenses. Designado por "D". Corrigido para tornar-se semelhante ao texto grego da família 13.
4. *Códex Fuldense*. Designado por "F". Reputado como pertencente aos anos 541 ou 546. Tem o Novo Testamento completo e a epístola apócrifa de Paulo aos laodicenses. Ótimo texto, semelhante ao manuscrito "A". Os evangelhos aparecem como uma narrativa contínua à semelhança do diatessarão de Taciano, do ano 170 d.C.
5. *Códex Mediolanense*. Designado por "M". Data do século VI. Contém os quatro evangelhos. Texto semelhante aos manuscritos "A" e "F".
6. *Códex Lindsfarne*. Designado por "Y". Vem do século VIII. Contém os quatro evangelhos, semelhantes a "A" acompanhado por uma tradução interlinear em anglo-saxão, a mais antiga forma dos evangelhos nesse idioma formador do inglês.
7. *Códex Harleiano*. Designado por "Z". Vem do século VI e contém os quatro evangelhos.
8. *Códex Sangalense*. Designado por "M". É considerado o texto latino mais antigo, provavelmente copiado ao tempo de Jerônimo, no século V. Contém os quatro evangelhos.
9. *Códex P*. Designado por "P". Vem do século X. Contém os quatro evangelhos escritos em pergaminho púrpuro com letras douradas.

Edições da Vulgata Latina

Nos museus e nas bibliotecas da Europa existem nada menos de 10 mil versões latinas da Bíblia. No concílio de Trento (1546), o papa Sisto V ordenou a preparação de uma Bíblia em latim que seria a oficial. Esta foi concluída em 1590. O papa Clemente

VIII, em 1592, publicou uma edição autorizada que diferia da anterior em nada menos de 4.900 casos. Monges beneditinos, em 1907, prepararam uma excelente revisão desse texto de Clemente VIII. Em Oxford, eruditos anglicanos fizeram a revisão do Novo Testamento, com aparato crítico de variantes. O trabalho foi iniciado por H. J. White, e ele chegou a completar o quarto evangelho. O último volume, de Atos a Apocalipse, foi concluído por H. F. D. Sparks, em 1954.

Versões siríacas

Entre as principais versões siríacas do Novo Testamento estão as seguintes:

1. *Antigas versões siríacas*. São conhecidos dois manuscritos em siríaco, por meio de citações de doutores da Igreja Oriental, contendo os evangelhos, Atos dos Apóstolos e as cartas de Paulo. O primeiro é um palimpsesto do século IV, descoberto no Convento de Santa Catarina, no Sinai, por Agnes S. Lewis, em 1892, designado por "Sys"; e o segundo é um pergaminho do século V, que se encontra no Museu Britânico, e na versão siríaca curetoniana é designado por "Sy". Mas seus textos derivam-se do século II ou de começos do século III.
2. *Versão Peshita*. Também conhecida como *Vulgata Siríaca*, é designada por "Sy", preparada no último quartel do século IV, com a mesma finalidade que depois teve a *Vulgata* de Jerônimo. Contém apenas 22 livros do Novo Testamento, faltando-lhe 2Pedro e 3João, Judas e Apocalipse. A princípio os estudiosos julgaram-na obra do bispo de Edessa (411-431), mas hoje crê-se que foi preparada antes da divisão da igreja siríaca, o que ocorreu em 431. Há mais de 350 manuscritos dessa versão, alguns do século V e outros do século VI.
3. *Versão Filoxenia*. Designada por "Sy", representada a tradução feita por Filoxeno, bispo de Hierápolis, na Síria, em 508, com a ajuda de Policarpo. Kenyon opina que Filoxenia se compõe de 2Pedro, 2—3João, Judas e Apocalipse, completando assim os livros que faltam à *Peshita*.
4. *Versão Hercleiana*. Designada por "Sy", também proveniente do século VI. Em tudo é igual à versão anterior.
5. *Versão Palestinense*. Conhecida por um "lecionário" dos evangelhos. Foi preservada em dois manuscritos dos séculos XI e XII, em aramaico, com textos contínuos dos evangelhos, em fragmentos e alguns trechos de Atos e das epístolas de Paulo. Designada por "Sy".

Versões cópticas

O especialista Russell Norman Champlin afirma: "O copta era a forma mais recente da antiga língua egípcia, que até aos tempos cristãos era escrito em hieróglifos, mas que afinal adotou as letras maiúsculas gregas como símbolos".[8] Os manuscritos do Novo Testamento em copta aparecem em dois dialetos, dependendo da localização geográfica: (a) o saídico, do sul do Egito, cujos manuscritos são do século IV, enquanto os outros manuscritos são posteriores; (b) o boárico, do norte do Egito, mais recentes. Ambos, porém, seguem alexandrino de texto grego.

Versões armênias

Pertencem ao começo do século V. Já foram catalogados nada menos de 2 mil manuscritos. São dos tipos cesariense e bizantino. São atribuídas a Mesraje, falecido em 439, um soldado que se tornou missionário cristão. Ele fez sua tradução a partir do grego. Mas outros estudiosos pensam que seu autor foi Isaque, o Grande (390-439), que também teria feito sua tradução com base no grego.

---

[8] CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 1, p. 95.

Versão geórgica

A Geórgia, no sul da União Soviética, localiza-se entre o mar Negro e as montanhas do Cáucaso. Esse povo acolheu o evangelho no século IV. Mas não há manuscritos nessa versão, senão já pertencentes ao século IX. A versão abrange somente os evangelhos. Um dos manuscritos é o Códex Adysh (de 897), designado por "Geo", e outro manuscrito é o Códex Opiza, designado por "Geo".

Versão etíope

Conta com manuscritos do século XIII, com base em manuscritos gregos. Foi revista com a ajuda de uma versão árabe que sofrera influências cópticas. Há mais de 1.000 manuscritos dessa versão. Esses manuscritos contêm os quatro evangelhos, concordando com P e com B.

Versão eslava

Trata-se de uma tradução para o búlgaro, conhecida como "Eslava antiga". Apareceu no século IX. Dela restam alguns poucos manuscritos, daquele século. Texto tipo bizantino.

Versões árabes

Depois do aparecimento do islamismo foram preparadas traduções para o árabe, com base no siríaco, no latim e no copta. Mas pouco resta dessas versões. Seus manuscritos mais antigos pertencem ao século VII. Estão entre as versões menos estudadas, mas, pelo que desconfia, é possível que rendam maior dividendos para a história da crítica textual.

O Novo Testamento em português

B. P. Bittencourt esclarece: "O interesse da tradução da Bíblia em Portugal data dos primeiros ensaios da literatura portuguesa, quando os livros eram escritos em latim e a língua nativa era bárbara corrupção desse idioma, encontrando-se ainda pouco além do ciclo dos trovadores e menestréis".[9]

Vejamos alguns momentos importantes dessa história.

Os precursores

Dom Diniz (1279-1325), rei de Portugal, primeiro monarca a dar atenção ao desenvolvimento literário de seu país, além de suas poesias e de outras composições literárias, traduziu do latim, do próprio punho, 20 capítulos de Gênesis, antes mesmo da tradução inglesa de John Wycliffe.

Em Alcobaça, alguns monges traduziram da Vulgata Latina o livro de Atos em 1320. Eles também prepararam uma história resumida do Antigo Testamento.

Dom João I, durante seu reinado (1385-1433), portanto meio século após a tradução de Wycliffe, determinou a tradução dos evangelhos, de Atos e das epístolas paulinas. Os padres tradutores usaram o texto da Vulgata Latina como base. E o próprio rei traduziu Salmos, os evangelhos e algumas outras porções do Novo Testamento.

Bernardo de Alcobaça, no século XV, traduziu Mateus e partes de outros evangelhos da Vulgata Latina.

Valentim Fernandes publicou em 1495, em quatro volumes, uma "Harmonia dos Evangelhos", escoimada no trabalho em latim de Lindolfo da Saxônia e preparada pela esposa de Dom João II, Dona Leonor. Foi impressa em quatro colunas duplas de 50 e 51 linhas. As primeiras letras de cada capítulo eram desenhadas em vermelho. Dom Benedito de São Lourenço diz que a segunda edição dessa "Harmonia", sob o título de "A vida de Jesus", circulou em 1554.

---

[9] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 205.

Em 20 de fevereiro de 1485 (outros estudiosos afirmam 1495), Gonçalo Garcia de Santa Maria publicou as *Epístolas Litúrgicas e os Evangelhos*. A obra foi impressa pelo alemão Paulo Hurus, em Saragoça na Espanha.

Por ordem da rainha Eleonora, de Portugal, foram impressos, em 1505, os Atos dos Apóstolos e as Epístolas Gerais, com base em uma antiga tradução de Bernardo de Brivega.

Quase 60 anos depois, o papa Pio IV, em uma bula de 24 de março de 1564, proibiu a leitura dos textos bíblicos sem a prévia autorização do bispo ou do inquisidor. Desse modo, foi interrompida a poderosa caudal de produções bíblicas para o vernáculo. No Brasil, também houve tempo que Bíblias eram queimadas em praça pública, por ordem deste ou daquele clérigo católico romano. Hoje essa atitude está bastante mudada, e qualquer católico romano que queira fazê-lo, pode adquirir e ler sua cópia impressa da Bíblia.

João Ferreira de Almeida e o Novo Testamento

Nasceu em Torres de Tavares, Portugal, em 1628. Foi educado por um tio, clérigo da Igreja Romana, em Lisboa, após a morte de seu pai. Com 14 anos mudou-se para Holanda e chegou a Batávia, capital da ilha de Java, no ano de 1641. Havia ali uma igreja reformada, dirigida pela Missão Portuguesa. Nessa igreja, em 1642, fez sua profissão de fé. Serviu no Ceilão, como pastor, entre 1656 e 1658. Morreu aos 63 anos. Dominou a língua portuguesa, espanhola, francesa, holandesa, hebraica, grega e latina. Aos 17 anos, Ferreira traduziu o Novo Testamento do texto latino de Beza. Do Texto Recebido, de Erasmo, traduziu o Novo Testamento, que foi publicado em 1681, em Amsterdã. Nessa tradução, Almeida anotou mais de mil erros. Nos dias dele, nenhum papiro havia sido descoberto, nem os mais importantes manuscritos unciais. A única fonte ao alcance da mão era o Texto Recebido, publicado em 1516, alicerçado sobre manuscritos inferiores.

Como sabemos, o Texto Recebido compõe-se de quatro manuscritos, a saber: (a) o Ms 1 (século X); (b) o Ms 2 (século XV); (c) o Ms 2 com Atos e as cartas de Paulo (século XIII); e (d) o Ms 1 com Apocalipse (século XII). Portanto, o texto sagrado já estava muito corrompido nesses manuscritos gregos. Foi nesse texto que Almeida baseou a sua tradução A segunda edição do Novo Testamento de Almeida circulou em Batávia, em 1683. Almeida morreu em 1691, deixando a tradução do Antigo Testamento em Ezequiel 41.21. Somente a partir de 1748 foi que Jacobus op den Akker, de Batávia, deu continuidade ao trabalho de tradução do restante do Antigo Testamento. E, em 1753, finalmente foi impressa a Bíblia inteira em português, em dois volumes, 62 anos após a morte de Almeida.

Em 1773, João Mauritius Mohr foi responsável pela quarta edição da Bíblia de Almeida, hoje conservada na Biblioteca da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em Londres, que passou a reimprimi-la a partir de 1909. Em 1911, a mesma sociedade fez uma impressão especial do mesmo texto para os portugueses que se refugiaram no Brasil, na Índia e na ilha de Ceilão.

Em 1875, sob a responsabilidade de A. L. Backforf, a Sociedade de Literatura Religiosa e Moral imprimiu, no Brasil, o texto revisado da Bíblia de Almeida.

Em 1894, N. H. Chaves empreendeu uma nova revisão da Bíblia de Almeida, um trabalho que foi completado por R. Stewart.

Sob os auspícios da Sociedade Bíblica Americana e da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, a tradução de Almeida, entre o final do século XIX e começos do XX, sofreu muitas revisões, sendo duas as principais. A primeira foi empreendida pela Imprensa Bíblica Brasileira (IBB), em 1942, com a seguinte comissão revisora: S. L.

Watson, José de Souza Marques, Almir S. Gonçalves e Manoel Avelino de Souza. Essa iniciativa da IBB começou a suprir o evangelismo brasileiro, já que a importação de bíblias foi prejudicada devido à Segunda Guerra Mundial.

A segunda grande revisão foi fomentada pelas Sociedades Bíblicas Unidas, que nomearam duas importantes comissões, com o fito de revisar a Bíblia de Almeida à luz dos mais autênticos manuscritos recém-descobertos. Essas comissões foram: (a) Comissão Revisora, constituída por 15 membros recrutados dentre as denominações evangélicas brasileiras; e (b) a Comissão Consultiva, com 19 membros. Organizada em junho de 1948, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) não só encampou o "projeto" como também o incentivou, sob a presidência do bispo César Dacorso Filho. A comissão revisora dividiu seus integrantes em três grupos: (a) hebraístas; (b) helenistas; (c) vernaculistas. O texto básico adotado para revisão foi o de Nestlé. A comissão iniciou seus trabalhos no Rio de Janeiro, em 1943.

B. P. Bittencourt descreveu a fascinante história da grande e incomparável tradução *Revista e Atualizada no Brasil*, da SBB.[10] Em 1951, a revisão do Novo Testamento se completou, tendo sido publicada no ano seguinte. A revisão do Antigo Testamento foi concluída em 1956 e publicada em 1959. Uma tradução isenta de variantes, autêntica, vazada em um vernáculo clássico, tal como clássico foi Antonio de Campos Gonçalves.

Outras traduções do Novo Testamento

Padre Antonio Pereira de Figueiredo (1782)

Nasceu em Portugal. Da Vulgata Latina ele traduziu o Novo Testamento, que começou a circular em 1728. Muitos anos depois, em 1782, publicou Salmos, e de 1783 a 1790 publicou os demais livros do Antigo Testamento. Em 1819 começou a circular a Bíblia de Figueiredo completa, incluindo os livros apócrifos. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira publicou diversas edições dessa tradução, mas sem os livros apócrifos.

Dom frei Joaquim de N. S. de Nazaré (1845-1847)

Ele era de origem portuguesa. Entre os anos de 1845 e 1847, traduziu o Novo Testamento com base na Vulgata Latina, no Maranhão.

Os padres franciscanos (1902)

Traduziram o Novo Testamento com base na Vulgata Latina. A responsabilidade da tradução foi do monsenhor dr. Basílio Pereira.

Novo Testamento na Tradução Brasileira (1908)

Em 1902, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Sociedade Bíblica Americana uniram-se e nomearam uma comissão para preparar uma nova revisão da Bíblia portuguesa. Planejou-se usar os melhores manuscritos, tendo por base as bíblias de Almeida e Figueiredo. Seria nomeada uma comissão de três nacionais e de três estrangeiros, e depois se pensou em quatro de cada. A comissão ficou assim constituída: W. C. Brown (anglicano); J. R. Smith (presbiteriano americano, convenção do sul); J. M. Kyle (presbiteriano, convenção do norte); Antonio Trajano, Eduardo Carlos Pereira e o ex-padre Hipólito de Oliveira Campos, e posteriormente Virgílio Várzea, Mário Artagão e Alberto Meyer. A edição final começou a circular em 1917.

Padre Matos Soares (1932)

Feita em Portugal, mas a edição de 1932 já foi preparada em São Paulo. Baseou a tradução, em sua maior parte, na Vulgata Clementina. Na "Introdução", critica severamente o evangelismo protestante. Sua tradução, tanto na fidelidade ao texto

[10] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 234-245.

sagrado quanto no vernáculo, deixou muito a desejar. Seu propósito era limitar a circulação de Bíblias de edição "protestante". Não obteve sucesso.

Huberto Rohden (1938)

Traduziu o Novo Testamento diretamente do grego. Iniciou sua obra em Insbruck, na Áustria, entre 1924 e 1927, e terminou no Brasil em 1934. Pertencia à Sociedade de Jesus (ordem dos jesuítas). Tempos depois, deixou o cristianismo e se dedicou a um misto de cristianismo, psicologia ocidental e filosofia oriental.

Novo Testamento na Linguagem de Hoje (1973)

A Sociedade Bíblica Unida promoveu uma tradução da Bíblia em inglês, em linguagem popular e dinâmica, e estendeu esse tipo popular de tradução a diversos países, incluindo o Brasil. A comissão brasileira, como as demais, usou o texto grego da própria Sociedade Bíblica Unida, que caminha no mesmo ritmo da recensão de Nestlé. A primeira edição do Novo Testamento, em linguagem de hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil, apareceu em 1973, tendo havido diversas edições. A Bíblia completa foi lançada em dezembro de 1988.

Novo Testamento Bíblia de Jerusalém (1976)

Tradução baseada no original grego. Ainda em 1976 é lançada a edição completa. Outra edição é lançada em 1985; em 2002 é lançada a nova edição revista e ampliada.

Bíblia Novo Testamento (1978)

Tradução do texto original grego feita pelo frei Mateus Hoepers e publicada pela Editora Vozes.

Novo Testamento A Palavra do Senhor (1979)

Tradução baseada no texto original grego e anotada pelo monsenhor Lincoln Ramos.

Novo Testamento Nova Versão Internacional (1994)

A Sociedade Bíblica Internacional lança o texto NVI, quebrando a hegemonia do texto Almeida entre a comunidade evangélica. A edição completa foi lançada em 2000.

Novo Testamento (1995)

Tradução dos textos originais pelo padre José Raimundo Vidigal, publicada pela Editora Santuário.

Novo Testamento A Nova Disposição de Nosso Senhor Jesus Cristo (1996)

Tradução da língua original grega pelo reverendo Oswaldo Dias de Lacerda, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil e ex-professor titular de língua e literatura grega da Faculdade de Letras e Educação da Universidade Mackenzie. É uma tradução bem literal.

Novo Testamento Versão Fácil de Ler (1999)

A edição original em inglês foi baseada nos textos originais. No Brasil, foi publicada pela Editora Vida Cristã em parceria com o World Bible Translation Center. Um recurso interessante é a inserção de um vocabulário ao longo do Novo Testamento, sempre associado a passagens-chave.

Bíblia do Peregrino Novo Testamento (2000)

Possui longas notas de rodapé, de cunho pastoral. Pouco tempo depois, a Paulus lançou a edição completa da Bíblia.

Novo Testamento Interlinear grego-português (2004)

Lançado pela Sociedade Bíblica do Brasil, contém o texto grego *The Greek New Testament* (4ª ed. rev.) das Sociedades Bíblicas Unidas, seguido de uma tradução literal feita por Vilson Scholz, especialista em Novo Testamento, doutor em teologia, professor de grego, hermenêutica e exegese do Novo Testamento, e por Roberto G. Bratcher, doutor e teologia e especialista em grego, linguística e crítica textual. A obra inclui também a tradução de João Ferreira de Almeida *Revista e Atualizada* (segunda edição) e da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

Novo Testamento Judaico (2007)

Tradução do original para o inglês feita por David Stern, de família judia. Ele se converteu à fé cristã 1972. É mestre em Divindade pelo Seminário Teológico Fuller. Em 1979 fez a primeira edição em inglês desse NT; em 1989 saiu outra edição. A Editora Vida publicou a edição em português em 2007. A obra é apresentada como um livro judaico feito por judeus, para judeus e gentios. O contexto judaico é privilegiado nessa tradução. No campo formal, a versão usa termos "neutros" e nomes hebraicos; assim, em vez de Tiago, grafa--se *Ya'kov*. No campo cultural e religioso, opta-se pela terminologia judaica; assim, em vez de "festa da Dedicação", grafa-se *Hanukkah*.

5
A divisão em capítulos e versículos: prós e contras

Os primeiros livros da Bíblia, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, não tinham nenhum tipo de divisão. O texto aparecia como um todo, ocupando a página inteira ou algumas colunas. Assim, Gênesis ia de 1.1 a 50.26 em escrita seguida. Alguns códices eram cursivos (letras minúsculas), e outros eram unciais (letras maiúsculas). Era preciso a habilidade de um apóstolo Paulo para encontrar ali algum trecho em particular. E, assim como era com Gênesis, era também com toda a Bíblia.

Com o tempo, alguns códices começaram a exibir novidades. Por exemplo, o Alexandrino inicia cada parágrafo com uma iluminura; o Sinaítico tem 4 colunas em cada página; o Vaticano, 3; o Alexandrino, 2; e o palimpsesto Ephraem, 1.

Idêntica era a situação do Novo Testamento: cada evangelho, cada epístola e o próprio Apocalipse traziam escritas compactas, quando muito em colunas. Para exemplificar, Romanos era uma carta sem nenhuma divisão de texto contínuo.

A divisão atual de nossas Bíblias é fruto de um penoso e paciente trabalho. As primeiras divisões do texto ficaram conhecidas como "seções sedarim", preparadas para cultos sabáticos nas sinagogas. O propósito era ler o Pentateuco em público, em 3 anos. A Torá foi dividida em 167 "sedarim". Durante o cativeiro babilônico, os livros proféticos também foram divididos em "sedarim", e finalmente todo o Antigo Testamento foi dividido em "sedarim", em um total de 443, excetuando-se somente Rute, Cantares e Lamentações.

Não se sabe quando, como e por quem o Novo Testamento foi di-vidido. Clemente de Alexandria e Tertuliano aludiram a capítulos duvidosos, bem como discutiram sobre Apocalipse, capítulo por capítulo.

A primeira divisão de Mateus, no manuscrito Vaticano, tem 160 seções; Marcos, 62; Lucas, 152; e João, 80. No palimpsesto Ephraem, Mateus aparece com 68 divisões; Marcos, 48; Lucas, 83; e João, 18. Na primeira divisão dos manuscritos Alexandrino e Vaticano, Atos ficou com 36 capítulos; Tiago, 9; 1Pedro, 8; 1João, 11; 2João, 1; Judas, 2; e 2Pedro, nenhuma. A pedido de Atanásio, Eutálio (ou Evágrio), em 458, dividiu a Bíblia em capítulos e subcapítulos. As epístolas paulinas, na edição de Eutálio, ou na de Teodoro de Mopsuéstia, aparecem com nestas divisões: Romanos, 16; 1Coríntios, 10; Gálatas, 12; Efésios, 10; Filipenses, 7; 1Tessalonicenses, 6; 1Timóteo, 2; e Hebreus, 12.

A Septuaginta, no Códex Coisliniano I, aparece com duas séries de divisões marginais. Na primeira, Gênesis tem 106 divisões; Êxodo, 84; Levítico, 54; Números, 57; Deuteronômio, 68; 1Samuel, 53; e 2Samuel, 50. Na segunda, Gênesis com 99; Êxodo, 110; Levítico, 61; Números, 51; Deuteronômio, 91; 1Samuel, 73; e 2Samuel, 53.

Hesíquio de Jerusalém publicou Isaías com 88 divisões; Oseias, 20; Joel, 10; Amós, 17; Obadias, 3; Jonas, 4; Miqueias, 13; Naum, 6; Habacuque, 4; Sofonias, 7; Ageu, 5; Zacarias, 32; e Malaquias, 10.

As versões latinas, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, aparecem divididas em títulos e capítulos, no começo de cada livro, reproduzindo as primeiras palavras de cada divisão. Em seus manuscritos mais antigos, Gênesis tem 82 seções; Êxodo, 139; Levítico, 16; Números e Deuteronômio, 20 cada.

Esse sistema de divisão manteve-se até ao século XII, quando Estevão Langton propôs modificá-las em capítulos, sistema esse que suplantou os anteriores. O novo sistema facilitou a busca de textos bíblicos, foi aceito e adotado pela Universidade de Paris, na sua Bíblia francesa. Até os judeus adotaram o sistema na Bíblia hebraica.

Para facilitar ainda mais o manuseio da Bíblia, em 1240 o cardeal Hugo de San Caro subdividiu os capítulos em sete partes, designadas por letras. O sistema foi usado até 1551, na edição grego-latina do Novo Testamento, e mais tarde na Bíblia completa em latim, quando o editor Roberto Estevão, na quarta edição de seu Novo Testamento grego, adotou pela primeira vez o sistema de versículos subdividindo cada capítulo, o que vem sendo empregado com algumas leves variações até hoje.

Vantagens e desvantagens

O sistema de divisão do texto bíblico em capítulos e versículos, conforme vem evoluindo através dos séculos e chegou até nós na forma em que o conhecemos, tem pontos positivos e negativos.

Um ponto positivo é a facilidade de referência. Visto que essas divisões são pequenas (a menor delas é a de João 11.35, que diz apenas "Jesus chorou"), podemos referir-nos a várias passagens sem ter necessidade de citá-las por inteiro. Em uma linha podemos aludir a extensos e variegados trechos da Bíblia. Por exemplo: Gênesis 1.1—2.3; Isaías 40.1—66.24; 1Coríntios 13.1-13.; e isso sem necessidade de reproduzir os textos sagrados, o que não era possível antes da adoção do sistema de capítulos e versículos.

Sem esse sistema, seria quase impossível a preparação de concordâncias da Bíblia, obras de consulta que alistam os trechos bíblicos onde figuram os termos bíblicos, quer em sua tradução no vernáculo, quer nos seus originais hebraico ou grego.

Mas uma desvantagem séria é que, tendo sido feitas arbitrariamente (o que é provado pelas mudanças a que o sistema tem sido sujeitado), essas divisões nem sempre correspondem às divisões naturais dos textos. Por causa disso, um leitor desavisado termina sua leitura em um fim de capítulo ou de versículo sem se dar conta de que o autor sagrado continuou apresentando seu relato ou argumento, e perde assim o fio da meada ou a conclusão do assunto. Isso se evidencia melhor nas epístolas, por natureza argumentativa.

Exemplifiquemos com um caso típico. Em 1Coríntios 12, o apóstolo começa a falar sobre os dons espirituais. Na realidade, ele prossegue em seu ensino até 1Coríntios 14.40, onde chega à conclusão: "Portanto, meus irmãos, procurai [...]" (1Co 14.39). No entanto, a divisão em capítulos abre um novo capítulo, o de número 13, onde o apóstolo, prosseguindo em seu argumento, faz o reparo de que os dons devem ser temperados com o amor, sob pena de esses dons serem apenas ruídos. Que sucede então? Um leitor leigo termina sua leitura em 1Coríntios 12.31, que diz: "Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons", e dá-se por satisfeito. Talvez, no dia seguinte, ou daí a uma semana, leia o capítulo 13 da mesma epístola, e estaque novamente, no fim desse capítulo, para só retornar à leitura dias depois. Portanto, acostuma-se a realizar leituras bíblicas por capítulos. Depois de tanto tempo, não é capaz de fazer a ligação mental entre as três

porções do mesmo assunto. Passam-se anos até que perceba tal ligação, pois Paulo nunca tencionou que sua exposição sobre os dons fosse entrecortada dessa maneira.

Solução

A solução para esse problema consiste em buscar as divisões naturais dos livros da Bíblia. Para tanto, é mister grande familiaridade com os textos sagrados e muita capacidade de observação.

Exemplifiquemos com Gálatas, uma das epístolas de Paulo. Um leitor antigo e atento da Bíblia já deve ter notado que esse apóstolo geralmente dividia naturalmente as suas cartas em duas grandes divisões: uma porção argumentativa, na qual ensinava, e uma porção exortativa, na qual aconselhava. Se a isso acrescentarmos o que Paulo redigiu como uma introdução e uma conclusão, teremos as divisões mais naturais e inteligentes de seus escritos. Gálatas, pois, poderia ser dividida, como segue, em grandes pinceladas, sem entrar em pormenores:

Introdução 1.1-6
Ensino 1.7—5.26
Exortação 6.1-16
Conclusão 6.17,18

Alguns estudiosos e editores têm publicado Bíblias ou obras de estudo auxiliar que enaltecem as divisões naturais. São as introduções à Bíblia (como é o caso deste livro) ou os comentários bíblicos. Em casos mais raros, temos Bíblias ou Novo Testamento impressos seguindo esse método das divisões naturais. É desprezada a divisão usual em capítulos e versículos, e os episódios historiados ou porções constitutivas de um livro são impressos como blocos de material. Os capítulos e versículos aparecem em algum canto de cada página impressa, somente para que o leitor possa fazer um cotejo entre as Bíblias usuais e a impressão especial da Bíblia. Infelizmente, ainda não existe em português nenhum trabalho que siga essa decidida vantagem para os amantes da Bíblia.

Parte 2

Os evangelhos e Atos dos Apóstolos

6
O problema sinótico

Definição léxica

"Sinótico" vem do grego *sun* + *óptikos*, algo visto de um só golpe de vista abrangendo várias coisas, encaradas pelo mesmo ângulo; relativo a sinopse, visto resumidamente. A origem é o termo grego *sunoráo*, "ver com", "ver conjuntamente". Foi usada pela primeira vez para indicar os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, por J. J. Griesbach, em sua edição do Novo Testamento, entre 1774 e 1778.

O problema

A. R. Crabtree, especialista em Novo Testamento, esclarece o que vem a ser o "problema sinótico":

No material apresentado, no modo de arranjar o material, até na própria fraseologia, são muito semelhantes os três primeiros evangelhos: Mateus, Marcos e Lucas. Além dessas semelhanças notam-se também frequentes divergências em várias partes dos livros. Como

explicar a concordância e a divergência entre os sinóticos? A dificuldade de achar explicação satisfatória das coincidências e das variações nos três evangelhos chama-se entre os críticos *O problema sinótico*.[1]

Os problemas são inúmeros e a solução não é fácil. Estudiosos da matéria prestaram relevante contribuição não harmonização dos três primeiros evangelhos.

Termos do problema

Para compreender o problema sinótico, veja o esquema a seguir:

1. Em Mateus e Lucas nota-se profunda diferença nas narrativas que precedem o ministério público de Jesus.
2. Impressiona o fato de que Mateus e Lucas, ao narrarem o ministério público de Jesus, tenham concordado entre si e coincidido com o relato de Marcos.
3. Quando termina a narrativa de Marcos, há nova divergência entre Mateus e Lucas.
4. Mateus e Lucas concordam substancialmente na discussão dos tópicos que aparecem em Marcos.
5. Mateus e Lucas caminham junto um do outro com Marcos nos relatos acima indicados; em seguida, Lucas distancia-se de Mateus.
6. Mateus e Lucas concordam com Marcos quanto à ordem dos episódios narrados nos três relatos.
7. Havendo alguma divergência, Mateus ou Lucas discordam dos outros dois, mas Marcos fica sempre com a maioria.
8. Quando Mateus discorda de Lucas, dentro dos limites de operação de Marcos, há narrativas que Marcos omite. Nessas porções, Mateus e Lucas são mais completos do que Marcos.
9. Cada um dos três evangelistas descreve particularidades que não aparecem nos dois outros evangelhos.
10. Executando-se Marcos 4.26-29 e 7.31-37, além de um ou outro versículo isolado, o evangelho de Marcos inteiro é reproduzido ou em Mateus ou em Lucas, ou mesmo em ambos.

As semelhanças e diferenças existentes nos evangelhos sinóticos resumem-se na existência de uma narrativa tríplice, de uma narrativa dupla e de uma narrativa particular. Na tríplice, 50% das palavras usadas por Mateus são iguais, e 35% também são iguais em Lucas e Marcos. Na dupla, Mateus e Lucas afastam-se de Marcos. Na particular, as peculiaridades ou diferenças entre Lucas e Marcos são marcantes, ficando Lucas isolado quanto ao seu material.

Tomando-se como exemplo as três narrativas de Marcos 2.18-22; Mateus 9.14-17 e Lucas 5.33-38, no original grego, temos o seguinte resultado: Marcos usou 129 palavras; Mateus, 103; e Lucas, 128. Os três evangelistas usaram 58 palavras iguais; Marcos e Mateus, 81; Marcos e Lucas, 80; e Mateus e Lucas, 60.

Portanto, estamos diante de um problema complexo nas diferenças entre os sinóticos. Os acadêmicos S. L. Watson e W. E. Allen levantam as seguintes perguntas sobre o problema sinótico:

1. Qual a explicação de tamanhas diferenças entre os três evangelhos?
2. Sendo tão diferentes em algumas coisas, como podem apresentar tantas semelhanças, a ponto de usarem as mesmas palavras em muitas seções?
3. Qual dos sinóticos é o mais antigo?
4. Os outros conheciam o mais antigo quando escreveram?
5. Qual escreveu por derradeiro e conhecia os outros dois?

---

[1] CRABTREE. A. R. *Introdução ao Novo Testamento,* p. 70.

6. Se os conhecia, por que insistiu em escrever mais um?
7. Um ou mais deles copiou exata ou praticamente do outro ou dos outros?
8. Teriam os autores usado outros documentos escritos além dos evangelhos que conhecemos?
9. O problema de cronologia e de identidade dos autores é algo importante e significativo?[2]

Essas são as indagações que um estudante cuidadoso dos evangelhos deseja ver respondidas, com respostas bem fundamentadas. A fim de responderem a essas perguntas, os estudiosos do Novo Testamento postularam quatro hipóteses:

A teoria da tradição oral

Essa teoria tenta explicar que antes da produção dos evangelhos canônicos não havia nenhum documento escrito sobre o ministério de Jesus Cristo. Antes, tudo teria sido preservado pela tradição oral por meio dos apóstolos, das mulheres que acompanharam o desenrolar da carreira de Jesus e pelos demais discípulos do Mestre. Essa teoria acrescenta dois dados importantes. Em primeiro lugar, que todas as narrativas do ministério de Jesus foram, sem dúvida, transmitidas oralmente pelas testemunhas oculares e auriculares. Papias informa que Pedro pregava, enquanto Marcos — filho espiritual de Pedro — era ouvinte interessado da mensagem do grande pescador; assim, Marcos teria ficado impregnado pela história, até que resolveu escrever o que Pedro tanto dizia, surgindo assim o evangelho de Marcos. Em segundo lugar, acrescenta que os judeus eram defensores desse modo de preservar a verdade. Sendo Mateus e Pedro judeus, seguiram esse método.

Mas, para derrubar essa "estupenda" teoria, bastaria citar o prefácio de Lucas, onde o autor sagrado diz ter examinado documentos escritos que outros escreveram, provavelmente Marcos e Mateus (veja Lc 1.1-4).

Teoria da interdependência dos sinóticos

Essa desfila os seguintes argumentos. Alguém escreveu o primeiro evangelho (sem importar qual). Uma vez publicado, foi consultado pelo que escreveu o segundo. Em seguida, o terceiro utilizou-se dos demais. Quem então teria escrito o primeiro dos evangelhos? Os críticos mais notáveis dizem que foi Marcos. Ora, se o primeiro evangelho foi o de Marcos, então antes não havia nenhum documento escrito sobre a vida e a obra de Jesus, como é lógico supor.

Como se vê, essa teoria da interdependência dos evangelhos sinóticos também se esquece das declarações do prefácio do evangelho de Lucas. Ela pelo menos acerta num ponto: o evangelho de Marcos é o mais antigo dos três evangelhos sinóticos. Isso, no entanto, não responde satisfatoriamente a todas as questões envolvidas.

Teoria de um único documento

Os apologistas dessa terceira teoria negam terminantemente a interdependência dos três evangelhos sinóticos. Pelo contrário, opinam que todos os três procedem de uma só fonte, que aproveitaram como cada qual achou melhor.

Essa teoria, como as demais, esbarra no prefácio do evangelho de Lucas, onde o autor declara que muitos já haviam empreendido a tarefa de escrever sobre a vida e o ministério do Senhor Jesus. Além disso, não esclarece qual fonte única os três autores sagrados teriam usado.

Teoria de vários documentos originais

Essa teoria acha base no prefácio do evangelho de Lucas. Schleiermacher traduz Lucas 1.1,2, como segue: "Tendo muitos empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizam [...]". Esse autor salientou o grande número de

[2] WATSON, S. L.; ALLEN, W. E. *A harmonia dos evangelhos*. Rio de Janeiro: Juerp, 1942, p. ix.

documentos examinados por Lucas e sobre os quais ele alicerçou seu evangelho. Já Archibald T. Robertson, referindo-se a palavra "muitos" daquele prefácio de Lucas, escreveu: "Quantos, ninguém sabe, mas com certeza mais de dois ou três".[3] Assim, cada evangelista teria tido diante dos olhos vários pequenos documentos, alguns deles contendo apenas um episódio da vida de Jesus. Daí as semelhanças entre as narrativas. E as diferenças são justificadas à base da ideia de que cada qual examinou documentos desconhecidos para os demais. Lucas, por exemplo, deve ter recebido preciosas informações de testemunhas oculares, como ele mesmo declarou.

Além disso, nada impede que Lucas tenha se utilizado dos evangelhos de Marcos ou de Mateus, ou mesmo de ambos. Logo, a resposta para o "problema sinótico" parece ser uma combinação dessa última teoria com um detalhe da segunda, isto é, que Marcos serviu de base para pelo menos uma parte da narrativa tanto de Mateus quanto de Lucas. Qual parte? Aquela que versa sobre o ministério público de Jesus, pois quanto a isso os três sinóticos se harmonizam bem, embora os autores sagrados não tenham meramente copiado o material de seu ou seus antecessores. Assim, Mateus arranjou o material de Marcos de acordo com um propósito preconcebido por ele, recheando-o com as "palavras de Jesus", ou *logia Xristoû*, e com muitas citações do Antigo Testamento; e outro tanto fez Lucas, recheando-o com informações colhidas por suas investigações pessoais, além de mais raras citações extraídas do Antigo Testamento.

Conclusão

Naturalmente não esgotamos o espinhoso problema sinótico com essas pinceladas. Mas podemos chegar a algumas conclusões satisfatórias, a saber: a crítica ponderada aceita que Marcos é o evangelho mais antigo dos sinóticos. Papias informa-nos que Marcos recebeu de Pedro o material de seu evangelho. Assim, Marcos serviu de elo entre Mateus e Lucas. Podemos ter certeza então de que Mateus e Lucas se serviram do evangelho de Marcos como uma de suas principais fontes informativas. É possível também que Mateus e Lucas tiveram acesso a documentos que Marcos desconhecia, o que explica suas discrepâncias com o segundo evangelho. Quanto ao evangelho de Mateus, Papias insiste em que Mateus escreveu as suas *logía*, as "palavras de Jesus", em aramaico, cujos apontamentos então usou na confecção de seu próprio evangelho.

Apesar dessas conclusões, as seguintes perguntas ainda ficam sem resposta (e talvez nunca cheguemos a respondê-las): Além do evangelho de Marcos e das *logía* de Mateus, teria havido outras fontes usadas por Lucas? Marcos chegou a conhecer as *logía* de Mateus? Teria Lucas tido conhecimento do evangelho de Mateus?

7
Mateus

Título

No grego, *Katá Maththaion*, "conforme Mateus". É chamado de "evangelho" (do grego *euaggélion*, "boas novas") porque traz as boas notícias da salvação em Jesus Cristo, nosso Senhor. Devemos entender que as "boas novas" não são de Mateus, mas "segundo" ou "conforme" Mateus. Não há base alguma no grego para o uso da forma "São Mateus". Basta "Mateus".

Autoria

[3] ROBERTSON, *A. T. Word Pictures in the New Testament*. Nashiville: Broadman, 1930, vol. 2.

O autor desse evangelho é "Mateus", também chamado de "Levi" (Mc 2.14; Lc 5.27). Nas quatro listas dos apóstolos só se usa o nome "Mateus" (Mt 10; Mc 3; Lc 6; At 1). Esse nome vem do hebraico, *Mattithyah*, "dom de Javé". Como era costumeiro entre os antigos judeus dar dois nomes a uma pessoa, podemos pensar que antes de uma conversão ele era mais conhecido por um desses nomes, "Levi", e, depois da conversão, pelo outro, "Mateus".

Sua nacionalidade era judaica. Sabemos disso tanto pelo nome como pela natureza de evangelho que escreveu. Mateus retratou Jesus como o Rei, o Messias prometido aos judeus nas Escrituras proféticas do Antigo Testamento. Por isso mesmo nada menos de 60 profecias messiânicas do Antigo Testamento aparecem cumpridas na vida de Jesus.

Mateus era um publicano, ou seja, um cobrador de impostos a serviço do império romano. Por isso os publicanos eram detestados pelos judeus, que os consideravam traidores; para piorar, tornavam--se extorsores e desonestos. O povo judeu reputava-os pecadores do mesmo baixo nível das meretrizes (veja Mt 21.31 e Lc 18.9-14).

A vida de Mateus mudou quando ele conheceu Jesus. A Bíblia não assinala — como no caso de Zaqueu — o momento da sua conversão. Quando ele aparece no Novo Testamento, já é um homem "renascido", transformado pelo Espírito Santo. Ele se tornou um dos discípulos de Jesus. Depois de narrar o chamado de Tiago, João, André e Pedro para o discipulado, Marcos relata que Jesus passou novamente perto do mar e chamou Mateus (Mc 1.16-20; 2.13,14; Mt 9.9; Lc 5.27,28). Tempos depois foi guindado a um círculo novo e mais íntimo dos seguidores do Senhor, o círculo apostólico (Mc 3.13-19; Mt 10.1-4; Lc 6.12-16). Nessa exaltada posição permaneceu fiel ao Senhor, conforme constatamos em Atos 1.13.

Mesmo depois de convertido, Mateus era estimado por seus ex--colegas de trabalho, aos quais ofereceu um grande banquete de despedida (Mc 2.15). Muitos publicanos passaram a seguir Jesus por influência de Mateus. "O fato de Jesus ter-lhe dado como companheiro o queixoso, pessimista, mas arrojado Tomé indica que Mateus era paciente, bondoso e amável, uma grande felicidade para o colega".[1]

A tradição cristã nunca duvidou do fato de esse evangelho ter sido escrito por Mateus. Papias, bispo de Hierápolis (140 d.C.), a quem se deve a primeira citação histórica sobre desse evangelho, confirma a autoria mateana: "Mateus compôs as *logía* ["palavras" ou "oráculos" do Senhor] na língua aramaica, e cada qual interpretava como podia esses ensinamentos".

Irineu, bispo de Lyon (200 d.C.), e Orígenes (253-254 d.C.) confirmaram o testamento de Papias de que Mateus escrevera originalmente em aramaico. No entanto, esse original aramaico nunca foi achado. Provavelmente, mais tarde, o próprio Mateus compôs em grego o evangelho que tem seu nome, absorvendo suas *logía*, que foram então descartadas, por serem meras anotações de declarações de Jesus, e não um relato contínuo.

Irineu, Clemente de Alexandria e Eusébio de Cesareia (340 d.C.) testificaram que Mateus se utilizou de Marcos, o mais antigo dos evangelhos sinóticos, na composição do primeiro evangelho. Alguns autores afirmam que cerca de um quinto de Mateus não coincide com Marcos nem Lucas. A esse material eles designam "M", que pode ser uma fonte oral ou escrita, conhecida como "Testemunhos de Jesus".

Archibald T. Robertson declara o seguinte sobre as *logía* e o evangelho de Mateus: "Não há real razão pela qual Mateus não possa ter escrito as *logía* e o evangelho grego, ao mesmo tempo, a não ser que tenha dado igual valor às *logía* e ao evangelho de

---

[1] CRABTREE, A. R. *Introdução ao Novo Testamento,* p. 97.

Marcos".[2] Cumpre observar que o evangelho grego de Mateus não dá sinais de ter sido uma tradução. Isso responde à pergunta: Teria Mateus traduzido para o grego a sua *logía* em aramaico?

Data e local

A maioria dos estudiosos do Novo Testamento concorda que o evangelho de Mateus foi escrito no ano 60 d.C. Mas outras preferem pensar em 58, ou então em 65. A data limite é 70, ano da destruição de Jerusalém pelos romanos, quando se acentuou a brecha entre judeus e cristãos.

A opinião de mais peso é que o evangelho grego de Mateus foi escrito em Antioquia da Síria. Ao tempo de sua composição, Jerusalém já havia deixado de ser o grande centro cristão, tendo perdido tal privilégio para Antioquia (veja At 8.1; 11.19s).

Destinatários

Mateus escreveu primeiramente para judeus, apresentando-lhes o Messias, Jesus de Nazaré, de acordo com as Escrituras proféticas do Antigo Testamento.

Propósito

Diferindo do quarto evangelho, Mateus não diz abertamente a razão pela qual escreveu, mas é claro que tem o mesmo propósito dos outros evangelhos, para que possamos confiar em Cristo e nele receber a vida eterna. Mas pode-se deduzir do seu teor que foi escrito para servir de manual de instruções para a igreja. Dos quatro evangelhos, é o único que trata da "igreja" (16.18; 18.17) e termina nesse tom de instrução, na Grande Comissão (28.19,20). Também não podemos esquecer o elemento apologético de Mateus, como podemos ver no quinto grande discurso de Jesus, registrado nesse evangelho.

Plano do livro

Mateus arrumou seu material em torno de seis longos discursos ou "sermões":

1. O Sermão do Monte (5—7): A retidão própria do reino.
2. A comissão aos doze (10): O preço do discipulado cristão.
3. As parábolas do reino (13): O reino interiorizado nos crentes.
4. Atitudes próprias dos discípulos (18): Sentido da humildade e do perdão.
5. Denúncias contra os escribas e os fariseus (23): Condenação à hipocrisia religiosa.
6. O discurso do monte das Oliveiras (24.1-44).

Esses discursos geralmente terminam com alguma declaração como "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras [...]" ou "Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções [...]" etc. Mas isso não ocorre no caso do quinto discurso, que termina com um lamento sobre Jerusalém. O texto encerra-se com parábolas sobre a vigilância cristã e temas afins, e somente então lemos: "Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos [...]" (26.1).

Mateus procurou traçar o perfil de Jesus como o Messias prometido nas Escrituras do Antigo Testamento. Broadus D. Hale afirma:

> ... em Mateus há dez textos-prova do Antigo Testamento que apontam para a vinda de Cristo, seu ministério e sofrimento: 1.22; 2.15,17,23; 4.14; 8.17; 13.35; 21.4; 26.56 e 27.9. Essas passagens geralmente começam com um chavão: "[...] para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta".[3]

---

[2] ROBERTSON, Archibald T. *Word Pictures in the New Testament*, vol. 1, p. xi.

[3] HALE, Broadus D. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Juerp, 1983, p. 90.

Mateus mostrou que Jesus é maior do que o templo e as instruções judaicas. As três maiores possessões do judaísmo — a esperança messiânica, o templo de Jerusalém e a lei mosaica — cumpriram-se plenamente em Jesus. Por isso, reiteramos, Mateus escreveu para os judeus.

No evangelho de Mateus Jesus é o Messias da promessa. Isso posto, ele é o rei que governa em retidão e justiça, e, ao mesmo tempo, é o servo sofredor ou varão de dores de Isaías 53. Ficam estabelecidos os seguintes pontos. Em primeiro lugar, de Mateus 1.1 a 16.20, Jesus é o Emanuel, o "Deus conosco". As palavras e as obras de Jesus comprovaram que ele é exatamente aquele de quem Moisés e os profetas escreveram no Antigo Testamento. Em segundo lugar, de Mateus 16.21 a 28.20, o autor sagrado conduz-nos aos grandes ideais da profecia messiânica do Antigo Testamento. Jesus é o rei Messias e o servo sofredor do Senhor. Ao concluir essa porção, Mateus mostra o triunfo do ungido do Senhor, o rei da glória.

Desdobremos um pouco mais essa análise.

- Na primeira metade, Mateus 4.11 trata do preparo do Messias para o desempenho de sua missão. Diante de Jesus, de seus ensinos e de suas obras poderosas, os discípulos reconheceram que Jesus não era mero homem, mas o Deus-homem, o "Emanuel" (cap. 16).
- A genealogia prova a descendência abraâmica e davídica de Jesus. O anuncio do anjo do nascimento de Jesus e a visita dos magos provam que Jesus é "o rei dos Judeus". A proclamação de João Batista a Israel, bem como a voz celestial, confirmam que Jesus é o Messias.
- No trecho de 4.12 a 10.42 aparecem as instruções, dadas aos discípulos, para o desempenho de sua função no reino de Deus, instruções essas que culminam com os princípios distintivos do reino (10.35-42).
- Os capítulos 11 e 12 descrevem a oposição dos inimigos.
- No capítulo 13 encontramos as parábolas do reino. Por uma parte, esses símiles ocultavam dos adversários a verdade do reino, e, por outra, mostravam que em face da rejeição de Jesus, por parte dos judeus, o reino entrara em uma segunda face, interiorizando-se no coração dos fiéis, sem manifestação externa (no dizer de Lc 17.20,21). Esse detalhe é importante, pois é nessa fase que estamos vivendo, aguardando o segundo advento de Cristo, quando ele inaugurará a terceira e definitiva fase do reino, em que o reino de Deus será uma manifestação palpável na terra. Fica entendido que a primeira fase do reino prolongou-se desde o oferecimento do reino aos judeus, até que Jesus foi rejeitado pelos judeus, e em consequência do que o reino lhes foi tirado (Mt 21.43). Agora o reino "está conosco", ou seja, com os regenerados (judeus ou gentios sem distinção).
- De 16.21 em diante, Jesus começa a mostrar abertamente a necessidade de sua morte vicária e ressurreição. Em seguida, isso é confirmado na cena da transfiguração, no diálogo dele com Moisés e Elias (cap. 17).
- O capítulo 21 proclama a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Foi o derradeiro oferecimento do rei e seu reino. Uma vez rejeitado por seu antigo povo, Jesus lançou-se ao ataque, desmascarando seus adversários, em uma série de polêmicas (caps. 21—23). E encerrou a fase com um triste lamento sobre Jerusalém, afirmando o colapso de todo o sistema cerimonial do templo ("Eis que a vossa casa vos ficará deserta", 23.38), o que se prolongará até o segundo advento do Senhor ("[...] até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor"; v. 39).
- Nos capítulos 24 e 25 há o grande discurso profético de Jesus, também chamado de "O pequeno Apocalipse". Ali o Senhor desvendou em grandes pinceladas, momentos como: a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., a tribulação dos últimos dias de nossa era e seu segundo advento com o arrebatamento da igreja.

• Nos capítulos 26 e 27, além do relato sobre a última Páscoa, com a instituição da ceia, e sobre a agonia de Jesus no horto, temos a dramática narrativa da paixão e morte do Senhor Jesus. Os adversários procuram garantir que ele não voltaria à vida, conforme havia predito, "selando a pedra e deixando ali a escolta" (27.66).
• No capítulo 28 encontramos a reversão de todas as expectativas dos judeus incrédulos, ante o triunfo de Jesus sobre a morte e o sepulcro. E, em consequência, temos a grande comissão, dada a igreja cristã, para proclamar as universais boas novas da salvação. "Se com a tua boca confessares Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10.9).

Um ponto a não ser esquecido é que, se Mateus tanto sublinhou a pessoa de Cristo como o rei, também não descuidou de apresentá-lo como o profeta e o sumo sacerdote de nossa confissão. Mas isso ele diluiu ao longo de sua narrativa, deixando esses ofícios subentendidos. Quem melhor descortinou o "fim" do que Jesus em seu discurso profético? E quem, senão ele, ofereceu a Deus Pai uma expiação única, sem repetição, com a oferta de seu próprio corpo, obtendo "eterna redenção"? (veja Hb 9.11-14).

Peculiaridades

O dr. B. P. Bittencourt expõe um significativo quadro das peculiaridades do primeiro evangelho. Segundo ele, Mateus, seguindo a linha rabínica contemporânea, apresenta os arranjos aritméticos de seu material em grupos de três: há três divisões na genealogia de Jesus (1.1-17); três tentações (4.1-11); três determinações (7.7); três milagres de cura (8.1-15); três milagres de poder (8.23-9.8); três parábolas de semeadura (13.1-32); três orações no Getsêmani (26.37-44); três negações de Pedro (26.69-75); três perguntas de Pilatos (27.11-17) etc. Ele também usou o número sete, como as sete cláusulas da oração dominical (6.9-13); sete demônios (12.45); sete parábolas (13); sete pães (15.34); sete irmãos (22.25) etc.

O *Dicionário enciclopédico da Bíblia* lembra-nos de que Mateus estava bem informado quanto a assuntos financeiros. Dentre os evangelistas, ele é quem mais fala em dinheiro (12 vezes); muitos termos do mundo das finanças aparecem no seu evangelho, como "moedas" e "impostos". Mateus distinguiu mais variedades monetárias do que os demais evangelhos e usou mais vezes termos financeiros (Mateus, 38 vezes; Lucas, 22; Marcos, 8; João, 2).

Comparações com Marcos e Lucas

Sendo um dos três evangelhos sinóticos, Mateus tem pontos de contato com os de Marcos e Lucas. Estamos partindo da hipótese segundo a qual Marcos serviu de base para Mateus e Lucas, embora sem servilismo, pois eles também foram escritores independentes.

Marcos

Somente cerca de um quinto do volume de Mateus difere de Marcos. Quanto à trilha geográfica, Mateus segue Marcos.

1. Mateus segue Marcos de perto nos seguintes episódios:

a) Introdução (Mt 3.1—4.11; veja Mc 1.1-13).
b) Ministério na Galileia (Mt 4.12—13.58; veja Mc 1.14—6.13).
c) Período das retiradas (Mt 14.1—18.35; veja Mc 6.14—9.50).
d) Ministério na Pereia (Mt 19.1—20.34; veja Mc 10.1-52).
e) Última semana (Mt 21.1—28.8-9; veja Mc 11.1—16.18).

2. Marcos fica só nos seguintes fatos:

a) Cura do endemoninhado (veja Mc 1.23-28).
b) Pregação de Jesus nas sinagogas da Galileia (veja Mc 1.23-28).
c) Cura do surdo (veja Mc 7.32-37).

d) Cura do cego (veja Mc 8.22-26).
e) O homem que expelia demônios (veja Mc 9.38-40).
f) A oferta da viúva pobre (veja Mc 12.41-44).

3. O grego de Mateus é mais apurado que o de Marcos. Nas mesmas narrativas ele buscou vocábulos menos vulgares que os usados por Marcos. Exemplo: Marco usa *krábattos* (2.9), ao passo que Mateus usa *klíne* (9.2,6), termo usado pelas elites, para indicar "leito".

Lucas

1. Mateus e Lucas usaram algum material de forma totalmente independente um do outro.
2. Mateus e Lucas assemelham-se a Marcos, tendo-se baseado nele.
3. Quanto ao ministério de Jesus, Mateus e Lucas usaram material desconhecido por Marcos.
4. As diferenças entre Mateus, Lucas e Marcos prendem-se ao fato de Marcos não conhecer as *logía* que Mateus e Lucas conheceram e usaram.
5. Mateus e Lucas incluíram o relato sobre o nascimento de Jesus, cada qual de seu ângulo, mas Marcos omitiu tal relato.
6. Muitos pensam que Mateus e Lucas não chegaram a conhecer um ao outro.

Esboço

I - ANOS DE PREPARAÇÃO 1.1—4.11
1) Genealogia de Jesus 1.1-17
2) Nascimento de Jesus 1.18-25
3) A influência de Jesus 2.1-23
4) Ministério de João Batista 3.1-12
5) Batismo de Jesus 3.13-17
6) Tentação de Jesus 4.1-11

II - MINISTÉRIO NA GALILEIA 4.12—13.58
1) Primórdios 4.12-16
2) Conteúdo da pregação de Jesus 4.17
3) Primeiros discípulos 4.18-22
4) Primeira viagem pela Galileia 4.23-25
5) O Sermão da Montanha 5.1—7.29
a) As bem-aventuranças 5.1-11
b) A missão dos discípulos 5.12-16
c) O Messias e a lei 5.17-20
d) A justiça do reino 5.21-29
6) A realização do Messias 8.1—13.58
a) A autoridade do Messias 8.1—9.34
- sobre as enfermidades 8.1-17
- sobre os discípulos 8.18-22
- sobre a natureza 8.23—9.8
- sobre o racismo 9.9-17
- sobre a morte 9.18-34

b) A preparação dos discípulos 9.35—11.1
- a seara é grande 9.35-38
- envio de obreiros 10.1—11.1

c) Natureza do ministério messiânico 11.2-30
- inutilidade da sabedoria humana 11.2-24
- Jesus e o Pai 11.25-30

d) A oposição dos fariseus 11.25-30
e) A oposição dos familiares de Jesus 12.46-50
f) Primeiro grupo de parábolas 13.1-53

g) Jesus rejeitado em Nazaré 13.54-58

III - MINISTÉRIO DAS RETIRADAS 14.1—18.35

1) Morte de João Batista 14.1-12
2) Obras miraculosas 14.13—15.39
3) Oposição crescente 16.1-12
4) A confissão de Pedro 16.13-20
5) O reino no ministério de Jesus 16.21-28
6) A transfiguração 17.1-8
7) Os imprevistos 17.9—18.35

IV - PELA PEREIA, RUMO A JERUSALÉM 19.1—20.34

1) A questão do divórcio 19.3-12
2) Crianças são abençoadas 19.13-15
3) O jovem rico 19.16-26
4) Serviços e galardões 19.27—20.28
5) Cura de dois cegos 20.29-34

V - EM JERUSALÉM 21.1—26.2

1) Entrada triunfal 21.1-11
2) Purificação do templo 21.12-17
3) A figueira amaldiçoada 21.18-22
4) Controvérsias com as autoridades 21.23—23.39
5) Discurso escatológico de Jesus 24.1—26.2

VI - PRISÃO, CONDENAÇÃO E MORTE DE JESUS 26.3—27.66

1) Preliminares 26.3-16
2) A ceia memorial 26.17-30
3) Predição da negação de Pedro 26.31-35
4) No Getsêmani 26.36-46
5) Detenção de Jesus 26.47-56
6) Perante Caifás 26.57-75
7) Jesus entregue a Pilatos 27.1-2
8) O suicídio de Judas 27.3-10
9) A condenação de Jesus 27.11-26
10) A crucificação 27.27-66

VII - A RESSURREIÇÃO 28.1-20

1) O anjo e s mulheres 28.1-8
2) Jesus aparece às mulheres 28.9,10
3) O boato dos guardas 28.11-15
4) Aparição final aos onze 28.16-20

8
Marcos

Autoria

O autor se chama "João", do grego *Ioannes*, derivado do hebraico *Yohana*, isto é, "Javé tem sido gracioso". Em Atos 12.12 acrescenta-se "Marcos", nome latino que significa "grande martelo". Em Atos 13.13 ele é chamado simplesmente de "João"; a partir daí o Novo Testamento denomina-o tão-somente "Marcos" (Cl 4.10; 2Tm 4.11; Fm 24; 1Pe 5.13). Esse evangelho é conhecido por "segundo Marcos".

Marcos era filho de uma ilustre senhora chamada Maria (At 12.12). Em sua casa reunia-se uma igreja cristã, orando nas caladas da noite pela libertação de Pedro, encarcerado por Herodes. Como o nome do marido dessa Maria não é mencionado, supõe-se que ela era viúva. Há outra referência bíblica da contelação familiar de Marcos. Colossenses 4.10 informa que ele era "primo" de Barnabé, o que significa que Barnabé deveria ser sobrinho da mãe ou do pai falecido de Marcos. De acordo com Atos 12, Marcos residia em Jerusalém. Uma pergunta fica no ar: Teria também nascido nessa cidade?

Não sabemos onde o autor se converteu. Marcos não foi testemunha ocular e auricular de todo o ministério de Jesus. Porém, estava entre os primeiros convertidos a Cristo em Jerusalém. Ele presenciou os sofrimentos dos apóstolos, acompanhou a execução de Estevão, viveu o drama da decapitação de Tiago, irmão de João, e em casa de sua mãe orou pela liberação de Pedro.

Paulo e Barnabé foram de Antioquia da Síria a Jerusalém levar ajuda aos crentes necessitados da Judeia. É provável que nessa ocasião Marcos, em companhia de Paulo e Barnabé, tenha deixado Jerusalém e ido para Antioquia. Ele acompanhou Paulo e Barnabé na primeira viagem missionária deles. Depois de Salamina e Pafos, em Chipre, chegou a Perge. Mas dali retornou a Jerusalém, sem dar nenhuma explicação. Isso levou a um desentendimento entre Paulo e Barnabé. Com o rompimento entre eles, Marcos acompanhou seu primo, que viajou de novo na direção de Chipre. No decorrer dos anos, talvez muitos, Marcos, premido entre a rigidez de Paulo e a brandura de Barnabé, tornou-se um notável obreiro cristão. Paulo solicitou novamente a sua ajuda em 2Timóteo 4.11.

Marcos é chamado de "filho" pelo apóstolo Pedro (veja 1Pe 5.13), talvez por ser bem mais jovem e ter ficado em sua companhia por tanto tempo, talvez em viagem de evangelização.

Data e local

A. T. Robertson declara: "Um dos resultados mais nítidos da esclarecida crítica moderna dos evangelhos é a aceitação geral da data primitiva do evangelho de Marcos".[1] Não se pode fixar com precisão o ano em que Marcos escreveu seu evangelho. A crítica tem afirmado que ele escreveu entre 50 e 55 d.C. Na ocasião, já circulavam as *logía* de Mateus, como também Gálatas e 1—2Tessalonicenses. Alguns poucos estudiosos lhe dão data posterior a 60 d.C., mas Harnack, famoso erudito, preferia falar entre 48 e 55 d.C.

Muitos estudiosos põem em dúvida a tradição de que Marcos foi publicado após sua morte. Essa é uma questão complexa, envolvendo muitos fatores históricos. T. W.

---

[1] ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, vol. 1, p. 249.

Manson, levando em conta a dificuldade, foi muito elástico em seus cálculos, tendo citado o intervalo entre 58 e 65 d.C.

Até os dias de Lutero, nunca constituiu problema o fato de Pedro ter estado ou não em Roma. Mas, da Reforma do século XVI em diante, romanistas e protestantes disputaram sobre a estada de Pedro naquela cidade. Sem isenção de ânimo, podemos concluir que Pedro realmente esteve em Roma, mas isso em nada altera a realidade bíblica nem favorece a tese romanista de que Pedro foi o primeiro papa. Foi em Roma, aos pés de Pedro, que Marcos escreveu seu evangelho.[2]

Destinatários

Ao produzir seu evangelho em Roma, Marcos visava aos gentios que deveriam ser alcançados pelo evangelho. As expressões aramaicas *talitha cumi* (Mc 5.41) e *ephphata* (Mc 7.34), com sua tradução para o grego, provam que os destinatários de Marcos eram gentios, que, via de regra, não conheciam o aramaico. Acresça-se a isso o problema da "purificação" dos judeus, ritual explicado com detalhes a fim de beneficiar leitores gentios não familiarizados com essa prática (Mc 7.2-23).

Marcos ou Pedro?

Mateus e João foram testemunhas do ministério de Jesus, começando pelo seu batismo e terminando com sua ascensão; Lucas examinou fontes fidedignas; e Marcos retirou seus ensinamentos na fonte de Pedro. A mão é de Marcos, mas a voz é de Pedro. A tradição afirma que Pedro pregava aos catecúmenos de Roma ou do Oriente, e que Marcos conservou, sob forma escrita, o que Pedro pregava. Pedro foi inicialmente usado para levar a mensagem de Cristo aos gentios (At 10).[3]

Fontes

Além de Pedro como fonte informativa, devemos pensar nas tradições cristãs dos crentes de Roma. Naquela comunidade, Marcos deve ter encontrado vasto material escrito, que lhe serviu de base para a redação do segundo evangelho. Também ali deve ter recebido valiosas informações orais de testemunhas oculares dos fatos narrados no evangelho ou que conheceram pessoas que presenciaram esses fatos. Pode-se supor que Marcos colheu informações fora de Roma, de outros apóstolos de Jesus, pois esteve em muitos lugares, na companhia de Paulo, Barnabé e Pedro. Russell Champlin afirma: "O que é verdade é que todas as fontes informativas, tanto esta como aquelas, foram mencionadas, tiveram seu manancial na tradição cristã primitiva que começou na Palestina [...]".[4] É fora de dúvida que ao escrever seu evangelho, Marcos não conhecia ainda as *logía* de Mateus.

Propósito

Marcos, diferentemente de Lucas, que declarou seu propósito ao escrever seu evangelho (Lc 1.1-4), já inicia sua narrativa de forma direta: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus" (1.1). Desse modo, ele criou uma nova forma de literatura, "o evangelho", "as boas novas", um testemunho cristão, e não exatamente uma biografia. E isso serviu de padrão para a igreja. É como se ele estivesse expondo material básico para sermões.

---

[2] Veja BRATCHER, R. G. "Testemunho da História". *Revista Teológica*, julho de 1953, p. 81-83.

[3] Veja CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. I, p. 659.

[4] CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. I, p. 660.

Marcos não visava a servir de propaganda para conversão dos não cristãos. Seu objetivo era firmar a fé dos que já eram cristãos. Marcos descreveu a "paixão e a morte" de Jesus usando mais ou menos um quinto do volume de seu evangelho. Ele escreveu para uma igreja mártir, cujos membros a qualquer momento poderiam ser atirados às feras nas arenas do Império. Marcos menciona a perseguição em um trecho no qual os demais evangelistas silenciam (10.45). Ele pretendia consolar os soldados da cruz. Assim como Jesus sofreu por nós, também precisamos dar testemunhos corajosos acerca dele, mesmo que tenhamos de pagar isso com a própria vida. Pedro e Paulo estavam prestes a ser martirizados. Roma foi incendiada por Nero em 64 d.C. Três anos depois desse episódio, aqueles dois grandes apóstolos foram executados.

Se Mateus apresentou Jesus como o "Rei messiânico", e Lucas como o "Homem perfeito", Marcos o expôs como "o Servo de Javé", incansável em suas atividades. Esse aspecto obtém maior culminância expressa nestes termos: "Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos" (10.45).

Também há uma nota apologética em Marcos. Como e por que os judeus rejeitaram seu próprio Messias? Devido à dureza de seu coração (3.5), o que culminou no repúdio a Jesus por parte do Sinédrio (14.61-64). Os próprios discípulos exibiram, vez por outra, um coração esclerosado, embora muito mais por não terem entendido seu ensino (6.52; 8.17). Marcos, pois, reflete Isaías 53.3,4, onde aquele profeta versa sobre o servo sofredor de Javé.

Plano do livro

João Marcos dispôs seu material, escolhendo e organizando tudo com a finalidade de demonstrar a "progressão dos fatos". Portanto, dividiu seu relato em períodos distintos, encerrando-os com o desfecho da morte de Jesus e o seu triunfo sobre o sepulcro. Nesse arranjo por períodos, ele foi bem simples, oferecendo-nos o "âmago", que os outros evangelistas encarregaram-se em preencher com os resultados de seu conhecimento pessoal ou o fruto de suas investigações.[5] Sigamos seu arranjo:

Primeiro período (1.1-13). Nesse período ele relatou a preparação de Jesus para seu ministério, a preparação de João Batista, o batismo e a tentação de Jesus. Abrange os anos de 26 e 27 d.C. Os três outros evangelhos narram muita coisa antes desse primeiro período de Marcos, abrangendo fatos preliminares ao nascimento de João Batista e Jesus, e sobre a infância de Cristo até seus 12 anos de idade.

Segundo período (1.14—6.56). Temos aí o ministério inicial de Cristo na Galileia. Esse período medeia entre a primeira e a terceira Páscoa do ministério de Jesus. Cobre os anos de 27 e 28 d.C. Mateus, Lucas e João incluem lances anteriores aos apresentados por Marcos. João registra no fim desse período a multiplicação dos pães para os 5 mil.

Terceiro período (7.1—9.50). Encontramos aí o ministério final de Cristo na Galileia. Foi seu ministério das retiradas, quando ele passou a voltar-se mais para os seus discípulos. Esse período medeia entre a terceira e a quarta Páscoa do ministério de Jesus. Cobre somente o ano de 29 d.C. João foi o único a indicar que Jesus adiou sua visita a Jerusalém para celebrar sua terceira Páscoa (Jo 7.1-10). Marcos faz total silêncio sobre os eventos da festa dos Tabernáculos, seis meses após a terceira Páscoa. Quem dá informação sobre tais eventos, principalmente os dois primeiros, é João, Lucas e

[5] O leitor poderá acompanhar melhor os seis "períodos" do evangelho de Marcos, comparando-os com o arranjo do material dos outros evangelhos (incluindo o de João), examinando a "Harmonia dos evangelhos" completa que oferecemos no Apêndice 1.

Mateus. Esses dois chegam a entrar em episódios ocorridos em 30 d.C., desde que Jesus ensinava no templo de Jerusalém (Jo 7.1-10), no ano 29, até que, após uma segunda visita a Jerusalém, ele parte para Efraim (Jo 11.54).

Quarto período (10.1-52). Nesse período, Jesus já está em viagem para Jerusalém, atravessando a Samaria. Portanto, ocorreu um salto histórico de alguns meses, desde que os discípulos brigaram sobre quem seria o maior deles, até que Jesus atravessou o Jordão. Cobre acontecimentos de 30 d.C. Lucas registra três episódios anteriores ao que Marcos conta: a cura dos leprosos na fronteira com a Samaria, e as parábolas do juiz e a mulher importuna, e do fariseu e o publicano. Também inclui acontecimentos posteriores ao último narrado por Marcos, que foi a cura de Bartimeu e outro cego (10.46-52), a saber: a chamada de Zaqueu e o ensino de Jesus sobre a proximidade ou não do reino, com a parábola das dez minas (Lc 19.2-28). Mateus e João adicionaram a unção de Jesus em Betânia (Mt 26.6-13; Jo 12.12-19); Marcos desloca essa narrativa para 14.3-9, e João narra mais dois episódios: os judeus procuram tirar a vida de Jesus (11.55-57) e muitos querem ver Lázaro ressurreto e ter Jesus em Betânia (12.9-11).

Quinto período (11.1—15.47). Esse período dura apenas seis dias do ano 30 d.C., desde a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, em um domingo ou primeiro dia da semana, até o sepultamento de Jesus, nos últimos instantes da sexta-feira. Os quatro evangelistas mostraram-se bem harmônicos em seus relatos, mas ainda assim Mateus, Lucas e João acrescentaram alguns pequenos pormenores ao que Marcos registrara. Mateus narra o evento final: a guarda no sepulcro (27.62-66), omitido pelos outros três evangelistas.

Sexto período (16.1-20). Esse período abarca 40 dias, a começar pelo primeiro dia da semana seguinte ao da última Páscoa, e daí até a ascensão do Cristo ressurreto. No relato bíblico, a atenção maior recai sobre as aparições de Cristo naquele primeiro dia, em que um total de cinco; as demais aparições de Cristo, após aquele primeiro dia, em grande número, são diluídas em lances historiados. Quanto a essas outras aparições, Lucas se silencia totalmente e Paulo tem algo a dizer em 1Coríntios 15.6,7.

Naturalmente, essa divisão em períodos, nos termos em que aparece aqui, no que tange ao sexto período, depende de aceitarmos ou não como autêntica a passagem de Marcos 16.9-20. Partimos do pressuposto de que ela é autêntica.

No entanto, os estudos feitos pela crítica textual não apoiam a autenticidade desses dez versículos. (A crítica textual é sempre muito séria em seus métodos e conclusões, visto que se baseiam em documentos escritos antiquíssimos, que podem ser cortejados entre si).

Os gramáticos do grego coiné secundam a crítica textual ao afirmar que uma sentença no grego não pode terminar com a conjunção *gàr*, segundo se vê no texto grego original de Marcos 16.8. Apoiados nessa regra gramatical opinam que, de algum modo, perdeu-se o final do evangelho de Marcos. Escribas posteriores teriam se baseado nos outros evangelhos para criar um final para o evangelho de Marcos. Essa opinião parece confirmada pelo fato de que há dois outros términos nos manuscritos não tão antigos, um mais longo e outro mais breve. Que nenhum dos três términos foi composto por Marcos é fato que todos os estudiosos confirmam. Em suma, os doze versículos disputados não fariam parte autêntica do evangelho de Marcos, visto serem baseados em informes dados pelos outros três evangelhos.

Os manuscritos mais antigos encontrados até hoje, o Alef, o Vaticano e o 304, não os contêm. E também algumas versões mais antigas, como o siríaco, o copta, os manuscritos armênios e o Geo1, A. Acrescente-se que vários pais da igreja aceitavam esses versículos expressando dúvidas, como Clemente (da segunda geração de cristãos),

Orígenes, Eusébio, Jerônimo etc. E é praticamente impossível derrubar esse testemunho.

Apelar para as traduções é esquecer que elas foram feitas quando o final de Marcos 16.9-20 já estava consagrado pelo uso. A discussão precisa girar em torno dos manuscritos gregos. Seja como for, com ou sem eles, o ensino cristão em nada se altera, pois o que se acha naqueles versículos já estava nos outros evangelhos, se não em palavras exatas, pelo menos em espírito.

No caso de eles não serem, afinal, autênticos, teremos de chegar a uma interessante conclusão: Marcos é o único evangelho que ficou por terminar, como se isso fosse uma parábola: os atos de Jesus não cessaram quando ele ressuscitou; antes, até hoje, por intermédio do Espírito Santo, prosseguem em contínua caminhada.

Peculiaridades

Para Marcos, como para os outros evangelhos, Cristo Jesus é tanto o Filho de Deus quanto o Filho do Homem. Ele é o Deus-Homem, único de sua categoria. Eles apresentam essas ideias sem jamais as confundir, e independentemente do ângulo em que estivessem retratando o Senhor. Nessa linha de pensamento, Cristo é o seu nome divino, e Jesus, o seu nome humano.

Marcos retratou Cristo como o "servo", exposto por Isaías. Conforme Marcos dá a entender, Jesus tinha urgência em cumprir a vontade do Pai. Paulo, por sua vez, frisou a *kênosis* ou estado de humilhação de Cristo, que ele assumiu ao humanar-se no ventre de Maria e perdurou até que ele ressuscitou gloriosamente. Foi na ressurreição que ele divinizou o seu próprio corpo físico, ou, no dizer de Paulo, "[...] foi designado Filho de Deus [...] pela ressurreição dos mortos [...]" (Rm 1.4). O "servo", por sua fidelidade, sentou-se no trono da majestade, nas alturas.

No começo do relato de Marcos divisamos a natureza do serviço prestado por Jesus. Ele nos trouxe o evangelho, que anuncia a salvação ao gênero humano perdido. Isso é um paralelo da declaração joanina: "Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (Jo 1.17).

O FINAL DE MARCOS 16

Muitas traduções em português trazem Marcos 16.9-20 entre colchetes, como a Almeida Século 21 (Edições Vida Nova) e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (Sociedade Bíblica do Brasil); outras, como a Almeida Revista Atualizada do Brasil, da SBB, não empregam colchetes; outras ainda, mesmo não empregando colchetes, indicam por meio de notas de rodapé que o trecho em questão não consta nos manuscritos mais antigos, como a Nova Versão Internacional (Sociedade Bíblica Internacional) e a Bíblia Viva (Editora Mundo Cristão).

A. R. Crabtree, em seu excelente livro Introdução ao Novo Testamento, diz enfaticamente: "Marcos 16.9-20 — Interpolação" (p. 94). Uma linguagem forte e incômoda.

Transcrevo aqui o Manual bíblico de Halley: "Os doze últimos versículos de Marcos [16.9-20] (frequentemente chamados 'a conclusão longa') não constam dos manuscritos Sinaítico e Vaticano [...], mas foram aceitos no início da história da igreja como parte genuína do evangelho segundo Marcos. Considera-se provável que a última página do manuscrito original tenha se perdido, sendo acrescentada posteriormente. Não parece que o versículo 8 seja uma conclusão apropriada para o livro" (São Paulo: Vida, 2001, p. 512).

No grande número de traduções que possuo, em mais ou menos 20 línguas diferentes, nenhum tradutor teve a coragem de omitir esse trecho de Marcos. Essa aceitação universal é prova segura de que Marcos 16.9-20 é genuíno. O fato de não

constar em alguns manuscritos não o prejudica, pois, com exceção do Sinaítico (Alef), nos demais códices grandes e respeitáveis faltam livros inteiros do Novo Testamento, e não somente essa parte de Marcos. Vamos desprezar tais livros por esse motivo? Ainda mais, se fizermos um cotejo entre Marcos, Mateus e Lucas, principalmente este último, encontraremos, em trechos isolados, o mesmo conteúdo dessa porção de Marcos. Concluímos, pois, que Marcos 16.9-20 é realmente genuíno.

Enéas Tognini

Desde o início de sua pregação, Jesus mostrou a graciosa ternura de Deus Pai, que chama o pecador à mudança de atitude e à confiança em Cristo Jesus, para que seja salvo (veja Mc 1.15). A pregação apostólica nunca se afastou dessas linhas mestras: "[...] testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21).

Outras peculiaridades

De acordo com os grandes helenistas, Marcos foi escrito em um grego coiné popular, simples, sem artifícios literários. Muitos erros gramaticais do evangelho de Marcos são atenuados nas traduções.

Marcos foi o campeão do uso da preposição grega *kai*, "e". Um estilo quase infantil. Das 1.270 palavras gregas que usou, apenas 80 lhe são peculiares. Dos três evangelhos sinóticos, é o que apresenta maior número de aramaísmos. Ninguém refletiu melhor que ele o linguajar da Palestina.

O que lhe falta em beleza de estilo, porém, foi mais do que compensado pelo vigor de suas descrições movimentadas, cheias de vida. Isso transparece melhor no grego, com um uso constante do presente do indicativo, que no coiné é o tempo verbal da ação. Por exemplo: "E vem até defronte dele um leproso, implorando e dizendo-lhe: 'Se quiseres, podes purificar-me' " (Mc 1.40 — tradução livre, baseada no grego original). O verbo "vem" está no presente, e não no passado, conforme se vê em nossa versão portuguesa. Marcos contou o episódio como se estivesse ocorrendo naquele instante.

Apesar de algumas deficiências, Marcos é reputado o genial criador de um novo e artístico gênero literário — o evangelho. Mateus, Lucas e João não acharam coisa melhor a fazer senão copiá-lo.

Comparação com Mateus e Lucas

Comparar Marcos com Mateus e Lucas revela dados interessantes:

1. Dos 661 versículos de Marcos, 600 foram copiados por Mateus. A narrativa de Mateus segue a de Marcos, embora não fique nisso, pois Mateus tem material todo seu. Desses versículos de Marcos, Mateus e Lucas aproveitam 610.
2. Mateus e Lucas usaram Marcos como esboço, melhorando a gramática e acrescendo fatos omitidos por ele, como as genealogias, o Sermão da Montanha, a conversão de Zaqueu, a parábola do filho pródigo etc.
3. Lucas usou 60% dos versículos de Marcos. Logo, menos do que o fez Mateus, mas preservando a mesma ordem de palavras.
4. Mateus 8.2,3 abranda o estilo duro de Marcos 1.40-44 no episódio da cura do leproso. Mas, quanto ao grego, Mateus perde em vivacidade de linguagem.
5. Dentre as 41 parábolas que aparecem nos sinóticos, 8 também aparecem em Marcos. E uma delas lhe é peculiar, a da semente em desenvolvimento (4.26-29).
6. Dos 40 milagres dos sinóticos, 2 são exclusivos de Marcos: o do surdo-mudo (7.31) e do cego (8.22). Compare também Marcos 3.5 com Mateus 12.10-14; e Marcos 10.14 com Mateus 19.13-15. Nesses casos, houve pé de igualdade; mas, em outros, Mateus procurou melhorar o estilo de Marcos.

Esboço

I - PRINCÍPIO DO EVANGELHO DO FILHO DE DEUS 1.1-13
1) O ministério do precursor 1.1-8
2) Batismo de Jesus 1.9-11
3) Tentação de Jesus 1.12,13
II - O GRANDE MINISTÉRIO NA GALILEIA 1.14—6.56
1) Primórdios 1.14-20
a) João é preso e Jesus vai para a Galileia 1.14
b) O tema da pregação de Jesus 1.15
c) Os primeiros discípulos 1.16-20
2) O grande médico 1.21-45
3) Os conflitos com os líderes 2.1—3.35
a) Cura do paralítico 2.1-12
b) Chamado de Levi 2.13,14
c) Jesus e os pecadores 2.15-17
d) Debate sobre o jejum 2.18-22
e) Debate sobre o sábado 2.23-28
f) Cura do homem de mão ressequida 3.1-6
g) Cresce a popularidade de Jesus 3.7-12
h) A missão dos doze 3.13-19
i) A blasfêmia dos escribas 3.20-30
j) Solicitude da família de Jesus 3.31-35
4) Ensino parabólico de Jesus 4.1-41
5) Obras miraculosas de Jesus 5.1-43
6) Rejeição de Jesus pelos nazarenos 6.1-6
7) A missão dos doze 6.7-13
8) Morte de João Batista 6.14-29
9) Mais milagres de Jesus 6.30-56
III - MINISTÉRIO DAS RETIRADAS 7.1—9.50
1) Novos conflitos com os líderes 7.1-23
2) Outros milagres de Jesus 7.24—8.9
3) O fermento dos fariseus 8.10-21
4) Cura do cego de Betsaida 8.22-26
5) A confissão de Pedro 8.27-30
6) Jesus muda seu método de ensino 8.31—9.1
7) A transfiguração 9.2-13
8) Vários incidentes 9.14-50
IV - A CAMINHO DE JERUSALÉM 10.1-52
V - ÚLTIMA SEMANA, EM JERUSALÉM 11.1—16.8
1) Entrada triunfal do servo 11.1—12.44
2) O sermão profético de Jesus 13.1-37
3) O aparente triunfo dos adversários 14.1—15.47
VI - TRIUNFO FINAL DE JESUS 16.1-20

9
Lucas

Introdução

O terceiro evangelho é o mais extenso dos evangelhos sinóticos; na verdade, é o mais extenso livro do Novo Testamento. Mas o evangelho de Lucas é apenas a primeira metade de um relato mais completo, do qual Atos dos Apóstolos é a segunda metade. Mateus apresentou Jesus como o rei messiânico; Marcos, como o servo sofredor, sempre ativo; e Lucas, como o homem perfeito, cheio de simpatia para com toda a humanidade, salvador de todos os homens, sem distinções de nenhuma espécie. A mensagem central do livro aparece em 15.32: "[...] este teu irmão estava morto, e reviveu; estava perdido, e foi achado".

Mais do que nos outros evangelhos, o de Lucas frisa questões como a oração, o ministério do Espírito Santo (o que ele destaca, mais do que nunca, em Atos dos Apóstolos), o papel da mulher crente na comunidade cristã etc.

Autoria

Lucas é o único autor sagrado do Novo Testamento e das demais Escrituras que não foi judeu. Isso testifica do fato que, em Cristo, "[...] não pode haver grego nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo e em todos" (Cl 3.11). Embora grego, o que se depreende da facilidade com que redigia no melhor coiné da época, não foi desprezado de modo algum pela comunidade cristã, a qual, quando Lucas surgiu em cena, já havia aprendido a jamais traçar fronteiras raciais entre os seguidores do Senhor Jesus. É verdade que alguns modernos sugerem a possibilidade de Lucas ter sido judeu nascido fora de Israel, mas isso é extremamente improvável.

No grego, seu nome aparece como *Loukás*, provável abreviação do nome latino *Lucanus* ou *Lucilius*. Portanto, parece que seu nome reflete a ideia de "luz". De fato, como historiador disciplinado, humilde e modesto, ele lançou um facho de luz sobre a história da igreja. Que seria de nós sem Atos dos Apóstolos? Como poderíamos reconstruir os passos da igreja quando ela ainda engatinhava em Jerusalém? Ou como poderíamos saber de que maneira, de mera "seita" judaica, o cristianismo passou a ser a religião universal? Devemos isso e muito mais a Lucas.

Muitos se perguntam se Lucas foi um ministro ou um leigo. Nada há nas páginas do Novo Testamento que nos autorize atribuir a Lucas um ofício ministerial. Se o tinha, isso nem ao menos fica subentendido nas páginas sagradas. Como leigo, porém, Lucas deixou-nos a preciosa lição de que todo cristão, se for servo fiel do Senhor, mesmo que não seja pastor, nem diácono, nem evangelista, nem profeta, pode desempenhar importantíssimo papel na igreja do Senhor Jesus. Um pastor é apenas um "irmão em Cristo" que recebeu uma espinhosa tarefa. Pesam sobre eles grandes responsabilidades, e somente a graça de Deus pode sustentá-los na sua fiel execução. O Senhor disciplina-os mais severamente que a outros irmãos, mormente se forem "mestres" (veja Tg 3.1). Que cada qual fique na vocação em que foi chamado. Não sejamos vaidosos, pensando que só poderemos servir no reino de Deus como ministros do evangelho.

Se Marcos foi o porta-voz de Pedro, pode-se aceitar que Lucas foi o porta-voz de Paulo, de quem foi companheiro e cooperador em muitos momentos da vida. Disso Lucas dá testemunho nas chamadas seções "nós" de Atos (16.10-17; 20.5-15; 21-1-18; 27.1—28.16). Mas foi muito independente deste em suas investigações históricas, mesmo porque Paulo não era uma das testemunhas oculares originais.

Não há certeza sobre o que sucedeu a Lucas após a execução de Paulo, em 67 d.C. Mas o prólogo antimarcionita, apenso em algum lugar ao seu evangelho, informa que Lucas continuou a servir solteiro ao Senhor e morreu em Beócia, na Grécia, aos 84 anos de idade.

William Ramsey, após pacientes investigações, chegou a certas conclusões acerca de Lucas. Uma delas é que o "médico amado" também foi um historiador maior do que Tucídides, Xenofonte ou Heródoto. E não somente por haver investigado acuradamente os fatos, mas também por ter sido o homem do momento, posto no centro do palco de cenas que haveriam de tornar-se imorredouras. Ele foi testemunha de alguns dos primeiros passos do cristianismo, quando este já se ia universalizando, devido aos esforços incansáveis de Paulo, imortalizado nas páginas lucanas.

Lucas também demonstrou possuir forte senso de ética profissional. Enquanto Marcos 5.25,26 escreveu: "[...] certa mulher [...] muito padecera à mão de vários médicos [...]", Lucas, referindo-se ao mesmo episódio, disse apenas: "[...] e a quem ninguém tinha podido curar [...]" (8.43). Logo, ele não desprezou seus colegas médicos.

Confirmação da autoria lucana

O autor do terceiro evangelho começa afirmando que já existiam escritos sobre o ministério de Jesus. "Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram [...]" (Lc 1.1). É provável que se referisse ao evangelho de Marcos e as *logías* de Mateus, entre outros. Ele também consultou "testemunhas oculares e ministros da palavra" (Lc 1.2). Quem seriam essas testemunhas e esses ministros? Temos aí uma alusão direta aos apóstolo do Senhor. Além disso, Lucas afirma: "Igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação [...]" (Lc 1.3). Lucas não somente consultou as fontes escritas existentes, mas também Maria, mãe de Jesus, e os seus irmãos, além de homens e mulheres que acompanharam o Senhor em suas jornadas, como aquelas mencionadas em Lucas 8.1-3; e também consultou lecionários que já estavam em uso nas igrejas, bem como todo o material a que teve acesso.

Lucas afirma que daria a Teófilo "uma exposição em ordem" (Lc 1.3). Os documentos que chegaram às mãos de Lucas, embora fidedignos, estariam fora de ordem. Quantas versões orais ele deve ter ouvido. Então, como fiel historiador, ele examinou minuciosamente os fatos um a um, dispondo tudo em perfeita ordem cronológica, com o intuito de dar a Teófilo a "plena certeza das verdades em que foste instruído" (Lc 1.4).

O *Dicionário enciclopédico da Bíblia* afirma: "A questão das fontes é a questão acerca dos elementos de composição". Contudo o estudo do evangelho não se reduz ao estudo de suas fontes. [...] É evidente que Lucas usou material já existente. O prólogo e a estrutura do evangelho fornecem indícios a esse respeito".[1]

Fontes do século II d.C. revelam que Lucas, companheiro de Paulo (veja 2Tm 4.11), o "médico amado" de Colossenses 4.14, foi o autor do terceiro evangelho e de Atos. No século XIX, porém, surgiram dúvidas sobre a autoria lucana desses dois livros, mormente por parte de F. C. Baur, da escola crítica de Tübigen, na Alemanha. Mas à luz das pesquisas modernas, iniciadas pelo arqueólogo William Ramsay, da Oxford University, chegou-se a conclusão de que Lucas e Atos foram escritos por uma só mão, a mão de um médico, Lucas. O especialista Broadus D. Hale afirmou: "No final do

[1] *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 905.

último século, apareceu uma obra que pareceu pôr fim a todos os argumentos".[2] Essa obra confirma a autoria lucana.

William K. Hobart, em *The Medical Language of St. Luke*, a partir de suas investigações ao comparar o vocabulário de Lucas-Atos com Hipócrates, Galeno, Discórides e Areten (médicos do mundo antigo), concluiu que o material lucano foi escrito por um médico. Tal autor utilizou-se de termos médicos, em contraste com os demais escritores do Novo Testamento, fazendo uso de palavras e locuções que somente um médico usaria, devido ao seu treinamento e hábito. Lucas revelou conhecimentos de medicina nestes textos de seu evangelho: 4.38; 5.18,31; 7.10; 8.44; 21.34, e também em At 5.5,10 e 9.40. Adicionalmente, em Mateus 19.24 e em Marcos 10.25 lemos acerca de um camelo passar pelo fundo de uma agulha (no grego, *rafís*, agulha de coser); mas Lucas 18.25 usa *belónes*, "agulha de cirurgião".

Adolf Harnack, em *Luke the Phisician*, chama atenção para o pronome oblíquo "nós" em Atos 28.10, "[...] como que se referindo à participação do autor na obra de cura na ilha de Malta". Apesar de a crítica moderna dizer que o autor de Lucas-Atos não tinha de ser necessariamente um médico, embora não haja elementos para negar a possibilidade, ele é a única figura do Novo Testamento a ser chamada de "médico" (Cl 4.14).

O vocabulário usado por Lucas, rico e elevado, a gramática precisa e o estilo nobre tem levado alguns críticos a concluir que a língua materna desse autor só poderia ser o grego. Além de raros empregos de "amém", os dois livros não contêm nem vocábulos nem expressões semíticos. O prefácio do evangelho revela a formação helênica do autor. Essa origem não-semita pode ser vista em Lucas 6.47; 8.16; 11.33; 12.54 e 13.19. O conteúdo social e cultural desses dois livros evidencia quem eram os destinatários.

Acerca do estilo de Lucas, o dr. B. P. Bittencourt escreveu com muita autoridade:

> O evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos revelam um autor cuja pena é uma das mais versáteis do Novo Testamento. Já se fez menção ao prefácio do evangelho 1.1-4, que representa um período do mais puro grego, como o de Heródoto ou Tucídides [...] seu uso optativo, característica dos aticistas, mostra a sua capacidade literária. Lucas usa com muita propriedade os particípios, em construções idiomáticas.[3]

Há uma evidência de grande peso que marca a autoria lucana dos dois livros. Nas quatro seções "nós" de Atos (16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1—28.16) o pronome da primeira pessoa do plural indica que o autor foi, ao mesmo tempo, "testemunha" dos fatos descritos e companheiro de Paulo, personagem central desses textos. Broadus D. Hale nos informa o seguinte: "O autor de Lucas-Atos teve o cuidado de indicar, em cada prefácio, que houve ocorrências das quais ele não foi testemunha, e que seu material fora extraído de várias fontes. Seria improvável que alguém, tão cuidadoso ao ponto de reconhecer suas fontes, eliminasse ou mudasse os pronomes de primeira para a terceira pessoa...?".[4] Pois bem, os trechos com o pronome e aqueles sem são uma e a mesma coisa. Logo, vieram da mesma mão, a de Lucas. (Uma particularidade: o emprego do pronome oblíquo "nós" tem início em Atos 16.10. Assim, Lucas colheu de fontes diversas o conteúdo de Atos 1.5—16.9, conforme ele afirma no prefácio. Esteve com Paulo quando este foi preso em Jerusalém, e com o apóstolo passou em outros pontos da

---

[2] HALE, Broadus D. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*, p. 106.

[3] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 64.

[4] HALE, Broadus D. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*, p. 107s.

Palestina, mas principalmente em Cesareia, à beira-mar. Nessa oportunidade, pois, Lucas deve ter reunido muito material de que se serviu para compor seu evangelho.)

Os companheiros de Paulo, alistados nas "cartas da prisão", em Roma — Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom —, foram Epafras, Epafrodito, Timóteo, Tíquico, Aristarco, Marcos, Jesus, chamado Justo, Demas e Lucas. Alguns deles não ficaram o tempo todo com Paulo, ou porque foram enviados a algum lugar pelo apóstolo, ou porque abandonaram não somente a Paulo, mas ao próprio evangelho. Mas 2Timóteo 4.11 informa-nos de que Lucas permaneceu com Paulo no cárcere frio, em Roma, por ocasião de seu segundo aprisionamento ali, quando caminhava para a morte. Sim, Lucas reúne todas as condições exigidas para a composição do terceiro evangelho.

O argumento teológico de Lucas-Atos também prova, por similitude, que o autor do terceiro evangelho foi o grande companheiro de Paulo. Lucas encaminha suas considerações na direção do universalismo (Lc 4.27; 24-47), da alegria plena (2.10; 8.13; 10.17-19; 15.5,7,32), da fé salientada (8.12; 18.8), do amor aos pecadores (15), da ênfase dada a mulher (1.26-38; 7.37; 10.38-42) e do estímulo à oração (3.21; 6.28; 11.2-8; 18.1-14; 20.47; 22.40-46).

Os estudiosos catalogaram nada menos de 100 vocábulos tipicamente paulinos que também foram usados em Lucas e em Atos. [5]

Data e local

Embora nada realmente exista para impedir que Lucas tenha escrito desde bem cedo o seu evangelho, e até mesmo Atos dos Apóstolos, alguns críticos, como B. Weiss, afirmam que o grande empecilho para isso teria sido o fato de Lucas alterar a expressão "o abominável da desolação", de Marcos 13.14, para a sua própria expressão, "Jerusalém sitiada de exércitos" (Lc 21.20). Para esses críticos, isso significaria que Lucas, sabedor de que Jerusalém já fora destruída, pois teria escrito depois do ano 70 d.C., substituiu uma expressão pela outra.

Mas esse raciocínio ignora o fato de que Jesus pode ter predito que Jerusalém seria cercada por exércitos e acabaria destruída; e que Lucas pode ter omitido a menção ao "abominável da desolação" simplesmente porque tal expressão seria ininteligível para seus leitores gentios, aos quais escrevia. Incidentalmente, Lucas ensina-nos que "o abominável da desolação" seria posto quando Jerusalém fosse "sitiada de exércitos".

LUCAS E PAULO

No relato de Atos, Lucas e Paulo aparecem pela primeira vez em Trôade. Mesmo assim, Lucas se coloca no grupo missionário mui indiretamente: "Assim que [Paulo] teve a visão, imediatamente procuramos [Paulo, Timóteo e eu] partir para aquele destino, concluindo que Deus nos [novamente os três] havia chamado para lhes anunciar o evangelho" (At 16.10). Ele faz o mesmo nas demais passagens em que usa o pronome pessoal "nós" (veja At 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1—28.16). Paulo foi quem o chamou por nome. Em Colossenses 4.14, Paulo o chama ternamente de "o médico amado". Em 2Timóteo 4.11, ele testifica que Lucas não o tinha abandonado na prisão. E, em Filemom 24, Lucas aparece como um dos "cooperadores" do apóstolo. Não há dúvida de que entre os dois havia fortíssimos laços de amor cristão e de que Paulo muito estimava a Lucas e vice-versa. Lucas, como médico que era, cuidou do alquebrado Paulo, sempre sujeito a perseguições, naufrágios e açoites.

---

[5] Veja GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. Grand Rapids: Zondervan, 1976, p. 102.

Além disso, Lucas leva seu relato, em Atos, somente até o ponto em que Paulo estava prisioneiro em Roma, em sua primeira prisão ali. Sabemos que Paulo foi finalmente libertado, que ele encetou uma "quarta" viagem missionária, sobre a qual até podemos reconstruir muito de seus passos (veja o final do comentário em "Atos dos Apóstolos"). E sabemos, por fontes históricas extrabíblicas, que Paulo foi executado a mando de Nero, em torno de 67 d.C. Esses informes cronológicos levam-nos a fazer uma pergunta: Por que Lucas não foi além da primeira prisão de Paulo em Roma, se é que ele escreveu depois do ano 70 d.C.? Quanta coisa ele poderia ter escrito em seu relatório sobre o que transpirara desde a primeira prisão de Paulo em Roma até algum tempo depois da destruição de Jerusalém. A resposta óbvia a essa indagação é: Lucas não narrou os acontecimentos dos 10 anos entre 60 e 70 d.C. porque ele deve ter escrito Lucas aí pelos anos 60 d.C, e Atos dos Apóstolos 1 ou 2 anos mais tarde, no máximo. Em 67 d.C. Paulo foi executado, e Lucas não menciona isso em Atos. E entre 60 e 67 d.C. devemos abrir espaço para a quarta viagem missionária de Paulo, repleta de muitos episódios.

Por igual modo, todos os argumentos críticos em prol de uma data posterior de Lucas são insustentáveis. Entre esses, mencionamos a teoria de que Lucas teria se inspirado em *Antiguidades*, de Flávio Josefo, obra escrita em 94 d.C. E há ouras teorias que chegam a pensar em fins do século I d.C. como a data da escrita de Lucas-Atos. Quanto mais avançada a data proposta, mais improvável torna-se a teoria. O erudito Adolf Harnack arremata com extrema segurança que as notáveis obras históricas de Lucas e Atos foram escritas enquanto Paulo ainda vivia.

Quanto ao local da escrita de Lucas-Atos, a Acaia (Grécia) é o indicado pelo prólogo antimarciano ao evangelho de Lucas, escrito entre 160 e 180 d.C. Os estudiosos sérios, porém, duvidam da exatidão desse informe. Outro antigo testemunho declara Lucas escreveu Lucas-Atos em Roma, enquanto esperava pelo resultado do julgamento de Paulo. Para isso ele teve o prazo de 2 anos, segundo se lê em Atos 28.30: "Por dois anos permaneceu Paulo na sua própria casa [pois estava em prisão domiciliar, e não no cárcere] que alugara [...]". Essa segunda proposta é bem mais razoável do que a primeira. Mas o peso da erudição moderna tem proferido Antioquia da Síria como o lugar onde Lucas escreveu Lucas-Atos. Os acadêmicos que assim pensam apontam para o fato de que somente em Atos aparecem 13 referências àquela cidade. Convenhamos, isso não é argumento muito válido. Seja como for, se a data da obra é uma questão crucial, o lugar onde ela foi escrita felizmente não o é.

Destinatário

Nos prólogos de seu evangelho e de Atos, Lucas dirige-se a Teófilo, chamando-o de "excelentíssimo", como se os dois livros tivessem sido endereçados primeiramente a ele. Quem teria sido esse Teófilo?

A opinião de muitos cristãos é que não se trata de alguma figura imaginária, mas de um homem importante que se convertera a Cristo. Outros, como é o caso do primeiro autor deste livro, ajuntaram a isso que Lucas, antes de converter-se, fora reduzido à escravidão, adquirido por Teófilo, e deste acabara recebendo a situação de liberto. Essa posição não parece tão estranha quando lembramos que os antigos não adquiriam somente escravos ignorantes, para trabalhos braçais, conforme se fez no Brasil colonial e imperial até 1888. Muitos escravos dos dias de Roma eram cultos, como Epíteto, por exemplo, que foi um grande filósofo. Teófilo, pois, teria solicitado de Lucas, homem primorosamente educado e capaz, um médico, que investigasse os fatos relativos a Cristo e ao cristianismo primitivo, resultado daí o evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos.

Outros estudiosos postularam uma tese bem interessante. Companheiro quase constante de Paulo, ao ver este aprisionado em Roma, tratou de defendê-lo. Sendo Teófilo algum homem importante nos círculos políticos, simpatizante do cristianismo, ou mesmo um cristão, narrou-lhe a verdadeira história do cristianismo, merecedor de ser considerado uma "religião lícita" por parte das autoridades do império, destacando o papel de Paulo, personagem principal de mais da metade do livro de Atos. Assim, Teófilo estaria armado com informações que provam a inocência do apóstolo. Esses intérpretes têm a seu favor o fato de Lucas terminar sua narrativa de Atos estando Paulo aprisionado pela primeira vez em Roma, aguardando julgamento. Sabe-se que Paulo foi inocentado nesse julgamento e que ainda realizou uma "quarta" viagem missionária, não narrada em Atos, mas subentendida em várias epístolas. Ainda a favor deles corre o fato de o evangelho de Lucas e Atos terem sido escritos no começo da década de 60 d.C., e Paulo só ter sido executado por Nero cerca de 67 d.C., o que lhe teria dado tempo de sobra para uma quarta viagem missionária. (A reconstituição da "quarta" viagem missionária de Paulo aparece no fim do breve comentário sobre Atos dos Apóstolos.)

Um terceiro parecer sobre Teófilo é que, em face do sentido desse nome grego, "amigo de Deus", devemos ver em Teófilo uma personificação de todo o crente leitor de Lucas-Atos. Nesse caso, para que tal leitor tomasse conhecimento de "todas as coisas que Jesus fez e ensinou" (At 1.1) e dos atos subsequentes do Espírito, através dos ministros do evangelho. Contra isso não pesa a declaração lucana dirigida a Teófilo: "para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído" (Lc 1.4), pois outro tanto poderia ser dito acerca de qualquer outro crente de todos os séculos. O segundo autor deste livro pende mais para essa terceira posição, mas sem desprezar as outras duas.

Características

Dos quatro evangelistas, Lucas é o único que vincula sua narrativa sagrada à história secular (2.1,2; 3.1). Nisso ele mostrou uma consciência histórica muito apreciada pelos estudiosos.

O universalismo de Lucas é uma das suas características dominantes. Não somente gentios são aceitos em pé de igualdade com os judeus, nem somente às mulheres é dado lugar de proeminência, mas também aos marginalizados da vida, como a pecadora (cap. 7), o publicano (cap. 18), Zaqueu (cap. 19), um dos ladrões da cruz (cap. 23) e o leproso samaritano que voltou para louvar a Deus (cap. 17).

Aliás, o louvor é um dos traços marcantes do terceiro evangelho. Começa e termina com louvor (Lc 1.9; 24.53), e há vários cânticos de louvor (1.46-55; 1.68-79; 2.14; 2.29-32).

É igualmente destacada a importância da oração. Além das orações também registradas por Marcos e Mateus, há sete outras, exclusivas de Lucas (veja 3.21; 5.16; 6.12; 9.18; 9.29; 11.1; 23.46). Também há ali a oração de Jesus em favor de Pedro (22.32,46), três parábolas sobre a oração: a do amigo importuno (11.5-13), a do juiz iníquo (18.1-8) e a do fariseu e do publicano (18.11-13). E não podemos esquecer o notável ensino de Jesus sobre a constância na oração (11.9).

Lucas destaca a pessoa e a obra do Espírito Santo: João Batista é cheio do Espírito desde o ventre materno (1.15); o Espírito desce sobre Maria (1.35); Isabel e Zacarias são tocados pelo Espírito (1.41,42 e 1.67); Simeão fala por impulso do Espírito (2.25-27); o Espírito desce sobre Jesus, após o seu batismo (3.22), o conduz ao deserto (4.1) e o faz voltar à Galileia (4.14); Jesus exulta no poder do Espírito (10.21); antes de sua ascensão, Jesus ordena aos discípulos que aguardem o Espírito (24.49).

Lucas também acentuou a vida doméstica e as relações sociais (7.36-50; 10.38-42; 11.37-41; 14.1-6; 19.1-10; 24.13-15).

Há algumas parábolas registradas somente por Lucas, como a dos dois devedores (7.41-43); a do bom samaritano (10.25-37); a do amigo à meia-noite (11.5-8); a do rico tolo (12.16-21); a do grande banquete (13.6-9); a da ovelha perdida (14.16-24); a da moeda perdida (15.8-10); a do filho pródigo (15.11-32); a do mordomo injusto (16.1-9); a do rico e Lázaro (16.19-31); a dos servos sem proveito (17.7-10); a do juiz injusto (18.1-8); a do fariseu e do publicano (18.10-14); e a das minas (19.12-27) — 14 ao todo.

Os escritos de Lucas revestem-se de um excelente caráter literário. Disse Cadbury: "O vocabulário de Lucas, a despeito de suas afiliações naturais com o grego bíblico, não está tão distante do estilo literário dos aticistas que não possa ser comparado com o deles".[6]

Lucas mostrou um interesse biográfico maior que o dos outros evangelistas. Há informação sobre os antepassados de Jesus, seus parentes, o local e as circunstâncias de seu nascimento, seu fácil relacionamento com as pessoas, o fato de ele ser alvo constante de tentações, e não somente no começo de seu ministério (veja Lc 22.28).

Lucas é o único dentre os três evangelhos sinóticos que chama Jesus de "Salvador" (2.11). Isso pode parecer estranho, quanto mais quando notamos que Lucas não tem nenhum trecho paralelo com Marcos 10.45 e Mateus 20.28 — a famosa passagem sobre Jesus como "resgate" por muitos.

Em dois trechos, Lucas ressalta o anúncio sobre o reino, onde os outros evangelhos fazem silêncio (4.43; 9.2).

Se os outros evangelhos destacam o cumprimento de profecias messiânicas em Jesus de Nazaré, Lucas interessa-se mais por mostrar a associação entre a realização de Jesus e o padrão seguido pelos profetas do Antigo Testamento (4.16s; 24.25,44-47).

Lucas, diferentemente dos outros evangelhos, não frisa tanto o meio ambiente judaico (embora também faça isso), mas se mostra internacional em sua exposição. Austin M. Farrer talvez tenha expressado esse aspecto melhor do que ninguém, ao escrever: "O que mais nos chama atenção em Lucas não é seu helenismo, mas sua versatilidade. Sua história começa no seio da piedade judaica, mas deságua no agora [mercado público] grego".[7]

Lucas em estudos recentes

Muitos estudos mais antigos viam no terceiro evangelho apenas uma edição ampliada do evangelho de Marcos. Mas alguns escritores evangélicos mais recentes têm mostrado que Lucas merece, por seus valores intrínsecos, um lugar destacado entre os quatro evangelhos. Esses estudiosos não se preocupam somente com o interesse histórico e arqueológico de um Ramsey, nem somente com a análise literária do livro, como um Harnack, e, sim, frisam também o interesse teológico de Lucas. Quanto a esse aspecto, ninguém fez melhor exposição do que Hans Conzelmann. Ele salientou que a narrativa lucana concebe o ministério de Jesus como a transição entre a antiga ordem da Lei e dos Profetas para a era ou dispensação da igreja, a qual terminará por ocasião do segundo advento de Cristo. Jesus pôs fim à dispensação veterotestamentária e iniciou a dispensação neotestamentária. "A Lei e os Profetas vigoraram até João; desde esse tempo vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus [...]" (Lc 16.16).

O mesmo autor contendeu que Lucas preferiu salientar não uma iminente expectação escatológica (conforme fazem os outros evangelistas), mas a vida do espírito no seio da

---

[6] CADBURY. *The Style and Literary Method of Luke*. New York: Harper, 1995, p. 38.

[7] FARRER, A. M. "On Dispensing With Q". Em: NINEHAM, D. E. (Ed.). *Studies in the Gospels*, p. 69.

igreja. E isso Lucas fez encerrando seu evangelho com a promessa do Espírito (24.49) e desdobrando o cumprimento dessa promessa no livro de Atos. O escopo do evangelho de Lucas não pode ser devidamente apreciado sem a sua contraparte, o livro de Atos.

Outro ponto notável, salientado ainda pelo mesmo escritos, é que a preocupação de Jesus com Israel durante o seu ministério não conflita com o universalismo de Atos, mesmo porque a igreja cristã é concebida como o novo Israel. Temos aí reflexos paulinos claros: "[...] paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus" (Gl 6.16).

Temas principais

Em face do exposto, podemos agora sublinhar os temas principais do terceiro evangelho.

O tema cêntrico encontra-se em Lucas 19.10: "[...] o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido". Jesus é o homem perfeito, o que ele mesmo expressou com as palavras "o Filho do Homem". A finalidade de sua vinda — pois ele é também "o Filho de Deus" — foi sua grandiosa obra salvífica. O homem perfeito veio salvar os homens mais que imperfeitos. No dizer de Paulo, Jesus é o "primogênito" da nova raça humana, que encontra em Jesus o seu arquétipo. Por isso mesmo ele é o "segundo Adão". Sendo eternamente Deus, o Filho de Deus assumiu a natureza humana, embora sem pecado. Acerca do Deus-homem, A. T. Robertson afirmou: "Se tivéssemos somente o evangelho de Lucas, teríamos, ainda assim, um retrato perfeito da humanidade de Jesus Cristo, como o Filho de Deus e o Filho do Homem".[8] Mateus, em sua genealogia, retrocede a linhagem de Jesus até Abraão, pois Cristo é o "Filho prometido" a Abraão, em última análise. Mas Lucas retrocede essa linhagem até Adão, pois o Filho de Deus, ao encarnar-se, tornou-se parte da humanidade.

Quanto ao ponto de vista pelo qual viam Jesus, Paulo e Lucas divergiam um pouco. Paulo se valeu de definições teológicas; Lucas argumentou com material histórico. Mas o resultado desses dois exames é idêntico: um retrato autêntico do Cristo vivo.

Outro tema bem destacado é a certeza histórica do evangelho cristão. Vê-se isso desde o prólogo de Lucas e de Atos. Mas também no cuidado que Lucas teve de confrontar eventos cristãos com episódios da história secular; e até quanto à escolha de vocábulos, refletindo a época em que tudo ocorreu. A precisão histórica de Lucas é bastante impressionante. Lucas chama Quirínio de "governador" da Síria (2.2). Cronologicamente, isso parecia um equívoco para os críticos, mas descobriu-se que, na época que Lucas lhe atribui, Quirínio recebera o controle das relações exteriores da Síria, cabendo-lhe por direito o título que Lucas lhe deu. Outros exemplos de precisão histórica, quanto a meros vocábulos, figuram em Atos (caps. 27 e 28), onde são usados termos náuticos realmente empregados na época historiada por Lucas. Quanto a esses vocábulos, veja a "Introdução" a Atos dos Apóstolos.

A última viagem de Jesus a Jerusalém é a grande contribuição de Lucas para nossa compreensão sobre a vida na Pereia (veja Lc 9.51—19.28). É verdade que a Pereia nunca é mencionada por nome o Novo Testamento, mas se trata da mesma região chamada "além do Jordão" (Mt 19.1). Quando os judeus queriam viajar da Judeia, ao sul, para a Galileia, ao norte, podiam evitar o território hostil dos samaritanos fazendo um desvio mais para o leste, cruzando a Pereia, e assim viajando o tempo todo por território tipicamente judaico. A hostilidade dos samaritanos transparece em Lucas 9.51-56.

---

[8] ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, p. xiv.

Naturalmente, Lucas também reserva grande fatia de seu relato para narrar a última semana da vida de Jesus na terra. Mas a narração da ressurreição de Jesus é *sui generis* em Lucas. Exemplificando isso, o terceiro evangelho é o único a descrever a ascensão de Jesus (24.50-53). Dessa forma, Lucas mostra-nos historicamente que terminara a *kénosis* ou humilhação de Jesus, porquanto ele fora novamente acolhido na glória, recebendo, com o Pai, posição no trono da majestade divina, algo que Jesus prometeu que faria (veja Jo 17.5,24).

Finalmente, se Marcos faz girar seu relato em torno dos "atos" do Senhor Jesus, apresentando-nos o âmago da história evangélica desde o seu início (Mc 1.1), e se Mateus expõe Jesus como o Messias prometido nas Escrituras judaicas, arquitetando sua história em redor de grandes "sermões" de Jesus, Lucas, por sua vez, procurou por em ordem os acontecimentos relatados (Lc 1.1). Incidentalmente, se Lucas retrocede até Adão, João, o quarto evangelho, retrocede até antes da criação, mostrando que Jesus não é mera criatura, e sim, o criador (Jo 1.1). Isso mostra que nenhum dos quatro evangelhos é supérfluo. Antes, cada qual retrata o Senhor Jesus Cristo por um ângulo. Se faltasse um dos quatro evangelhos, não teríamos um retrato completo do Cristo. Portanto, a contribuição de Lucas é indispensável.

Esboço

I - PREFÁCIO 1.1-4

II - NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS 1.5—2.52

1) Anúncio do nascimento de João 1.5-25
2) Anúncio do nascimento de Jesus 1.26-38
3) Visita de Maria a Isabel 1.39-56
4) Nascimento de João 1.57-80
5) Nascimento de Jesus 2.1-20
6) Circuncisão de Jesus 2.21-40
7) Infância de Jesus 2.41-52

III - PREPARO PARA O MINISTÉRIO PÚBLICO DE JESUS 3.1—4.13

1) Pregação de João 3.1-20
2) Batismo, genealogia e tentação de Jesus 3.21—4.13

IV - MINISTÉRIO NA GALILEIA 4.14—9.50

1) Jesus expulso da sinagoga 4.14-30
2) Curas comprobatórias 4.31-44
3) Chamada dos primeiros discípulos 5.1-11
4) Mais curas comprobatórias 5.12-26
5) Conflito sobre o jejum e o sábado 5.27—6.11
6) A escolha dos doze 6.12-16
7) O Sermão da Montanha 6.17-49
8) Mais prodígios comprobatórios 7.1-17
9) Jesus fala sobre João 7.18-35
10) A pecadora perdoada 7.36-50
11) A ajuda das mulheres 8.1-3
12) As parábolas do reino 8.4-21
13) Diversos prodígios 8.22-56
14) A missão dos doze 9.1-6
15) A perplexidade de Herodes 9.7-9
16) Primeira multiplicação de pães 9.10-17
17) A confissão de Pedro 9.18-22
18) O discípulo de Jesus deve levar a sua cruz 9.23-27
19) A transfiguração 9.28-36

20) O menino endemoninhado 9.37-45
21) Posições no reino 9.46-50
V - EM VIAGEM PARA JERUSALÉM 9.51—19.28
Primeiro estágio 9.51—13.21
1) Na aldeia samaritana 9.51-56
2) Jesus testa seguidores 9.57-62
3) A missão dos setenta 10.1-20
4) Jesus e o Pai 10.21-24
5) Parábola do bom samaritano 10.28-37
6) Marta e Maria 10.38-42
7) Instrução sobre a oração 11.1-13
8) A blasfêmia dos fariseus 11.14-26
9) As bem-aventuranças 11.27,28
10) Reprovação dos fariseus 11.29—12.12
11) Reprovação da avareza 12.13-34
12) Parábola sobre a vigilância 12.35-48
13) A terra incendiada pelo evangelho 12.49-53
14) Os sinais dos tempos 12.54-59
15) Todos devem arrepender-se 13.1-9
16) Conflito: cura da mulher enferma 13.10-17
17) Duas parábolas do reino 13.18-21
Segundo estágio 13.22—17.10
1) A porta estreita 13.22-30
2) Mensagem a Antipas 13.31-33
3) Lamento sobre Jerusalém 13.34,35
4) O espírito cristão 14.1—15.2
5) Quatro parábolas 15.3—16.13
6) As duas dispensações 16.14-18
7) O rico e Lázaro 16.19-31
8) O perdão e o poder da fé 17.1-10
Terceiro estágio 17.11—19.28
1) A cura dos dez leprosos 17.11-19
2) A vinda do reino 17.21-37
3) Parábolas sobre a oração 18.1-14
4) Jesus e as crianças 18.15-17
5) O rico e a salvação 18.18-30
6) Nova predição da morte de Jesus 18.31-34
7) O cego de Jericó 18.35-43
8) O publicano Zaqueu 19.1-10
9) Parábolas sobres a mordomia 19.11-28
VI - FINAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE JESUS 19.29—21.38
1) A presença do Messias 19.29-48
2) Controvérsias com as autoridades 20.1—21.38
VII - PAIXÃO DE JESUS 22.1—23.56a
1) O traidor é indicado 22.1-6
2) A Páscoa e a ceia memorial 22.7-30
3) No horto do Getsêmani 22.31-46
4) Detenção de Jesus 22.47-62
5) Jesus no Sinédrio 22.63-71
6) Jesus perante Pilatos e Herodes 23.1-25

7) A crucificação 23.26-49
8) O sepultamento de Jesus 23.50-56a
VIII - A RESSURREIÇÃO DE JESUS 23.56b—24.53
1) Jesus ressuscitou 23.56b—24.12
2) No caminho para Emaús 24.13-32
3) Jesus aparece aos salvos 24.33-49
4) A ascensão do Salvador 24.50-53

10
João

Introdução

Dos quatro evangelhos, esse foi o mais sujeito a investigação crítica. O lado destrutivo tem-se empenhado na tentativa de pulverizá-lo, sem dúvida por causa de seu grandioso tema: Jesus é o verdadeiro Deus. Ele é o Deus Filho, que se fez homem. Mas tais ataques são meras tentativas. Nem poderia mesmo ser diferente.

Conhece-se o homem pela obra que realiza. Jesus disse que pelo fruto se conhece a árvore (Mt 7.20). João é uma árvore excelente, pois produziu o quarto evangelho. A Bíblia é o livro mais lido do mundo, e o evangelho de João é o livro mais lido da Bíblia. Muitas pessoas se converteram com base na leitura desse evangelho mais do que de qualquer outro dos livros da coletânea sagrada.

Eis algumas citações de grandes autores que enaltecem a pessoa de João e o quarto evangelho:

Considerado pela maioria dos cristãos o livro mais profundo de todos os tempos. O evangelho eterno da águia que voou até aos altos céus e nos deu uma visão de Deus, no rosto de Jesus Cristo.

A. T. Robertson

Aqui o Novo Testamento alcança seu nível mais elevado e sua forma mais perfeita.

F. C. Baur

O autor do quarto evangelho se põe na encruzilhada entre dois mundos: o hebreu e o grego, para onde convergem as duas maiores tradições espirituais e intelectuais da raça.

Streeter

No quarto evangelho nunca se avista João; e, no entanto, Jesus resplandece como o sol ao meio-dia.

Enéas Tognini

A genuinidade do evangelho de João é o centro da posição dos que sustentam a veracidade da história de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos é dada no Novo Testamento.

J. B. Lightfoot

Autoria

Embora a erudição cristã sempre tenha aceitado a autoria joanina do quarto evangelho, ainda assim há quem sustente a ideia de outro "João" ter sido o autor desse livro, e não o apóstolo com esse nome. Aliás, essas dúvidas estendem-se também a Apocalipse.

O fragmento Boor, dos séculos VII ou VIII d.C., entre outras coisas afirma: "Papias, no segundo livro, disse que o teólogo João e Tiago, seu irmão, foram mortos pelos judeus". A ideia que os críticos extraem daí é que esses irmãos morreram na mesma época; e, por conseguinte, que João não pode ser o autor da literatura joanina, que lhe é atribuída. Mas, embora esse testemunho seja confirmado por Jorge, o Pecador, no século IX, não podemos aceitá-lo, pois o trecho de Gálatas 2.9 revela que João

continuava ativo na igreja em Jerusalém vários anos após a morte de Tiago. Essa fato invalida aquele testemunho.

Outra dúvida sobre a autoria joanina é aquela que trata de dois homens com o nome de João, em Éfeso: o apóstolo João e o "presbítero" João. Mas ninguém sabe por que alguns sustentam que o "presbítero" é que teria sido o verdadeiro autor da literatura joanina. Porém, quando a questão é examinada a fundo, descobre-se que o apóstolo João e o "presbítero" João a mesma pessoa. O título "presbítero" foi-lhe aplicado depois que ele iniciou sua longa carreira em Éfeso, já homem velho. A propósito, esse termo vem do vocábulo grego que significa "idoso". João foi chamado "presbítero" por dois motivos: por motivo de ofício (veja 1Jo 1; 2Jo 1) e por motivo de idade avançada. Pedro também chamou a si mesmo de "presbítero" (1Pe 5.1), nem por isso alguém inventou dois Pedros, um apóstolo e outro presbítero. Estranhamente, a crítica moderna tem-se aferrado à ideia dos "dois Joãos", mas revertendo a opinião do antigo Eusébio, o qual dizia que o apóstolo João escrevera o quarto evangelho, ao passo que o "presbítero" João teria escrito Apocalipse. Tudo isso mostra a insegurança dessa posição de dúvida.

Também deveríamos citar a posição de uma pequena e estranha seita da Ásia Menor, que emergiu em cerca de 170 d.C. Avessos à doutrina joanina do Logos (em português, "verbo"), eles rejeitavam a autoria joanina do quarto evangelho e de Apocalipse. Por isso, a seita ficou conhecida pelo nome de *alogoi*, "os antilogos". Parece que a seita surgiu em reação exagerada aos excessos dos montanistas, que frisavam o espírito profético. A posição dos *alogoi* era, pois, tendenciosa.

Mas todo o testemunho externo adverso não consegue contrabalançar o peso do testemunho interno do próprio evangelho; e esse testemunho interno mostra, inequivocadamente, a pena joanina no quarto evangelho, nas três epístolas de João e em Apocalipse.

A crítica moderna, por sua vez, tem posto em dúvida a autoria joanina com base nos "discursos" de Jesus contidos ali. Isso fere o testemunho interno do quarto evangelho. Segundo os críticos alegam, esses discursos seriam tão diferentes daqueles registrados nos evangelhos sinóticos que eliminariam todas as concordâncias de João com Mateus, Marcos e Lucas. Acerca disso, W. F. Albright nos dá um sábio parecer:

> Um dos mais estranhos pressupostos dos teólogos e acadêmicos que criticam o Novo Testamento é que a mente de Jesus era tão estreita que qualquer aparente contraste entre João e os escritores dos sinóticos deve-se a divergências entre os primeiros autores cristãos.[1]

E o mesmo escritor mostra que cada autor sagrado selecionou, dentre a vasta gama de material histórico a sua disposição, aquilo que melhor servia aos seus propósitos. Aliás, nessa seleção, João mostrou-se *sui generis*, pois o plano do quarto evangelho é totalmente diferente do plano dos evangelhos sinóticos, conforme ficará mais claro quando estudarmos o plano do evangelho de João. Jesus é o Logos, a mente que expressa os pensamentos de Deus, e nos "discursos" de Jesus esses pensamentos fulguram no evangelho de João como talvez em nenhuma outra porção da Bíblia. Daí a feroz reação dos incrédulos.

Com base nas evidencias internas, B. F. Westcott e J. B. Lightfoot mostraram que o quarto evangelho foi escrito por um judeu da Palestina, o qual foi testemunha ocular dos eventos que relatou, um dos apóstolos de Jesus e, particularmente, o apóstolo João, que a si mesmo chamou de "o discípulo amado".[2]

---

[1] ALBRIGHT, W. F. *The Background of the New Testament and its Eschatology*, p.171.

[2] WESTCOTT, B. F.; LIGHTFOOT, J. B. *Biblical Essays*, p. 1-198, ed. de 1893.

Archibald T. Robertson, que ao morrer era o maior especialista no terreno da crítica textual do Novo Testamento, declarou ter examinado a literatura que nega a João a autoria do quarto evangelho, e não ter encontrado nenhuma base segura. Toda crítica contrária à autoria joanina é fruto ou de informações erradas, ou de hipóteses infundadas, ou de preconceitos filosóficos, ou mesmo de mero subjetivismo literário. A literatura joanina é obra de um só autor, o que fica provado pela uniformidade de pensamento, de linguagem e de estilo. Isso tem sido averiguado e testificado por gigantes intelectuais como Ezra Abbott, Alexander, Alford, Marcus Dodd, B. Weiss, William Milligan, Westcott etc. (uma plêiade de mais de meia centena de expoentes da erudição bíblica).

Poderíamos agora mencionar o testemunho de antigos escritores cristãos que confirmam a canonicidade do evangelho de João, e, por via de consequência, a autoria joanina do quarto evangelho.

Irineu, ao escrever contra a heresia gnóstica (que negava a autêntica deidade de Cristo), entre 180 e 186 d.C., mencionou o quarto evangelho como canônico e afirmou: "O aspecto quadruplicado da palavra exige quatro evangelhos, unidos por um só Espírito". Irineu foi amigo íntimo de Policarpo, que, por sua vez, foi discípulo de João. Logo, seu testemunho é insuspeito, confirmado pela autenticidade da proximidade. Através de Policarpo, ele sabia que o quarto evangelho foi escrito pelo apóstolo João.

Taciano preparou uma harmonia dos evangelhos, o *Diatessarão*. Com base nessa obra, Harnack, na *Enciclopédia Britânica*, pôde dizer: "Aprendemos do Diatessarão que em cerca de 160 d.C. os nossos quatro evangelhos, e só eles, já tinham assumido lugar de proeminência na igreja e que, em particular, o quarto evangelho já havia ganho lugar garantido ao lado dos três sinóticos".

Justino Mártir, em seus diálogo com o judeu Trifão, mais ou menos em 150 d.C., afirma que seu conhecimento acerca de Jesus, como o Unigênito do Pai e como Logos, derivava-se do quarto evangelho, pois os sinóticos não aludem ao ensino do Logos.

Papias, que alcançou os últimos anos de vida de João, escreveu a *Exposição dos oráculos do Senhor*, da qual restam fragmentos. Em um desses fragmentos, em um manuscrito do século IX d.C., há uma parte do prefácio do evangelho de João com estas palavras: "O evangelho [de João] foi revelado e entregue às igrejas por João, quando ele ainda estava no corpo [...]".

Nome

O nome "João" vem do grego *Ioánnes*, derivado do hebraico *Iohanan*, "Javé tem sido gracioso".

Traços biográficos

Archibald T. Robertson disse que João era uma personalidade bondosa, modesta e mística, talvez o mais notável de todos os místicos.[3]

João é mencionado em Mateus como o irmão de Tiago por três vezes (Mt 4.21; 10.2; 17.1), e uma como "filho de Zebedeu" (Mt 26.37). Em Marcos, dez; em Lucas, nem uma vez; mas em João, como um dos "filhos de Zebedeu", uma vez (Jo 21.2). Em Atos, nove vezes.

O nome "João" não aparece no quarto evangelho. O autor só menciona a si mesmo indiretamente, como no uso do pronome plural "nós", subtendido no verbo "vimos" (Jo 1.14). Em 1João 1.1-3, em nossa versão portuguesa, pelo menos ele usa um "nós". Em João 21.25, o autor usa o pronome singular "eu". Em João 13.23; 19.26 e 21.20-24

[3] ROBERTSON, A. T. *Épocas en la Vida del Apóstol Juan*. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1938, p. 11.

encontramos a expressão "aquele que isto viu". E, por último, em João 20.2-8, "o outro discípulo". Isso reflete grande modéstia.

Seu pai chamava-se Zebedeu (ou Zadi), que no hebraico significa "meu dom" (1Cr 27.27). Zebedeu era pescador de profissão. O relato bíblico indica que Zebedeu era homem abastado, pois tinha até "empregados". Os pescadores da Galileia exportavam peixe para Roma.

Sua mãe chamava-se Salomé. Marcos 15.40 enumera as mulheres que contemplavam de longe a cena do calvário. Eram três, e uma delas era Salomé. Esse nome significa "pacífica". Lemos em João 19.25: "E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena". Se as palavras, "a irmã dela" referem-se a Salomé de Marcos 15.40, segue-se que Tiago e João eram primos de Jesus por parte de Maria. A. T. Robertson, aludindo ao parentesco entre Maria, mãe de Jesus, e Salomé, mãe de Tiago e João, diz que tal parentesco é possível, embora não indubitável.[4]

Seu irmão chamava-se Tiago, do grego *Iákobos*, equivalente ao hebraico "Jacó". O Antigo Testamento aplica tal nome somente ao patriarca. No Novo Testamento, porém, temos outros homens com esse nome: (1) o pai de José, marido de Maria (Mt 1.16); (2) o pai de Judas, não o Iscariotes (Lc 6.16); (3) Tiago, filho de Alfeu (Mc 3.18); (4) Tiago, o Menor (Mc 15.40); (5) Tiago, filho de José e Maria, que era irmão do Senhor Jesus (Mc 6.3).

Marcos 1.19,20 informa-nos que João e seu irmão, Tiago, ao ouvirem a clarinada do chamado de Jesus, deixaram o barco, com seu pai e os empregados, a fim de seguí-lo. Lucas 5.10 diz que Tiago e João eram sócios de Pedro na indústria do pescado.

Onde nasceu João? O trecho de João 1.44,45 diz que Pedro, André, Filipe e Natanael eram naturais de Betsaida. Jesus assentou seu quartel-general em Cafarnaum (Mc 1.21); e Pedro foi morar com sua sogra em uma cidade onde também estavam Tiago, João e André (Mc 1.29). Lucas 5.10 diz que Tiago e João eram sócios de Pedro. Diante dessas afinidades faz sentido pensar que os filhos de Zebedeu também nasceram em Betsaida. Mas onde ficava essa cidade? Segundo os melhores autores, havia duas cidades com esse nome: (1) aquela a oriente do rio Jordão, também chamada "Júlias"; (2) aquela ao ocidente desse rio, talvez 5 km ao norte de Cafarnaum. Além disso, havia a possibilidade de um bairro de Cafarnaum chamar-se Betsaida, já que esse nome significa "casa da pesca". Logo, é provável que João tenha passado sua infância e juventude entre Betsaida e Cafarnaum. Por meio de João 19.27, "dessa hora em diante o discípulo [João] a tomou para casa", depreende-se que João também tinha uma residência em Jerusalém.

A conversão de João deve ter ocorrido quando João Batista apontou Jesus como "o Cordeiro de Deus" (Jo 1.35-40). João Batista dissera isso a André e a João. E esses dois ficaram com Jesus o dia inteiro. Marcos 1.20 mostra como João se tornou discípulo. À voz de comando do Senhor, João deixou tudo: pai, barco, redes de pesca, peixes, empregados, dinheiro etc.

Dentre seus muitos discípulos, Jesus chamou doze para estarem com ele e para enviá-los a pregar, com autoridade sobre os demônios. Entre esses estava João. Em Marcos 3.13-19, aprendemos que Jesus "chamou os que ele mesmo quis". Ninguém se arroga a esse privilégio. O ministério evangélico, diversificado como é (veja Ef 4.11), depende da escolha soberana do Senhor. Foi assim que aconteceu no apostolado de João. Ele mostrou ser o mais leal dos apóstolos. No ocaso do ministério terreno de Jesus, Judas Iscariotes o traiu, Pedro o negou, e todos fugiram no Getsêmani. Mas João, seguido por

[4] ROBERTSON, A. T. *Épocas en la Vida del Apóstol Juan*, p. 14.

Pedro, e por ser conhecido do sumo sacerdote (veja Jo 18.15), entrou na casa de Caifás, onde Jesus foi julgado pelo Sinédrio. E junto à cruz, João foi o único a pôr-se ao lado das fiéis mulheres que acompanharam os sofrimentos do Mestre. Jesus considerou João digno de cuidar de Maria, sua mãe, daquele dia em diante. Também foi testemunha de como o soldado abriu o lado de Jesus com a ponta da lança (Jo 19.35). Foi o primeiro a chegar ao sepulcro vazio de Jesus (Jo 20.3-7), e foi também o primeiro a reconhecê-lo, junto ao mar da Galileia (Jo 21.7).

João era judeu. Escreveu como quem tinha familiaridade com os fatos da história dos judeus, seus costumes, suas ideias, enfim, tudo. Ele declara que a lei veio por intermédio de Moisés (Jo 1.17); referiu-se ao poço que Jacó dera a José (Jo 4.5); aludiu a sacerdotes e levitas em Jerusalém (Jo 1.19) e aos profetas esperados pelos judeus (Jo 1.19-28); mostrou conhecer o ciclo das festas judaicas (Jo 2.3; 5.1; 7.2); também conhecia costumes das multidões que subiam a Jerusalém para as festividades (Jo 7.2-13), as práticas de casamento (Jo 2.1; 3.29) e a purificação cerimonial (Jo 2.6; 3.25; 11.55). Ele conhecia textos precisos do Antigo Testamento, conforme as citações que figuram em seu evangelho (veja 2.17; 12.14; 19.24,28; 20.9). Conhecia a língua aramaica (hebraica), pois citou uma lista de nomes dessa origem (veja 1.28,43; 5.2; 9.7; 19.13; 20.16).

Com relação à cultura de João, lemos em Atos 4.13 que ele e Pedro foram classificados pelo Sinédrio como homens "iletrados" (no grego, *agráminatoi*) e "indouros" (*idiotai*), isto é, eles não haviam recebido educação formal nas escolas rabínicas. Portanto, não eram doutores, como foi o caso de Gamaliel e de Saulo de Tarso, por exemplo. Mas os membros do Sinédrio não puderam deixar de reconhecer que eles haviam estado com Jesus. E isso é o que realmente importa na vida de um homem de Deus.

Extrabiblicamente, uma tradição endossada por Irineu, Apolônio, Polícrates, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano, Eusébio e Jerônimo sustenta que ele viveu em Éfeso, na Ásia menor, exceto durante o período de deserto para Patmos. Irineu chegou a dizer que João permaneceu em Éfeso até o reinado de Trajano (52-117 d.C.). Trajano foi proclamado imperador romano em 98 d.C. Lucas menciona João, pela última vez, quando este, na companhia de Pedro, foi a Samaria inspecionar o trabalho de Filipe (At 8.14-25). Paulo chama João de uma das "colunas" (Gl 2.9). Em Apocalipse 1.9 lemos que ele estava então exilado na ilha de Patmos. Mas suas três epístolas não indicam o domicílio.

Não se sabe o ano do nascimento de João, mas se pensa que ele era mais jovem do que Jesus. A. T. Robertson diz que João deve ter morrido em idade avançada, entre 90 e 120 anos.[5] Epifânio fala em 94 anos. Jerônimo diz que ele viveu 68 anos após a crucificação de Jesus, resultando em 96 anos ao todo. O moderno nome turco de Éfeso é *Ayasalouk*, derivado de *ágios theólogos*, "teólogo santo", em memória do apóstolo João.[6]

Data e local

No começo, a escola crítica de Tübingen gostaria de poder dar ao evangelho de João uma data acima de 160 d.C. A descoberta do Diatessarão, já mencionada, fez essa escola retroceder a data para 130 d.C., porquanto no Diatessarão o evangelho de João é

[5] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas en la Vida del Apóstol Juan*, p. 2.

[6] Quanto a uma ampla exposição sobre a permanência de João em Éfeso, remetemos o leitor a ROBERTSON, Archibald T. *Épocas en la Vida del Apóstol Juan*, p. 106s.

referido como livro de autoridade longamente firmada. Então a arqueologia trouxe à tona o perdido evangelho de Pedro (um livro apócrifo). Descobriu-se que esse livro apócrifo dificilmente poderia datar de além de 130 d.C., mas o mesmo livro pressupõe a existência do evangelho de João. E não houve remédio senão consentir que, de alguma forma, o evangelho de João pertence ao século I d.C. Essas são considerações feitas pelo dr. John A. Mackay em seu livro *O testemunho da arqueologia*.

B. P. Bittencourt adianta sobre essa descoberta arqueológica, mencionada pelo dr. Mackay:

> O manuscrito P — minúsculo fragmento adquirido por Bernard P. Grenffel, em 1920 no Egito, para a Biblioteca John Rylands, de Manchester, mas perdido entre outros até que C. H. Roberts, em 1934, o identificou como o mais antigo manuscrito do Novo Testamento. Roberts data-o da primeira metade do século II, no que foi seguido pela autoridade de Kenyon, Bell, Deissmann, Hatch e outros. Contém o trecho de João 18.33,37,38. Esse pequeno papiro é muito importante, pois mostra que o quarto evangelho, antes da metade do segundo século, já havia chegado a uma cidade qualquer do Egito, distante da cidade onde o evangelho deve ter sido escrito, Éfeso, na Ásia Menor, confirmando assim a data atualmente aceita para a composição desse evangelho, como sendo a última década do primeiro século. Houvera o ilustre professor de Tübingen, F. C. Baur, conhecido em seu tempo esse fragmento, e jamais teria afirmado que o quarto evangelho foi escrito por volta do ano 160 d.C.[7]

A opinião oposta a Baur foi expressa por E. R. Goodenough em um artigo defendendo que João era o primeiro dos quatro evangelhos. Para ele, isso estaria provado porque o quarto evangelho omite certos episódios iniciais da vida de Cristo, como o seu nascimento virginal. A omissão se deu porque o evangelho fora escrito quando esses eventos ainda não haviam acontecido. Tal argumento é ridículo, para dizer o mínimo. Pois, em distinção aos evangelhos sinóticos, João não se preocupou tanto em retratar o Jesus histórico, mas o Jesus cósmico, o Filho de Deus encarnado, cujas origens são desde antes do "princípio" da criação (Jo 1.1). Uma tradução livre desse versículo, mas nem por isso inexata, é oferecida aqui para benefício do leitor: "No princípio já existia o Logo [...]". Qual princípio? Aquele referido em Gênesis 1.1, sem dúvida.

O peso da erudição evangélica tem preferido datar o evangelho de João entre a penúltima e a última décadas do século I d.C. Muitos pensam que a ordem de escrita da literatura joanina foi a seguinte: as três epístolas, Apocalipse, o quarto evangelho. Mas a ordem exata não se reveste de importância maior.

Quando os exércitos romanos, comandados por Vespasiano, ameaçaram assaltar Jerusalém, os cristãos dali, em obediência ao conselho do Senhor Jesus, abandonaram a cidade (veja Mt 24.15-28). Provavelmente desceram a Jericó, atravessaram o rio Jordão e chegaram a Pela, na Pereia. João pode ter saído com o grosso do grupo e, em algum ponto, partido para Éfeso, na distante Ásia Menor, no que é hoje a porção sudoeste da Turquia. Como ele ficou em Éfeso por muitos anos, deve ter escrito ali não somente o seu evangelho, mas também suas três epístolas. Irineu foi explícito quanto a Éfeso, no tocante ao quarto evangelho. Contudo, o livro de Apocalipse foi escrito na ilha de Patmos, quando ele esteve ali exilado (veja Ap 1.11).

No entanto, alguns estudiosos têm favorecido ou Alexandria, no Egito, ou Antioquia, na Síria. A dificuldade dessas opiniões, porém, é que elas não contam com o apoio patrístico, crucial quanto à questão.

Propósito

[7] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 95.

Além disso, João escreveu com um propósito específico em mira, segundo ele mesmo disse: "[...] estes, porém, estão escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31). João, pois, foi seletivo quanto aos episódios da vida de Jesus. Ele saltou de um episódio para outro, deixando de lado muita coisa que sabia, porque queria frisar que Jesus é o Deus humano: "[...] e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Esse propósito transparece no plano do livro (veja adiante, com mais detalhes). E ainda em consonância com esse propósito, João organizou o seu evangelho em torno de grandes discursos de Jesus, nos quais o Senhor foi desvendando a sua eterna personalidade — o Filho de Deus que se fez carne.

Conceitos principais

Em resultado de seu grande objetivo, o quarto evangelho destaca alguns conceitos ligados a esse propósito.[8]

1. O conceito de Logos ("verbo"). O judaísmo sentiu necessidade de interpretar sua fé diante do helenismo, tal como o cristianismo diante do mundo pagão. No judaísmo, Filo, natural de Alexandria e contemporâneo de Jesus, foi quem mais tentou essa interpretação, levando aos arraiais da diáspora judaica muito da filosofia grega. E ele usou o termo grego *lógos* a fim de indicar que o Deus transcendental se revelou aos patriarcas e a Moisés como o Criador. A acepção desse vocábulo, em João, porém, é diferente disso. Pois na Septuaginta o termo é usado para traduzir o vocábulo hebraico *dabar*, "aquilo que jaz por detrás". Seria uma extensão da personalidade do indivíduo em foco. Nos livros de sabedoria, essa ideia aparece como uma *hypóstasis*, um reflexo da personalidade divina, embora distinta dela (veja Pv 8.22-30 e o apócrifo *Sabedoria de Salomão* 7.21s). Isso posto, João, que pescava nas águas cristalinas do Antigo Testamento, deve ter usado o termo *lógos* ao falar sobre Jesus no sentido de *alter ego* do Pai, tal como o Espírito Santo é o *alter ego* do Filho. O Pai permanece em luz inacessível, mas o Deus unigênito revelou o Pai.
2. A relação Deus Pai e Deus Filho que permeia o livro. João salienta essa relação bem mais constantemente que os evangelhos sinóticos. Porém, Mateus 11.27 é trecho tão eloquente como qualquer outra declaração joanina. Segundo se depreende de João, quem quiser conhecer o Pai precisa conhecer o Filho humano (Jo 1.14,18).
3. Uma consequência disso é a necessidade da fé, não só no Pai, mas igualmente no Filho. A falta de fé no Filho resulta em condenação eterna (Jo 3.18). O Pai só recebe honra na pessoa do Filho (Jo 5.23).
4. Os crentes tornam-se participantes da natureza divina, por terem sido unidos com o Pai e com o Filho, e uns com os outros. Essa nova vida é mais bem expressa em termos de amor. E essa vida é transmitida por meio da palavra de Cristo (Jo 6.63). Pedro e Paulo também foram claros quanto à participação dos crentes na natureza divina (2Pe 1.4; 2Co 3.18).
5. A escatologia é representada ora como um ideal futuro, ora como algo já concretizado. Assim, se a vida eterna às vezes recebe uma ênfase futurista (12.25), no mais das vezes aparece como uma possessão presente (5.24). É que o espírito do crente já foi salvo, mas o seu corpo ainda aguarda a ressurreição.
6. Cristo manifestou sua glória quando de sua morte (12.23; 13.31). Mas também em suas aparições após a ressurreição (12.16; 17.24). Cristo triunfou ao obedecer ao Pai até a morte (2.19). O que o mundo incrédulo considerou derrota, foi a grande vitória de Jesus,

[8] Cumpre-nos reconhecer aqui nossa dívida quanto à boa parte desta seção a HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1964, p. 215-216.

pois, mediante a sua morte a ressurreição, ele divinizou o próprio corpo e recebeu o direito de sentar-se à destra do trono do Pai. E assim tudo lhe ficou sujeito.

7. A expressão "os judeus", usada diversas de vezes por João, não indica o povo de Israel em geral, mas os líderes religiosos dos judeus, que se mantinham na incredulidade. Por não reconhecerem isso, alguns comentaristas judeus estranham, julgando que o escritor sagrado se mostrou preconcebido, e que ele tivesse sido, realmente, um judeu.
8. A questão mais debatida, porém, tem sido a omissão de João da ceia do Senhor. Além disso, a igreja nunca é mencionada por nome, embora figure ali simbolicamente, como as ovelhas em sua relação com o pastor, ou como os ramos em sua relação com a videira. A razão mais provável da omissão de João quanto à ceia é que ele não tenha selecionado o episódio como contribuição para a sua tese: Jesus é o Filho de Deus, e é por meio da fé nele que se recebe a vida eterna.
9. Também é digno de nota que João nunca usa a palavra tipicamente paulina, *pístis*, "fé". Não obstante, usou por quase uma centena de vezes o verbo *pistéuo*, "crer". Esse verbo significa "confiar, por causa de provas", "mostrar-se convicto". O conceito bíblico da fé difere em muito da fé popular, que é mera crendice, ou que diz: "Creio, mesmo que não seja verdade".
10. A ideia do "amor" é outro ponto forte dos escritos joaninos. E ele mostrou que sabia distinguir entre o mero amor humano, *filia*, que dá mais a ideia de mera amizade ou simpatia, e o amor divino, *ágape*, que pode ser derramado no coração do crente, pelo poder do Espírito (veja Rm 5.5), que indica um amor que dá valor ao objeto ou à pessoa amada. Isso transparece principalmente no diálogo de Jesus com Pedro, em João 21.15-17, embora o sentido mais profundo do episódio fique oculto para o leitor da Bíblia em português.
11. Sinal. É importante entender esse termo muito usado por João. Nos evangelhos sinóticos, essa palavra indica algum indício da segunda vinda de Cristo; mas no quarto evangelho aponta para emblemas do messiado de Jesus. Em João, são os milagres que revelam a natureza divina de Jesus. Esses sinais só podem ser discernidos pela fé (12.37); mas, uma vez discernidos, revelam a glória de Deus (2.11; 5.36; 9.3; 17.3,4; 20.30,31). Os milagres são os sinais visíveis que apontam para a verdade invisível acerca daquele que é a verdade.
12. Outros vocábulos importantes do quarto evangelho são "luz", "vida", "verdade", "mundo", "carne", "obras", "enviar", "julgar" etc. Cada um deles merece ser pesquisado pelo leitor, a fim de que possa entender melhor o sentido da mensagem do quarto evangelho. (Veja adiante o quadro comparativo do vocabulário de João e dos evangelhos sinóticos.)
13. O Espírito Santo. Lucas menciona o Espírito por 17 vezes, e João, apenas 14. Mas João é mais completo em sua exposição. Em relação a Jesus, o Espírito Santo é o "outro" (do grego *állos* = "da mesma espécie"), ou seja, o *alter ego* de Cristo. Em relação aos crentes, o Espírito Santo é o *parákletos*, o "chamado para nosso lado", a fim de ajudar-nos e defender-nos e estar conosco para sempre; nesse sentido, ele nos "guia" a toda a verdade (16.13), nos consola ou anima (14.16), nos transmite o senso da presença de Jesus (14.18) e nos faz relembrar as palavras de Jesus (14.26). Em relação ao mundo, ele "convence" os homens de pecado (16.5s), isto é, ele faz o papel de promotor, despertando a consciência dos homens para com Deus e para com a justiça do julgamento eterno.
14. João é o evangelho dos diálogos. Nesses diálogos, Jesus trata ternamente com almas carentes ou pessoas queridas: primeiro com João, André, Simão, Filipe e Natanael (1.35-51); depois com Nicodemos (3.1-5); com a mulher samaritana (4.1-30); com os judeus (caps. 5—8); com o cego de nascença (9.1-39); com os judeus novamente (10.1-42); com Marta e Maria (11.1-44); com os discípulos e com a multidão, diante do desejo

expresso de alguns gregos (12.20-36). E, quando ele se voltou para os seus discípulos, de 13.1 em diante, teve muitos diálogos com eles. Em todos esses diálogos, quase podemos ouvir Jesus pessoalmente, tão vívidos são os registros sagrados.

15. Em seu relato, João cobre um período mais curto do que o fizeram os evangelhos sinóticos. São mencionadas ali três "páscoas" (2.13; 6.4; 11.55). As demais "festas", aludidas por João, são ou a festa de Purim ou a dos Tabernáculos.
16. Há um relato que envolve uma sutil mas trágica ironia. O povo judeu rejeitou Jesus como o Messias prometido. Mas em João 1.41 e 4.25 vemos duas pessoas que exprimem ter reconhecido Jesus como tal: André, irmão de Simão (um judeu da Galileia), e a mulher samaritana. Aliás, no caso desta, o Senhor Jesus se revelou como tal (Jo 4.26). (Muitos estudiosos têm dito que Jesus nunca declarou ser o Messias, e que essa identificação lhe foi atribuída por cristãos posteriores, que enfeitaram e exageraram o seu vulto. Essa autorrevelação de Cristo é resposta suficiente para esses desatentos "eruditos".)

O grego do quarto evangelho

O especialista B. P. Bittencourt comenta o seguinte sobre o grego do quarto evangelho:

> O evangelho e as epístolas de João possuem uma linguagem, no dizer de Maetzger, cuja simplicidade e grandeza não tem rival em nenhum outro livro do Novo Testamento. Embora seu vocabulário seja menor do que o dos outros evangelhos, seu uso de palavras e frases, através do expediente simples da repetição, é impressivo e majestoso. [...] Escreve grego puro no que diz respeito ao vocabulário e à gramática, mas muitas vezes coloca suas ideias em moldes judaicos, como, por exemplo, "regozijar-me com gozo" (3.29), ou o uso do verbo grego *ginósko*, para designar a mais íntima união entre Deus e os homens. João gosta do tempo perfeito, no grego, pois serve-lhe ao propósito de enfatizar as consequências permanentes da obra e das palavras do Filho de Deus.[9]

QUADRO COMPARATIVO DO VOCABULÁRIO DOS QUATRO EVANGELHOS

Vocabulário	Mateus	Marcos	Lucas	João
Crer	11	4	15	4
Permanecer	3	2	7	41
O Pai	44	5	17	121
Meu Pai	14	-	4	35
Completar ou cumprir	-	-	2	19
Carne	5	4	2	13
Glória ou glorificar	12	4	22	42
Judeu	5	7	5	71
Julgar	6	-	6	19
Luz	7	4	6	23
Vida ou viver	13	7	14	53
Enviar	4	1	10	33
Sinal	13	7	11	17
Verdade ou verdadeiro	2	4	4	46
Verdadeiramente	3	2	3	10
Em verdade em verdade	-	-	-	25

[9] BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*, p. 65-66.

Testemunhar ou testemunho	1	3	3	47
Obras	5	2	2	27
Mundo	9	3	2	79
Amor (*ágape*)	1	2	1	7
Espírito Santo	12	6	17	14

João também gostava de cobrir todas as possibilidades, positivas e negativas, evitando assim que seus leitores escapassem, por negarem conclusões lógicas. Um exemplo disso é João 1.3: "Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez". Não há aí mera redundância. Na primeira metade da sentença, Jesus aparece como o intermediário da criação; na segunda metade, João nega que Jesus faça parte da criação. De maneira compacta, pois, João mostrou que Jesus não era o "demiurgo" dos gnósticos, nem era um "arcanjo", como defende a seita herética "Testemunhas de Jeová". João mostrou-se brilhante no uso lógico da linguagem — tudo com o propósito explícito de mostrar que Jesus é "o verdadeiro Deus". Aliás, ele diz isso sem disfarce: "Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (1Jo 5.20). O antecedente de "este", nessa sentença, é o "seu Filho Jesus Cristo", e não "Deus", o Pai, que aparece no versículo anterior. Do contrário, João estaria repisando inutilmente que "Deus é o verdadeiro Deus". O estudo das frases de João rende muitos dividendos ao estudante atento e cuidadoso.

Plano do evangelho de João

A estrutura do quarto evangelho tem seu ponto culminante nesta passagem: "Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (20.30,31). Daí depreendemos alguns fatos básicos:

1. João sabia de outros fatos da vida de Cristo, que propositadamente ele não historiou.
2. O material por ele incluído em seu evangelho visa a mostrar a deidade de Jesus.
3. A deidade de Jesus integra da fé cristã. A vida eterna só pertence aos crentes na deidade de Cristo.

A MULHER ADÚLTERA DE JOÃO 8

Acompanhando o parecer de muitos estudiosos evangélicos, o segundo autor deste livro, João Marques Bentes, é da opinião de que o relato sobre "a mulher adúltera" (Jo 7.53—8.1-11) é um trecho autêntico do evangelho de João, embora esteja deslocado de sua posição original, pois não dá sequência perceptível com o material que vem antes ou depois.

Todavia, é impressionante o testemunho contra a sua inclusão no texto sagrado. Alguns dos melhores e mais antigos manuscritos omitem o trecho, além de algumas versões e dos escritos de vários dos chamados pais da igreja, como Clemente, Tertuliano, Orígenes, Cipriano, Crisóstomo, Cirilo etc.

Ademais, há um número exagerado de variantes quanto ao trecho, indicando a dificuldade de aceitação do episódio, através dos séculos. Outros manuscritos transpõem o trecho para o evangelho de Lucas, ou depois de Lucas 21.38, ou depois de Lucas 24.53. Ainda outros exibem o trecho após João 7.36. Tudo isso, porém, faz parte do estudo que procura recompor o melhor possível os manuscritos, conforme eles saíram das mãos dos diversos autores sagrados, um estudo por demais complicado para ser exposto aqui de modo mais completo. Para mais informações, veja Russell N. Champlin, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 1, p. 86-130.

Trata-se de uma estrutura apologética e polemista. Apologética porque João, em seu evangelho e em suas epístolas, defendia a verdadeira doutrina cristã do Logos, em contraposição ao ensino herético dos gnósticos, uma seita que, embora ainda em seus primeiros passos, chegou a ameaçar seriamente o cristianismo. Essa seita primava por negar a verdadeira deidade de Cristo, além de ensinar que a salvação vem por meio de uma sabedoria esotérica, e não pela fé. A polêmica fica por conta de que João não se contentou em ficar na defensiva, mas partiu para o ataque, desmascarando os erros grosseiros do gnosticismo (veja o Apêndice 3: "O movimento gnóstico").

Um esboço simples, mas que faz justiça às evidências internas do evangelho de João é o seguinte:

1) Encarnação do Logos eterno (1.1-18).
2) Ministério de Cristo ao mundo (1.19—12.50).
3) Ministério de Cristo aos crentes (13.1—17.26).
4) Afirmação da deidade de Cristo (18.1—21.25).

No preâmbulo (a encarnação do Logos eterno), não há transcrição de nenhum discurso de Jesus. Mas todos os seus discursos ficam entendidos quando João enfecha a seção com as palavras: "Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou" (Jo 1.18). Jesus revelou Deus Pai mormente através de suas palavras. Não é ele o próprio Logos feito carne? Esse termo grego envolve as ideias de "palavra", "mente", "expressão".

No seu ministério ao mundo, João Batista começa apresentando Jesus Cristo como "o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (1.29). E Jesus encerrou essa fase explicando como e por que falava: "As coisas, pois, que eu falo, como o Pai mo tem dito, assim falo" (12.50). Isso disse Jesus, finalizando o resumo de seu ensinamento ao mundo.

No seu ministério aos crentes, Jesus volta-se amorosamente aos que lhe pertenciam, dados pelo Pai, amando-os "até ao fim" (13.1). Esse segmento termina no mesmo tom, quando, no encerramento de sua oração sumo sacerdotal, Jesus diz: "Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles esteja" (17.26).

E a afirmação da deidade de Cristo tem início com o "Eu sou" de João 18.5, um impressionante reflexo de Êxodo 3.14. E culmina com a declaração do autor sagrado: "[...] estes [sinais] foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo tenhais vida em seu nome" (20.31).

Os "discursos" e as "falas" de Jesus, quanto à natureza e ao propósito, acompanham bem de perto essas quatro seções do quarto evangelho. O leitor poderá acompanhar a propriedade das declarações de Jesus dentro de cada um desses segmentos.

Esboço

I - PRÓLOGO 1.1-18

1) O Logos é:

a) o criador 1-3
b) a luz dos homens 1.4-9
c) o alvo da fé 1.10-13
d) a manifestação de Deus Pai 1.14-18

II - MANIFESTAÇÃO DE CRISTO AO MUNDO 1.19—11.57

1) Preparação 1.19-34
2) Primeiros discípulos 1.35-51
3) Primeiro sinal — água torna-se vinho 2.1-11
4) Purificação do tempo 2.12-25

5) Diálogo com Nicodemos 3.1-15
6) A missão do Filho 3.16-21
7) Jesus como noivo 3.22-30
8) Origem celestial do Cristo 3.31-36
9) Diálogo com a mulher samaritana 4.1-42
10) Na Galileia, um sinal de cura 4.43-54
11) Em Jerusalém, um sinal de cura 5.1-18
12) Diálogo com os Judeus: a honra devida ao Filho 5.19-47
13) Sinal da multiplicação de pães 6.1-15
14) Sinal da caminhada por sobre o mar 6.16-21
15) Discurso sobre o pão da vida 6.22-71
16) Na festa dos Tabernáculos 7.1-53
17) A mulher adúltera 8.1-11
18) Discurso sobre a luz do mundo 8.12-20
19) Jesus e a sua autoridade 8.21-59
20) Sinal da cura do cego 9.1-41
21) Discurso sobre o bom pastor 10.1-42
22) Sinal da ressurreição de Lázaro 11.1-44
23) Reação dos fariseus a esse sinal 11.45-57
24) Já em Betânia e Jerusalém 12.1-50

a) Maria unge a Jesus 12.1-11
b) Rejeição em Jerusalém 12.12-19
c) Curiosidade gentílica 12.20-43
d) Palavras finais ao mundo 12.44-50

III - MANIFESTAÇÃO DE JESUS AOS SEUS 13.1—17.26

1) O lava-pés 13.1-18
2) Anúncio da traição 13.19-30
3) Discursos no cenáculo 13.31—14.31
4) Discurso sobre a videira e os ramos 15.1-27
5) Discurso sobre a missão do Consolador 16.1-33
6) Oração sumo sacerdotal de Jesus 17.1-26

IV - AFIRMAÇÃO DA DEIDADE DE JESUS 18.1—21.25

1) A traição 18.1—19.16

a) Detenção de Jesus 18.1-14
b) Negação de Pedro 18.15-27
c) Perante Pilatos 18.28—19.16

2) Crucificação sepultamento 19.17-42
3) Ressurreição 20.1—21.25

a) O fato glorioso 20.1-9
b) Aparição a Madalena 20.10-18
c) Aparição a dez discípulos 20.19-23
d) Aparição a onze discípulos 20.24-29
e) Propósito deste evangelho 20.30,31
f) Aparição a sete discípulos 21.1-23
g) Testemunho final de João 21.24,25

11
Atos dos Apóstolos

Título

Segundo Russell Champlin diversos títulos foram atribuídos ao livro, como "Atos e transações dos apóstolos", no códex Bezae, ou "Atos dos santos apóstolos", no códex Alexandrino.[1] Os manuscritos mais antigos dizem somente "Atos dos Apóstolos" (códex Vaticano), ou mesmo somente "Atos" (manuscrito Alef). Alguns dos primeiros pais da igreja, como Orígenes, Tertuliano, Dídimo, Hilário, designaram-no "Atos". Crisóstomo o chamou de "Livro da demonstração da ressurreição". Mas talvez o título antigo mais apto seja o de Ecumênio, "Evangelho do Espírito Santo"; e alguns estudiosos têm melhorado mais ainda o título, ao sugerirem "Atos do Espírito Santo". O *alter ego* de Jesus deu prosseguimento às "coisas que Jesus fez e ensinou" (At 1.1), através de cristãos escolhidos com essa finalidade. O final de Lucas termina onde Atos começa.

Mas visto que o evangelho de Lucas e Atos formam uma só narrativa, alguns estudiosos pensam que os dois livros não deveriam ser separados, como o são, pelo evangelho de João. Antes, deveriam formar um único volume em duas partes, com o nome de Lucas-Atos. Essa noção foi bem expressa pelo especialista em Novo Testamento I. H. Marshall.[2]

Mas se Atos dos Apóstolos é tão histórico quanto o evangelho de Lucas, "[...] não encerra uma história completa de todo o movimento cristão do primeiro século de nossa era, porquanto cobre tão-somente um período de três décadas, isto é, de cerca de 33 a 63 d.C".[3] Lucas termina a segunda metade de sua narrativa no ponto em que Paulo estava em prisão domiciliar em Roma, na primeira vez em que esteve ali detido, aguardando julgamento diante do tribunal de César. Há tanto informes históricos seguros quanto indícios bíblicos, não menos certos, que mostram que Paulo foi solto, fez uma quarta viagem missionária, foi novamente preso em Roma e dessa vez ficou em uma masmorra, e, por fim, foi decapitado por ordem de Nero aproximadamente em 67 d.C.

Os indícios bíblicos de que falamos são tão claros que os estudiosos puderam recompor os vários passos de Paulo em sua "quarta" viagem missionária. (Veja o Apêndice 2, "A vida de Paulo").

Autoria

Conforme já vimos nas notas acerca do evangelho de Lucas, o autor do terceiro evangelho também foi o autor de Atos. Essa autoria é depreendida tanto do prólogo do livro, onde o autor mostra que estava dando continuidade a um relato, endereçado ao mesmo indivíduo ao qual já endereçara a primeira parte dessa narrativa — "Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo" —, como também porque o relato realmente prossegue de modo suave, começando no evangelho de Lucas e terminando em Atos.

Ainda uma terceira linha de comprovação é uma perfeita identidade vocabular: 17 vocábulos comuns a Mateus e Lucas-Atos não figuram nos demais livros do Novo

---

[1] CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 3.

[2] MARSHALL, I. H. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 17.

[3] CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 3, p. 1.

Testamento; há 14 palavras exclusivas de Marcos e Lucas-Atos; e há 58 palavras que só aparecem em Lucas-Atos.

Uma quarta linha de comprovação da autoria de Atos é a alta qualidade do grego coiné de Lucas-Atos, quase clássico, o que demonstra que ambos os livros foram escritos pela mesma mão. Lucas usou largamente o modo verbal optativo em seu evangelho e em Atos, o que é raro nos demais escritores sagrados.

Muita coisa que dissemos nos comentários sobre Lucas lança luz sobre Atos, pelo que recomendamos que o leitor os examine. Mas oferecemos aqui uma lista de pais da igreja e de outros que reconheceram a autoria lucana de Atos: Eusébio (*História eclesiástica*, III, 25, como também em sua citação da epístola das igrejas de Lyon as igrejas da Ásia Menor); Irineu (*Contra as heresias*, III, cap. 4); Tertuliano, em 150 d.C. (*De baptismo*); Clemente de Alexandria, em 200 d.C.; Orígenes, em uma citação de Eusébio; Jerônimo; o *Cânon Muratoriano*, de fins do século II; sem falar em outros autores dos primeiros séculos cristãos.

Data

Visto que a escrita de Atos deve ter seguido bem de perto a escrita do evangelho de Lucas, solicitamos que o leitor examine os comentários sobre Lucas quanto à questão da datação. Muita coisa de profundo interesse foi dita ali, incluindo por qual motivo o autor sagrado teria encerrado o seu duplo relato no ponto em que Paulo estava em seu primeiro período de aprisionamento em Roma.

Por que Lucas não narrou a história posterior de Paulo? Simplesmente porque terminou a segunda metade de sua obra histórica naquele instante da história. Isso, segundo já vimos nos comentários sobre o evangelho de Lucas, serve de fortíssimo argumento em prol de uma data anterior de Lucas-Atos, em contraste com uma data posterior, postulada por alguns críticos.

Se Lucas terminou seu duplo relato depois de 70 d.C. em diante, por qual motivo ele não mencionou certos fatos históricos importantíssimos que um historiador como ele jamais teria esquecido se os tivesse podido registrar? Entre esses fatos mencionamos a execução de Paulo, em 67 d.C., o suicídio de Nero, no ano seguinte, pouco depois do criminoso incêndio de Roma, e acima de tudo, a destruição de Jerusalém, em 70 d.C., com o colapso de todo o sistema sacrificial judaico, que por força da lei mosaica só podia ocorrer no templo de Jerusalém. Um historiador sagrado que omitisse fatos tão importantes, se tivesse podido registrá-los, jamais poderia ser considerado um grande historiador. Seria como um jornalista moderno que tivesse presenciado as explosões atômicas sobre Hiroshima ou Nagasaki, mas as julgasse fatos irrelevantes.

Propósito

O testemunho patrístico sobre os livros do Novo Testamento, particularmente do século II d.C., divide esses livros em "Evangelhos e Apóstolos", o que corresponde aos nossos evangelhos e epístolas. Mas os evangelhos tratam da igreja de forma escassa, mencionando-a por esse nome apenas em Mateus 16.18 e 18.17, ao passo que as epístolas a subentendem. O quadro precisava ser completado com algum livro sacro que mostrasse o surgimento e o desenvolvimento da igreja. Atos é o livro que preenche essa lacuna. Foi por motivos assim que Adolf Harnack, em *The Acts of the Apostles*, afirmou que "Atos é o livro central do Novo Testamento", sendo significativo o fato de que foi posto, desde o início, entre os evangelhos e as epístolas.

A natureza de Atos

Nos círculos acadêmicos houve debates sobre qual dos dois livros seria o "mais" histórico: Lucas ou Atos. Resposta: ambos são perfeitamente históricos, refletindo fielmente os eventos. Mas outros estudiosos extraíram daí uma estranha conclusão: Atos

seria tão histórico e tão pouco teológico que não poderíamos fundamentar sobre ele nenhum doutrina cristã autêntica. Entre os que assim dizem estão alguns crentes verdadeiros, aos quais podemos e devemos amar como nossos irmãos em Cristo. Estamos falando dos crentes hiperdispensacionalistas. A argumentação deles é esta:

1. Os quatro evangelhos ainda respiram o regime da lei.
2. Atos apenas mostra um período de transição.
3. As epístolas gerais foram escritas para igrejas judaicas.
4. Apocalipse foi escrito para benefício dos futuros judeus que se converterão durante a grande tribulação.
5. Restam as epístolas de Paulo, que foi o "apóstolo dos gentios", e nós somos gentios, e não judeus. Logo, as doutrinas cristãs só poderiam ser formuladas com base nos escritos paulinos.

Essa posição esquece que Jesus lançou as bases da doutrina cristã, tendo rompido definitivamente com o legalismo e o cerimonialismo judaicos. Foi Jesus quem disse: "A lei e os profetas vigoraram até João; desde esse tempo vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus [...]" (Lc 16.16). Sua parábola dos odres condena aqueles de seus dias que pretendiam misturar a lei com a graça. Se os evangelhos refletem a cultura judaica, é porque seus personagens eram judeus, a começar por Jesus, e não porque Jesus não tivesse destruído as pontes, lançando-se a uma viagem sem retorno.

Também é falsa a conclusão de que as epístolas gerais foram escritas somente para os crentes judeus. Embora existisse alguma hesitação entre os apóstolos primitivos de que em Cristo não há mais distinção entre judeus e gentios por estarem todos os crentes unidos em Cristo, essa atitude equivocada não continuou por muito tempo — o Espírito de Cristo encarregou-se de corrigir a noção. Veja, por exemplo, a visão de Pedro em Atos 10.9-16,28. Além do mais, os destinatários de algumas das epístolas gerais eram gentios, e não judeus, como é o caso das epístolas joaninas e a epístola de Judas. O que dizer sobre Apocalipse? O próprio Senhor Jesus endereçou a sua "revelação" a sete igrejas, todas elas incrustadas em território tipicamente gentílico, a Ásia Menor, atualmente parte sudoeste da Turquia. Por outra parte, precisamos reconhecer que Tiago e Pedro escreveram suas três epístolas a judeus convertidos, dispersos em vários países. Mas isso não quer dizer que os cristãos não possam e nem devam acatar essas epístola. Os escritores sagrados do Novo Testamento escreveram com base na revelação cristã de que, na igreja, não há mais distinção entre judeus e gentios. Paulo pregava igualmente a judeus e a gentios, e ensinava que Cristo derrubou a "parede de separação" entre os dois, a fim de formar mediante a fé "um só corpo" (Ef 2.14s).

E qual é o papel de Atos em toda essa questão? Esse é o livro bíblico que nos mostra como foram os primórdios do cristianismo sob a égide do Espírito Santo.

É em Atos que encontramos como os 120 irmãos e irmãs que formavam o núcleo da igreja primitiva, todos judeus, e receberam o cumprimento da promessa do Pai — a descida do Espírito Santo dez dias após a ascensão do Senhor. O episódio é historiado em Atos 2. Mas não se acha aí a primeira menção ao Espírito Santo nesse quinto livro do Novo Testamento. Pois logo lemos bem no início de Atos: "[...] depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas" (At 1.2). E nos versículos 4 e 5 lemos que Jesus relembrou aos seus discípulos que "esperassem a promessa do Pai"; e também: "[...] João, na verdade, batizou em águas, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, não muito depois destes dias". E há nova menção ao Espírito Santo onze versículos adiante, na boca de Pedro: "Convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu [...]" (At 1.16). Esse é o tom de Atos, do começo ao fim. Atos é o livro dos atos do Espírito Santo, através dos primitivos líderes cristãos.

No primeiro sermão cristão, a ascensão do Senhor, Pedro não se esqueceu de mencionar o papel do Espírito na vida dos convertidos: "[...] e recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2.38). Pressionados pelas autoridades religiosas judaicas, ao recorrerem ao Senhor, em oração, "[...] todos ficaram cheios do Espírito Santo, e com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus" (At 4.31).

No início do século XX, crentes russos, americanos e suecos começaram a dar grande valor ao ministério do Espírito Santo. Isso produziu um renovado interesse por Atos dos Apóstolos no mundo inteiro. Uma denominação evangélica após outra aceitando, sem as reservas da incredulidade, o ministério do Espírito. Essa interpretação não é subjetiva. Os escritos apostólicos, sobretudo os de Paulo, emprestam-lhe todo o peso de sua autoridade. As epístolas interpretam para nós o que Lucas historiou com tanta precisão em Atos.

O movimento do reavivamento espiritual chegou ao Brasil trazido por missionários evangélicos suecos, em Belém do Pará. Durante algumas décadas, os irmãos da Assembleia de Deus ficaram sozinhos como o único grupo evangélico que cria no poder do Espírito, manifestado no falar em línguas, nas visões, nas profecias etc. Alguns indagaram sobre qual o segredo do extraordinário crescimento dos irmãos "reavivados". A resposta é simples: o poder do Espírito Santo.

Enéas Tognini foi um dos primeiros pastores batistas a perceber quanto de realidade espiritual há no ministério do Espírito Santo. Sua ruptura com o movimento tradicional deu-se em 1965. Hoje ele é um dos maiores, se não o maior reavivalista do Brasil. O grupo de igrejas batistas reavivadas, por ele presididas, pela vontade do Senhor, conta com centenas de unidades espalhadas por quase todos os estados brasileiros.

Em 1966, após ter feito trabalho de colportagem entre os judeus de Madureira, no Rio de Janeiro, o pastor João Marques Bentes recebeu um sonho elucidativo que o lançou de joelhos em busca do poder do Espírito. Missionários batistas americanos haviam falado para ele do Salvador Jesus Cristo. Fora batizado nas águas 14 anos antes pela autoridade de uma igreja batista de Manaus. Dois anos depois de convertido, era professor de escola dominical, classe de adultos. Em abril de 1967, na época da Guerra de Seis Dias, de Israel, em oração com um idoso casal de crentes, Bentes foi gloriosamente imerso no Espírito Santo. Esteve fora do tempo e falou em línguas durante três horas e meia, a ponto de não perceber que anoitecera. Foi ordenado pastor em 25 de dezembro de 1971, em uma antiga igreja batista, que abraçara a renovação espiritual.

Em resultado do "batismo no Espírito Santo", ambos esses irmãos, mais do que nunca decididos a pregar "todo o conselho de Deus", lançaram-se à luta, cada um segundo os dons que o Senhor lhes deu. Por muito tempo, cada qual seguindo sua trilha, embora paralela uma a outra. Mas o Espírito Santo os orientou a unir forças no domínio do ministério e da literatura cristãos. Queremos ambos prestar aqui nosso reconhecimento a Deus pelo livro de Atos dos Apóstolos, que o Senhor usou e ainda usa para iluminar as mentes quanto ao ministério e ao poder do Espírito Santo.

Atualmente ainda há muita gente com receio de Atos dos Apóstolos. Mas por que temer um livro que revela o ministério do *alter ego* do Senhor Jesus? É em Atos que o apóstolo Pedro lembra que Joel já havia predito estes dias, ao pregar: "Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne [...]" (veja At 2.16s).

À medida que o tempo passar, e avizinhar-se mais e mais o segundo advento de Cristo, mais essa predição se tornará aplicável ao povo de Deus. Atos dos Apóstolos não é mera obra de transição. Antes, é e será sempre o grande livro do momento, para todos os crentes.

Atos dos Apóstolos — um livro doutrinário

Há quem diga que não podemos estabelecer doutrinas tendo por base Atos dos Apóstolos. Ora, se não podemos basear doutrinas em Atos, muito menos podemos fazê-lo no evangelho de Lucas. No epílogo de Lucas temos um Jesus vivo, poderoso, que fala, recomenda, se despede dos discípulos e ascende aos céus; e em Atos, outro tanto, um Jesus ressurreto e vitorioso. Porventura, ressurreição não é doutrina? A pessoa de Jesus, em esplendor e glória, sentado à direita do Pai, não é um fundamento doutrinário? O mandamento de Jesus, dado em Atos 1.8, não será tão importante quanto o de Lucas 24.49? Os anjos, mencionados em Atos nada menos de dezoito vezes, não fazem parte da doutrina cristã? A promessa de Atos 1.5, cumprida em Atos 2.4, não é doutrina importante para o crente?

Os dois primeiros capítulos de Atos registram a organização da igreja. Em Atos vemos como Jesus trocou a sua presença pela sua onipresença. A palavra dos anjos — "Esse Jesus, que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do mundo como o vistes subir" (At 1.11b) — aponta para o final da magnificente carreira da igreja na terra, quando os crentes também participarão da vida ressurreta de Cristo, no corpo de cada remido de todos os séculos. Quanta coisa os apóstolos de Jesus tiveram de ensinar, de corrigir, de doutrinar acerca de tudo quanto está envolvido na segunda vinda do Senhor, do ponto de vista da igreja e do ponto de vista do mundo incrédulo. Não será isso doutrina?

Atos 2.37-41 mostra o cumprimento inicial, mas pleno, da Grande Comissão de Mateus 28.19,20. Prestemos atenção ao que diz Atos 2.41: "Então os que lhe aceitaram a palavra, foram batizados [...]". Foram batizados os que creram na palavra dos apóstolos e na palavra viva, o Senhor Jesus. Isso não firma doutrina para todos os século posteriores? Algum estudioso cristão fez a seguinte arguta observação: "A Bíblia não ensina somente por preceito, mas igualmente pela força do exemplo". Atos não analisa teologicamente as doutrinas cristãs, conforme fazem as epístolas, mas fornece a plataforma histórica que nos mostra como agiu a igreja primitiva e como deve fazê-lo a igreja de todos os séculos. A grande prova disso é o que Atos não exemplifica de um modo, para então os autores das epístolas ensinarem de outra maneira.

Deixamos os críticos negativos com seu ceticismo e falta de visão espiritual, e entendemos que a doutrina cristã está alicerçada sobre todos os livros sagrados que o divino Espírito inspirou. Nenhum desses livros é supérfluo ou dispensável. Cada um deles contribui para o todo. Atos lançou o alicerce para a vida espiritual da igreja de todos os séculos. Descolados estão todos aqueles que pretendem fugir dos padrões ali ensinados, para depois pensarem que estão preservando o verdadeiro cristianismo.

Se o quiséssemos, poderíamos continuar a mostrar o quanto Atos firma doutrina. Assim, em Atos 4.32-35 temos um sublime quadro que serve de exemplo da vida comunitária cristã: uma comunidade cristã unida, caracterizada pelo amor prático, dotada de uma mensagem poderosa e favorecida pela graça divina. Isso tudo é doutrina autêntica ou apenas história fria e morta? Ademais, Atos 6.1-7 não se harmonizou com 1Timóteo 3 acerca do diaconato? Atos 10.39,40 não é trecho tão doutrinário quanto Lucas 23.44-49, ou qualquer outro trecho das epístolas paulinas? Atos 10.41 registra a grande verdade de que Jesus ressurreto aparece somente a convertidos. Temos aí um fundamento escatológico para o arrebatamento da igreja. Além disso, Atos 10.42 não é tão doutrinário quanto João 5.29?

Em Atos 13.1-3 achamos as bases para o trabalho missionário cristão, ordenado em Mateus 28.18-20: uma comunidade cristã madura, dotada de ministério diversificado, que servia ao Senhor, jejuava e orava, ouvia a voz do Espírito Santo, enviava

missionários identificados pelo Espírito, reconhecia o poder da imposição de mãos e tinha vencido preconceitos raciais, sociais e cerimoniais.

Atos 15 é o fundamento do governo eclesiástico. Surgiu em Antioquia um difícil problema doutrinário, que ameaçava perigosamente a liberdade cristã da lei de Moisés. Esse problema fora causado por membros da igreja em Jerusalém. Não tendo autoridade sobre tais pessoas, a igreja em Antioquia encaminhou a questão de direito à igreja em Jerusalém. Esta, reunindo os apóstolos e os pastores ("presbíteros"), resolveu a questão de forma teocrática e democrática. Teocraticamente porque os apóstolos eram representantes direitos do Senhor Jesus; democraticamente porque a decisão foi dos apóstolos e dos presbíteros, "com toda a igreja" (At 15.22).

O exemplo de generosidade nas contribuições apresentado em Atos 4.36-37, e confirmado em Atos 11.27-30, embora em outro episódio, fornece-nos base doutrinária tão grande sobre esse dever cristão como o fazem certas instruções apostólicas, nas epístolas.

E assim poderíamos continuar, quase até cansar. Atos é essencialmente histórico. Mas é história na qual estão embutidas grandes doutrinas cristãs. Nisso parece-se com alguns livros do Antigo Testamento, como Êxodo, por exemplo.

Encerrando estas considerações sobre Atos como alicerce de muitas das mais importantes doutrinas cristãs, vejamos o comentário de Broadus D. Hale:

> Mas é reconhecido que o Espírito Santo ocupa o fundo do cenário, em Atos. Não obstante, o Espírito Santo é também muito importante nos evangelhos. Os eventos são interpretados teologicamente, com o reconhecimento da atividade divina, por detrás de cada acontecimento. Desde o início de Atos, até seu final, pode-se sentir o movimento do Espírito Santo em tudo o que acontece; o progresso inteiro da igreja foi orientado pelo Espírito Santo.[4]

Características do livro

A chave do plano estrutural de Atos acha-se em sua versão da Grande Comissão: "[...] mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra" (At 1.8).

A maior parte dos comentários de Atos destaca somente o aspecto geográfico dessa passagem. De fato, esse aspecto é respeitado ao longo de Atos, pois o evangelho foi-se expandindo de acordo com a sequência — primeiro em Jerusalém; em seguida, Judeia e Samaria; e daí, pouco a pouco, para outras regiões do mundo. (A propósito, essa expansão ainda não terminou. Na Ásia, por exemplo, há imensas extensões que pouco ou nada conhecem do evangelho bíblico.) Mas o aspecto espiritual da Grande Comissão em Atos é lamentavelmente esquecido. No entanto, as palavras de Jesus têm o seguinte sentido: primeiramente recebereis poder espiritual (mediante o batismo no Espírito Santo); e somente então devereis testemunhar; e aí ireis expandindo, começando por Jerusalém, depois Judeia e Samaria, e, por último, o mundo inteiro.

Vejamos como esse plano se desenvolveu no livro de Atos: em Jerusalém (1.1—7.60); na Judeia e em Samaria (8.1—12.25); no mundo gentílico (13.1—28.31). Esse é o esboço mais simples e lógico de Atos.

Os grandes líderes do primeiro estágio foram os apóstolos. Mas no fim dele surgiram outras figuras exponenciais, como Barnabé e Estevão, um dos sete diáconos ou serviçais. No segundo estágio, devido à perseguição deflagrada em Jerusalém, surgiram novos líderes evangelizadores, como Filipe e Saulo de Tarso, mas onde os apóstolos, sobretudo Pedro e João, atuavam como supervisores. No terceiro estágio, fulguram

---

[4] HALE, Broadus D. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*.

Barnabé e Saulo (este logo passou a ser chamado Paulo, 13.9). Então surgiram Marcos, Timóteo, Silas, Apolo, Lucas e diversos outros. Ao mesmo tempo, o relato deixa de lado Barnabé, e também Pedro, João e os demais apóstolos, a fim de concentrar toda a atenção sobre o ministério de Paulo e seus diversos companheiros.

A narrativa de Atos é forçosamente fragmentada. Restou para nós apenas uma síntese. Um relato completo seria, entre outras coisas, proibitivamente longo. Vamos exemplificar. Sabe-se que no Egito instalou-se uma forte igreja cristã. No entanto, Lucas narra apenas o episódio de Filipe e o eunuco (8.26-40). Conclusão lógica: Quem teria levado o evangelho para o Egito? O eunuco da rainha Candace, convertido sob o ministério de Filipe. Outro exemplo de que o relato de Atos é apenas um sumário é que são mencionadas igrejas na Galileia, mas não é historiada a sua implantação. E, até mesmo quando Lucas narra as atividades de Paulo, às vezes ele condensou, em uma sentença, atividades que podem ter levado semanas ou meses para concretizar-se (veja At 18.22 e 19.1). Em outras passagens, porém, a narrativa é bastante detalhada. A presença ou não de Lucas (nas chamadas seções "nós") entre o grupo evangelístico é um dos fatores dessas diferenças. As seções "nós" são Atos 16.11-17; 20.5—21.18, e os caps. 27 e 28.

Dois grandes centros evangelizadores são mencionados em Atos: primeiro, Jerusalém, e depois, Antioquia da Síria (este último centro a partir de At 13.1), embora Jerusalém continuasse relativamente importante. Mas foi de Antioquia que realmente partiu o impulso evangelizador gentílico. Pedro foi o grande líder em Jerusalém. Paulo foi o grande missionário enviado por Antioquia.

A história eclesiástica informa que com o tempo outros grandes centros cristãos foram surgindo: Alexandria, no Egito; Roma, na Itália; Constantinopla, na Trácia. Desses cinco grandes centros, Jerusalém desapareceu no ano 70 d.C., em face de sua destruição. O cristianismo judaico transferiu então seu centro para Pela, na antiga Edom. Mas até mesmo esse centro acabou murchando e desaparecendo. Depois foi a vez de Antioquia da Síria. Seguiram-se Alexandria e Constantinopla, embora essas tenham perdurado um pouco mais. Assim, restou Roma. Mas por essa altura da história esta se deixara arrastar a grande desvios doutrinários, quando a igreja oficial (dirigida por imperadores romanos) já se havia secularizado. Desde antes disso, o cristianismo bíblico, que passou a viver quase subterraneamente, ao invés de girar em torno de algum grande centro, continuava palpitando em lugares como a Ásia Menor, Grécia, Armênia, o norte da África, a Galileia (atual França), o norte da Itália, a Bulgária etc. Mas isso o leitor poderá aprender melhor na história eclesiástica.

Atos registra vários sermões. Não na íntegra, mas apenas o âmago deles. Além de servirem de modelos de homilética, mostram que os primeiros pregadores cristãos faziam sua prédica girar em torno da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, uma ênfase que jamais deveríamos esquecer. F. F. Bruce dividiu esses sermões em quatro categorias: *evangelísticos* (a maioria), *deliberativos* (At 15), *apologéticos* (de Estevão, e alguns de Paulo) e *exortatórios* (de Paulo aos anciãos de Éfeso).[5] Por isso mesmo, o vocabulário de Atos é um tanto diferente do de Lucas. "Igreja", "crer", "batizar", "apóstolo" etc. são termos que dão um colorido *sui generis* ao livro.

Por último, como já dissemos, o Espírito Santo é a chave do sucesso na propagação do evangelho. Nas palavras de Everett Harrison, o Espírito Santo é a fonte da pregação eficaz (4.8), dos poderes miraculosos (13.9-11), da sabedoria nas deliberações da igreja

[5] BRUCE, F. F. *The Speeches in the Acts of the Apostles*.

(15.28), da autoridade administrativa (5.3—13.2) e da orientação em geral (10.19; 16.6-10).[6]

Estudos recentes sobre Atos

Em cerca de meados do século XIX, F. C. Baur, de Tübingen, criou a ideia de que Paulo e Pedro foram dois líderes cristãos primitivos que defendiam campos opostos, e de que Atos fora escrito por algum paulinista que quis mostrar que Paulo quisera ministrar aos judeus, mas fora impedido disso pela oposição judaica. Também alegavam que esse autor tivera por propósito minimizar a controvérsia legalista, tendo escrito seu relato já bem dentro do século II d.C., o que tiraria do livro todo valor.

Em apoio a sua tese, Baur lançou mão de certa literatura na qual Pedro aparece como o herói, e cujo grande adversário teria sido Simão Mago; e Baur concluiu que, se Paulo continuava sendo tão odiado no século II, teria sido execrado muito mais em seus próprios dias. Trechos de Atos onde Pedro e Paulo aparecem perfeitamente harmônicos, como o capítulo 15, deveriam ser considerados puras criações.

Lightfoot e Zahn detonaram a teoria de Baur ao mostrar que nos escritos dos pais da igreja há menções a todos os livros do Novo Testamento, incluindo Atos, desde um período bem anterior ao que Baur dizia. Graças a esse e a outros ataques, a posição de Baur foi sendo lançada em descrédito, entre os círculos críticos, à medida que se avizinhavam os fins do século XIX. Foram Harnack, na Alemanha, e sir William Ramsay, na Grã-Bretanha, que reverteram todo esse quadro. O primeiro por meio da filosofia e da crítica da fonte informativa, e Ramsay através da pesquisa geográfica, arqueológica e histórica. Ambos terminaram suas pesquisas convictos de que Atos deve ter sido escrito na década de 60 d.C.

É verdade que depois desses dois estudiosos a crítica voltou a pensar em uma data posterior à década de 60 d.C., mas pelo menos ainda dentro do século I d.C. Em 1951, Dibelius, um acadêmico alemão, propôs que os discursos de Atos são criações posteriores. Mas Bertill Gartner e outros foram entretecendo a ideia de que os discursos registrados em Atos não são criações artificiais, postas na boca de diversas personagens do livro, mas são fiéis para com as doutrinas ensinadas por Cristo, refletindo o pensamento cristão mais primitivo. Isso tem provocado algum debate sobre a interpretação dos discursos de Atos. Daí tem-se concluído, sobretudo nos estudos de H. J. Cadbury, reunidos em seu livro *The Book of Acts History*, que Atos reflete fielmente a mescla de culturas grega, romana, judaica e cristã que prevalecia por toda a região oriental do Império Romano, antes do final do século I. d.C.[7]

Estamos fazendo esse passeio pelos meandros da crítica para dar ao leitor uma ideia desses debates. Os argumentos da crítica destrutiva são totalmente subjetivos, baseados em pressupostos sem fundamento. Felizmente, tais argumentos estão sendo desmascarados em sua subjetividade. Em nossos comentários ao evangelho de Lucas vimos que Lucas não pode ter escrito já dentro da década de 70 d.C. devido ao silêncio que faz sobre certos acontecimentos que transpiram durante essa década, e que ele não poderia ter omitido se tivesse escrito na oitava década do século I: a execução de Paulo e de Pedro (67 d.C.), o suicídio de Nero (68 d.C.) e, acima de tudo, a destruição de Jerusalém (70 d.C.).

A QUARTA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO

[6] HARRISON, Everett. *Introduction to the New Testament*, p. 228s.

[7] CADBURY, H. J. *The Book of Acts History*, 1955.

Atos acompanha os momentos da vida de Paulo somente até o ponto em que ele já estava havia 2 anos em prisão domiciliar em Roma (At 28.30,31). Mas uma "quarta" viagem missionária do apóstolo dos gentios, após ter sido solto dessa primeira detenção em Roma, pode ser reconstituída. Essa reconstituição depende dos seguintes dados: intenção de Paulo de ir a Espanha (Rm 15.24,28); testemunho de Eusébio sobre a soltura de Paulo, após sua primeira detenção em Roma (História eclesiástica, 2.22.2-3); testemunhos de Clemente de Roma de que Paulo esteve na Espanha (Epístola aos Coríntios, cap. 5); de Actus Petri Vercellenses, caps. 1-3; e do Cânon Muratoriano (linhas 34-39).

Os lugares que Paulo deve ter visitado em sua "quarta" viagem missionária são indicados ou por declarações de intenção ou por menções subsequentes nas epístolas pastorais. O seguinte itinerário parece ser o mais provável:

1. Roma — soltura de Paulo em 62 d.C.
2. Espanha (Rm 15.24,28), em 62-64 d.C.
3. Creta (Tt 1.5), em 64-65 d.C.
4. Mileto (2Tm 4.20), em 65 d.C.
5. Colossos (Fm 22), em 66 d.C.
6. Éfeso (1Tm 1.3), em 66 d.C.
7. Filipos (Fp 2.23,24; 1Tm 1.3), em 66 d.C.
8. Nicópolis (Tt 3.12), em 66-67 d.C.
9. Roma — segundo aprisionamento, 67 d.C.
10. Martírio, em 67 ou início de 68 d.C.

Lucas não inclui nenhum desses dez episódios em Atos. Portanto, Atos só pode ter sido escrito antes de 62 d.C., quando Paulo ainda não fora solto. Isso também implica que o evangelho de Lucas foi logicamente escrito antes de Atos.

Esboço

I - PRÓLOGO 1.1-11
1) Finalidade do livro 1.1
2) Instruções finais de Jesus 1.2-5
3) Ascensão de Jesus 1.6-11
II - A IGREJA EM JERUSALÉM 1.12—7.60
1) Espera pela promessa do Pai 1.12-26
a) Oração no cenáculo 1.12-14
b) Substituição de Judas 1.15-26
2) No dia de Pentecostes 2.1-47
a) Descida do Espírito Santo 2.1-4
b) Sinais prodigiosos 2.5-13
c) Sermão de Pedro 2.14-36
d) Três mil batizados 2.37-41
e) A comunidade cristã 2.42-47
3) A cura do coxo e o sermão de Pedro 3.1-26
4) Pedro e João perante o Sinédrio 4.1-31
5) Comunidade voluntária de bens 4.32-37
6) Caso de Ananias e Safira 5.1-11
7) Prodígios apostólicos 5.12-16
8) Os apóstolos perante o Sinédrio 5.17-42
9) Escolha dos sete diáconos 6.1-7
10) Estevão, primeiro mártir cristão 6.8—7.60
III - A IGREJA COMEÇA A EXPANDIR-SE 8.1—9.31
1) Dispersão dos crentes de Jerusalém 8.1-3

2) Filipe, o evangelista 8.4-40
3) Conversão de Saulo de Tarso 9.1-31
IV - ATOS DE SIMÃO PEDRO 9.32—11.18
1) Eneias e Tabita 9.32-43
2) Cornélio ouve o evangelho 10.1-48
3) Pedro justifica-se 11.1-18
V - IGREJA DESPONTA EM ANTIOQUIA DA SÍRIA 11.19-30
1) Primórdios 11.19-26
2) Ágabo, um profeta cristão 11.27-30
VI - HERODES PERSEGUE A IGREJA 12.1-23
VII - ANTIOQUIA: NOVO CENTRO EVANGELIZADOR 12.24—13.3
VIII - PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO 13.4—14.28
1) Em Chipre 13.4-12
2) Em Antioquia da Pisídia 13.13-52
3) Em Icônio, Listra e Derbe 14.1-28
IX - CONTROVÉRSIA SOBRE O LEGALISMO 15.1-35
1) Criada por judeus de Jerusalém 15.1,2
2) Comissão enviada a Jerusalém 15.3,4
3) Exposição de Pedro 15.5-11
4) Relatório de Barnabé e Paulo 15.12
5) Parecer de Tiago, irmão de Jesus 15.13-21
6) Decisão da igreja em Jerusalém 15.22-29
7) Acolhimento da decisão por Antioquia 15.30-35
X - SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO 15.36—18.22
1) Paulo e Barnabé separam-se 15.36-40
2) Iniciação de Timóteo 15.41—16.3
3) O evangelho chega a Europa: Filipos 16.4-40
4) Em Tessalônica e Bereia 17.1-15
5) Em Atenas 17.16-34
6) Em Corinto 18.1-17
7) Em Éfeso, na Ásia Menor 18.18-22
XI - TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO 18.23—21.17
1) Paulo parte de novo 18.23
2) Atividades de Apolo 18.24-28
3) Paulo novamente em Éfeso 19.1-41
4) Na Macedônia e na Grécia 20.1,2
5) Em Trôade em Éfeso, pela terceira vez 20.3-38
6) Paulo continua, até Jerusalém 21.1-17
XII - PAULO PRISIONEIRO EM JERUSALÉM 21.18—26.32
1) Presta relatório aos anciãos 21.18-26
2) Tumulto no templo 21.27-40
3) Defesa de Paulo perante a multidão 22.1-29
4) Paulo perante o Sinédrio 22.30—23.11
5) Conspiração contra Paulo 23.12-35
6) Paulo julgado por Félix 24.1-27
7) Paulo julgado por Festo 25.1-22
8) Defesa de Paulo perante Agripa 25.23—26.32
XIII - VIAGEM DE PAULO ATÉ ROMA 27.1—28.31
1) Percalços da viagem 27.1-44
2) Náufragos acolhidos em Malta 28.1-10

3) Paulo em prisão domiciliar Roma 28.11-31

Parte 3

As epístolas e Apocalipse

12

Cronologia das epístolas paulinas

A cronologia das epístolas paulinas, como de qualquer outra porção da Bíblia, ou mesmo do Novo Testamento, defronta-se com um problema: esses livros não foram datados com precisão, conforme fazemos costumeiramente hoje em dia. Quando muito, podemos deduzir essas datas e a sequência em que os livros da Bíblia foram sendo produzidos através de dados muito gerais, que pertencem muito mais à natureza das inferências.

O que dizemos aqui sobre as epístolas paulinas, dizemo-lo igualmente sobre os demais livros do Antigo e do Novo Testamento. As datas que demos até aqui, relativas aos quatro evangelhos e a Atos dos Apóstolos, são meras aproximações.

Prova disso são as tabelas que os estudiosos têm apresentado a respeito das datas prováveis dos livros do Novo Testamento. Se examinarmos autores de respeito como Schaff, Zahan, Alford, Bagster, Lewin, Coney-Beare & Howson, Weiss, Renan, Baur e uma meia dúzia de outros, que fizeram enormes esforços no campo da cronologia bíblica, veremos que os resultados por eles alcançados são os mais díspares possíveis. Por exemplo, enquanto Alford atribui a Atos uma data como 63 d.C., Baur prefere pensar em 160 d.C., uma diferença de quase 100 anos!

Apesar disso, o estudo da cronologia bíblica tem seu valor, pois nele estão embutidas outras questões, mais fundamentais, como autenticidade, autoria, destinatários, temas principais etc. de cada livro. Ademais, as dificuldades cronológicas em nada detratam a mensagem dos livros bíblicos analisados. A questão envolve muito mais a polêmica contra a Alta Crítica, a qual nega sistematicamente os livros da Bíblia aos seus respectivos autores, na tentativa inútil de lançar no descrédito os ensinos da Palavra de Deus, principalmente aqueles de natureza sobrenatural, como a morte expiatória ou a ressurreição de Cristo. Para tais críticos, essas teriam sido invenções do cristianismo posterior, quando certas tradições "cristãs" já se teriam cristalizado. Então, os verdadeiros autores dos diversos livros bíblicos teriam posto na pena de Paulo, Pedro, João, Lucas etc., conclusões a que Jesus nunca teria pretendido chegar.

Feita essa digressão explicativa, queremos dar uma breve palavra sobre a importância das epístolas dentro do Novo Testamento.

Em primeiro lugar, dentre os 27 livros neotestamentários, 22 são epístolas, se incluirmos aí as 13 epístolas de Paulo, as 8 epístolas gerais e Apocalipse. O leitor não deve se admirar se incluirmos entre as epístolas o livro de Apocalipse. Se esse livro não segue de perto as epístolas quanto ao estilo geral delas, não há que se duvidar que o último livro da Bíblia tivesse um autor mental (o Senhor Jesus), um amanuense (o apóstolo João), os destinatários (as sete igrejas da Ásia) e um término tipicamente epistolar (Ap 22.21). Mas uma classificação mais exata de Apocalipse seria uma série de quatro grandes visões proféticas em forma de epístola.

Em segundo lugar, as epístolas são importantes porque caracterizam o Novo Testamento. O Antigo Testamento não contém uma única epístola. Isso significa que o Espírito de Cristo, em sua sabedoria infinita, achou por bem lançar mão desse veículo literário para continuar ensinando aquilo que Jesus Cristo começou a ensinar, quando ainda estava na carne.

Finalmente, as epístolas são importantes porque elas analisam, lógica e teologicamente, os ensinos emanados inicialmente dos lábios do Senhor Jesus, e depois desdobrados aos apóstolos de Cristo, através de revelações especiais.

Quem mais escreveu epístolas foi Paulo (treze ao todo); João segue-o de longe com três; Pedro vem em seguida com dois; Tiago e Judas têm uma epístola cada um deles.

Hebreus é o único livro anônimo do Novo Testamento.

Na ordem em que os livros do Novo Testamento geralmente aparecem, as epístolas de Paulo vêm logo depois dos quatro evangelhos e de Atos dos Apóstolos. Essa arrumação está longe de ser cronológica, pois algumas epístolas foram escritas antes dos evangelhos, sobretudo o de João, e certamente antes de Atos. Mas se limitarmos agora a nossa atenção às epístolas paulinas, então, por conveniência, devemos dividí-las em quatro grandes blocos:

Primeiras epístolas de Paulo

1—2Tessalonicenses e Gálatas formam primeiro bloco: "Primeiras epístolas de Paulo". Elas foram escritas no decurso de sua segunda viagem missionária, enquanto esteve em Corinto. Mas alguns opinam que ele estaria em Antioquia da Síria quando escreveu Gálatas. Portanto, elas devem ter sido escritas entre 51 e 53 d.C., dependendo do local.

Muitos estudiosos, incluindo os autores deste livro, pensam que 1—2Tessalonicenses foram escritas antes de Gálatas. Com base em certas premissas, outros estudiosos preferem pensar em Gálatas como a primeira epístola canônica do apóstolo. Mas essa é uma questão que envolve muito mais a preferência pessoal do que alguma divergência doutrinária, pois, usando-se uma linguagem matemática, "a ordem dos fatores não altera o produto".

Principais epístolas de Paulo

1—2Coríntios e Romanos formam o segundo bloco: "Principais epístolas de Paulo", um corpo literário escrito desde o final de sua segunda viagem missionária até quase o fim de sua terceira viagem missionária. Logo, essas epístolas devem ter sido escritas entre 54 e 57 d.C.

Epístolas da prisão

Filipenses, Filemom, Colossenses e Efésios formam o terceiro bloco: "Epístolas da prisão", todas elas escritas em Roma, quando Paulo terminara sua terceira viagem missionária e estava em sua prisão domiciliar naquela cidade. Isso aponta para um período entre 59 e 60 d.C.

Epístolas pastorais

1Timóteo, Tito e 2Timóteo formam o quarto bloco, chamadas convencionalmente de "epístolas pastorais", por darem instruções a dois pastores que eram representantes de Paulo e continuadores de sua obra de supervisão de igrejas. 1Timóteo e Tito foram escritas durante o período de sua liberdade condicional, após ter sido solto de sua primeira prisão em Roma. Ou seja, pertencem ao período entre 63 e 65 d.C. Mas 2Timóteo, o "canto de cisne" de Paulo, foi escrita quando o apóstolo já estava encerrado na prisão Mamertina, em Roma, de onde só sairia para ser executado. Assim, ela deve ser datada em 67 d.C.

Quando à sua natureza, as epístolas paulinas são classificadas como segue:

1. *Escatológicas:* 1—2Tessalonicenses. Escritas durante a segunda viagem missionária.
2. *Soteriológicas:* Gálatas, 1—2Coríntios, Romanos. Escritas durante a terceira viagem missionária.
3. *Eclesiológicas:* Efésios, Colossenses, Filemom e Filipenses. Escritas durante a primeira prisão em Roma
4. *Pastorais:* 1—2Timóteo e Tito. Escritas durante o período de liberdade condicional (no caso de 2Timóteo, quando do último aprisionamento de Paulo em Roma).

13
Romanos

Sobre Romanos, o célebre reformador João Calvino escreveu: "Para quem chegar a conhecer essa epístola, todos os tesouros escondidos das Escrituras serão abertos".[1] O famoso teólogo suíço Frédéric Louis Godet (1812-1900) disse: "É muito provável que todos os avivamentos espirituais na igreja sejam ou possam ser ligados, em seu efeito e na sua causa, a uma compreensão mais profunda da carta aos Romanos".[2]

Autoria

Sem dúvida, o apóstolo Paulo. Romanos é uma das quatro dentre as treze epístolas de Paulo consideradas polemistas, além de 1—2Coríntios e Gálatas. Apesar disso, essas quatro têm sido aceitas como autenticamente paulinas até pelos modernistas e liberais.

Quase todas as cartas de Paulo foram ditadas. O "espinho na carne" talvez fosse uma enfermidade ocular (2Co 12.7). Esse informe, conjugado com Gálatas 4.13,14 e 6.11 — "Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho" —, prova que Paulo tinha sérios problemas de visão. Por essa razão, precisava de ajuda de um amanuense. No caso dessa epístola, Paulo ditou-a a um crente chamado Tércio (Rm 16.22), o qual aproveitou o ensejo para enviar suas próprias saudações aos crentes de Roma.

O grego da epístola não é tão límpido e apurado como o trecho de 1Coríntios 13. Trata-se de uma carta ditada no fragor da batalha. Paulo vivia empenhado em grandes atividades. Isso o fazia escrever, por assim dizer, aos arrancos, o que explica os anacolutos, ou seja, violações da sequência gramatical. Todavia, em Romanos 8, há uma linguagem polida e rica.

Autenticidade

Romanos é aceita pela crítica em sua quase totalidade. Excetuam-se porções dos capítulos 15 e 16, principalmente quanto à colocação da "doxologia", que, em alguns manuscritos, aparece no final do 14, mas em outros, no fim do 15. Os melhores manuscritos (Alef, Vaticano, Ephraemi Rescriptus, Bezae) e as versões antigas colocam a doxologia no final do 16, mas com a omissão de 16.24. Broadus David Hale conclui sua argumentação sobre a epístola aos Romanos dizendo: "A melhor conclusão é aceitar-se a integridade de Romanos 1.1 a 16.27. É muito mais fácil traçar a história textual a partir do texto completo do que determinar a origem de qualquer variante como sendo um acréscimo a um texto mais curto".[3]

---

[1] CALVINO, João. *Epístola aos Romanos*. Grand Rapids, Michigan: Subcomisión de Literatura Cristiana de La Iglesia Reformada.

[2] GODET, F. L. *Epistle to the Romans* (1883). Reimp. Grand Rapids: Kregel, 1883.

[3] HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo testamento*, p. 213.

Data e local

A epístola foi escrita provavelmente no inverno de 57 d.C., ainda que outros exegetas admitam começos de 58 d.C. Nessa ocasião, Paulo acabara de completar a coleta para os crentes pobres de Jerusalém, em sua terceira viagem missionária.

Paulo já havia anunciado o evangelho em cidades sofisticadas como Corinto e Atenas, e estava pronto para anunciá-lo também em Roma, a capital do Império, quando se lhe oferecesse oportunidade para tanto (Rm 1.15). Então, estando ele em Corinto, escreveu a epístola.

Destinatário

Como o próprio título indica, Paulo escreveu essa epístola aos cristãos de Roma de diversas nacionalidades: judeus, gregos e latinos. Vê-se isso no capítulo 16, onde há uma lista de nomes dessas origens. Mas predominava ali o elemento gentílico. A maré da popularidade apontava para Roma, e levava muitos crentes para lá. Nesse mesmo capítulo vemos que em Roma havia um bom número de obreiros cristãos valorosos, que ajudavam no crescimento da igreja.

Tema

Romanos é o grande tratado cristão da "justificação pela fé", com base na graça divina. Temos ali a mais completa exposição da mensagem cristã, enviada a crentes judeus e gentios que residiam na capital do Império Romano.

A exposição de Paulo foi lógica. Ele começou pela grande necessidade espiritual do homem: a retidão, por causa da pecaminosidade inerente. Em seguida, apresentou o remédio para essa condição da humanidade: a justificação pela fé. Em seguida, apontou o resultado da medicação: a consagração do crente a Deus, ou seja, a santificação. Um aspecto que alguns considerariam secundário, mas que é tão importante que o apóstolo lhe dedicou os capítulos 9 a 11, é a questão da incredulidade da grande maioria do povo de Israel em relação ao seu próprio Messias, Jesus de Nazaré. Isso forneceu a Paulo a oportunidade para exibir a sabedoria de Deus em seu planejamento da história humana. Daí para a frente, Paulo abre uma seção de conselhos práticos aos remidos.

Propósito

Tudo indica que o conteúdo de Romanos vinha fervendo no coração de Paulo. Ela expõe a mensagem cristã que pregava entre judeus e gentios. Não se trata uma mensagem legalista, de respeitos humanos, nem de liberalismo vazio. Paulo pregava o evangelho carac-terizado pelo "poder" (no grego, *dúnamis*), segundo ele mesmo diz: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16). Aí está a mensagem cêntrica da epístola.

O teor da epístola e de Atos dos Apóstolos permite-nos refazer os passos que Paulo planejava dar quando saísse de Corinto: ele queria deixar Corinto o mais breve possível (Rm 15.25) e ir a Jerusalém (Rm 15.26-28); no mesmo ano em que deixou Corinto, durante a festa da Páscoa, achava-se em Filipos (At 19.22). Esse teor também revela algo da vida de Paulo em Corinto: ele esteve hospedado com Gaio (At 16.23) — este, na verdade, hospedava a igreja inteira, ou seja, os crentes de Corinto reuniam-se em sua casa (At 16.23); Timóteo fazia companhia a Paulo, em Corinto (At 16.21); Erasto, que estivera com Paulo na Macedônia (At 19.22), era o tesoureiro da cidade de Corinto; e através de 1Coríntios 1.14 aprendemos que Gaio foi batizado por Paulo.

Paulo tinha consciência de que seu trabalho no oriente havia chegado ao fim. Tinha estabelecido fortes igrejas na Síria, na Cilícia, na Galácia, na Ásia Menor, na Macedônia e na Acaia (Rm 15.22). Agora, volvia os olhos para o ocidente, anelando pregar o evangelho na Espanha (Rm 15.24). A cidade de Roma era uma etapa lógica dessa

transferência de Paulo do oriente para o ocidente (Rm 15.24,28). Com essa epístola, pois, Paulo estava preparando a mente dos crentes romanos para os alvos que pretendia atingir no ocidente. De longa data Paulo vinha planejando visitar Roma, embora até ali tivesse sido impedido de fazê-lo (Rm 1.13). O livro de Atos mostra-nos que o Senhor Jesus, em uma visão, garantiu a Paulo que ele pregaria em Roma (At 23.11), além de narrar como Paulo chegou a Roma como prisioneiro, a fim de comparecer diante do tribunal de César.

Seu desejo era que os crentes de Roma fossem confirmados na plena graça de Deus, segundo o seu evangelho (Rm 16.25). O evangelho que ele pregava revelava a mente de Cristo (Rm 1.1; Gl 1.6-10). Nessa epístola Paulo expôs a mensagem que anunciava aos gentios. Ele designou essa mensagem de "evangelho de Deus" (Rm 15.16). Em Gálatas 2.6s, ele explica que os apóstolos que estavam em Jerusalém "nada acrescentaram" ao evangelho por ele pregado, pois sua mensagem não era deficiente. O evangelho anunciado por Paulo não era meramente teórico. Mas era acompanhado pela "força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo" (Rm 15.19).

Características

Além das que já analisamos, há outras igualmente relevantes.

1. A longa introdução mostra que Paulo estava tateando caminho, por estar tratando com uma comunidade cristã da qual não era o fundador e que não o conhecia pessoalmente.
2. A conclusão da epístola dá os nomes de muitas pessoas às quais o apóstolo saudou pessoalmente. Essa aparente contradição com a característica anterior é solucionada mediante a conjectura de que muitos crentes que Paulo conhecera em outros lugares tenham ido a Roma.
3. A epístola pertence mais ao caráter de tratado, tal como se dá com Hebreus.
4. A exposição doutrinária avança nos moldes de um debate, como se Paulo sentisse a presença de objetores. Assim, no dizer de Everett F. Harrison, a epístola resultou de "uma década ou mais uma da proclamação do evangelho, algo forjado e resultante de acalorado debate e de prolongado raciocínio".[4]
5. Romanos e Gálatas assemelham-se muito quanto à atitude. É como se após longo conflito agora Paulo descansasse sobre os louros da vitória; e a placidez de Romanos reflete esse triunfo. Mas, em Gálatas, Paulo continuava envolvido na batalha.
6. Romanos contém muitas citações do Antigo Testamento. Alguém já notou que mais da metade das ocorrências da expressão paulina "está escrito" acha-se nessa epístola.
7. Seu vocabulário é bem mais soteriológico que de outras epístolas paulinas. As seguintes palavras aparecem muitas vezes: "lei", "graça", "justiça", "justificação", "pecado", "ira", "fé", "crer", "vida", "Espírito", "esperança", "circuncisão" e "incircuncisão", "judeus" e "gentios". Em nenhuma outra epístola o plano da salvação é exposto de modo tão complexo e exaustivo.
8. Por ser a exposição do "evangelho de Paulo", a epístola abrange temas de grande profundidade, como:

a) A justiça de Deus (Rm 1—3).
b) Cristo é a justiça de Deus (Rm 5—8).
c) Pela fé recebemos as bênçãos de Cristo (Rm 4—5).
d) Estamos espiritualmente identificados com Cristo (Rm 6).
e) Conflito entre as duas naturezas do crente (Rm 7).
f) Doutrinas básicas da eleição e da predestinação (Rm 8).
g) Relações entre Israel e a igreja (Rm 9—11).

[4] HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*, p. 287.

h) Questões éticas do crente (Rm 12—13): pessoais (Rm 12.3-21), políticas (Rm 13.1-7) e sociais (Rm 13.8-14).

OS JUDAIZANTES TAMBÉM EM ROMA

Em Filipenses 1.15 somos informados de que, quando Paulo chegou "em cadeias" a Roma, os judaizantes já se achavam ali. É possível que, derrotados no oriente, eles se tenham refugiado na capital do império. Mas embora a epístola aos Romanos seja uma carta polemista, o duelo não foi com os judaizantes. Estes legalistas já haviam semeado em Roma sua doutrina, segundo se observa na questão da ingestão de carnes sacrificadas a ídolos (Rm 14).

É patente que os crentes romanos sabiam do conflito entre Paulo e os judaizantes. Na epístola, Paulo argumentou sempre pelo lado positivo. Ele faz alusão ao que chama de "meu evangelho" (Rm 2.16). Isso não indica que houvesse um evangelho de Cristo e outro de Paulo. Alguns bons cristãos têm caído no equívoco de interpretar desse modo, como foi o caso de Lewis Sperry Chafer (1871-1952), em sua monumental *Teologia sistemática* (São Paulo: Hagnos, 2003). O que Paulo quis foi contrastar entre o evangelho que ele pregava e o falso evangelho dos judaizantes. O evangelho que aqui Paulo designa como "meu" é, na verdade, designado por ele mesmo como o "evangelho de Cristo" (Rm 15.19). Ele insiste em que só há um evangelho, e que qualquer outro "evangelho" é apenas um simulacro (Gl 2.8,9).

Quem fundou a igreja de Roma?

A. T. Robertson afirma que "Romanos é a única carta [paulina] dirigida a uma igreja que não fora organizada por ele [Paulo]".[5] Mas sendo ele o "apóstolo dos gentios", não se julgou destituído de autoridade para ministrar apostolicamente àqueles crentes. Aquela igreja também não pode ter sido fundada por Pedro. Isso é uma dedução lógica da declaração em Romanos 15.20 "[...] esforçando-me deste modo por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio". Se Pedro tivesse lançado os alicerces da igreja em Roma, Paulo jamais edificaria sobre tal fundamento. Há uma terceira solução: no grande auditório dos apóstolos, no dia de Pentecoste, havia também judeus romanos (At 2.10). Eles podem ter iniciado a igreja cristã em Roma ao voltarem daquela festa.

Em defesa do papado, a Igreja Católica Romana tem incentivado a tradição de que Pedro foi o fundador e o primeiro bispo da igreja cristã de Roma. Mas há várias razões que derrubam essa hipótese:

1. Atos mostra que Pedro esteve regularmente ocupado em seu ministério na Palestina, até o tempo do concílio de Jerusalém (At 15 e Gl 2.1-10).
2. Anos depois desse concílio, Paulo menciona que Pedro estava atarefado no trabalho missionário, como pregador itinerante (1Co 9.5).
3. Se Pedro foi o fundador da igreja de Roma, sobretudo se foi seu primeiro bispo, por que Paulo não se lembrou de saudá-lo em Romanos, que foi escrita em 57 d.C.? Tal omissão teria sido imperdoável, mesmo porque, naquele ano, ainda não havia tido início a perseguição dos cristãos de Roma, não havendo motivo algum para manter Pedro no anonimato do silêncio.
4. Pode-se concluir, à base de 1Pedro 5.13, que Pedro estava em Roma na década de 60 d.C. Ali ele chama simbolicamente Roma de "Babilônia". Mas então já era tarde demais para ele ser contado entre os fundadores da igreja de Roma.

[5] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*. Rio de Janeiro: Juerp, 1982, p. 195.

5. O testemunho dos chamados pais da igreja mostra-se contraditório aos fatos. Por exemplo, Irineu diz que Pedro e Paulo pregaram o evangelho em Roma e juntos fundaram a igreja cristã dali.[6] Ora, o próprio Paulo nega que tenha sido o fundador daquela igreja, segundo já vimos.
6. O argumento que diz que a formação de uma igreja exigia fundação apostólica é capcioso, pois a igreja em Antioquia da Síria, que se tornou a grande igreja enviadora de notáveis missionários cristãos como Barnabé e Paulo, não foi fundada por nenhum apóstolo. Logo, o máximo que pode ser dito sobre a presença de Pedro em Roma foi que ele sentiu a necessidade de fortalecer a igreja dali, que contava com muitos judeus como membros, tal como Paulo desejou fazer e realmente o fez, com a igreja em Roma e com outras.

A CIDADE DE ROMA

Segundo antiquíssima tradição, Roma foi fundada em 753 a.C. No início, ocupava apenas duas colinas: Capitolino e Palatino. No século VII a.C., já haviam sido ocupadas mais duas colinas: Esquilino e Quirinal. Essas colinas são sete ao todo, segundo nos ensina a geografia local; e Apocalipse refere-se simbolicamente a elas (Ap 17.9). As colinas restantes são: Aventino, Caeliano e Viminal. Sobre as duas primeiras ficava o fórum, a sede administrativa de Roma. O fórum, local de muitos acontecimentos históricos, como o julgamento e o assassínio de Júlio César, e o discurso de Marco Antonio, deve ter sido também o lugar onde Paulo foi julgado na primeira e na segunda vez.

Atualmente, Roma dista 19 km do mar Mediterrâneo. Na época de Paulo chegou a ter 1,5 milhão de habitantes, sendo 700 mil livres e 800 mil escravos.

A língua ali falada era o latim, que os filólogos dizem ter ligações com o celta e com o germânico antigo. Lembremos que o latim é a língua-mãe do português, sem falar nas demais línguas românicas: italiano, francês, espanhol, romeno, provençal, catalão e rético. E o próprio inglês deve muito ao latim, não tanto diretamente, mas através do francês.

Outros especialistas afirmam que, etnicamente, haveria ligações com Javã (os jônios), através de Quitim (veja Jr 2.10; Ez 27.6 e especialmente Dn 11.30, onde se lê sobre os "navios de Quitim", que os estudiosos dizem ser forçosamente os romanos). E como esquecer os etruscos, um misto de lídios e tirrenos? Estes últimos deixaram seu nome perenizado no mar Tirreno, a oeste da bota italiana.

Nero, o primeiro imperador romano a perseguir aos cristãos, reinou entre 54 e 68 d.C. Nesse último ano, suicidou-se. Mas, quando Paulo enviou Romanos por meio de Febe, Nero estava no auge da popularidade. Cencreia, por sua vez, era o porto de Corinto, distante dali cerca de 29 km. Logo, em Cencreia havia uma igreja cristã. A vida inteira de Paulo em Roma, seja no envio da epístola, seja no primeiro e no segundo período de aprisionamento, está ligada ao monstruoso Nero.

Um local de tanto significado histórico não poderia deixar de ser alvo das investigações arqueológicas. Para nós, cristãos bíblicos, nada se reveste de tão profundo interesse como as "catacumbas de Roma", cemitérios subterrâneos que os cristãos antigos, vítimas de perseguição, usavam para suas reuniões. Muitos volumes já foram escritos a respeito, tão extensos são esses estreitos subterrâneos, com sua malha de galerias. Calcula-se que há seis milhões de pessoas sepultadas nas 60 catacumbas, 54 cristãs e 6 judaicas. Se as catacumbas fossem postas todas uma após a outra, formariam um corredor de 945 km. Em 1853, um pesquisador encontrou nas catacumbas um

[6] IRINEU. *Contra as heresias*, III 1.1.

cubículo fechado por uma lápide de mármore, onde estavam gravadas estas palavras: "Marco Antonio Rastuto fez este sepulcro para si mesmo e para os seus, os quais confiam no Senhor". Emocionante!

Esboço

I - INTRODUÇÃO 1.1-17
1) Endereçados da epístola 1.1-7
2) Ação de graças e oração 1.8-12
3) Ausência anterior de Paulo 1.13-17
II - DOUTRINA DA JUSTIÇA QUE VEM DE DEUS 1.18—3.20
1) Necessidade dessa justiça 1.18—3.20
2) Necessária aos gentios 1.18-32
a) Pelo fracasso da religião natural 1.18-20
b) Pelo resultado da idolatria 1.21-25
c) Pela depravação 1.26-32
3) Necessária aos judeus 2.1—3.8
a) Por causa do juízo universal 2.1-16
b) Por causa do fracasso espiritual 2.17-29
c) Por ausência de justiça própria 3.1-8
4) Conclusão: todos estão debaixo do pecado 3.9-20
III - NATUREZA DA JUSTIÇA QUE VEM DE DEUS
1) Distinta da lei 3.21
2) De graça, mediante a fé 3.22-24
3) Pela morte propiciatória de Jesus 3.25
4) Tem dois aspectos:
a) A justiça divina quanto ao pecado 3.26
b) A justificação do pecador mediante a fé 3.27,28
5) Sua universalidade 3.29,30
6) Confirmada pela lei 3.31
7) Ilustrada pela justificação de Abraão 4.1-6
IV - EFEITOS DA JUSTIÇA QUE VEM DE DEUS 5.1—8.39
1) Paz com Deus 5.1-21
a) Por causa da reconciliação em Cristo 5.1-11
b) Em Adão, morte; em Cristo, graça e justiça 5.12-21
2) Santificação 6.1—7.25
a) Antes mortos no pecado 6.1-14
b) Libertos dos efeitos eternos do pecado 6.15-23
c) Mortos para a lei 7.1-6
d) Anulada a santidade que vem da lei 7.7-25
3) Ministério do Espírito Santo 8.1-39
a) A nova lei do Espírito da vida 8.1-4
b) Vida e paz 8.5-13
c) Filiação declarada do crente 8.14-17
d) Herança do crente 8.18-25
e) Ajuda na oração 8.26-30
f) Segurança eterna do crente 8.31-39
V - RELAÇÕES ENTRE ISRAEL E A IGREJA 9.1—11.36
1) Israel rejeitou a Cristo e foi rejeitado 9.1-5
2) Rejeição compatível com as promessas de Deus 9.6-13
3) Rejeição compatível com a justiça de Deus 9.14-29
4) Israel responsável por sua rejeição 9.30—10.21

5) O futuro de Israel 11.1-23
a) Sua rejeição não é universal 11.1-10
b) Sua rejeição não é final 11.11-23
c) Resultados da rejeição de Israel:
- Bênçãos para os gentios 11.11-24
- Misericórdia divina para todos 11.25-32
6) Maravilhosa sabedoria dos desígnios de Deus 11.33-36
VI - O CRISTIANISMO NA VIDA DIÁRIA 12.1—15.13
1) O sacrifício agradável a Deus 12.1,2
2) Uso dos dons no corpo de Cristo 12.3-8
3) Relações fraternais mútuas 12.9-21
4) A igreja e o Estado 13.1-7
5) A lei do amor 13.8-10
6) Andando na luz, ante o retorno de Cristo 13.11-14
7) Crentes fortes e fracos 14.1—15.6
8) Acolhimento mútuo entre judeus e gentios 15.7-13
VII - EPÍLOGO E PÓS-ESCRITO 15.14—16.27
1) O motivo da epístola 15.14-22
2) Saudações pessoais 16.1-16
3) Admoestação sobre os falsos mestres 16.17-20
4) Saudações de diversos companheiros 16.21-24
5) Confirmação e doxologia 16.25-27

14
1—2Coríntios

Essas duas epístolas formam o que os estudiosos chamaram de "correspondência coríntia". A problemática igreja de Corinto mostra que a igreja da era apostólica não estava isenta de certos problemas que afligem o cristianismo bíblico contemporâneo. Em certo sentido, isso era natural, pois o cristianismo (especialmente o gentílico) estava engatinhando. O pior desses problemas era o perigo de cisão em partidos, devido ao culto a personalidades. A causa desse problema era a imaturidade espiritual. Um grave problema doutrinário dizia respeito à ressurreição. Além desses, havia outros problemas na comunidade, como imoralidade, ações judiciais entre crentes, falta de entendimento quanto a certas questões práticas, incluindo casamento, adoração pública, celebração da ceia do Senhor e o uso dos dons espirituais, este último tratado na segunda epístola. Paulo abordou um problema igualmente perigoso: o seu apostolado estava sendo desafiado por aqueles que não queriam aceitar sua autoridade para ensinar. Paulo defendeu-se, apresentando-se como modelo de ministro do evangelho. Todo pastor ou obreiro cristão deveria espelhar-se nessa descrição paulina. Não obstante, na parte inicial de 2Coríntios (1.1—9.15), Paulo assume uma atitude conciliatória. Isso suscitou a ideia de que a correspondência coríntia deve ser reconstituída como segue:

1. Epístola perdida (2Co 6.14—7.2).
2. 1Coríntios — com exceção do trecho acima entre parênteses.
3. Autodefesa de Paulo — (2Co 10.1—13.10). Para alguns essa seria a chamada "carta dolorosa".
4. 2Coríntios, em tom conciliador — (2Co 1.1—9.15).
5. Conclusão da autodefesa de Paulo — que ficou como conclusão de 2Coríntios (2Co 13.11-13).

De acordo com esse esquema, teríamos aí quatro epístolas ou restos de epístolas, formando a correspondência coríntia. Tal questão cabe dentro do estudo sobre a integridade dos textos, no qual responderemos a esses argumentos formulados por certos eruditos (veja mais adiante).

O cotejo entre 1Coríntios e 2Coríntios leva-nos a concluir que a primeira tem um caráter nitidamente instrutivo e corretivo, ao passo que na segunda vemos Paulo em atitude de autodefesa acerca do seu apostolado. Em consonância com isso, as seguintes passagens foram escolhidas como trechos-chave das duas epístolas:

- 1Coríntios: "[...] ainda sois carnais; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnais, e não andai segundo os homens?" (3.3).
- 2Coríntios: "Não dando-nos escândalo em coisa alguma [...] antes, como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo" (6.3-4).

A correspondência coríntia compõe-se de dois documentos de suma importância para o estudo das condições das igrejas neotestamentárias. Archibald T. Robertson pensa que 2Coríntios é de forma especial uma peça inigualável dentro da literatura paulina.

Corinto e seus habitantes

A nação grega era formada por três regiões: a Macedônia, a Grécia e a Acaia, do norte para o sul. Antes de Alexandre, o Grande, havia a Hélade, cuja capital era Atenas, e o Peloponeso, cuja capital era Esparta. Foram os romanos que terminaram por organizar administrativamente a nação grega em três regiões.

A cidade de Corinto ficava dentro do antigo Peloponeso, na parte do sul. Ocupava estreita faixa de terra, perto do istmo de Corinto. Dava para dois mares: a leste, o Egeu, a oeste, o Jônico. Dois portos serviam à cidade: Cencreia, a leste, a 13 km de distância; e Lequém, a oeste, a 3 km. Por causa do istmo, as embarcações eram forçadas a contornar as ilhas do sul da Grécia, percorrendo assim uma distância de 320 km entre os dois portos. E era uma viagem muito perigosa, por causa das tempestades frequentes, além de outros percalços. A solução era cobrir os 16 km entre os dois portos por meio de carroças ou de animais de cargas, transportando assim mercadorias para os navios. A pista que ligava os dois portos chamava-se Diolcos.

As muralhas de Corinto abarcavam uma área de 600 hectares, e a cidade tinha um circuito de 9 km. Ao norte da cidade erguiam-se o monte Arco-Corinto, literalmente, "ponta de Corinto". Era nessa porção mais elevada da cidade que ficava o suntuoso templo de Afrodite, deusa da fertilidade. Os fenícios chamavam-na Astarte, e os romanos, Vênus.

Na época de Paulo, a população de Corinto era estimada em 600 mil habitantes — 200 mil livres e 400 mil escravos.

Corinto tornou-se famosa desde que ali foi construída a primeira trirreme, um grande navio com três fileiras de remos de cada lado, tangidos por escravos. Foram nesses portos que os romanos, após a conquista, assentaram as bases de sua marinha. O imperador Nero chegou mesmo a traçar o projeto de um canal que, atravessando o istmo, ligasse os dois mares. Mas o projeto morreu em meio às loucuras do imperador. Já em tempos modernos, em 1893, foi construído ali um canal, para passagem de pequenas embarcações.

Presume-se que Corinto fora fundada no século IX a.C., ainda na época pré-helênica, pelos fenícios. Então a cidade chamava-se Epira. Mas seu grande desenvolvimento deu-se nos séculos VI e V a.C. Em 146 a. C., porém, foi destruída por Lúcio Mummio. Júlio César a reconstruiu em 44 a.C., dando-lhe o nome de Laus Julia Corinthus. Augusto, em 27 a.C., elevou-a à posição de capital da Acaia, e os romanos a tornaram poderosa como centro político, comercial e religioso. Cícero elogiou-a, qualificando-a de *Totius Graeciae Lumen* ("A luz de toda a Grécia").

A prosperidade material trouxe a devassidão. Grande massa humana afluía do oriente, através do mar Egeu, e também do ocidente, através do mar Jônico. À sombra dos altares de Zeus, Hermes, Artêmis, Apolo, Dionísio, Héracles — todos no tempo de Afrodite —, a prostituição cultual era estimulada e a licenciosidade era tolerada à plena luz do dia. Paulo chega a apresentar uma lista sombria de abominações em 1Coríntios 5.9-11 e 6.9-10. Adjetivos como "impuros deste mundo", "idólatras", "avarentos", "roubadores", "bêbados", "maldizentes" etc. testificam do baixo nível moral dos habitantes de Corinto. Estrabão, Pausânias e Horácio referiram-se à podridão moral dos coríntios.

A Corinto do Novo Testamento foi reedificada por Júlio César, em 44 a.C. Era então a mais importante cidade grega na política e no comércio; só perdia para Atenas no domínio cultural. A população de Corinto era heterogênea, formada por gregos, romanos, judeus e bárbaros.

Os coríntios compartilhavam do amor dos gregos pela filosofia especulativa, mas nada lhes era original. Não podiam ufanar-se de um único homem de letras. A atenção dada ao comércio e aos prazeres da vida lhes absorvia toda a atenção. A cidade também era um centro de atletismo. Ali havia um estádio onde acontecia uma olimpíada de dois em 2 anos, embora não tão famosa como aquela de Olímpia (veja 1Co 9.24-27, em que Paulo se refere indiretamente aos eventos atléticos da cidade). Sumariando a atmosfera que predominava em Corinto, o acadêmico Robert Daniel Shaw escreveu: "Uma cidade onde toda a brutalidade do ocidente e toda a sensualidade do oriente tornava-se uma coisa só".[1]

Fundação da igreja coríntia

Paulo aproximou-se de Corinto com certo temor (1Co 2.3). Para dar bom exemplo desde o início, trabalhava para sustentar-se, junto com Áquila e Priscila (At 18.3). Na sinagoga, expunha o evangelho a cada sábado. Silas e Timóteo, ao chegarem vindos do norte, passaram a ajudá-los (2Co 1.19). Deixando a sinagoga, por motivo de perseguição, Paulo continuou a ministrar com muito êxito entre os gentios (At 18.8). Seus adversários judeus acabaram por acusá-lo diante do tribunal do procônsul Gálio. Mas Paulo foi inocentado e continuou a fazer seu trabalho em Corinto (At 18.18).

Paulo ouvira o brado da Europa quando estava em Trôade, em sua segunda viagem missionária (At 16.9). Chegou a Filipos, onde estabeleceu uma igreja (At 16.11-40). De Filipos, evangelizou Tessalônica (At 17.1-9). Dali foi para Bereia (At 17.10-15). Então fugiu para Atenas (At 17.16-34) e resolveu alcançar Corinto (At 18.1). Seria o ano de 50 d.C.

Na igreja cristã ali fundada por Paulo havia, além de um bom número de escravos (1Co 7.21), gente de condição humilde (1Co 16.19). Mas também havia nomes de destaque, como Priscila e Áquila (1Co 16.19), a casa de Estéfanas (1Co 1.11) e Erasto, tesoureiro da cidade (1Co 16.23), Crispo, ex-chefe de sinagoga (1Co 1.14), Sóstenes (At 18.17), Febe, que era de Cencreia, talvez uma congregação da igreja em Corinto (1Co 16.1), Fortunato e Acaico, que eram parentes de Paulo (1Co 16.17), Lúcio, Jason e Sosípatro (Rm 16.21), Tércio e Quarto (Rm 16.22,23). Mas também havia incestuosos, promotores de contendas, cismáticos, perturbadores da ordem nos cultos e comilões e bêbados (1Co 3.3; 5.1; 6.1-20; 11.17-34; 14.26s).

Em uma cidade tão depravada, depois de tomar consciência do terreno em que pisava, Paulo ficou desanimado. Depôs as armas e ia-se retirando do campo de batalha.

---

[1] SHAW, Robert Daniel. *The Pauline Epistles: introductory and expository studies*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1903, p.13.

Mas o Senhor Jesus, em uma visão noturna, disse-lhe: "Não temas; pelo contrário, fala e não te cales, porquanto estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade" (At 18.9,10). E ele ficou ali por dezoito meses.

Certos judeus, durante esse período, intentaram prejudicar Paulo acusando-o diante do procônsul Gálio. Mas este foi favorável a Paulo (At 18.12-17). A atitude de Gálio emudeceu os judeus e deu certo reconhecimento aos cristãos, conferindo maior liberdade a Paulo, na Acaia. Por fim, o cristianismo viria a ser reputado uma "religião lícita", contrariando a vontade dos judeus incrédulos.

Relações posteriores de Paulo com a igreja

Terminados aqueles dezoito meses, Paulo, tomando consigo Priscila e Áquila (At 18.18), partiu para Éfeso, na Ásia Menor, onde haveria de ter, mais tarde, seu mais longo ministério em um lugar (At 19). Mas, antes disso, terminou a segunda viagem missionária e iniciou a terceira (At 19.19-23). Durante seus anos em Éfeso, pouco se sabe de seus contatos com os irmãos de Corinto. Mas sabemos que aquele foi o período de Apolo em Corinto. Apolo e Sóstenes mantinham-no bem informado sobre as condições naquela igreja. Mas, surgindo problemas, Paulo era consultado, na qualidade de fundador da igreja. A família de Cloé informou-o sobre a desarmonia que se instalara (1Co 1.11), e os irmãos em geral enviaram-lhe uma carta com diversas perguntas (1Co 5.9; 7.1,25; 8.1; 12.1; 15.1; 16.1,12). Essas duas missivas podem ter sido o grande motivo por trás de 1Coríntios. Nessa epístola, Paulo prometeu visitar Corinto (1.19). Ele queria fazer essa visita atravessando a Macedônia (16.5), mas não poderia concretizar a ideia a não ser depois de Pentecoste (16.8).

Em 1Coríntios 5.9, Paulo menciona uma carta anterior, na qual ele havia aconselhado os irmãos a não se associar com indivíduos "impuros". Agora, Paulo acrescenta que se referira a pessoas que se diziam crentes, mas viviam em vários pecados: impureza sexual, avareza, idolatria, boca maldizente, alcoolismo, desonestidade (1Co 5.10,11), e recomenda a exclusão dos tais "irmãos" (1Co 5.13b). Aquela carta anterior não foi preservada, e isso nos permite definir melhor esta questão: quais escritos são inspirados e, uma vez inspirados, são também canônicos. Façamos uma síntese:

1. A inspiração divina é das Escrituras, e não dos autores sagrados: "Toda Escritura é inspirada por Deus [...]" (1Tm 3.16). Os autores foram impulsionados pelo Espírito de Deus: "... homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21).
2. O resultado da inspiração é o que ficou escrito. Jesus ensinava: "importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (Lc 24.44).
3. Um livro inspirado é assentado por escrito e preservado pela providência divina.

Assim, se aquela carta anterior de Paulo não ficou preservada, é porque não era inspirada; e, por essa razão, não veio a formar parte do cânon, a coletânea dos escritos sagrados. Outro tanto pode dizer-se acerca da carta de Paulo aos crentes de Laodiceia (Cl 4.16), a menos que essa seja a nossa carta canônica aos efésios (veja as notas sobre essa epístola). Todavia, alguns estudiosos acham pelo menos que um trecho dessa carta foi reiterado em 2Coríntios 6.14—7.2. De fato, parece que temos aí uma inserção, mas nada proíbe que o trecho faça parte da legítima epístola de 2Coríntios, pois há certa continuidade de pensamento.

Respondendo a perguntas dos irmãos de Corinto, Paulo escreveu 1Coríntios. Foram oito questões:

1. Que faremos com os "impuros"? (1Co 5.9s).
2. Como resolver o problema do "casamento"? (1Co 7.1s).
3. Qual a situação das crentes "virgens"? (1Co 7.25s).

4. Quer dizer sobre as coisas consagradas a “ídolos”? (1Co 8.1s).
5. E acerca dos “dons espirituais”? (1Co 12.1s)
6. E sobre a doutrina da “ressurreição”? (1Co 15.1s).
7. Como conduzir a “coleta” para Jerusalém? (1Co 16.1-4).
8. “Apolo” virá a Corinto? (1Co 16.12).

Essas perguntas e as respostas que Paulo lhes deu formam o âmago de 1Coríntios. Se anteciparmos a isso a “Introdução” (1Co 1.1-9), a “Exortação à unidade” (1Co 1.10—4.21) e a “Correção acerca da imoralidade sexual” (1Co 5.1-8), e, depois da resposta à oitava pergunta, as “Exortações finais” (1Co 16.13,14), os “Informes sobre Estéfanas, Fortunato e Acaico” (1Co 16.15-18) e as “Saudações finais e a bênção apostólica” (1Co 16.19-24), teremos a súmula do esboço da epístola. Contudo, em nossos estudos, ampliamos um tanto esse esboço (veja mais adiante).

Antes do envio de 1Coríntios (canônica), o apóstolo Paulo enviou-lhes Timóteo como seu representante oficial (1Co 4.17). Mas aquela igreja rejeitou Timóteo, e este, não tendo resolvido o problema, retornou a Éfeso (2Co 2.1). Tendo fracassado assim a missão de Timóteo, Paulo foi a Corinto. Mas ali chegando, foi repelido, acusado de não ser apóstolo verdadeiro (2Co 10.10; 11.4-6; 12.11,12; 13.3). E voltou a Éfeso desgostoso. Tais dificuldades em Corinto devem ter sido provocadas pelos judaizantes, com sua propaganda antipaulina.

Estando então em Éfeso, Paulo teria escrito uma terceira carta aos crentes coríntios. Essa também se perdeu. Os estudiosos chamam-na de “carta dolorosa”. No entanto, há especialista que pensam que essa terceira carta foi mais tarde adicionada à 2Coríntios, como seus capítulos 10.1—13.10. (Voltaremos a esse assunto mais adiante.)

De Éfeso, Paulo partiu para Trôade, tendo instruído Tito para ir ao encontro dele nessa cidade (2Co 2.12,13). Houve um desencontro, porém, e Paulo seguiu para Macedônia, encontrando-se com Tito em Filipos (2Co 7.5-16). Informado por Tito sobre a mudança de atitude dos coríntios para com ele (2Co 2.5-11), Paulo, aliviado e agradecido a Deus, escreveu 2Coríntios, versão canônica (2Co 12.12,13; 11.28), que alguns estudiosos chamam de “carta de reconciliação”, como se já fosse a quarta epístola de Paulo, como vimos no início deste capítulo. Essa epístola foi escrita cerca de meio ano depois da primeira, ou seja, ainda em 55 ou começo de 56 d.C.

Então, prosseguindo em seus passos, Paulo, após estar nas regiões da Macedônia (At 20.1,2), talvez tenha ido até o Ilírico (Rm 15.19). Em seguida, esteve novamente em Corinto, pela terceira vez (At 20.2,3). Depois de três meses, resolveu viajar à Síria. Mas, em face de uma conspiração dos judeus, voltou à Macedônia, de onde, por fim, iniciou um longo trajeto em direção a Jerusalém (At 20.4—21.17).

Integridade dos textos

1Coríntios é, realmente, um documento só. O problema de uma suposta “carta perdida”, que Paulo teria escrito antes de 1Coríntios, não constitui problema real, e isso pelos seguintes motivos: (a) a ideia da “carta perdida”, preservada em 2Coríntios, não conseguiu sair do terreno das hipóteses; (b) se o trecho de 2Coríntios 6.14—7.2 é paulino, tanto faz que apareça aí como em outra parte qualquer.

O caso de 2Coríntios é idêntico. Podemos acompanhar sua produção como segue: (a) Paulo fizera uma rápida visita a Corinto e fora malsucedido; (b) retornou a Éfeso, de onde escreveu uma carta, em tom “áspero”, que acabou perdida; (c) viajando para Trôade, alcançou a Macedônia e ali encontrou-se com Tito, que lhe deu boas notícias sobre a igreja em Corinto (2Co 7.5-7); (d) reanimado, Paulo escreveu 2Coríntios e preparou-se para sua “terceira” visita a Corinto. Assim, o problema de integridade de 2Coríntios está em 2Coríntios 6.14—7.2, e então em 10.1—13.13, trechos

respectivamente relativos à suposta "primeira carta perdida" e à "carta áspera", na qual Paulo defendeu seu apostolado, e que teria resultado na "reconciliação" dos coríntios com ele. O argumento de que os textos referidos sejam como alguns críticos expõem, navega na maré da suposição. Ademais, isso não constitui um problema real, pois se o texto da "terceira" epístola está embutido na "quarta" (2Co), que é canônica, isso não lhe altera nem o conteúdo nem a autenticidade.

Conteúdo das epístolas

1Coríntios

Sobre o conteúdo de 1Coríntios, A. T. Robertson escreveu:

> Não há uma doutrina central apresentada na carta. Os vários tópicos são tratados em grupos sucessivos: as divisões ou partidos em 1.1—4.21; as questões morais nos caps. 5 e 6; o casamento, no cap. 7; as carnes oferecidas a ídolos, em 8—10; os abusos no culto na igreja, em 11—14; a doutrina da ressurreição, no cap. 15; a coleta e vários itens pessoais, no cap. 16. Há unidade e progresso por toda a epístola. [...] Assim, I Coríntios é o mais moderno de todos os escritos de Paulo.[2]

2Coríntios

Paulo já havia escrito Gálatas e 1—2Tessalonicenses, onde expusera os temas da liberdade cristã e do seu pensamento escatológico. No interregno entre a segunda e a quarta cartas que teria escrito aos coríntios, Paulo, segundo tudo nos leva a crer, experimentara uma crise de alma. Segundo se depreende de 2Coríntios 4—5, parece que ele enfrentara a própria morte. E essa experiência levou-o a imprimir na carta certos traços de sua personalidade paternal e pastoral.

Três motivos levaram-no a escrever 2Coríntios: (a) expressar sua gratidão à maioria da igreja, que reconhecera seu autêntico apostolado (caps. 1—7); (b) prosseguir no levantamento da coleta para os santos da Judeia (caps. 8—9); (c) repreender os obstinados, que procuravam obscurecer o valor de seu apostolado (caps. 10—13). Embora essas sejam proposições independentes, são perfeitamente harmônicas, formando um todo contínuo.

Peculiaridades de 1Coríntios

Há muitas peculiaridades em 1Coríntios. Enumeramos estas:

1. O judaísmo e o cristianismo podem harmonizar-se com facilidade. Mas a conduta do crente em um mundo corrupto e imoral não é fácil. 1Coríntios é o manual de conduta dos crentes de todas as épocas.
2. Cristo é o centro da epístola (1Co 1.3).
3. Cristo é o alvo supremo da criação (1Co 8.6).
4. Cristo é o alvo supremo da vida (1Co 15.28).
5. Cristo é o verdadeiro Deus (1Co 8.4-6).
6. Cristo sustenta a natureza (1Co 3.6).
7. Como tratar com um crente imoral (1Co 5.1-13).
8. Os crentes e os tribunais humanos (1Co 6.1-11).
9. Bases do casamento cristão (1Co 7.1-40).
10. Problemas de consciência (1Co 8.1—9.27).
11. Comportamento do crente nos cultos (1Co 10.1—11.34).
12. Exercício dos dons espirituais (1Co 12.1—14.40).
13. Tratado sobre a ressurreição (1Co 15.1-58).

Características

---

[2] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 181.

1Coríntios

A ênfase maior recai sobre a unidade de cada igreja local como corpo de Cristo. Isso é ressaltado no ensino sobre a ceia do Senhor (1Co 11.17-34) e sobre o uso dos dons espirituais (1Co 12.1s). Uma consequência lógica é a santidade da comunidade cristã, como corpo de Cristo, e sua aplicação a cada crente.

Vocábulos destacados são: "conhecer", "discernir", "julgar", "espiritual", "carnal", "sabedoria", "mundo', "igreja", "amor", "dons espirituais", "santificar", "autoridade" e "poder de Deus".

São frisadas ideias como a natureza do evangelho, a oposição de Satanás à obra do Senhor, a necessidade de disciplina e discernimento para que haja uma vida coletiva rígida, e a natureza do apostolado.

Paulo tinha terno interesse por seus filhos espirituais (1Co 4.14,15), os quais eram uma prole problemática. Mas nem por isso os amava menos.

2Coríntios

Russel Champlin alinha os seguintes temas centrais em 2Coríntios:[3]

1. Deus e Pai, de Cristo e nosso (2Co 1.3).
2. A realidade de Satanás (2Co 4.4).
3. Jesus é o Senhor (Javé) (2Co 1.3; 4.5; 13.14).
4. O Espírito Santo em igualdade com o Pai e o Filho (2Co 13.13).
5. A autoridade do Antigo Testamento (2Co 1.19,20—3.3).
6. A imortalidade (2Co 3.18).
7. Por que o crente sofre? (2Co 12.9; 13.4).
8. A esperança cristã (2Co 4.10-18).
9. O uso do dinheiro (2Co 5.18; 8.9; 9.15).
10. Defesa do apostolado de Paulo (2Co 10.1—13.10).

Sem dúvida, 2Coríntios é a mais pessoal das epístolas de Paulo. No dizer de Everett F. Harrison, se é difícil acompanhar a corrente do pensamento paulino nas páginas da epístola, "a revelação de seu coração pode ser apreendida com facilidade".[4] Em certo sentido, também é mais pastoral que as epístolas designadas "pastorais": 1—2Timóteo e Tito. A epístola inteira recende com o perfume de seu zelo e amor de um pastor de almas. Também é menos doutrinária que as epístolas aos Gálatas, aos Romanos e a primeira aos Coríntios.

Os grandes termos da epístola que traduzem os sentimentos e os pensamentos do apóstolo, são: "fraqueza", "perigo", "tristeza", "desânimo", "consolo", "verdade", "ministério", "obediência", "autoridade", "zelo", "gloriar-se", "afeto" e "revelações".

Esboço

1Coríntios

I - INTRODUÇÃO 1.1-9

1) Saudação apostólica 1.1-3
2) Ação de graças 1.4-9

II - EXORTAÇÃO À UNIDADE CRISTÃ 1.10—4.21

1) Contendas detratam da cruz de Cristo 1.10-17
2) A mensagem da cruz 1.18-25
3) A vocação dos santos 1.26-29

---

[3] CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*.

[4] HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*, p. 278.

4) Nossa glória está em Cristo 1.30,31
5) O evangelho pregado por Paulo 2.1-5
6) O espírito ensina a verdadeira sabedoria 2.6-16
7) Provas de carnalidade 3.1-9
8) Responsabilidades dos mestres 3.10-17
9) A sabedoria do mundo 3.18-23
10) Paulo, fiel despenseiro de Cristo 4.1-21
III - EXORTAÇÃO ACERCA DO PECADO 5.1-13
1) Basta um pouco de fermento 5.1-8
2) Os santos julgarão o mundo 5.9-13
IV - CONDENAÇÃO DO ESPÍRITO PAGÃO 6.1—7.40
1) Crentes nos tribunais seculares 6.1-8
2) Condenação da sensualidade 6.9—7.40
V - Limites da liberdade cristã 8.1—11.1
1) Quanto a carnes sacrificadas a ídolos 8.1-8
2) O amor dirige essa liberdade 8.9-13
3) Liberdade e direitos de um apóstolo 9.1-6
4) Como Paulo usou sua liberdade 9.7-27
5) Exemplo de Israel, advertência para hoje 10.1-22
6) Tudo deve visar a glória de Deus 10.23—11.1
VI - ORDEM NO CULTO 11.2-34
1) Piedade, reverência, senso de hierarquia 11.2-16
2) Atitudes, próprias na celebração da ceia 11.17-34
VII - EXERCÍCIO DOS DONS ESPIRITUAIS 12.1—14.39
1) Todos procedem do mesmo espírito 12.1-11
2) A igreja — corpo místico de Cristo 12.12-31
3) Amor — a virtude suprema 13.1-13
4) Disciplinando os dons espirituais 14.1-39
VIII - RESSURREIÇÃO, PARTE DO EVANGELHO 15.1-58
1) Resumo do evangelho pregado por Paulo 15.1-11
2) Os mortos ressuscitarão 15.12-34
3) Teremos um corpo espiritual 15.35-50
4) Nossa vitória final, na ressurreição 15.51-58
IX - QUESTÕES PRÁTICAS E PESSOAIS 16.1-18
1) A coleta para os santos 16.1-4
2) Paulo planeja visitar Corinto 16.5-9
3) Acerca de Timóteo e Apolo 16.10-12
4) Exortação sobre a vigilância e a firmeza 16.13,14
5) Três irmãos amados 16.15-18
X - CONCLUSÃO 16.19-24
1) Saudações 16.19-22
2) A bênção apostólica 16.23,24

2Coríntios

I - SAUDAÇÃO APOSTÓLICA 1.1,2
II - LINHAS GERAIS DO MINISTÉRIO DE PAULO 1.3—2.11
1) Ação de graças pelo consolo divino 1.3-8
2) Confiança no Senhor nas tribulações 1.9-11
3) Sinceridade de Paulo 1.12-14
4) Por que Paulo ainda não fora a Corinto 1.15—2.4

5) Perdão e restauração 2.5-11

III - EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO DA NOVA ALIANÇA 2.12—7.16

1) Um ministério triunfante 2.12-17
2) Uma aliança da justiça, não da condenação 3.1-11
3) Do espírito — logo, da liberdade 3.12-15
4) Do evangelho da glória de Cristo 3.16—4.6
5) Do poder de Deus 4.7-18
6) Da esperança eterna 5.1-10
7) Do amor de Deus 5.11-16
8) Da reconciliação 5.17—6.2
9) Atitude de Paulo como ministro 6.3-10
10) A dissuasão paulina 6.11—7.1

a) Tese: Mudai de atitude para comigo 6.11-13
b) Antítese: Mudai de atitude quanto ao mundo 6.14-16
c) Síntese: Obedecei e vivei 6.17—7.1

11) Júbilo de Paulo ante a reconciliação 7.2-16

IV - A COLETA PARA OS CRENTES DE JERUSALÉM 8.1—9.15

1) O exemplo das igrejas da Macedônia 8.1-5
2) Os coríntios deviam emular esse exemplo 8.6-15
3) A nova missão de Tito 8.16-24
4) Liberdade nas contradições 9.1-5
5) Colheita segundo a sementeira 9.6-15

V - AUTODEFESA DO APOSTOLADO DE PAULO 10.1—13.10

1) Apostolado recebido do Senhor 10.1-18
2) Zelo e desprendimento de Paulo 11.1-15
3) Seus sofrimentos por causa do evangelho 11.16-33
4) Apelo ao supremo juiz 12.19-21
5) Paulo promete investigar e castigar 13.1-10

VI - CONCLUSÃO 13.11-13

1) Saudações 13.11,12
2) Bênção apostólica 13.13

15
Gálatas

Com muita razão, a carta de Paulo aos Gálatas tem sido chamada a "declaração da independência cristã". Ela foi escrita no acalorado zelo para liquidar uma intromissão de contrapesos no puro evangelho da graça.

Nessa epístola, Paulo ensina que a salvação vem "mediante a fé", e que a vida cristã subsequente não reverte à lei como sua força impulsionadora, nem no aspecto da santificação nem no aspecto da perseverança. Antes, a nova vida resulta do amor, o qual se manifesta por meio de atos justos espontâneos, como consequências naturais da fé em Cristo. O trecho de Gálatas 2.19 contém o pensamento central da carta: "[...] pela lei estou morto para a lei, para viver para Deus".

Na epístola encontramos o coração de Paulo, na defesa da gloriosa tese segundo a qual o evangelho de Cristo se destina a todos os povos, sem o estorvo da lei mosaica e sem as distorções do sacramentalismo. Também detectamos nela a mente sadia do apóstolo, iluminada pelo Espírito Santo, o que lhe permitiu perceber nitidamente a distinção entre a lei e a graça: Cristo pagou na cruz todo o débito que a lei nos cobrava, e nos transferiu para a gratuidade da graça salvadora. Como afirma acertadamente o estudioso William Carey Taylor:

> Nesta luta, Paulo, Lucas, Timóteo, Tito, e, às vezes, Barnabé e Silas, tomaram sobre si a defesa dos cristãos gentios; homens desconhecidos (os judaizantes) chefiaram o outro extremo. Pedro, Tiago e João apoiaram Paulo nos seus princípios evangélicos. Simpatizaram, porém, pessoal e socialmente com os judaizantes, sendo Tiago a mais vigorosa das "três colunas". Tão forte era esta influência social nacionalista, que tanto Pedro como Barnabé dissimularam e comprometeram, em Antioquia, seus princípios fundamentais e sofreram censura pública e corajosa de Paulo, que os colocou na posição de hipócritas ou incoerentes, em sua dúbia atitude.

No decorrer da história, essa epístola também recebeu o título de "Magna carta da liberdade cristã". Para Lutero, durante a Reforma do século XVI, Gálatas foi a fortaleza de onde, entrincheirado, ele combateu a violência e todos os erros de Roma papal. João Wesley, por sua vez, ficou tão empolgado com o comentário de Lutero sobre a epístola que chegou a dizer que Gálatas era o principal livro da literatura universal.

No passado, hoje e sempre, Gálatas é arma poderosa para derrotar:

1. O sacramentalismo pagão de Roma papal.
2. O legalismo hodierno de leis e preceitos de guarda de determinados dias e de abstenção de certos alimentos.
3. Todos os ensinos que atentam contra a pessoa e a obra do Senhor Jesus, como as doutrinas fantasiosas de Joseph Smith e Brigham Young, fundadores do mormonismo, e as distorções da seita Testemunhas de Jeová, entre outras.
4. Os exageros dos cultos orientais, novamente em ascensão no ocidente.

Assim Gálatas ergueu-se no passado, está de pé hoje e o estará para sempre com a bandeira da plena liberdade em Cristo, nas balizas do Santo Espírito de Deus.

Propósito

A epístola foi motivada pela necessidade de contrabalançar a propaganda dos judaizantes, que tinham ensinado uma mescla de judaísmo e cristianismo também entre os crentes da Galácia. Foram tão bem-sucedidos que aqueles crentes estavam "passando [...] daquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho" (Gl 1.6), deixando o apóstolo admirado diante de tão grande inconstância.

De acordo com os judaizantes, que eram mestres legalistas, o cristianismo deveria operar dentro da esfera da lei mosaica. Não seria suficiente a fé em Cristo; esta teria de ser complementada pela obediência à lei de Moisés. E, dentre os preceitos mosaicos, eles frisavam a guarda das festas religiosas e do sábado (Gl 4.9,10) e a necessidade da circuncisão (Gl 5.2; 6.12). Paulo entendeu que, se a causa judaizante prevalecesse, o cristianismo seria apenas uma seita do judaísmo.

Paulo atirou-se à luta com uma lógica inarredável, alicerçando-se sobre declarações da própria Lei (o Pentateuco), a fim de mostrar que, em Cristo, pela lei, o crente está morto para a lei. Isso significa que a obra de redenção foi consumada no Calvário, e com isso a lei foi concretizada com todos os seus preceitos e cerimônias. Assim, conforme vários autores evangélicos observam, Gálatas é um reflexo da grande doutrina da "justificação pela fé", tão habitualmente exposta por Paulo em Romanos.

Os convertidos de Paulo na Galácia estavam deixando de lado o evangelho da graça, e cortejavam as falsas doutrinas de alguns que os perturbavam (Gl 1.7; 5.12). Parece que esses perturbadores tinham um líder (Gl 5.10). O ataque desses judaizantes era astuto e traiçoeiro. Apelaram para o assédio à pessoa de Paulo, afirmando que ele não era um apóstolo autêntico. Por essa razão, em Gálatas, tal como se vê em 2Coríntios, Paulo precisou defender o seu apostolado e, em consequência, a sua mensagem, não aprendida "de homem algum, mas mediante a revelação de Jesus Cristo" (Gl 1.12). E acrescentou que, ao expor o evangelho que pregavam líderes crentes em Jerusalém, no caso Pedro, Tiago e João, estes "nada me acrescentaram" (Gl 2.6). O ensino de Paulo era perfeito!

Segundo alguns pensadores evangélicos, Paulo estava combatendo em Gálatas em duas frentes: tinha de silenciar os judaizantes e repreender os crentes perfeccionistas da Galácia, que queriam aperfeiçoar a fé mediante as obras da lei (Gl 3.3).

O especialista em Novo Testamento Russell Champlin fornece um interessante sumário de três erros relativos à lei e à graça, combatidos nos escritos apostólicos:[1]

1. *O legalismo*. Ensinava que somos salvos pelas obras, observando ritos, cerimônias e demais preceitos da lei. Romanos combate essa ideia.
2. *O antinomianismo*. Dizia que, visto sermos salvos pela graça, não faz diferença a nossa conduta diária. Tiago corrigiu tal erro em sua epístola.
3. *O galacismo*. Afirmava que somos salvos pela graça, mas mantidos na salvação mediante a guarda da lei. Gálatas foi escrita para desmascarar esse erro.

Esses foram os motivos principais que levaram Paulo a redigir sua famosa epístola aos Gálatas.

Data e local

Poucas questões têm suscitado mais debates, dentro da crítica textual, que o problema da data da escrita de Gálatas. Não que a questão seja crucial, mas é que a polêmica envolve nomes fulgurantes, como Lightfoot, Ramsay e A. T. Robertson, para citar somente alguns. A cada argumento, que parecia irrespondível, tem-se seguido um argumento contrário, que parece igualmente irrefutável.

Se pudéssemos saber sobre o ano exato da conversão de Saulo, teríamos um firme ponto de partida, com base em evidências internas. O próprio Paulo, em Gálatas 1.18 e 2.1, fornece-nos um total de 17 anos, desde que se convertera até que escreveu a epístola. Logo, a determinação exata da data da escrita dessa epístola está na dependência do ano da conversão do autor sagrado. Mas, quanto a esse ano, só pode ser dito que foi entre 31 e 36 d.C. Enquanto a data da conversão de Saulo não puder ser

[1] CHAMPLIN, Russell N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 4, p. 435.

fixada, o problema da data da escrita aos Gálatas continuará indefinido, dependendo de inferências. E é precisamente o que têm feito os estudiosos em seus argumentos!

Como vemos, a questão é muito mais subjetiva do que objetiva, porquanto não há dados bíblicos específicos que forneçam um ponto de partida para os cálculos cronológicos.

A questão da data, naturalmente, afeta a questão do local ou proveniência da epístola. Cinco anos (entre 31 e 36 d.C.), dentro da vida de Paulo, é um tempo muito dilatado para sabermos com certeza onde ele estava quando escreveu aos crentes gálatas. A única coisa que se sabe com certeza é que Paulo escreveu Gálatas 17 anos após ter-se convertido! Neste estudo, damos 34 d.C. como a data da conversão de Saulo. Em consequência, Gálatas teria sido escrita em 51 d.C.

Em cima dessa e de outras informações objetivas, vêm as interferências dos estudiosos no tocante à data da epístola. Vamos armar a equação:

1. Houve várias visitas de Paulo a Jerusalém, antes do concílio de Atos 15. Em Gálatas 1.18 e 2.1, Paulo aclara duas dessas visitas. A primeira, "decorridos três anos" após a sua conversão, quando ficou com Cefas por quinze dias; e a segunda, "quatorze anos depois" daquela, quando expôs aos líderes em Jerusalém o evangelho que pregava entre os gentios.
2. Atos dos Apóstolos testifica sobre várias visitas de Paulo a Jerusalém depois de sua conversão. Em Atos 9.26, houve uma visita, quando os crentes dali temeram recebê-lo como discípulo autêntico. Em Atos 11.30 lemos sobre outra visita, em companhia de Barnabé, quando levaram socorro dos crentes de Antioquia aos crentes de Jerusalém, por causa da fome que grassou ali por algum tempo. Essa é a chamada "visita da fome". Em Atos 15, vemos Paulo novamente em Jerusalém, por ocasião do concílio, quando foi resolvido, pelos apóstolos, reunidos com a igreja dali, que a causa judaizante laborava em erro. Em Atos 18.22, Paulo fala em outra visita a Jerusalém, quando ele apenas saudou a igreja, e logo partiu para Antioquia, a fim de encerrar sua segunda viagem missionária. A próxima vez em que Paulo esteve em Jerusalém foi também a última em que ali esteve, quando foi preso (veja At 21.17).

   Todos esses dados são objetivos, que armam a equação que tem sido solucionada de duas maneiras diversas: (a) Paulo escreveu Gálatas depois de sua terceira visita a Jerusalém, de acordo com Atos, e, portanto, depois do concílio; (b) Paulo escreveu Gálatas antes desse concílio.
3. Essas duas soluções correspondem, respectivamente, à ideia da data posterior de Gálatas (em torno de 53 d.C.), e a ideia da data anterior de Gálatas (por volta de 49 d.C.). Essa última data é calculada com base no fato de que o concílio de Jerusalém ocorreu em torno de 49 d.C.
4. A base do problema consiste em harmonizar as visitas referidas por Paulo em Gálatas com as visitas aludidas em Atos. E aí a equação é solucionada por diferentes passos: (a) Ramsay dizia que entre Atos e Gálatas havia harmonia perfeita, querendo com isso provar que Paulo esteve em Jerusalém somente por duas vezes, antes de sua prisão registrada em Atos 21. E daí ele concluía que Gálatas fora escrita "antes" do concílio de Jerusalém. (b) Lightfoot, baseado na similaridade entre Gálatas e Romanos, dizia que ambas devem ter sido escritas ao mesmo tempo, 56 ou 57 d.C., concluindo que Gálatas foi escrita "depois" do concílio de Jerusalém, ocorrido em 49 d.C.
5. A mim, pastor João Marques Bentes, a posição de Ramsay padece de um ponto fraco fatal: a primeira visita de Paulo a Jerusalém, em Atos 9.26, não pode ser a mesma à qual ele se refere em Gálatas 2.18, pelos seguintes motivos:

   Na visita historiada em Atos, Paulo só a duras penas foi aceito como crente. Mas Barnabé apresentou-o aos "apóstolos". Na visita referida em Gálatas, Paulo fez a visita

com o propósito específico de visitar Pedro, e não houve dificuldade em sua aceitação, pois até residiu com Cefas por quinze dias.

Em Atos, Paulo é um recém-convertido, ainda temido por suas recentes perseguições contra os cristãos. Em Gálatas ele já foi recebido como apóstolo, e Pedro não temeu hospedá-lo em sua própria casa.

Em Atos, Paulo converte-se na estrada de Damasco e daí sobe a Jerusalém. Em Gálatas 1.17, Paulo vai para a Arábia, volta a Damasco, e só depois de "três anos" sobe a Jerusalém. Logo, a visita referida em Gálatas ocorreu somente depois que Paulo já estivera em Damasco por duas vezes, com a retirada para a Arábia entre a primeira e a segunda vez. Portanto, os "alguns dias" de Atos 9.19 e os "muitos dias" de Atos 9.23 não correspondem aos "três anos" de Gálatas 1.18. Lucas aludiu à subida a Jerusalém depois da primeira estada de Paulo em Damasco; o próprio Paulo aludiu à outra subida a Jerusalém, após ter estado em Damasco já pela segunda vez.

Ramsay dizia que Paulo só esteve por "duas" vezes em Jerusalém antes de seu aprisionamento ali (At 21). Mas o próprio livro de Atos menciona claramente "quatro" visitas de Paulo à cidade, antes de ser aprisionado (At 9.26; 11.30; 15; 18.22). Todavia, aqui estou criticando somente os argumentos, ou a forma como eles foram apresentados, e não as conclusões. Segundo penso, só Deus sabe quando e onde Paulo escreveu Gálatas.

6. A conclusão lógica é que o relato de Atos 15 não corresponde ao relato de Gálatas 2, apesar de haver algumas semelhanças.

Alguns estudiosos justificaram a ausência de menção à "visita da fome" (At 11.29,30) por parte de Paulo afirmando que tal visita fugia ao escopo de Gálatas. Nesse caso, também seria mister incluir a primeira visita de Paulo a Jerusalém, depois de sua conversão, em Atos 9.26. Ademais, a argumentação de Paulo, em Gálatas, é que em todos os seus contatos com a igreja em Jerusalém o evangelho por ele pregado não foi corrigido, nem coisa alguma lhe foi acrescentado pela igreja-mãe de Jerusalém. Por que então ele haveria de esquecer as suas visitas em Atos 9.26 e em Atos 11.30? Por esse prisma, somos forçados a admitir que, em Gálatas 2, Paulo aludia à visita que Lucas historiou em Atos 11.30 como a "visita da fome".

Mas essa posição também não está isenta de dificuldades, pois em Gálatas 2 Paulo diz que na visita em foco ele recebeu o pleno apoio de Tiago, Cefas e João, que eram apóstolos, ao passo que em Atos 11.30 lemos que os "presbíteros" receberam a dádiva dos irmãos de Antioquia por mãos de Barnabé e Saulo. Todavia, isso não exclui, necessariamente, a presença de Tiago, Pedro e João em Jerusalém. Não se trata de uma dificuldade insuperável.

Outro ponto de dificuldade é que em Gálatas 2 Paulo diz que aqueles três recomendaram-no que se lembrasse "dos pobres". Alguns argumentam, com base nisso, que Gálatas 2 não pode corresponder a Atos 11.30, pois seria inconcebível que aqueles lhe tivessem feito tal recomendação, quando ele acabara de trazer uma oferta para os santos pobres de Jerusalém. De novo, não se trata de uma dificuldade insuperável, nem de um argumento muito convincente. Paulo pode ter sido exortado a continuar agindo como havia acabado de agir.

De maior peso é o argumento que indaga como poderíamos equacionar Gálatas 2 com Atos 11.30, se em Atos 11.30 Paulo ainda não havia iniciado sua obra missionária.[2] Como estamos vendo, a situação é complexa.

[2] A esse respeito, veja GUTHRIE, Donald. *The Pauline Epistles*, p. 86.

As análises feitas por Lightfoot e por Ramsay, cada qual apresentando uma opinião contrária à outra, têm ambas as suas debilidades. Talvez seja melhor confessarmos que a questão da data de Gálatas deve ficar em aberto, mesmo porque nada se ganha se Paulo escreveu Gálatas antes ou depois do concílio de Jerusalém.

Na verdade, muito da questão gira em torno da interpretação de Gálatas 4.13: "[...] sabeis que vos preguei o evangelho a primeira vez, por causa de uma enfermidade física". Se Paulo falou aí em uma "primeira vez", é porque pregou na Galácia pelo menos por duas vezes, e só depois dessa segunda vez é que escreveu a epístola, como é lógico. Mas esse mesmo trecho pode ser interpretado como alusão a duas visitas diferentes de Paulo, uma logo depois da outra, mas ambas antes da visita a Jerusalém, descrita em Atos 18.22.

A esse respeito, cabe bem o comentário de Russell Champlin, em que ele mostra que a base da questão se acha aí:

> De fato, Gálatas 1.6 subentende que Paulo escreveu essa epístola pouco depois de sua visita ali, e que não se passou muito tempo entre a sua primeira visita à Galácia e a escrita da epístola aos Gálatas. Isso teria tido lugar em cerca de 49 d.C., fazendo dela a primeira das epístolas paulinas canônicas e, por sua vez, o mais antigo documento escrito neotestamentário. [...] Por conseguinte, a data em que a epístola aos Gálatas foi escrita, em relação ao livro de Atos, deve ser fixada ao término da primeira viagem missionária de Paulo, pouco depois de seu retorno a Antioquia da Síria (ver At 14.26).
>
> Essa data anterior deve ser favorecida, nem que seja devido a uma importante consideração. É que se o concílio de Jerusalém, conforme o registro do décimo quinto capítulo do livro de Atos, tivesse precedido a escrita da epístola aos Gálatas, seria impossível que Paulo não tivesse feito qualquer referência específica aos decretos baixados naquele concílio, decretos esses que foram escritos e enviados às igrejas cristãs gentílicas. Como poderíamos imaginar que Paulo pudesse ter escrito tal epístola, que defende com denodo a liberdade cristã, especialmente a dos crentes gentios, sem nem ao menos aludir aos decretos do concílio historiado no décimo quinto capítulo de Atos? É impossível conceber tal lacuna, pelo que também somos forçados a concluir que a sua visita a Jerusalém, mencionada em Gálatas 2.1-10, não pode ter sido a mesma visita referida em Atos 15, mas antes, deve ser identificada com a chamada 'visita da fome', em Atos 11.30.[3]

Essa foi a conclusão a que chegou o pastor Champlin no tocante à data da escrita de Gálatas. Que seja permitido a todos os crentes estudiosos discordarem dele, quando sentirem que devem fazê-lo, em uma questão que só tem a seu favor o volume das obras que já foram publicadas a esse respeito. Há fortes razões que indicam que Gálatas foi escrita em Antioquia da Síria, em 53 d.C., embora outros autores prefiram pensar em Corinto ou em Éfeso como sua proveniência. Isso posto, teria sido escrita pouco antes de 1—2Tessalonicenses.

O testemunho patrístico, porém, também favorece uma data anterior de Gálatas, embora indiretamente. Para exemplificar, o herege Marcião (140 d.C) coloca-a em primeiro lugar no seu *Apostolikon*. A propósito, não há nenhum indício de dúvida, nos primeiros séculos do cristianismo, acerca da autoridade, integridade ou genuinidade de Gálatas. Também não há nenhum problema textual grave, que ponha em jogo a sua autenticidade. Esses diversos e confusos fatores impedem que a data da epístola seja marcada com exatidão matemática!

Argumento da epístola

[3] CHAMPLIM, R. N. O Novo Testamento interpretado versículo por versículo, vol. 4, p. 430.

Gostamos muito da exposição feita pelo *The New Bible Dictionary*,[4] que nos serviu de base aqui, com pequenas modificações. Uma análise lógica da epístola é difícil, mas pelo menos podemos reconhecer os oito principais argumentos de Paulo nessa epístola:

1. Paulo pregava um evangelho recebido diretamente de Cristo, cuja chancela vinha do Senhor (1.11s).
2. Se a circuncisão e o ritual judaico fossem a base da aceitação do pecador por parte de Deus, então Cristo morreu em vão (2.21).
3. A vida cristã vitoriosa é dom do Espírito de Deus, obviando a plana inferior das obras da lei (3.2s).
4. Abraão não foi aceito por Deus por ter sido circuncidado, mas foi circuncidado por ter sido aceito por Deus, mediante a fé. A promessa divina de Abraão cumpre-se em Cristo, e não na lei, pelo que as bênçãos decorrentes da promessa são estendidas aos que creem em Cristo (3.6-9,15-22).
5. A lei impõe uma maldição aos que não cumprem toda a lei. Nenhum pecador cumpre toda a lei. Mas Cristo tomou sobre si a maldição da lei, livrando assim os que nele confiam. Logo, é loucura conhecer a Cristo, para então retornar à lei (3.10-14).
6. A lei pertencia ao período de imaturidade espiritual. Os que creem em Cristo atingiram a maioridade espiritual. Aceitar o ensino dos judaizantes é reverter à infância espiritual (3.23—4.7).
7. A lei escravizava os homens a noções elementares; Cristo os liberta. É insensatez tornar-se livre em Cristo, para então submeter-se de novo à lei (4.8-11; 5.1; 3.19).
8. A liberdade do evangelho não é sinônimo de anarquia ou de licenciosidade. A fé em Cristo atua mediante o amor, e assim cumpre a lei de Cristo (5.6; 5.13; 6.10).

A epístola aos Romanos, escrita cerca de 4 anos mais tarde, sistematizou melhor esses mesmos argumentos, em um tom ligeiramente menos polêmico. É provável que Paulo, mediante revelação direta de Cristo, tenha podido dar forma inicial a essas ideias pouco depois de sua conversão. O tempo só serviu para que ele as burilasse.

Características

Quanto ao tom, a carta é ríspida quando aborda a questão judaizante (veja Gl 5.12) ou quando repreende os crentes gálatas (Gl 4.20). Paulo vai tão direto ao âmago da questão que a carta não contém a costumeira ação de graças inicial.

O autor foi versátil em sua exposição, apelando para o Antigo Testamento, a experiência dos crentes, a lógica, as advertências e as exortações, a fim de atingir seu propósito.

Como autobiografia, Gálatas só perde para 2Coríntios. Paulo desfilava suas experiências pessoais porque exemplificavam as verdades que ele defendia.

Gálatas é a única epístola de Paulo que foi enviada a um grupo de igrejas, as da Galácia. O fim da carta também é notável. De 6.11 em diante ele escreveu a epístola do próprio punho, sem a ajuda de amanuense. Isso ele fez como que para garantir aos irmãos da Galácia: Vejam que sou eu mesmo, Paulo, quem está escrevendo!

A súmula da epístola é uma indagação e uma resposta: Algo mais, além da fé na obra de Cristo, é necessário para alguém ser admitido ao povo de Deus? Não!

Somente 1Coríntios 16.1 e 2Timóteo 4.10 servem de indicação do efeito da epístola sobre o ânimo dos irmãos da Galácia. Essas passagens permitem-nos concluir que o erro dos judaizantes foi ali repelido. E a própria preservação da epístola aponta nessa direção.

---

[4] *The New Bible Dictionary*. InterVarsity Fellowship, p. 449.

Vale a pena saber

Há uma antiga obra do dr. William Carey Taylor, *A epístola aos Gálatas*, que eu, Enéas Tognini, considero a mais clássica e erudita em português, de todas quantas conheço. Vale a pena transcrever aqui trechos da página desse monumento:

A prova cabal é que, quando Pedro e Barnabé, influenciados por admiradores do austero Tiago — admiradores estes que foram além dos princípios de seu vulnerável pastor — erraram em doutrina e prática, Paulo, longe de se sentir inferior ou subordinado a eles, repreendeu-os e os corrigiu publicamente, e salvou na sua pureza o evangelho que a covardia ou a moleza deles teria comprometido.

Esta é a cadeia de provas de sua [de Paulo] independência dos doze. Cristo foi o mestre de Paulo, não Pedro, nem Tiago e nem João. Damasco foi o berço espiritual de Paulo, e não Jerusalém. Paulo estudou teologia na Arábia, e não em Jerusalém. Paulo visitou Pedro como colega, e não como discípulo. Paulo discutiu o evangelho mundial, e não como enviado deles.

Paulo corrigiu as imperfeições deles na aplicação dos princípios evangélicos. Paulo demonstrou em Jerusalém a autenticidade do seu evangelho, e, pelo notório caso de Tito (ver Gl 2.3), venceu toda a oposição.

Logo, é apóstolo e órgão de revelação divina, e os emissários que percorrem a Galácia, pregando um "evangelho" além do "seu evangelho", são anátemas, falsos irmãos.[5]

A Galácia e seus habitantes

Houve um período em que existiram a Galácia do Norte e a Galácia do Sul. A Galácia do Norte era ocupada principalmente por gauleses (descendentes de Gômer) que, em uma explosão populacional no centro da Europa, haviam migrado para a região central da Ásia Menor, atual Turquia. Isso sucedeu no século III a.C. Embora sempre em minoria, dominaram os frígios e os capadócios, habitantes mais antigos da região. Os invasores dividiram-se em três grupos: os trocmi, cuja capital era Távio; os tolistobogii, cuja capital era Pessino; e os tectosages, cuja capital era Ancira (atual Ancara, capital da Turquia).

Durante séculos os estudiosos debateram se Paulo escreveu Gálatas à região norte ou à região sul da Galácia, sobre a qual falaremos em seguida. Hoje, o peso da erudição recai sobre a Galácia do Sul. Esta foi formada pelos romanos, a partir de 64 a.C. Em 25 d.C., recebeu o estado pleno de província romana. Essa nova província incluía não somente parte do antigo território daqueles gauleses invasores, como também segmentos do Ponto, da Frígia, da Pisídia, da Licaônia, da Paflagônia e da Isauria. Era nessa região sul que ficavam as cidades que Paulo havia coberto em sua primeira viagem missionária, ou seja, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe (At 13 e 14). Logo, Paulo escreveu Gálatas a crentes relativamente antigos. Como estavam agora abandonando seus alicerces cristãos?

Elaborando um pouco mais os debates dos estudiosos a respeito, em 1865 Lightfoot, famoso bispo anglicano, em seu erudito comentário sobre Gálatas, defendeu a teoria da Galácia do Norte. Mas, no mesmo século, um catedrático de Cambridge, Wiliam Ramsay, percorreu as regiões visitadas por Paulo, segundo a descrição de Lucas, e ressuscitou a já existente teoria da "Galácia do Sul". Lightfoot, quase no fim da vida, aderiu à tese de Ramsay. No entanto, outros grandes nomes ficaram com o primeiro parecer de Lightfoot, como Robertson, Moffat, Burton, Machen e Deissmann, identificando a visita mencionada em Atos 15 com aquela referida por Paulo no segundo capítulo de Gálatas.

---

[5] TAYLOR, William Carey. *Epístola aos Gálatas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1938, p. 88.

Durante a primeira viagem missionária de Barnabé e Saulo, a Cilícia e a Licaônia faziam parte do reino de Antíoco, mas as demais regiões visitadas então pelos dois faziam parte da província romana da Galácia. Ao narrar os detalhes dessa primeira viagem de Paulo, Lucas silencia totalmente sobre a Galácia do Norte. Russell Champlin arremata: "Assim sendo, apesar dessa área ser ocupada por várias raças, em diversos estágios sociais e de condições políticas, contudo, todos esses habitantes eram denominados Gálatas".[6] Mas no século IV d.C. foi politicamente desmontada a província romana da Galácia, e esse nome voltou a ter seu antigo sentido étnico — a terra dos gauleses do centro da Ásia Menor, formando um reino unido.

Esboço

Há muitos bons esboços de Gálatas. O pastor João M. Bentes apresenta um esboço que analisa o livro em consonância com o que dizem as notas anteriores:

I - INTRODUÇÃO 1.1-9
1) Prefácio e saudação 1.1-5
2) Tema da epístola 1.6-9
II - DEFESA DO APOSTOLADO DE PAULO 1.10—2.21
1) Sua chamada independente 1.10-17
2) Sua independência dos demais apóstolos 1.18—2.10
3) Sua autoridade independente 2.11-14
4) Sua crucificação com Cristo 2.15-21
III - APOLOGIA DO EVANGELHO PURO 3.1—4.31
1) Argumento da experiência pessoal 3.1-5
2) Argumento da experiência de Abraão 3.6-9
3) Argumentos baseados na lei 3.10—4.11
a) Libertos na maldição da lei 3.10-14
b) A lei não invalida a promessa 3.15-18
c) O verdadeiro propósito da lei 3.19-22
d) A filiação vem através da fé 3.23—4.7
e) A insuficiência do galacianismo 4.8-11
4) Argumento da receptividade anterior 4.12-20
5) Argumento da promessa divina 4.21-31
IV - A MENSAGEM CRISTÃ POSTA EM PRÁTICA 5.1—6.17
1) Na liberdade e no amor 5.1-15
2) No Espírito Santo 5.16-26
3) No serviço cristão mútuo 6.1-10
4) Na crucificação para o mundo 6.11-17
V - CONCLUSÃO 6.18

[6] CHAMPLIN, Russell. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. IV, p. 431.

16
Efésios

Essa carta, escrita durante o primeiro período da prisão de Paulo em Roma, é das mais profundas e notáveis do Novo Testamento. Poço profundo e de águas cristalinas e abundantes, onde centenas de milhares ou mesmo milhões têm mergulhado seus cântaros para mitigarem sua sede da presença de Deus e da unção do Espírito Santo. Cada epístola de Paulo foi inspirada pelo céu para abordar algum problema específico das igrejas do passado, a fim de nos servirem de exemplo. Não nos causa estranheza, portanto, as investidas de Satanás contra esse documento máximo do cristianismo bíblico. Os dardos do inimigo, entretanto, têm-se partido ao impacto da rocha dos séculos, o Senhor Jesus.

Eis alguns pensamentos positivos sobre Efésios:

Trata-se de uma das mais divinas composições do homem.

Coleridge

É ao mesmo tempo o livro mais moderno de todos os volumes do Novo Testamento, e o registro mais rico sobre a experiência cristã.

F. R. Barry

Entre as epístolas que trazem o nome do apóstolo Paulo, não há nenhuma maior do que esta, nem existe outra com um caráter mais inteiramente seu.

Salmmond

[...] Ela extravasa de pensamentos exaltados e de grandiosas doutrinas que o apóstolo Paulo raramente aborda noutros escritos.

Crisóstomo

A sublimidade de seu estilo corresponde à sublimidade de seus temas, excedendo a quase todas as demais epístolas de Paulo. É próprio pensarmos que aqueles para quem ele escreveu fossem crentes desde há muito, alicerçados na fé.

Faucett

O primeiro capítulo (de Efésios) contém, por assim dizer, um caráter litúrgico e sálmico, como se fosse, por assim dizer, um cântico colorido, em louvor às riquezas transcendentais da graça e Deus em Cristo, bem como da glória da chamada cristã.

Schaff

Autoria

É incrível que uma epístola tão caracteristicamente paulina tenha tido sua autoria posta em dúvida. Os argumentos dos críticos são os mais diversos. Uns dizem que não seria uma típica epístola paulina, como se Paulo só pudesse usar um gênero literário. Outros teimam que há 42 palavras exclusivas desse livro, como se Paulo tivesse um vocabulário limitado e não pudesse apelar para outros vocábulos, conforme determinasse a necessidade do assunto. Ainda outros insistem em que Paulo nunca se mostrara tão pouco escatológico e tão disposto a falar sobre a igreja. Mas por que Paulo ficaria somente falando sobre assuntos escatológicos? E também há o argumento que diz que essa epístola se parece demais com escritos de outros autores, como Lucas, Pedro e João, o que reduz Paulo a um mero plagiário. Mas, quando a questão é examinada, vê-se que, apesar de pensamentos e expressões parecidos com esses outros autores sagrados, de modo algum há dependência literária a eles. E não é mais seguro que Paulo tenha tido pontos de contato com os outros autores sagrados em vez de sempre diferir deles? Afinal, todos pescavam no mesmo grande lago dos ensinamentos de Jesus de Nazaré!

Mas a maior prova paulina de Efésios é sua similaridade com as ideias de Colossenses. Conforme mostraremos a seguir, Efésios dá continuidade ao que Paulo

ensinara em Colossenses. Ilustremos com um pormenor: ambas frisam as ideias de "plenitude" e de "mistério". E Colossenses vem sendo aceita como paulina, dentro do testemunho patrístico, desde começos do século II d.C. Ora, negar a autoria paulina a Efésios é negar a mesma autoria a Colossenses. Um caso que se lhe assemelha é o de Lucas-Atos.

Data e local

Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom formam o bloco das chamadas "epístolas da prisão", por terem sido escritas em Roma, terminada a terceira viagem missionária de Paulo, por ocasião de seu primeiro período de detenção na capital do Império. A data mais provável dessas quatro epístolas é 59 ou 60 d.C.

Mas se em Colossenses e Efésios Paulo não deixa entrever a esperança de ser solto, em Filemom ele chega a afagar a possibilidade (Fm 22). E em Filipenses ele é positivo quanto a isso (Fp 1.25). Por isso, parece que Efésios, Colossenses e Filemom foram escritas quando o processo de Paulo continuava obscuro quanto a seus resultados, enquanto ao escrever Filipenses a luz de sua libertação já raivava ao fim do túnel. Daí muitos estudiosos pensarem que Filipenses só foi escrita em 60 d.C., embora o apóstolo ainda não estivesse solto.

De algum tempo para cá os acadêmicos têm sugerido outros lugares, como Cesareia ou Éfeso, em vez de Roma, como prováveis locais de onde Paulo poderia ter escrito as chamadas "epístolas da prisão". Mas, quando se lê a literatura que defende tais ideias, nota-se que elas não são exatamente convincentes. No tocante a Cesareia, porque, embora Paulo tenha estado ali várias vezes, e em uma delas para ser ouvido pelo governador Félix, como prisioneiro (At 23.23,33 e 25.1), o elemento tempo não se ajusta ao que transparece nas quatro epístolas. E, no tocante a Éfeso porque, apesar de Paulo ter estado ali por 3 anos, Lucas nada fala de algum aprisionamento de Paulo em Éfeso. Roma, portanto, é a melhor opção.

Destinatários

Primitivamente, a carta não trazia o título "Aos Efésios". Mas nos autógrafos saídos das penas dos autores sagrados nenhum dos livros bíblicos tinha título. Esses títulos foram adicionados depois, quando as igrejas começaram a agrupar os escritos sacros, incluindo os escritos de Paulo. Nessas coletâneas foram sendo postos títulos: "Aos Romanos", "Aos Coríntios", ou "Aos santos que vivem em Éfeso". Por isso mesmo, nos manuscritos mais antigos, como o Sinaítico e o Vaticano, bem como em P46 e nos manuscritos menores, 424 e 1739, não parece a locução "em Éfeso".

Por esse motivo, alguns estudiosos têm pensado que a epístola era uma missiva circular. Uma diria: "Aos santos que vivem em Filipos"; outra diria: "Aos santos que vivem em Roma", e assim por diante. Então, aquela enviada aos crentes em Éfeso foi a que se preservou, e as cópias dali oriundas foram também intituladas: "Epístola aos Efésios". Isso parece confirmado pelo fato de Tertuliano, ao debater com o herético Marcião, citar a epístola, mas não chamá-la pelo nome de "aos Efésios". Outro tanto deve ser dito com relação aos manuscritos usados por Orígenes.

O heresiarca Marcião incluiu em seu "cânon" Efésios, mas chamou-a de "Epístola aos laodicenses". Broadus David Hale levantou a hipótese de que, após a morte de Paulo, a igreja em Éfeso ouviu que em Laodiceia havia uma maravilhosa carta de Paulo. Então foi feita uma cópia dela, onde foi apagado o título "aos laodicenses", para que lesse "aos Efésios". E sendo Éfeso a principal cidade da província da Ásia, essa epístola acabou sendo conhecida como "Epístola aos Efésios". Mais tarde, Laodiceia apostatou

(Ap 3.14-22), e seu nome foi esquecido.[1] Mas outros eruditos pensam diferente: a epístola teria sido realmente dirigida a Éfeso, em particular, e não como uma carta circular.

Gostamos de pensar que a epístola é aquela a que Paulo se referiu, ao dizer, na sua carta aos Colossenses: "E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai para que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos Laodiceia lede-a igualmente perante vós" (Cl 4.16). É como se Paulo tivesse dito: "Lede também Efésios".

Efésios e Colossenses têm muito em comum. Cinquenta e cinco versículos são muito parecidos. Tíquico foi o portador de ambas (Ef 6.21,22; Cl 4.7,8). Onésimo seguiu com Tíquico (Cl 4.9) como portador da epístola a Filemom.

Laodiceia distava de Éfeso cerca de 160 km, a leste desta. Foi fundada por Antíoco II, no século II a.C., e foi assim chamada em honra à esposa desse rei, Laodice. Era muito próspera e tornou-se um centro bancário. Era a principal cidade da Frigia Pacatiana. Os frígios eram um povo descendente de Meseque, um dos filhos de Jafé (Gn 10.2). Mas, vivendo no meio de muitos outros povos, naturalmente havia uma etnia mista.

Na encruzilhada de uma teia de estradas, o evangelho logo chegou ali, provavelmente quando Paulo estava em Éfeso (At 19.10), talvez por meio de Epafras (Cl 4.12,13). Embora Paulo a tenha mencionado por duas vezes em Colossenses (Cl 2.1; 4.13-16), não há registro de sua visita à cidade. A carta enviada à igreja em Laodiceia, em Apocalipse (Ap 3.14-22), mostra que então aquela comunidade cristã estava em decadência espiritual e foi ameaçada de extinção pelo Senhor. Hoje Laodiceia é apenas ruínas. Mas em torno das fontes de águas mornas (Ap 3.16), formou-se outra cidade, chamada Denizli.

Propósito

Efésios é a carta que expõe o plano de Deus, de acordo com o qual todas as coisas, finalmente, terão seu ponto de convergência em Cristo. Dentro desse plano universal, a igreja desempenha um importante papel. Um dos propósitos de Paulo ao escrever a epístola era expandir a visão espiritual de seus leitores, segundo ele expressa na primeira oração da carta (há duas dessas orações, embutidas na epístola): "[...] para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele [...]" (Ef 1.17). Consoante a esse propósito, achamos o pensamento central da epístola ainda no começo da carta: "[...] desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra" (Ef 1.9,10).

O especialista A. R. Crabtree comenta:

> É-nos revelado nas obras literárias de Paulo o processo mental de um poderoso intelecto no esforço de formular um sistema lógico de pensamento, e Efésios é o aperfeiçoamento da filosofia cristã pelo maior expoente de Cristo. A brilhante sabedoria de Paulo, seu cérebro privilegiado, sua cultura singular, os longos anos de sua experiência com os mais complexos problemas da cultura pagã capacitaram a águia de Tarso na produção de carta como a de Efésios, com os princípios mais profundos, mais completos e mais lógicos da vida cristã, em perfeita comunhão com o Senhor, no poder do Santo Espírito de Deus. Enfrentou o terrível problema com os judaizantes, enfrentou o gnosticismo nos seus dois desdobramentos, enfrentou os problemas filosóficos da época, enfrentou o paganismo brutal de seus dias e deixou Efésios na galeria inspirada do cânon do Novo Testamento.

---

[1] HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*, p. 270.

Pano de fundo

Os conceitos que Paulo expõe em Colossenses e Efésios — cartas gêmeas quanto à data e ao conteúdo — mostram os conflitos que ele estava enfrentando, com estranhas correntes de pensamento, alheias ao verdadeiro espírito cristão. Assim, em Colossenses, cujo ataque principal é mostrar que em Cristo reside toda a plenitude da divindade (Cl 1.19), temos a base para uma das teses de Efésios: a igreja é a plenitude de Cristo (Ef 1.22,23). Portanto, uma carta segue-se à outra naturalmente.

Por essa exata razão há estudiosos que pensam que primeiro Paulo escreveu Colossenses e, logo em seguida, Efésios. Essa ordem cronológica não é muito importante, mas é sugestiva.

Nessas duas epístolas — Colossenses e Efésios — Paulo defrontava-se com as perigosas ideias gnósticas. A principal característica dessas ideias heréticas é que elas reduziam Cristo a mero éon ou emanação divina, um ser que intermedeia a divindade inefável e o mundo perceptível ao pensamento. Cristo seria mera criatura, o principal éon, mas apenas entre muitos, e não uma categoria ímpar, único de sua espécie, divino, Senhor de todas as coisas; não o Criador, junto com o Pai e o Espírito Santo, mas apenas parte da criação.

Em Colossenses, pois, Paulo mostra que Cristo contém, em si mesmo, a plenitude divina. Em outras palavras, Deus está inteiro em Cristo. Ou então, usando a linguagem dos gnósticos, era como se Paulo tivesse dito: "Estais errados em vossos conceitos, pois todas as 'emanações' de Deus concentram-se em Cristo! Ele é a 'plenitude' da divindade!".

E então, aqui em Efésios, Paulo vai um passo além, ao mostrar que a igreja, na qualidade de noiva de Cristo, é o complemento dele, porquanto, em um arrojado mas veraz quadro mental, o apóstolo apresenta Cristo como "a cabeça do corpo", e a igreja como "o corpo da cabeça".

O Deus todo-poderoso, autossuficiente, por causa do eterno amor aos seus escolhidos, não se deu por satisfeito enquanto não garantiu, mediante o sangue vertido de Jesus Cristo, que esses escolhidos não somente escapariam da eterna condenação merecida, mas também estariam revestidos da "natureza divina" (2Pe 1.3,4), e até sentados junto com ele, "em seu trono" (Ap 3.21).

Esses ensinos de Paulo e outros apóstolos comovem-nos até as lágrimas, até a mais profunda gratidão a nosso Salvador e Rei, pois exibem a infinitude de misericórdia e da graça divina para conosco, os que cremos. Paulo, ciente dessas profundíssimas realidades espirituais, em um impulso do Espírito, preso por uma cadeia a um guarda romano, sentou-se e escreveu as magníficas epístolas de Colossenses e Efésios. Essas duas epístolas precisam ser estudadas em conjunto. Quanto a seus conceitos, por assim dizer, Efésios começa onde Colossenses termina.

Na nossa insignificância, diante da majestosa graça de Deus em Cristo, queremos juntar nossa voz a milhares e milhares de remidos do Senhor que têm comentado sobre essas duas epístolas, reconhecendo que nelas Paulo atingiu o cume do Everest da revelação neotestamentária sob a forma epistolar.

É proveitoso notarmos aqui que, em outros escritos, Paulo tratou de assuntos não menos preciosos, de acordo com as necessidades das igrejas às quais escrevia. E é isso que forma um dos encantos desse tipo de estudo que se convencionou chamar de "Introdução ao Novo Testamento". Assim, do conflito de Paulo com os judaizantes resultou o esclarecimento da doutrina da salvação pela graça, mediante a fé em Jesus Cristo. De seu combate contra as dissensões e imoralidades em Corinto surgiu o desenvolvimento dos princípios éticos e sociais do cristianismo. As perseguições,

injustiças e feridas que recebeu somente porque queria andar na trilha estreita e reta, proclamando o evangelho, mostraram-lhe a justeza da providência de Deus.

Características

Como várias outras das epístolas paulinas, Efésios divide-se claramente em duas secções. No presente caso, temos: (a) em 1.1—3.21 vemos a exposição da "posição do crente em Cristo"; (b) em 4.1—6.24, a "conduta do crente no mundo", como reverberação dessa posição. Aliás, esse é o esboço mais simples da epístola, que desdobraremos mais adiante.

Talvez o principal objetivo da epístola seja ressaltar a união mística do crente em Cristo (1.3-14; 2.1-10). Ressalta-se também a ideia de igualdade entre judeus e gentios crentes, dentro do corpo de Cristo (2.11-22). Uma consequência disso é a ênfase que Paulo imprime à unidade dos crentes quanto a questões de fé (4.3-6).

Muita atenção é dada ao plano de Deus e à sua soberana vontade, em boa parte da epístola.

O desdobramento doutrinário na epístola em nada é prejudicado por meio de duas orações que Paulo intercalou na sua exposição. Na verdade, nelas Paulo dá continuidade às ideias que estava apresentando. A primeira oração tem por eixo o conhecimento (1.15-23), e a outra, o amor (3.14-21).

Uma extensa seção foi dedicada por Paulo às questões domésticas, do ponto de visão cristão (5.22—6.9).

Por último, é destacado o combate do crente contra poderes espirituais hostis, e também como o crente deve armar-se, ofensiva e defensivamente, para sair-se vitorioso na batalha (6.10-17).

A plena libertação de nosso corpo material somente será obtida por ocasião do retorno de Cristo. De acordo com os gnósticos, apenas os "sábios" podiam receber conhecimento do "mistério de Deus". Para Paulo, esse conhecimento não é apreendido pelo intelecto, mas mediante revelação dos "mistérios" divinos. Um desses mistérios é que Cristo ocupa o centro de todas as coisas no plano de Deus.

Em Efésios 1.15—3.21 achamos o sistema teológico de Paulo:

1. A soberania do Cristo ressurreto: o homem Jesus está agora sentado no trono de Deus, pois ele é Deus.
2. O Cristo ressurreto é o cabeça da igreja, que o complementa. O teólogo David Smith comenta com muito acerto: "O que a carne foi para Cristo, na sua humilhação, o é a igreja, na sua exaltação".[2]
3. A igreja é mais do que a teocracia de Israel. A igreja é um templo vivo, edificado "sobre o fundamento dos apóstolos, sendo a principal pedra angular o próprio Jesus Cristo" (Ef 2.20).

Conteúdo da epístola

Após a saudação, Paulo começa sua mensagem com ação de graças por "toda sorte de bênção espiritual". Paulo usou expressões prediletas dos gnósticos, como "toda bênção espiritual", "regiões celestiais", "sabedoria", "plenitude", "herança" etc. O gnosticismo havia desfraldado essas bandeiras em causa própria, mas Paulo ligou todas elas à pessoa do Filho de Deus. Isso, por sua vez, evocou uma oração pelo entendimento espiritual dos seus leitores (1.15-23).

Ao discutir sobre a situação espiritual dos remidos, Paulo mostra três fases: a sua anterior posição no pecado, a sua posição atual na graça e a sua posição na família de

---

[2] SMITH, David. *The Life and Letters of St. Paul*, p. 531. Citado por CRABTREE. A. R. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 271.

Deus, sem importar se são judeus ou gentios (2.1-22). Judeus e gentios, uma vez convertidos, fazem parte do corpo de Cristo. Paulo recebeu o grande privilégio de pregar o evangelho aos gentios (3.1-13).

Há uma segunda oração, que encarece a necessidade de pôr em prática o amor de Cristo (3.14-21). Paulo chega então à segunda metade de sua epístola, onde mostra como o crente deve conduzir-se no mundo, à luz de sua posição espiritual. Tal conduta caracteriza-se pelos seguintes pontos: (a) unidade no Espírito e exercício dos dons ministeriais na igreja (4.1-16); (b) abandono do velho estilo de vida e adoção da nova maneira de viver (4.17—6.9); e (c) a guerra espiritual do crente (6.10-20). Então vem a conclusão (6.21-24).

Esboço

POSIÇÃO DO CRENTE EM CRISTO

I - SAUDAÇÃO 1.1,2
II - TODA BÊNÇÃO ESPIRITUAL 1.3-14
1) Fomos escolhidos pelo Pai 1.3-6
2) Fomos remidos pelo Filho 1.7-12
3) Somos selados pelo Espírito Santo 1.13,14
III - PRIMEIRA ORAÇÃO DE PAULO (CONHECIMENTO) 1.15-23
IV - DESCRIÇÃO DA SALVAÇÃO PELA GRAÇA 2.1-10
1) O que éramos 2.1-3
2) O que somos 2.4-6
3) O que seremos 2.7-10
V - UNIDADE DOS CRENTES JUDEUS E GENTIOS 2.11-22
1) Os gentios estavam sem Cristo 2.11,12
2) O único corpo místico de Cristo 2.13-18
3) Formação gradual da habitação de Deus 2.19-22
VI - REVELAÇÃO DO MISTÉRIO DE CRISTO 3.1-13
1) A dispensação da graça divina 3.1-7
2) Participação de Paulo no ministério 3.8-13
VII - SEGUNDA ORAÇÃO DE PAULO (AMOR) 3.14-21

CONDUTA DO CRENTE NO MUNDO

I - UM ANDAR DIGNO 4.1-16
1) Na unidade do espírito 4.1-6
2) Nos dons ministeriais de Cristo 4.7-16
II - UM ANDAR DIFERENTE 4.17—6.9
1) A conduta dos incrédulos 4.17-19
2) Os dois homens 4.20-32
3) Amor cristão, não devassidão 5.1-7
4) Andando na luz 5.8-14
5) Andando com sabedoria 5.15—6.9
a) Com circunspecção 5.15-17
b) Cheio do Espírito 5.18-21
c) Em submissão mútua 5.22—6.9
III - A GUERRA ESPIRITUAL DO CRENTE 6.10-20
1) Com toda a sua armadura 6.10-17
2) Com a força da oração 6.18-20
IV - SAUDAÇÕES FINAIS 6.21-24

17
Filipenses

A igreja em Filipos foi fundada durante a segunda viagem missionária de Paulo, conforme Atos 16.12-40. A epístola de Paulo àquela comunidade cristã tem sido sempre reputada como a sua mais pessoal e terna comunicação. Mas há uma notável alteração de tom no começo do terceiro capítulo.

Paulo chegou ali graças a uma revelação por meio da visão do "homem da Macedônia" (At 16.6-10). Um detalhe interessante é que quando Paulo chegou a Filipos, havia tão poucos judeus que não existia sinagoga ali. Havia somente um lugar de orações, nas cercanias da cidade, frequentado por mulheres (At 16.13). Foi nesse lugar que Paulo iniciou sua prédica. E a igreja cristã ali fundada deve ter sido composta quase exclusivamente por gentios. Quanto a isso, é significativo que Lucas não faz menção a nenhuma oposição judaica em Filipos.

Mas, se não houve oposição judaica, houve oposição gentílica contra os missionários. A igreja em Filipos nasceu dos açoites, dos vergões, das feridas e do sangue de Paulo e de Silas, seu companheiro de prisão, que com ele ficou amarrado ao tronco. Assim ela veio a ser uma igreja fiel ao Senhor Jesus e ao seu fundador. Também era generosa, ajudando Paulo em momentos de crise financeira. Além disso, era operosa, trabalhando bastante no reino eterno do Senhor.

Visto que a última seção "nós" (16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1—28.16) termina no fim da missão em Filipos, podemos concluir que Lucas ficou na cidade a fim de ajudar o pequeno núcleo de crentes que Paulo ali deixara. Um líder gentio para crentes gentios! Lucas deve ter informado ocasionalmente a Paulo sobre as condições da igreja dali. Mas também houve outros contatos entre Paulo e a igreja, através de Silas (At 18.5). Paulo também visitou a congregação pelo menos por duas vezes (At 20.6; 2Co 2.13). As ofertas enviadas a Paulo testificam de seu afeto por ele (2Co 11.9). Foi em Filipos que o evangelho chegou pela primeira vez na Europa, e disso Paulo testificou na epístola, ao dizer: "[...] no início do evangelho, quando parti da Macedônia [...]" (Fp 4.15).

Autoria

A igreja antiga é unânime no testemunho que Filipenses foi carta escrita por Paulo. Internamente há o selo da genuinidade, nada havendo que difira do que sabemos de Paulo através de outros escritos neotestamentários.

Por causa da interrupção, iniciada em Filipenses 3.1, quando Paulo teria ficado perturbado diante de notícias negativas sobre as condições da igreja em Filipos, e também por causa de um trecho poético, em 2.5-11, alguns especialistas dizem que a carta não forma uma unidade nem é autenticamente paulina. Mas seus argumentos são muito fracos, como também é muito pequena a base da objeção à autoria paulina. O primeiro desses argumentos é tão infantil que nem merece resposta. Quanto ao segundo, um trecho poético muito mais longo aparece em 1Coríntios 13, o "hino ao amor". Considerando-se o alcance de seu vocabulário, não nos devem admirar os termos raros que ele tenha usado.

Paulo alugara uma casa em Roma (At 28.30). Quem sustentava o apóstolo? Eis que a igreja em Filipos lhe enviou uma oferta. Epafrodito, que aquela igreja enviara com a oferta, adoeceu; mas agora estava prestes a regressar (2.25-30). Aproveitando o ensejo, o apóstolo escreveu sobre certa variedade de assuntos, enviando a carta por mão de Epafrodito.

Propósitos

O apóstolo Paulo quis expressar suas "saudades" dos irmãos filipenses (1.8). Também quis mostrar que sua prisão na cidade de Roma contribuia de forma positiva para a causa do evangelho em vez de prejudicá-la (1.12-15).

Como já vimos nas notas sobre Efésios — uma carta gêmea desta —, Paulo já podia antever com grande esperança a sua iminente soltura (Fp 1.25). Assim, pôde prometer que estaria de novo com os crentes de Filipos (1.26).

Em Colossenses, Paulo deixou o portador falar sobre a situação do apóstolo (Cl 4.7). Mas, ao escrever para seus diletos amigos de Filipos, abriu seu coração acerca de suas questões pessoais.

Estava começando a manifestar-se um pendor para a desunião entre os filipenses. Paulo procura corrigir isso, exortando para que todos tivessem a mente de Cristo (2.1-11). Duas mulheres pareciam especialmente contenciosas (4.2).

Também parece que os judaizantes estavam fazendo incursões entre os crentes de Filipos, pois Paulo chega a fazer uma advertência sobre eles (3.2s). É justamente a partir desse ponto que o tom da epístola muda ligeiramente. O motivo talvez tenha sido a grande preocupação de Paulo com a maléfica influência daqueles falsos mestres. Então, ele abranda o tom ao aludir aos perfeccionistas da igreja (3.15). Mas volta ao tom severo quando repreende a sensualidade e o materialismo de certos crentes (3.18,19).

Por último, Paulo sentiu necessidade de fortalecer os crentes filipenses quanto a várias questões de conduta: sob os sofrimentos (1.27-30), no testemunho cristão (2.16), no senso de paz e alegria (4.4-7), quanto à necessidade de uma mente sadia (4.8), imitando sempre o apóstolo na caminhada ascendente do chamado cristão (3.13-17).

Características

Filipenses não é polemista, como 1—2Coríntios ou Gálatas. Nenhuma das outras epístolas de Paulo é tão calorosamente pessoal quanto esta. Prova disso é que ele usa o verbo na primeira pessoa do singular por 52 vezes. Mas a ênfase cristocêntrica ainda é mais pronunciada. De fato, o pensamento central da epístola envolve a relação entre Paulo e Cristo: "Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (1.21). Em cada palavra e frase, Paulo deixou a marca de seu caráter, de suas convicções cristãs, do seu amor a Jesus e à irmandade, bem como a imensa quantidade de suas lágrimas, o gemido da sua dor, mas também a expressão de sua alegria e seu grito de triunfo em Cristo Jesus.

Uma terceira característica de Filipenses é que o ensino doutrinário é mínimo. Quando há algum teor doutrinário, serve mais para finalidades práticas ou polemistas (2.5-11; 3.9-11,20,21). No primeiro desses trechos temos o ensino paulino mais completo sobre a *kénosis*, o estado de humilhação de Cristo, entre sua encarnação e sua ressurreição. Sendo vero Deus desde a eternidade, o Filho de Deus tornou-se homem ao assumir corpo físico no ventre de Maria, mas a sua gloriosa ressurreição mostrou ser ele o Deus-homem, único de sua espécie (veja Rm 1.4). Agora ele ocupa o trono do universo, e chegará o dia em que todas as criaturas inteligentes terão de reconhecer que ele é o "Senhor" (*Javé* e *Adonai*, no hebraico) (2.8-10).

Paulo também queria recomendar Timóteo e Epafrodito à igreja em Filipos (2.19-30).

Paulo igualmente adverte quanto aos judaizantes (legalistas), cujo ataque vinha de fora; e contra os antinomianos (libertinos), cuja influência maléfica era interna (cap. 3).

O trabalho das mulheres crentes é reconhecido (4.3). É interessante observar relatos de historiadores de que, na Macedônia, as mulheres desfrutavam de avançadas condições na sociedade (veja At 17.4).

Filipenses não contém nenhuma citação direta do Antigo Testamento. Mas deixa entrever uma vida cristã vigorosa: uma vida de auto-humilhação (2.1-4); uma vida com

um alvo definido (3.13,14); uma vida isenta de ansiedade (4.6); e uma vida de poder (4.13).

A passagem de 4.8,11,12 tem sido considerado por alguns estudiosos um reflexo do estoicismo. Não esqueçamos que em Roma, onde Paulo ficou em prisão domiciliar por pelo menos 2 anos, era forte a influência do estoicismo, a mais nobre das filosofias de origem grega.

Que Paulo estava muito pensativo, enquanto aguardava o resultado de seu julgamento, é visto pelo fato de que ele usou o verbo "pensar" (no grego, *fronéuo*), por nada menos de 10 vezes.

Em último lugar, mas não menos importante, a carta inteira pulsa de alegria e vitória, no poder do Espírito Santo, apesar de o autor sagrado estar em cadeias. Mesmo que não houvesse sofrimento físico, para Paulo era muito doloroso ficar tolhido de pregar por tanto tempo sobre seu amado Messias. Mas, certo do triunfo espiritual, regozijava-se no Senhor. Essa satisfação interior ele exprime a todo instante, usando o substantivo "alegria" e o verbo "alegrar-se" e correlatos (veja 1.4,25; 2.2,9; 4.1; 1.18; 2.17,18,28; 3.1; 4.4,10). A atitude de Paulo e Silas, iniciada no interior da prisão (At 16.25), contagiou o carcereiro filipense (At 16.34), e era uma constante para Paulo, conforme essa epístola revela.

Filipos

Cidade importante do Império Romano. Lucas afirma sobre Filipos: "primeira do distrito, e colônia" (At 16.12). A cidade recebeu esse nome em honra a Filipe da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande. Filipe tomou-a dos tásios, em cerca de 300 a.C. Na ocasião a mineração de ouro já estava bem desenvolvida na região, e as moedas de ouro, cunhadas com a efígie de Filipe, tornaram-se bem conhecidas.

A cidade passou ao domínio romano após a batalha de Pidna, em 168 a.C. Então, no ano seguinte, a região foi dividida em quatro distritos. Filipe ficou dentro do primeiro desses distritos. Por essa razão, Field, Blass e outros estudiosos pensam que aquela declaração lucana deve ser interpretada como "do primeiro distrito, e colônia". O interesse de Lucas pela cidade tem sido explicado por alguns como se ele tivesse nascido ali. Em 42 a.C., houve uma famosa batalha em Filipos, entre as forças de Antonio e Otávio contra Bruto e Cássio. Então a cidade foi ampliada, com a chegada de colonos. Desde então lhe foi acrescido o título de Colônia Iulia, o que explica por que Lucas a chamou de colônia. Otávio deu à cidade o seu notável título, *Colônia Iulia Augusta Philippensis,* que aparece nas moedas ali cunhadas. Esse título, entre outras coisas, dava-lhe o "direito itálico" (*ius Italicum*), que de todos os privilégios da cidade era o maior. Os filipenses eram considerados cidadãos de Roma, a capital do império. Foi em uma cidade assim que o evangelho chegou pela primeira vez à Europa.

Sendo Filipos um centro militar, ponto estratégico para batalhas, o comércio ali não era importante. Talvez isso explique por que o número de judeus era reduzido na cidade.

Atualmente, de Filipos restam somente escombros. Há restos das antigas muralhas e de uma antiga fortaleza romana. Algumas colunas, que resistiram à ação do tempo, indicam onde ficava o Fórum. A acrópole é só ruínas, mas o teatro permanece em bom estado de conservação. Nos arredores da cidade há vestígios de uma adiantada civilização da época dos romanos, ou que remonta a Filipe II. E ainda outros vestígios atestam a presença dos tásios, primitivos habitantes da cidade.

Quando Paulo e seu grupo de missionários estiveram em Filipos pela primeira vez, ocorreram episódios notáveis:

1. Conversão de Lídia e sua casa (At 16.11-15).
2. Libertação da jovem pitonisa (At 16.16-18).
3. Paulo e Silas foram açoitados e encarcerados (At 16.19-25).

4. Conversão do carcereiro (At 16.27-34).
5. Formação de uma forte igreja, muito amada de Paulo e que também muito o amava, socorrendo-o nos dias penosos de sua prisão em Roma. R. P. Martin, Ph.D. e preletor em teologia, declara que por duas vezes Paulo alude à questão da "cidadania" (Fp 1.27; 3.20), o que os habitantes da cidade muito valorizavam, por motivos óbvios.[1]

Esboço[2]

I - SAUDAÇÃO APOSTÓLICA 1.1,2
II - REGOZIJO DO CRENTE EM CRISTO 1.3-30
1) Gratidão e amor pelos filipenses 1.3-8
2) Oração pelo crescimento espiritual 1.9-11
3) Prisão de Paulo redunda em vitória do evangelho 1.12-17
4) Alegria na pregação da cruz de Cristo 1.18-20
5) A vida e a morte em Cristo 1.21-23
6) Certo de viver e servir a Cristo 1.24-26
7) Comportamento digno do evangelho 1.23-30
III - REGOZIJO NO SERVIÇO DE CRISTO 2.1-30
1) Alegria na mansidão e na humildade 2.1-4
2) Exemplo de humilhação e exortação de Cristo 2.5-11
3) Desenvolvimento da salvação 2.12-18
4) Plano de enviar Timóteo 2.19-24
5) Enfermidade e restabelecimento de Epafrodito 2.25-30
IV - REGOZIJO EM CRISTO COMO SALVADOR E SENHOR 3.1-21
1) Advertência contra os inimigos de Cristo 3.1,2
2) Confiança em Cristo, não na carne 3.3-6
3) Perdas materiais e excelências de Cristo 3.7-9
4) O alvo do crente — Cristo 3.10-16
5) A pátria do crente está no céu 3.17-21
V - REGOZIJO NA VIDA VITORIOSA EM JESUS, O SENHOR 4.1-20
1) Exortação à unidade 4.1-4
2) O segredo da paz divina 4.5-7
3) A presença do Deus da paz 4.8,9
4) Vitória sobre a ansiedade 4.10-20
VI - CONCLUSÃO 4.21-23
1) Saudação 4.21,22
2) Bênção apostólica 4.23

---

[1] MARTIN, R. P. "Filipos". Em: DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. 3ª ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 516.

[2] Baseado em CRABTREE. A. R. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 251s.

18
Colossenses

Pano de fundo

Na leitura de Colossenses 2 descobrimos que, quando Paulo a escreveu, a igreja em Colossos estava sob a ameaça de certo tipo de propaganda daninha (2.8,16,20). Foi para contrabalançá-la que Paulo redigiu Colossenses.

Paulo havia permanecido 3 anos em Éfeso (At 20.31). Por ser esta a capital da Ásia Menor, bem como a guardiã da deusa Diana, a população em redor afluía a Éfeso. As pessoas ouviam o evangelho da parte de Paulo, convertiam-se e voltavam às suas cidades de origem, levando as boas novas da salvação (At 19.10).

A igreja em Colossos não conhecia Paulo pessoalmente (Cl 2.1). Ele nunca pregara ali. Mas Paulo contava com fiéis discípulos, que o ajudavam na expansão do cristianismo. Um desses cooperadores era Epafras. Este, como enviado de Paulo, fundou igrejas no vale do rio Lico, sob a autoridade do apóstolo. Além de Epafras, Filemom, abastado cidadão, residia em Colossos. E também seu escravo Onésimo, além de Arquipo, fiel cooperador de Paulo (Fp 1; Cl 4.17). Em Colossos predominavam os gentios, segundo lemos em Colossenses 1.21,27 e 2.13. Por meio de Colossenses 4.10,11 concluímos que Epafras era gentio. Por isso, ele pregou entre gentios, pois não é comum que os judeus deem ouvidos a gentios em assuntos religiosos.

O combate ao erro doutrinário

Colossenses é um tratado paulino contra a aceitação de ideias gnósticas esotéricas — um misto de especulações gentílicas com o legalismo judaico. Temos aí os primórdios do sincretismo que veio a caracterizar muito do cristianismo posterior. Um lamentável aspecto dessa fusão é o obscurecimento da preeminência de Cristo, paralelamente à exaltação de observâncias rituais e ao ascetismo.

Para Paulo, a cura é a correta compreensão da verdadeira envergadura de Cristo. Este é o "Senhor" (*Javé* e *Adonai*, na concepção da divindade, segundo o Antigo Testamento). Por isso mesmo, elegemos como central à epístola o trecho de 1.19: "[...] foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse".

Costurando declarações de Paulo na epístola, podemos obter um quadro da posição dos hereges de Colossos. Em primeiro lugar, Paulo fala em "filosofia e vãs sutilezas" (2.8). De imediato podemos deduzir que o erro combatido por Paulo era o gnosticismo, fusão de ideias religiosas cristãs e judaicas com ideias filosóficas pagãs. Ademais, em *4Macabeus* 5.11, a religião judaica é chamada de "filosofia", confirmando esse parecer. O sistema ensinava um conhecimento esotérico, misterioso, que capacitava o indivíduo a elevar-se à pura luz divina e à salvação mais plena.

Em segundo lugar, havia em Colossos a adoração a "anjos" (2.18). Isso era próprio do gnosticismo, que postulava a necessidade de muitos intermediários para alguém poder chegar a Deus.

Em terceiro lugar, havia a tentativa de impor aos cristãos certas externalidades do judaísmo (2.16), com suas leis dietéticas e festividades religiosas, como a observância da lua nova e dos vários sábados ou descansos.

Em quarto lugar, havia um toque ascético, com a abstenção de certas coisas e disciplinas corporais (2.21-23). Temos aí um forte elemento essênio (veja mais a respeito no subtítulo "Propósito"). Para o gnosticismo em sua fase inicial — a fase

combatida por Paulo em Colossenses —, essa era a contribuição humana para a salvação.

Em último lugar, os "rudimentos do mundo" (2.8,20), no dizer de alguns eruditos, apontavam para seres espirituais que controlavam planetas e determinavam o acesso a Deus. Essa é uma interpretação, é claro, pois há dificuldade em harmonizar o versículo 20 com esse ponto de vista. Mas caso esteja certa, então os gnósticos também acreditavam em horóscopo e coisas semelhantes. Isso mostra a extrema gravidade de heresia em Colossos. Paulo respondeu a ela mostrando a superioridade do ensino de Cristo quanto a cada um desses pontos. Portanto, Colossenses é um notável tratado cristológico.

Eis os argumentos de Paulo:

1. Tendo criado todas as coisas e mantendo-as sob seu controle, Cristo reconciliou-as consigo mesmo, por meio de sua morte (1.15-20).
2. Por sua morte, Cristo derrotou todos os poderes espirituais (2.15). Logo, são neutralizadas a ajuda dos anjos ou suas ameaças.
3. O erro maior dos hereges colossenses era não reterem a cabeça, Cristo (2.19), pois ele tem a primazia (1.18). Com ele, os crentes não carecem de iluminação especial, pois nele estão os tesouros da sabedoria e do conhecimento (2.3). Nele os crentes atingem a plenitude de Deus (2.10). O que os crentes realmente precisam agora é mortificar suas tendências para o pecado, revestindo-se de Cristo (3.5-17).
4. Se em 1Coríntios 15.24,25 Paulo indicou que Cristo é o cabeça do cosmos, esse conceito é exposto em toda a sua grandeza em Colossenses. Paulo já havia usado o termo "cabeça" acerca de Cristo, mas somente em relação ao crente individual (1Co 11.3). Mas, em Colossenses, Cristo aparece como cabeça da igreja (Cl 1.18) e aquele que brande toda a autoridade (2.10).

Local

Alguns críticos modernos acham que Efésios foi escrita em Cesareia, e que Filemom e Colossenses foram escritas em Éfeso. Mas isso não tem fundamento. As três epístolas formam um conjunto escrito em 59 d.C., ao passo que Filipenses foi escrita pouco tempo depois (talvez em 60 d.C.), mas todas em Roma, quando do primeiro aprisionamento de Paulo ali. Sigamos a argumentação a respeito:

1. Colossenses e Filemom envolvem o escravo Onésimo. Ele residia com seu senhor, em Colossos. Onésimo fugiu, levando dinheiro de Filemom. Fugiu para Roma, onde podia perder-se nas multidões da capital. E foi em Roma que Paulo se encontrou com Onésimo.
2. Paulo foi aprisionado por várias vezes. Mas somente em Cesareia e em Roma teve tempo de escrever. Na saudação final em Colossenses, Paulo citou nomes de pessoas que estavam em Roma: Aristarco, Marcos, Jesus, conhecido com Justo, Lucas, Epafras e Arquipo (4.10-17). E em Filemom 21-25, com pequenas variações, temos os mesmos nomes. Em Filemom 22 Paulo expressa o seu desejo ardente de visitar Colossos, a cidade de Filemom. Ora, Éfeso não preencheria essas condições.
3. Colossenses, Efésios, Filipenses e Filemom (e talvez Laodicenses) foram levadas por Tíquico, conforme deduzimos de Efésios 6.21,22 e Colossenses 4.7,8.
4. Parece que Colossenses e Efésios (se esta corresponde à epístola de Laodiceia) eram cartas circulares, que deveriam ser lidas pelas igrejas da região (Cl 4.16).

Propósito

Paulo, despedindo-se dos pastores de Éfeso no porto de Mileto (At 20.29-31), preveniu os obreiros contra as heresias que começavam a surgir. E disse mais: dentre eles mesmos apareceriam doutrinas estranhas. Estaria Paulo profetizando ou teria notado sinais de distorção doutrinária?

Qual heresia teria penetrado na igreja de Colossos a ponto de preocupar tanto o apóstolo? Archibald Robertson diz que é difícil explicar a linguagem de Paulo em Colossenses sem pensar no gnosticismo incipiente que se confundira com o essenismo judaico.[1] Broadus Hale, por sua parte, preveniu que "a heresia não é o gnosticismo desenvolvido do século".[2]

O caso de Simão, o mago (At 8), não deixa de ser a semente do que se tornaria, mais tarde, o gnosticismo. Fenton John Anthony Hort adianta que em Colossos não havia ainda o gnosticismo, e sim especulações judaicas misturadas com a influência grega, como em Corinto.[3] Archibald Robertson assevera que Lightfoot determinou as linhas e os limites da "heresia colossense".[4] Havia em Colossos um culto que era mistura de filosofia grega com essenismo. W. L. Knox, todavia, mostra que o elemento essênio dessa heresia era indireto, através dos muitos judeus que Antíoco III instalara na Frígia aos milhares, e não que os essênios tenham, realmente, instalado alguma colônia em Colossos ou cercanias.[5]

A doutrina essênia incorporava ideias judaicas e gregas. Do deserto da Judeia, onde habitavam, os essênios exportavam suas ideias para muitos lugares. Mestres judaicos assimilaram suas noções sobre Deus, os anjos, a matéria e a moral.

Em Colossos, tais mestres foram influenciados pelo ensino cristão. Incorporaram as principais doutrinas cristãs à sua filosofia, propagando o resultado como se fosse "o verdadeiro evangelho filosófico".

O esboço dessa perniciosa filosofia pode ser deduzido do modo como Paulo a condenou. O gnosticismo afirmava que Deus é bom, mas que a matéria é má. E como explicar que o "bom" criou o que é "mau"? Então imaginaram uma longa série de agentes intermediários: os éons. Quanto mais perto de Deus estivesse um éon, mais divino seria. O primeiro éon era o demiurgo, um intermediário que teria criado o mundo material. Em seu estágio de sincretismo com o cristianismo, os mestres que ensinavam essa filosofia religiosa diziam que o demiurgo era Cristo, mera emanação de Deus, embora a primeira. Por esse motivo, Cristo não era o verdadeiro Deus.

Embora o ensino da triunidade de Deus, com esse nome, só tenha surgido mais tarde, com Tertuliano (século II d.C.), baseado no termo grego *trias*, empregado por Teófilo de Antioquia, o ensino acha-se implícito desde o começo do Antigo Testamento (veja, por exemplo, Gn 1.1-3). João Batista também ensinou a triunidade: ele batizou o Filho, viu o Espírito como pomba e ouviu a voz do Pai (Mt 3.16,10). E a grande comissão é a prova de que Jesus a ensinava: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo [...]" (Mt 28.19).

Ora, se Deus não é um Ser composto (tal como o homem se compõe de espírito, alma e corpo), então Jesus não pode ser Deus. E, como a Bíblia só admite um único

---

[1] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 259.

[2] HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*, p. 299.

[3] HORT, F. J. Anthony. *Judaistic Christianity: a course of lectures*. London: Macmillan, 1894, p. 116-129.

[4] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 25s.

[5] KNOX, W. L. *St. Paul and The Church of Gentiles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1939, p. 146.

verdadeiro Deus, então Cristo também não poderia ser deidade, mas apenas humanidade.

As fórmulas heréticas que reduzem Cristo a um "deus secundário" carecem de toda base bíblica. A Bíblia não ensina a existência de Deus como "primário" e a de algum "deus secundário". Essas noções tão esdrúxulas resultam da distorção que iniciou entre os gnósticos e a heresia colossense.

Mas, se alguns gnósticos reduziam Cristo a mero homem, outros gnósticos (também chamados docéticos), encabeçados por Cerinto, ensinavam que o tal demiurgo tomou aparência humana, pelo que a natureza humana de Jesus era apenas aparente, pois ele seria um éon disfarçado de homem. Quando a seita Testemunhas de Jeová diz que Jesus antes de ser tornar homem era o arcanjo Miguel, ela se aproxima dessa doutrina, com a diferença de que essa seita pelo menos afirma que o corpo de Jesus era real, e não um disfarce. Mas essa seita acredita que o corpo de Jesus desapareceu ou foi dissolvido, pois ele voltou a ser o arcanjo Miguel depois da ressurreição; assim, as aparições do Jesus aos discípulos pós-ressurreição foram feitas com corpos materializados ou aparentes (e isto, sim, as aproxima do docetismo).

Mas, voltando aos antigos gnósticos, foi para anular os seus ensinos que Paulo usou expressões como "no corpo de sua carne" (Cl 1.22), "nele habita corporalmente a divindade" (2.9) e "pelo sangue da cruz" (1.20). E, combatendo outras ideias gnósticas, também deixou escrito: "Cristo Jesus, o Senhor" (2.6); "toda a plenitude" (1.19); "o primogênito de toda a criação" (1.15-17) e também "o primogênito" da igreja (1.18). Em consequência desses fatos, Cristo é alvo legítimo de nossa adoração, mas os anjos não devem ser adorados (2.18), e nenhuma filosofia pode substituir "o mistério de Deus, em Cristo", mesmo porque nele estão ocultos "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (2.3).

Havia ainda uma terceira variedade de gnosticismo, de baixíssima moral, entregue à licenciosidade e aos escândalos. Essa dizia que o pecado afetava somente o corpo, e nunca o espírito. Seria mister acabar o mais rápido possível com o corpo, mediante os excessos, a fim de o espírito ser libertado de sua "prisão" de carne. Logo, concluíam eles, quanto mais o indivíduo pecar, mais depressa receberá a salvação. O corpo podia desfrutar das "delícias" da terra, sem que a alma eterna fosse afetada. Paulo, pois, declarou guerra sem tréguas contra os pecados do corpo ao recomendar: "[...] despojando--vos velho homem e revestindo-vos do novo homem" (3.1-17).

A verdade bíblica é que o espírito (a volição) do homem é que peca, usando a instrumentalidade do corpo físico (veja Rm 6.12; 1Co 6.13,18; 7.1; 1Ts 5.23; Tg 1.14,15). Por isso mesmo, cada qual será julgado segundo o bem ou o mal que tiver feito através do corpo físico: "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo" (2Co 5.10).

Portanto, os hereges de Colossos erravam tremendamente!

Relação entre Colossenses e Efésios

Já vimos isso nos comentários sobre Efésios. Os acadêmicos pensam que Colossenses foi escrita primeiro; e então, com base nas ideias ali escritas, Paulo escreveu Efésios. Ambas frisam as ideias de "plenitude" e "mistério". "Sabedoria" e "conhecimento" são conceitos entremeados na epístola. Fala-se sobre poderes espirituais benignos e malignos. Cristo figura como o unificador e consumador de todas as coisas, em ambas as epístolas.

Mas também há algumas distinções entre elas: (a) Colossenses ataca uma heresia local; Efésios tem aplicação geral; (b) Colossenses é uma carta polemista; Efésios, expositiva; (c) Colossenses é intensa; Efésios é tranquila, escrita em uma atmosfera de

paz, louvor e ação de graças; (d) Colossenses mostra Cristo como cabeça do universo; Efésios, como cabeça da igreja.

Autenticidade

Durante 18 séculos não houve dúvidas quanto à autoria paulina de Colossenses. Já no começo do século II d.C., o heresiarca Marcião incluiu-a no seu "cânon". Irineu e Clemente de Alexandria atribuíram-na a Paulo. O testemunho de Justino Mártir, Clemente de Roma e Inácio concorda com isso. Essa tem sido a posição da igreja a respeito da epístola, durante tantos séculos.

Foi F. C. Baur, no século XIX, quem se opôs à autoria paulina, com base na presença de meros vocábulos constantes na epístola. Assim, ele raciocinou que o termo *pleroma* (plenitude) reflete o gnosticismo do século II da era cristã. Mas Paulo não usou essa palavra no mesmo sentido em que os gnósticos chegaram a usá-la no século II. Para eles, a pleroma era a totalidade das emanações divinas, compondo todos os seres e todas as coisas. Para Paulo, a pleroma indica que Cristo contém em si mesmo todos os aspectos da natureza divina.

Depois dele, outros críticos disseram ser difícil ajustar o teor de Colossenses ao padrão paulino típico. Não há menção à justificação pela fé ou à lei. Não há lugar para o Espírito na vida cristã. Além disso, surgem novos interesses, com destaque para o papel cósmico de Cristo. No entanto, respondemos que a agência de Cristo na criação (1Co 8.6) corresponde a Colossenses 1.16; e o fato de ele ser o centro de tudo é uma consequência natural de seu senhorio universal.

Ademais, há forte ligação entre Colossenses e Filemom. Como ninguém tem rejeitado a autenticidade da epístola a Filemom, segue-se que a epístola a Colossenses também não pode ser rejeitada.

Portanto, derrubadas todas as objeções, Colossenses é definitivamente paulina. Vocabulário, doutrina, poder espiritual, firmeza em Cristo, fidelidade suprema ao Senhor, a beleza das frases — tudo comprova que a epístola é de Paulo e deslizou de sua pena inspirada. O estilo é paulino, desde a saudação inicial até a final.

Conteúdo

Paulo derrubou os erros de Colossos mediante a clara exposição das verdades correspondentes aos sofismas colossenses: após a introdução (1.1,2), ele ora pelo desenvolvimento espiritual daqueles crentes (1.3-12). Em seguida, mostra que Cristo é "o Senhor" de tudo (1.13-23) e o único intermediário da reconciliação (1.24-29). A seguir, exprime seu interesse por eles (2.1-7), e então refuta os falsos ensinos de alguns, mostrando a suficiência de Cristo, e encerra a seção com uma exortação à inquirição espiritual (2.8—3.4). Vem então uma parte prática, que mostra como o crente pode viver vitoriosamente — revestindo-se do novo homem (3.5—4.6). E encerra tudo com recomendações e saudações finais (4.8-18).

Colossos

Ficava na antiga Frígia, na margem meridional do rio Lico, afluente do Meandro. Pertencia à província romana da Ásia. Situada a cerca de 160 km a leste de Éfeso, formava um triângulo de cidades, juntamente com Laodiceia e Hierápolis, distantes de 18 e 24 km uma da outra, todas as três no vale de ricas pastagens.

Aquela era uma região de criação de ovelhas e de fabricação de tecidos de lá, que se tornaram famosos no mundo todo. Havia tal prosperidade material, que isso afetou a igreja em Laodiceia, segundo Apocalipse 3.17.

Heródoto e Xenofonte descrevem a grandeza e a importância de Colossos. De acordo com Ramsay, Hierápolis era o centro político e religioso da região. Colossos, por sua vez, era habitada por considerável número de gregos e de judeus. Josefo mencionou que

Antíoco, o Grande (223-187 a.C.), transportou para o vale duas mil famílias judias. Em cerca de 80 a.C. mais de 50 mil judeus espalhavam-se pelas três cidades do vale.

Esboço

I - INTRODUÇÃO USUAL 1.1,2
II - AÇÃO DE GRAÇAS E ORAÇÃO 1.3-12
III - NATUREZA DO SENHORIO DE CRISTO 1.13-29
1) Cristo é o Senhor
a) Da criação 1.13-17
b) Da nova criação 1.18-23
2) Cristo, ministro da reconciliação 1.24-29
IV - INTERESSE DE PAULO PELOS COLOSSENSES 2.1-7
V - REFUTAÇÃO DE ENSINOS FALSOS 2.8—3.4
1) A suficiência de Cristo 2.8-15
2) Aplicação prática dessa suficiência 2.16-23
3) Exortação à inquirição espiritual 3.1-4
VI - O SENHORIO DE CRISTO E A VIDA CRISTÃ 3.5—4.6
1) O revestimento com o novo homem 3.5-17
2) A vida doméstica dos crentes 3.18—4.1
3) Oração e sabedoria nas palavras 4.2-6
VII - RECOMENDAÇÕES E SAUDAÇÕES FINAIS 4.7-18

19
1—2Tessalonicenses

Na opinião de muitos estudiosos da Bíblia, a primeira epístola de Paulo foi 1Tessalonicenses. Mas há outros que preferem pensar em Gálatas. Uma e outra disputam com Tiago a posição de primeiro livro do Novo Testamento.

1Tessalonicenses e 2Tessalonicenses abordam a questão do retorno de Cristo ao mundo como tema principal. A questão foi iniciada por Paulo em 1Tessalonicenses; na segunda, em rápida sequência, detalhou pontos de segundo advento de Cristo. Logo, tal como no caso de Lucas-Atos, Colossenses-Efésios e 1—2Timóteo, as duas epístolas aos tessalonicenses são gêmeas.

Aqui em 1Tessalonicenses, em sua terceira seção (veja o esboço da epístola), Paulo ajunta exortações práticas em face da *parousía*, "presença", que indica que o Senhor Jesus estará novamente no mundo.

Essa epístola foi ocasionada por vários motivos, entre os quais podemos salientar a necessidade de encorajar os crentes de Tessalônica em vista das perseguições que começavam a sofrer, alem do fato lamentável de que alguns criticavam o ministério de Paulo, forçando-o a defender o seu apostolado (segunda seção). Mas motivo não menos importante era a inatividade a que certos crentes de Tessalônica haviam se entregado, além de alguma confusão mental quanto ao destino dos crentes que morressem antes da volta de Cristo, que a igreja primitiva esperava para breve. Escolhemos o trecho de 4.17 como a porção central dessa epístola: "Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor".

Pano de fundo

O problema judaizante, levantado em Antioquia da Síria, no retorno de Paulo e Barnabé de sua primeira viagem missionária, foi levado à apreciação a Jerusalém (At

15.35), e o concílio ali efetuado deu a vitória à graça divina, sem a interferência da lei mosaica.

Paulo, Barnabé, Silas e Judas regressaram a Antioquia, onde entregaram a "carta" da decisão da conferência de Jerusalém (At 15.32). Judas, uma vez cumprida sua missão, retornou a Jerusalém (At 15.32). Atos 15.34 adianta que Silas permaneceu em Antioquia, com Paulo e Barnabé, onde eles se demoraram, pregando e ensinando com muitos outros "a palavra do Senhor" (At 15.35). Silas e Judas, que eram profetas, consolidaram a igreja em Antioquia (At 15.32).

Por iniciativa de Paulo (15.36), o grupo desejava visitar as igrejas organizadas na primeira viagem missionária. Mas Barnabé e Paulo desentenderam-se por causa de João Marcos. Assim, Barnabé e Marcos rumaram para Chipre (15.39), e Paulo e Silas viajaram para a Síria e a Cilícia (15.40).

Em seu relato, Lucas acompanha Paulo. Em Listra, Timóteo se junta ao grupo (16.1-5). Após vária tentativas frustradas de Paulo, ele recebe a visão do "varão da macedônia'. E diz Lucas: "assim que teve a visão, imediatamente procuramos partir para aquele destino [...]" (At 16.10). O verbo "procuramos" indica que Lucas, a partir dali, veio fazer parte da equipe missionária.

Obedientes à voz do Espírito, navegaram e chegam a Filipos (At 16.11-40). Deixando Filipos, passaram por Anfípolis e Apolônia, e depois chegaram a Tessalônica (17.1-9).

Atuação de Paulo em Tessalônica

Paulo fez grande e proveitoso trabalho em Tessalônica, onde permaneceu por três semanas (At 17.2). A colônia judaica ali era numerosa, e a mensagem de Paulo foi cristocêntrica (At. 17.3). E gente importante converteu-se ao Senhor (At 17.4).

Nas três semanas que passou em Tessalônica, Paulo pregou a completa mensagem de Cristo com base no Antigo Testamento. Muitos se converteram ao Senhor. Atos menciona dois cooperadores tessalonicenses de Paulo: Aristarco (20.4) e Secundo (27.2). Tudo faz crer que Paulo apenas começara e ensinar sobre a volta de Jesus quando "judeus invejosos, trazendo consigo alguns homens maus dentre a malandragem, ajuntando a turba, alvoroçaram a cidade, e, assaltando a casa de Jason, procuravam trazê-lo para o meio do povo" (At 17.5). Isso interrompeu o ensino escatológico de Paulo, quando ele chegava ao ponto culminante do arrebatamento da igreja. Aí Paulo partiu para outras glebas.

Relação entre 1Tessalonicenses e 2Tessalonicenses

Em 1Tessalonicenses colhe-se a impressão de que alguns tessalonicenses supuseram imprecisão nos métodos de ensino de Paulo, por ele ter sido forçado a interromper seu ensino escatológico, ao passo que outros parecem ter desconfiado que Paulo fugiu diante da turba (At 17.6,10), ou que só quis ficar na cidade até ter recebido dinheiro vindo de Filipos (1Ts 2.9; Fp 4.16). E o apóstolo sentiu incontido desejo de defender-se dessas suposições, pois eram descabidas (veja 1Ts 2.1-12; 2.17—3.10).

2Tessalonicenses foi escrita com um intervalo de pouco meses após 1Tessalonicenses. O fato de Silas e Timóteo continuarem em companhia do apóstolo indica que não pode ter passado muito tempo entre as duas epístolas (1Ts 1.10; 2Ts 1.1). Há um inegável liame entre essas duas cartas, embora caibam aqui as seguintes observações: (a) 1Tessalonicenses foi escrita em largas pinceladas, sobretudo no tocante à volta de Cristo; (b) 2Tessalonicenses é mais deliberada na sua exposição, com várias citações extraídas do Antigo Testamento, destacando pormenores relativos ao segundo advento do Senhor.

A razão de 2Tessalonicenses é que, apesar do que Paulo ensinara em 1Tessalonicenses, alguns crentes de Tessalônica estavam confundindo as perseguições

que então sofriam com os primeiros sinais da parúsia ou segundo advento de Cristo; e então Paulo precisou corrigir o equívoco, salientando certos sinais prenunciadores do retorno do Senhor. Como fazia em todas as suas epístolas, Paulo aproveitou o ensejo para retificar a conduta desordenada de alguns daqueles crentes.

Ambas as epístolas aos tessalonicenses foram escritas em Corinto, já no fim da segunda viagem missionária de Paulo, em 53-54 d.C., com prevalência de opinião sobre a data mais avançada. Isso deve ter ocorrido depois de Paulo ter sido levado à presença do procônsul Gálio (At 18.12-17). Foi nessa oportunidade que, segundo alguns estudiosos, Paulo também escreveu Gálatas. Pouco depois, terminava sua segunda viagem e começava a terceira (At 18.22,23).

Alguns estudiosos têm revertido a ordem de produção das duas epístolas, dizendo que 2Tessalonicenses foi escrita antes de 1Tessalonicenses. Mas seus argumentos não convencem.

Tessalônica

Situada no golfo Termaico, seu nome moderno é Salônica. Quem deu a cidade o antigo nome foi Cassandro, casado com Tessalonique, irmã de Alexandre, o Grande, a fim de homenageá-la. Cassandro chegou a residir na cidade, por causa de águas termais. Durante o domínio romano ela foi capital do segundo distrito, um dos quatro em que a Macedônia foi dividida. À margem da Via Ignatia, serviu de posto militar e de entreposto comercial. Foi declarada cidade livre em 43 a.C. Hoje, Salônica é a segunda cidade grega em importância política e comercial.

Conteúdo

1Tessalonicenses

Paulo começa com uma saudação e ação de graças pela conversão e pelo zelo daqueles crentes (1.1-10). Daí passa a defender seu ministério anterior entre eles (2.1-12), referindo-se ao efeito que este produziu (2.13-16). Então exprime seu afeto e sua preocupação com o rebanho (2.17—3.10), e termina essa seção com uma oração em favor deles (3.11—13). Há depois uma seção de instruções, em que são frisadas as necessidades de santidade (4.1-8), amor fraternal (4.9,10), conduta ordeira (4.11,12), esperança quanto à volta de Cristo (4.13-18) e a necessidade de vigilância e sobriedade, em face dessa volta (5.1-11). Após algumas exortações (5.12-22), Paulo termina com outra oração (5.23,24), pedidos finais (5.25-27) e uma bênção (5.28).

2Tessalonicenses

Paulo começa com prefácio e saudação (1.1,2). Então há uma nota encorajadora (1.3,4). Em seguida, mostra que as posições de perseguidores e perseguidos serão revertidas por Cristo em seu retorno (1.5-10). Há uma breve oração em favor daqueles crentes (1.11,12). Isso serve de base para a seção principal da carta, que aborda a questão do Dia do Senhor (2.1,2). Os sinais premonitórios desse dia serão a "apostasia" e a manifestação do "homem da iniquidade" (2.3-5). Há um poder não declarado que, por enquanto, impede o aparecimento do iníquo: mas haverá súbita retribuição contra o iníquo por ocasião da volta de Cristo (2.6-12). A interpretação pré-tribulacional diz que esse poder, que impede o aparecimento do homem da iniquidade, é o Espírito Santo. Por ocasião do arrebatamento da igreja, o Espírito se retiraria do mundo, e isso abriria caminho para a manifestação do anticristo. Mas é forçoso afirmar que o texto sagrado não especifica que poder ou pessoa está em pauta. Alguns comentaristas, baseados no artigo masculino grego, *ó*, que nossa versão portuguesa traduz por "aquele" (2.7), insistem em que se trata de uma pessoa, saltando daí para a conclusão de que certamente se trata do Espírito Santo. Mas o argumento é invalidado quando, no versículo anterior, Paulo usa o artigo masculino neutro, *to*, que nossa versão portuguesa traduz por "o

que". Por isso, crentes de tendências pós-tribulacionistas pensam que aquela interpretação é subjetiva. Archibald Robertson representa a opinião cautelosa ao tratar da identidade desse poder. Infelizmente, não se sabe o que Paulo quis dizer com "aquele que agora o detém".[1] Em seguida, Paulo elogia a firmeza dos tessalonicenses, exortando-os à prática da doutrina apostólica (2.13-17). Paulo pede então orações a seu favor (3.1-5). Há outra seção exortativa, encarecendo deveres pessoais e coletivos (3.6-13). Há uma advertência acerca dos desobedientes (3.14-16). Por fim, a saudação final e a bênção (3.17,18).

Peculiaridades

Até Corinto, Paulo sentia-se um tanto inibido na exposição de sua mensagem. Mas ali sentiu-se libertado. Aos crentes de Tessalônica escreve com graça e poder do Espírito. Fala com autoridade. Por exemplo, diz "este evangelho" (1Ts 2.14), que realmente provinha de Deus (1Ts 2.2,8,9). Estava convicto de que pregava a Palavra de Deus (1Ts 2.13). Como ensinara em Corinto (1Co 2.4), agora o fazia em Tessalônica (2Ts 3.4,6,12). Ameaçou aos que desobedecessem à epístola (2Ts 2.15). No dizer de Archibald Robertson:

> Agora é o pregador experimentado de Cristo e o apóstolo aos gentios aprovado que sabe que a mão de Deus está com ele. Juntamente com a clara compreensão doutrinária que tinha da pessoa, missão e mensagem de Cristo, aparece, nestas epístolas, a mesma nota profundamente espiritual e genuinamente paulina. Com Paulo, a experiência precede a teoria. Sai de Corinto como o expoente poderoso de Cristo ressuscitado, tendo visão de um reino mundial para ele. Agora sabe que Cristo pode vencer o domínio de César.[2]

Pensamento escatológico de Paulo

1—2Tessalonicenses revelam o pensamento escatológico de Paulo e sua profunda convicção nas duas voltas do Senhor Jesus: uma exclusiva para a igreja, e outra para julgar as nações e reinar no milênio. Obviamente, os irmãos pós-tribulacionistas só pensam em uma volta de Jesus à terra, para arrebatar a igreja, e, na continuidade do ato, para estabelecer o milênio. Com todo respeito à autoridade do dr. Archibald Robertson, a escatologia de Paulo não consistia apenas em Cristo vencer o domínio de César. Isso seria uma vitória no tempo, e está reservada, no "evangelho" de Paulo, a um lugar destacado. A escatologia paulina vai muito mais fundo e atira-se, com poder incontido, para o futuro. Em 1Tessalonicenses 4.13-18 temos o ponto alto do seu pensamento escatológico:

1. Que o Senhor Jesus morreu, mas ressuscitou; e, porque está vivo, virá, trazendo em sua companhia os que dormem (v. 14). A igreja do Senhor (a universal) é constituída de vivos e mortos. Quem são os mortos? Todos os que morreram em Cristo, desde Abel até o último, nesta terra, que terá morrido momentos antes da volta do Senhor. Para nós há tempo; para Jesus, não. Jesus vai além do tempo. Todos os que foram salvos, o foram por Cristo: os salvos antes de Jesus olhavam para o Jesus que havia de vir, e nós olhamos para o Jesus que já veio. Os de antes da Encarnação olham para frente, nós olhamos para trás.
2. Essa ressurreição será exclusivamente dos que "morreram em Cristo" (v. 16). Nenhum incrédulo ressuscitará então; para eles há outra ressurreição, a segunda, separada da primeira pelo espaço de 1.000 anos (veja Ap 20.4,5).

---

[1] ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, vol. 4, p. 51.

[2] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 164.

3. Os crentes vivos não precederão os crentes mortos. Todos seremos nivelados diante do Senhor.
4. O versículo 16 é enfático ao declarar que o próprio "Senhor", pessoal, corporal e visivelmente, dará a sua palavra de ordem, "ouvida a voz do arcanjo" e "ressoada a trombeta de Deus" (em 1Co 15.52 lemos sobre a última trombeta"). Num colégio toca o primeiro sinal e o segundo, mas é sempre a mesma trombeta. Mas outros intérpretes vinculam essa última trombeta de 1Coríntios 15.52 e Ap 11.15 à sétima e última da série de sete trombetas.
5. "Nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles." Eles, quem? Por certo os mortos em Cristo ressuscitados. Em um abrir e fechar dos olhos, ao soar da trombeta, seremos transformados e glorificados, prontos para subir (v. 17).
6. No arrebatamento da igreja, Jesus não virá à terra (1Ts 4.17). O encontro da "noiva" com o "Noivo" será nos ares.
7. No arrebatamento, Jesus virá exclusivamente para os seus remidos. Somente nós veremos o Senhor. Quando Jesus subiu ao céu (At 1.11), foi dito que ele "virá do modo como o vistes subir". De que modo Jesus subiu? Corporal, real e visivelmente, falando com os discípulos, corrigindo-os, dando-lhes mandamento. Quais foram os que viram Jesus subir? Somente os crentes; nenhum incrédulo presenciou o fato. Pois bem, do mesmo modo ele voltará, isto é, para os salvos, para os redimidos do Senhor. Em 1Coríntios 15.6, Paulo diz que a ascensão de Jesus foi presenciada por mais de 500 discípulos (no tempo em que ele escreveu a carta, muitos viviam ainda; outros, porém, já haviam passado para o Senhor).

Em 1Tessalonicenses 5.2,3 (veja também 1Cr 5.5; Fp 1.6,10,2.16; 1Ts 2.2), Paulo menciona o "Dia do Senhor". Na Bíblia há três tipos de dia: (a) o dia do homem (Hb 3.7,13), que é hoje; (b) o dia de Cristo (Fp 1.6), que aponta para o arrebatamento da igreja; e (c) o Dia do Senhor (Jr 30.7; Jl 2.31 e dezenas de outros textos do Antigo e do Novo Testamento particularmente nos escritos de Paulo). Na Bíblia, "Dia do Senhor" não é dia do alegria e paz, mas de vingança, de juízo, de tristeza e tribulação. Esse Dia refere-se à "grande tribulação" (Ap 7.12), aquele período de 7 anos que se escoará entre o arrebatamento da igreja e a volta de Jesus (Mt 25.41-46).

Nessa volta para efetuar o julgamento das nações, "todo olho o verá' (Ap 1.7), e Jesus virá com a igreja, que ele arrebatara 7 anos antes. Essa grande tribulação refere-se à "ultima" das 70 semanas de Daniel 9.27. Essa última semana divide-se em dois períodos de 3 anos e meio cada um. Apocalipse focaliza esse período de juízo e trevas de 4.1 a 19.21. É o dia do Senhor que Paulo aponta em 1Ts 5.2 e 2Ts 2.2.

Esse dia virá como ladrão, isto é, inesperadamente, assim como o Senhor disse, como um "relâmpago". Será precedido pela grande "apostasia" e pela revelação do homem da iniquidade, o homem da perdição. Quem será esse personagem? Diz Paulo: "Ele se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou objeto de culto [...] sentar-se-á no santuário de Deus [...] a ponto de ostentar-se como se fosse o próprio Deus (2Ts 2.3,4). Não pode ser outro a não ser o anticristo, emissário do dragão, da antiga serpente, referida em Apocalipse 12.9.

Já há anticristos no mundo (1Jo 4.3), mas há um poder que refreia a manifestação do anticristo: o Espírito Santo (2Ts 2.6). Então o anticristo se manifestará com poder durante a grande tribulação. (Veja "2Tessalonicenses" no subtítulo "Conteúdo").

No final da grande tribulação haverá a batalha de Armagedom (Ap 16.16), que não é outra se não aquela de Ezequiel 38 e 39. Mas Jesus, com o sopro da sua boca, matará o iníquo (2Ts 2.7-12).

Como acabamos de ver, Paulo, na sua linha escatológica, está em perfeita sintonia com a Bíblia toda.

Posições escatológicas

Até aqui, as notas sobre 1—2Tessalonicenses têm-se baseado no pressuposto de que a escatologia evangélica está isenta de divergências. Para esclarecimento quanto a essas divergências, o pastor João M. Bentes oferece o material desta seção.

Há dois particulares que têm dividido os estudiosos quanto às questões escatológicas:

a) Acerca do milênio: amilenismo, pós-milenismo e pré-milenismo.
b) Acerca do arrebatamento da igreja: pré-tribulacionismo, mesotribulacionismo e pós-tribulacionismo.

Quanto ao "milênio"

1. Os amilenistas negam que haverá o milênio, o governo de Cristo sobre a terra, depois da grande tribulação, pelo período de 1.000 anos.
2. Os pós-milenistas pensam que o período da graça, em que estamos, é o milênio. Ao término do milênio, Cristo voltará a este mundo, já transformado pelo "fermento do evangelho". Esses sentem dificuldade para situar a grande tribulação dentro de seu sistema, pois para eles o mundo melhorará em um crescendo contínuo, a ponto de Cristo voltar a um mundo paradisíaco, reflexo de trechos bíblicos como Isaías 11.1-10 etc.
3. Os pré-milenistas ensinam que, terminada a grande tribulação, o Senhor voltará a este mundo para inaugurar seu governo milenar. Essa é a posição adotada nesta obra.

Quanto ao "arrebatamento da igreja"

1. Os pré-tribulacionistas são os que pensam que Jesus virá arrebatar sua igreja antes da grande tribulação. Essa é a posição central adotada nesta obra.
2. Os mesotribulacionistas são os que dizem que Jesus virá arrebatar sua igreja na metade da grande tribulação.
3. Os pós-tribulacionistas são os que ensinam que Jesus virá arrebatar sua igreja depois da grande tribulação.

Em relação à posição adotada nesta obra, a segunda e a terceira posições são meras variantes. Até onde é afetada a doutrina da volta de Cristo? A tríplice questão que envolve o milênio é mais grave, pois alguns chegam a negar a realidade do milênio futuro, um claro ensino bíblico. Já a tríplice questão que envolve "o arrebatamento da igreja" diz respeito somente a duas perguntas:

1. Na sequência de eventos preditos para o fim, no Discurso Profético de Jesus, a igreja será arrebatada antes deles todos, ou será o último evento da sequência?
2. Quando a igreja for arrebatada "nos ares" (1Ts 4.17), ficará por 7 anos com Cristo, nas nuvens, ou, tendo sido arrebatada até as nuvens, dali descerá imediatamente, com Cristo, a fim de inaugurar o milênio?

Ambas as perguntas levam ao mesmo exame dos eventos preditos, mas a segunda delas mostra exatamente onde está a base da questão. O esquema a seguir pode simplificar todo o problema diante do leitor, evitando a necessidade de muita explicação:

Pré-tribulacionismo

Parúsia
"Para" "Com"
Igreja Igreja
1ª Ressurreição, 2ª Ressurreição, 3ª Ressurreição
1.007 anos

Pós-tribulacionismo

Parúsia
"Para" e "com"
Igreja

1ª Ressurreição, 2ª Ressurreição
1.000 anos

A posição "pré" divide a volta de Cristo em duas fases:

a) Parúsia, antes da tribulação.
"Para" a igreja.
b) Retorno visível, depois da tribulação.
"Com" a igreja.

A posição "pós" ensina a volta de Cristo como um evento só:

a) Parúsia, depois da tribulação.
"Para" e "com" a igreja.

A posição "pré" diz:

a) Entre a ressurreição dos salvos e a ressurreição dos perdidos passarão 1.000 anos.
b) Só haverá duas ressurreições:

- Dos salvos, judeus e gentios, terminada a tribulação.
- Dos perdidos, no fim do milênio.

A bem da verdade, há muitos pontos de concordância entre os irmãos pré e pós-tribulacionistas. Ambos concordam que haverá o milênio, antecedido pela grande tribulação. Ambos concordam que a igreja será arrebatada nos ares, ao encontro do Senhor. Ambos creem nas doutrinas centrais da fé cristã, como a da triunidade de Deus, da deidade de Cristo, da salvação e da igreja. Ambos contam com defensores que têm dado a própria vida pela causa de Cristo. Ambos creem em uma Bíblia plenariamente inspirada e inerrante. Ambos amam devotadamente ao mesmo Salvador e Senhor. Ambos têm a mesma fé, o mesmo amor, a mesma esperança! Nesse caso, por que essa diferença de opiniões? Porque a escatologia é um capítulo do conhecimento bíblico que só recentemente começou a ser estudado, e nem tudo ficou claro ainda.

Louis Berkhof, um dos maiores teólogos evangélicos de todos os tempos, ensinou que a igreja como um todo, através dos séculos, foi estudando grandes doutrinas como Deus, Cristo, o Espírito Santo, a salvação (soteriologia) e a igreja (eclesiologia). Mas, depois disso, negligenciou outras doutrinas igualmente importantes, como a do reino e a escatologia. Essa é a principal razão do conflito pré-tribulacionismo *versus* pós-tribulacionismo. Nenhum dos dois esquemas conseguiu ainda armar um sistema completo.

Diante desse fato inconteste, opino que, por isenção de ânimo, é mais aconselhável confessar que os crentes carecem de maiores luzes por revelação do Espírito Santo em vez de assumir posições dogmáticas, negando-se ao menos a examinar os argumentos em contrário.

Os argumentos pós-tribulacionistas pesam na balança, não podendo ser desprezados. Veja a seguir os principais arrazoados dessa corrente escatológica:

1. Durantes dezoito séculos e três quartos só havia a posição pós--tribulacionista. A outra surgiu nos meios evangélicos através de John Darby (1800-1882), fundador dos Plymouth Brethren, da Inglaterra, que aceitou o pré-tribulacionismo em seus estudos. Graças à *Bíblia anotada de Scofield*, o pré-tribulacionismo tem-se generalizado, pois a literatura pós-tribulacionista é pequena. Scofield, grande mestre bíblico, aceitou a posição de Darby. Uma posição tão nova que ainda não levou em conta todos os fatores envolvidos.
2. O esquema pré-tribulacionista parte de Apocalipse 4.1 ("Sobe para aqui"), interpretado como símbolo do arrebatamento da igreja. Os pós-tribulacionistas dizem que essa passagem é apenas um dos quatro arrebatamentos de João, para receber sua segunda grande série de visões. Outros arrebatamentos de João estão em Apocalipse 1.10

("Achei-me em espírito"), 17.3 ("Transportou-me o anjo, em espírito") e 21.10 ("e me transportou, em espírito"). Outro arrebatamento é descrito em Apocalipse 11.12, em que as duas testemunhas do fim ouvem: "Subi para aqui". Se o primeiro convite representa o arrebatamento, então o segundo forçosamente tem o mesmo sentido. E aí já teríamos dois arrebatamentos da igreja, sem falar nos outros três arrebatamentos de João mencionados no livro. Conclusão: o arrebatamento da igreja deve ser buscado em algum lugar em Apocalipse!

3. Visto que a igreja não será arrebatada sem que primeiro os crentes mortos ressuscitem (1Ts 4.15), não podemos esperar que o arrebatamento da igreja ocorra antes da primeira ressurreição, que será a dos santos (Ap 20.5,6). Simbolicamente, o arrebatamento da igreja aparece em Apocalipse em 14.14-16 (a ceifa da terra), enquanto o juízo figura em 14.17-20 (a vindima). Mais adiante, Apocalipse mostra que os dois eventos estarão separados pelos 1.000 anos do milênio (Ap 20.5).
4. O esquema pré-tribulacionista postula uma ressurreição de crentes, com o consequente arrebatamento de todos, que ocorreria antes dessa "primeira ressurreição". E isso não parece nada lógico para os pós-tribulacionistas.
5. Por isso mesmo, o pré-tribulacionismo postula três ressurreições, quando não mais: (a) a dos crentes mortos, por ocasião do arrebatamento da igreja; (b) a primeira ressurreição, que seria a dos judeus que se converteriam durante a grande tribulação; e (c) a dos perdidos, ou "segunda ressurreição". Mas a Bíblia só fala em duas ressurreições: a primeira e a segunda!
6. Outro ponto de apoio do pré-tribulacionismo é 2Tessalonicenses 2.1-3, onde Paulo ensina que "o Dia do Senhor" não virá sem primeiro haver dois grande sinais: a "apostasia" e a revelação do "homem da iniquidade". Alguns defensores do pré-tribulacionismo dizem que "apostasia", nesse caso, é o "arrebatamento da igreja". Com isso não concordam aqueles outros irmãos, pois esse termo não é sinônimo de arrebatamento, e, sim, do abandono da fé cristã por parte de quem se dizia crente. Um trecho paralelo à "apostasia" é de Mateus 24.10-12.
7. O pré-tribulacionismo trabalha em cima do pressuposto de que o arrebatamento da igreja envolverá crentes gentios e judeus que se terão convertido até aquele instante, mas que só depois a nação judaica se converterá a Cristo. Isso cria problemas insolúveis: (a) em Cristo, não há mais distinção entre judeus e gentios (Ef 3.6); esse trecho ensina que os participantes originais da igreja eram judeus convertidos, e que os gentios crentes se tornam "co-participantes" com aqueles; (b) em Cristo, o muro de separação entre judeus e gentios foi derrubado; assim, ao se converterem, tornam-se todos membros da igreja (Ef 2.14); impõe-se aqui uma indagação: Os judeus que supostamente se converterão na grande tribulação não farão parte da igreja? Será novamente erguida a parede da separação? (c) Por que a Bíblia nada diz sobre a ressurreição e o arrebatamento dos judeus da tribulação, juntamente com a incontável multidão de gentios que se converterão sob a pregação dos judeus (Ap 7.1-17)? Se o esquema pré-tribulacionalista fosse bíblico, teríamos aí a "segunda" ressurreição; e a ressurreição dos perdidos, depois do milênio, seria a "terceira".
8. É melhor pensar que a igreja começou entre os judeus, que continuará envolvendo judeus e gentios até o fim, e que os judeus que se converterão durante a grande tribulação farão parte da igreja. De outra sorte, teríamos a reversão de muito ensino neotestamentário; e quanto a essa reversão a Bíblia faz total silêncio. Ora, se os judeus e os gentios da grande tribulação farão parte da igreja, isso prova que a igreja continuará na terra até ao fim da grande tribulação!
9. O pré-tribulacionismo diz que o termo grego *parousía* é usado no Novo Testamento em sentido técnico, para indicar a primeira fase da segunda vinda de Cristo, quando ele vier

"para" a igreja (1Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23; 2Ts 2.1,8,9). Fica entendido que, em uma segunda fase, Cristo voltará "com" a igreja. Mas o termo é usado por outras 17 vezes no Novo Testamento, e nunca com esse sentido técnico (Mt 24.3,27,37,39; 1Co 15.23; 16.17; 2Co 7.6,7; Fp 1.26; 2.12; Tg 5.7,8; 2Pe 1.16; 3.4,12; 1 Jo 2.8).

10. Outro argumento pré-tribulacionalista é que a igreja não foi destinada à ira, mas à salvação. Esse argumento está baseado em 1Tessalonicenses 5.9. Há dois pontos fracos nesse argumento: (1) Paulo, ao falar em ira, não aludia à grande tribulação, mas à condenação eterna. (2) Se a ira é a grande tribulação, então os judeus e os gentios que se converterão durante aquele período estão destinados à ira!
11. No discurso profético de Jesus (Mt 24 e paralelos), o arrebatamento da igreja é o último de uma série de eventos: "E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus" (v. 31). Mas o pré-tribulacionismo diz que será antecedente à série, o que dá a entender que o Senhor se equivocou quanto à ordem cronológica dos fatos preditos, o que é impossível!
12. Ainda dentro desse discurso de Cristo, a grande tribulação terminará (Mt 24.29), haverá grandes sinais cósmicos, surgirá o próprio Cristo nas "nuvens", e só então os crentes serão recolhidos ou arrebatados.

Eis a ordem dos eventos, de acordo com o pós-tribulacionismo: Cristo virá descendo do céu. Ao chegar à altura das "nuvens" (veja 1Ts 4.17), a igreja será arrebatada, saindo-lhe ao encontro. Tudo ocorrerá em um piscar de olhos, em nada interrompendo a descida do Senhor. Cristo continuará descendo, das nuvens para baixo em companhia de sua igreja, até pousar os pés sobre o monte das Oliveiras (Zc 14.4). Assim, entre o arrebatamento da igreja e a volta do Senhor ao mundo não haverá nenhum tempo considerável, como os 7 anos postulados pelos pré-tribulacionistas. Isso significa que a volta do Senhor não terá de ser desdobrada em duas fases, uma antes da tribulação e outra depois da tribulação. A parúsia envolve um único episódio; a vinda de Cristo "para" os seus, nas nuvens, daí para baixo torna-se a vinda de Cristo "com" os seus. Esse único episódio ocorrerá "logo em seguida à tribulação daqueles dias" (Mt 24.29), com o último de uma sequência de eventos reditos.

A "trombeta" de Mateus 24.31 é a mesma "última trombeta" de 1Coríntios 15.52, e é a mesma "sétima trombeta" de Apocalipse 11.15s.

A súmula dos argumentos expostos anteriormente é que a igreja passará pela grande tribulação, é só depois será arrebatada.

Não que eu esteja aqui a oferecer polêmica com nosso querido pastor Enéas Tognini. Eu muito o admiro e o estimo como um pai. Ele apresentou a posição pré-tribulacionista, e senti que devemos ter a mente aberta o bastante para ouvir o outro lado também. Roguemos ao Senhor luzes suficiente para responder de modo satisfatório aos argumentos pós-tribulacionistas, se é que eles não estão com a razão, quanto a esse pequeno detalhe da escatologia, que alguns têm transformado em cavalo de batalha.

Esboço

1Tessalonicenses

I - SAUDAÇÃO 1.1

II - RETROSPECTO DA ATUAÇÃO DE PAULO EM TESSALÔNICA 1.2—3.13

1) Paulo elogia a comunidade cristã 1.2-10
2) Reminiscências de Paulo 2.1-16
3) Atuação de Timóteo 2.17—3.13

a) Necessidade da intervenção de Timóteo 2.17—3.5
b) Efeito de seu relatório sobre Paulo 3.6-13

III - VÁRIAS EXORTAÇÕES PRÁTICAS 4.1—5.22
1) Abstenção da imoralidade 4.1-8
2) Amor mútuo entre os crentes 4.9,10
3) Não intromissão na vida alheia 4.11,12
4) Consolo mútuo em face da volta de Cristo 4.13-18
5) Vivendo como filhos do dia 5.1-11
6) Repelindo o mal e retendo o bem 5.12-22
IV - CONCLUSÃO 5.23-28
1) Oração final 5.23-24
2) Três recomendações 5.25-27
3) Bênção final 5.28

2Tessalonicenses

I - SAUDAÇÃO 1.1,2
II - AÇÃO DE GRAÇAS E ENCORAJAMENTO 1.3-12
1) Elogio à constância dos tessalonicenses 1.3,4
2) O propósito das perseguições 1.5-10
3) Oração pelo desenvolvimento espiritual 1.11,12
III - EVENTOS RELATIVOS AO SEGUNDO ADVENTO 2.1-12
1) Exortação à constância 2.1,2
2) Sinais prenunciadores 2.3-12
IV - NOVAS AÇÕES DE GRAÇA E ENCORAJAMENTO 2.13—3.5
1) Em face da chamada divina 2.13-15
2) Oração pela firmeza daqueles crentes 2.16,17
3) Paulo solicita orações 3.1,2
4) Garantia da proteção do Senhor 3.3-5
V - NECESSIDADE DE TRABALHO DILIGENTE 3.6-15
VI - CONCLUSÃO 3.16-18

20
1—2Timóteo

Pano de fundo

Com base em Atos 13.1—21.17 é claro que Paulo fez, até aquele ponto, três viagens missionárias. Mas com base em outros dados neotestamentários conclui-se que ele fez uma quarta viagem missionária, depois de ter sido solto de seu primeiro período de detenção em Roma. O dado bíblico básico quanto a isso é a declaração de Paulo de que ele planejava visitar a Espanha quando fosse solto (Rm 15.24-28). Assim, se Atos termina quando Paulo chegava ao fim de seu primeiro período de aprisionamento em Roma, através de vários informes indiretos podemos deduzir o roteiro de sua quarta viagem missionária. (Quanto a isso, veja o subtítulo “Quarta viagem missionária de Paulo” no Apêndice 2, “A vida de Paulo”.)

Autoria

Somente em 1804 um estudioso, E. C. Schmidt, pôs em dúvida a autoria paulina das epístolas pastorais. Em 1807, F. Schleiermacher negou categoricamente a autenticidade delas. Os estudiosos conservadores, porém, têm respondido a altura esse ataque da alta crítica, mostrando que seus argumentos são infundados. Mas durante algum tempo houve intensos debates a respeito.

Para exemplificar, Ferdinand Christian Baur, apoiado por Renan, dizia que o cristianismo de Paulo, nas pastorais, não é o mesmo cristianismo das outras cartas. Mas

como se percebe, esse argumento é tendencioso e obedece a um critério preestabelecido. Paulo alista a fé, casada com outras virtudes, como fez em Gálatas 5.22. Que clareza e que poder tem a descrição da "fé" em 1Timóteo 1.12-17. Portanto, em que pese que Paulo usou nas pastorais certos vocábulos que ele nunca antes usara, temos nelas uma maravilhosa soma ao vocabulário paulino.

Segundo P. N. Harrison, o vocabulário das epístolas pastorais forma uma contextura de 902 palavras, assim distribuídas: 54 são nomes próprios; 306 não foram usadas nas outras dez cartas paulinas; 165 não ocorrem no resto do Novo Testamento; 131 são usadas em outros livros do Novo Testamento. Isso orça em 656 palavras. As demais, 246 palavras, compartilham com o vocabulário paulino.[1]

Na realidade, há diferenças não só quanto ao vocabulário entre as epístolas e as demais epístolas paulinas, mas também quanto ao estilo. Todavia, esse não é argumento válido, pois em cada um dos quatro grupos de epístolas paulinas há diferenças de estilo. Essas diferenças dependem não só dos temas das epístolas, mas também da passagem do tempo. Pois o estilo de uma pessoa varia nos diferentes períodos de sua vida. Assim, enquanto em Gálatas vemos uma linguagem que reflete o acesso da batalha, nas epístolas pastorais há brandura e carinho.

Nas epístolas pastorais faltam algumas expressões tipicamente paulinas, como "Espírito Santo" e "justificação". "Revelar" foi substituída por "aparecer". Em 2Timóteo 2.21, "Senhor" (do grego *kúrios*) é substituída por "possuidor" (no grego, *despótes*). E também há uma série de partículas gregas que Paulo não usou nas epístolas pastorais. A saudação de Paulo, nas pastorais, é "graça, misericórdia e paz", ao passo que em outras suas cartas é "graça e paz".

Outros críticos apelam para o problema canônico, pois as epístolas pastorais não constam do cânon do heresiarca Marcião e também não figuram no mais antigo manuscrito grego, o P46. Por essa razão, alguns dizem que essas epístolas foram escritas somente no século II da era cristã. No entanto, sabe-se que Tertuliano atacara Marcião por haver rejeitado três evangelhos e mutilado o terceiro dele, além de não ter aceitado Romanos por inteiro e ignorado as epístolas pastorais. Os trechos de 1Timóteo 1.8; 6.20 e 2Timóteo 3.16 são contrários a certas ideias de Marcião. Portanto, o testemunho dele é suspeito, como também o é o argumento crítico alicerçado sobre esse testemunho. Ademais, a ausência das epístolas pastorais (e da epístola a Filemom) no manuscrito P46 também tem sido citada como prova contra a autoria paulina daquelas epístolas. Contudo, se assim fosse, muito do Novo Testamento também teria de ser rejeitado, pois muitos papiros não contêm as mais variadas passagens do Novo Testamento. "Concluir-se que somente os livros representados nestes papiros são autênticos seria por em risco todos os que não aparecem", arremata Broadus David Hale.[2]

Russell Champlin manifesta-se em favor da autoria paulina:

> As evidências externas em prol da autoria paulina são fortes e conclusivas (Clemente, Policarpo, Irineu, Tertuliano, Teófilo e o Cânon Muratoriano). Traços de sua circulação na igreja, antes do tempo de Marcião, são mais claros que aqueles referentes às epístolas aos Romanos e 2 Coríntios (Zahn). Marcião e Tarciano rejeitavam-nas porque nelas Paulo condena o ascetismo. [...] Além dos argumentos, o dr. Harrison imprimiu o texto grego de modo a ajudar os olhos a perceberem os fatos. Palavras que não aparecem em outras epístolas paulinas figuram

---

[1] HARRISON, P. N. *Problem of the Pastoral Epistles*, 1921. Citado por CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 5, p. 268.

[2] HALE, Broadus D. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*, p. 323.

em vermelho, frases paulinas (extraídas das outras dez epístolas) são sublinhadas, e as *hapax legomena* são assinaladas por um asterisco.[3]

Conclusão: palavras das "pastorais" omitidas nas demais epístolas paulinas e até frases comuns de Paulo são mais ou menos iguais.

Data e local das epístolas pastorais

A sequência das três epístolas deste grupo é: 1Timóteo, 2Timóteo e Tito (63-65 d.C.). A primeira foi escrita em Filipos; 2Timóteo (67 d.C.) foi escrita em Roma, quando Paulo estava na prisão Mamertina, pouco antes de sua execução. Mas há autores que pensavam que, cronologicamente, 2Timóteo ainda estaria mais próxima de 1Timóteo e Tito do que afirmamos. Tito foi escrita em Nicópolis. Archibald Robertson escreveu: "As três epístolas pastorais parecem ter sido escritas com pequeno espaço de tempo de uma para outra [...]".[4]

Início da hierarquia eclesiástica?

Em detalhe da eclesiologia é que alguns estudiosos veem nas epístolas pastorais o começo de um desdobramento do ministério pastoral em arcebispos e bispos, mais tarde engrossado por outros títulos, como cardeais, um dos quais é o papa. E isso por causa da autoridade com que Timóteo e Tito foram investidos por Paulo. Porém é melhor pensarmos que essa delegação a Timóteo e a Tito não envolveu nenhuma subida em uma escala hierárquica que ultrapassasse os limites de Efésios 4.11. Os ministérios da palavra são quatro: apóstolos, profetas, evangelistas e pastores, alguns dos quais são mestres. O ministério da ação é o diaconato. Mas a medida que os séculos avançavam, o ministério ia deixando de ser carismático para tornar-se cada vez mais burocrático, institucional. Então, alguns passaram a olhar para o caso de Timóteo e Tito como justificativa de sua já complicada hierarquia. Essa hierarquia não existe somente na Igreja Católica Romana, mas também em vários grupos protestantes.

O ideal do ministério cristão, porém, não é uma hierarquia e, sim, que os cinco tipos de ministério (se incluirmos aí os diáconos) se complementem, sem formar vários patamares. Essa ideia de complementação estava na mente de Paulo quando ele comparou a igreja ao corpo humano, formado por vários membros interdependentes (Ef 4.16).

Em face do exposto, é impossível que Paulo tivesse traído seu próprio ensinamento, fazendo de Timóteo e Tito sargentos do exército cristão, ao passo que todos os demais pastores continuariam sendo apenas cabos. Na verdade, Timóteo e Tito foram apenas representantes de Paulo, por ser fisicamente impossível a presença do apóstolo em dois lugares ao mesmo tempo. Timóteo, a julgar pelos registros bíblicos, sofreu como cristão. Ou como companheiro de Paulo, ou em seu ministério particular. Em Hebreus 13.23 somos informados de que Timóteo esteve aprisionado, embora tenha sido posteriormente solto. Onde? Não se sabe. Quanto a Tito, é razoável pensarmos que ele também passou por sua parcela de dificuldades, comum a todos os ministros do evangelho, mas a própria Bíblia omite esses dados.

Dados biográficos de Timóteo

O nome grego Timóteo significa "venerador de Deus". Sua mãe e sua avó eram judias (Eunice e Lóide, respectivamente, 2Tm 1.5). Seu pai era grego, mas não se sabe seu nome (At 16.1-3).

---

[3] CHAMPLIM, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, p. 269.

[4] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 272.

Timóteo conhecia as Escrituras desde a infância (2Tm 1.5; 3.15). Da mãe e da avó, pois, aprendeu a aguardar a "esperança de Israel". No entanto, tendo pai grego, nunca fora circuncidado.

Timóteo residia em listra quando Paulo chegou ali pela primeira vez (At 16.1); e então se converteu (At 14.6 com 2Tm 1.5). Timóteo só começa a ser mencionado em Atos quando Paulo já estava em sua segunda viagem missionária, pelo que devemos pensar que sua educação cristã deve ter sido dirigida pelos líderes da sua igreja (At 14.23).

Quando houve profecias acerca de Timóteo (1Tm 1.18; 4.14), Paulo elegeu-o como um de seus companheiros. Então Paulo circuncidou-o "por causa dos judeus daqueles lugares" (At 16.3). Em algum ponto do começo de sua carreira ele foi consagrado "evangelista", mediante imposição de mãos (1Tm 4.14; 2Tm 4.5). Daí por diante, Timóteo tornou-se um dos mais constantes companheiros de Paulo.

Junto com Silvano, e talvez Lucas, Timóteo viajou para Filipos (At 16.12), onde já era crente destacado por seu zelo (Fp 2.22). Ao que tudo indica, quando Paulo partiu dali Timóteo permaneceu para tomar conta da igreja. Mas aparece em Bereia, onde ficou com Silas, depois da partida de Paulo (At 17.14); mas somente para daí ir ao encontro de Paulo em Atenas. De Atenas foi enviado de volta a Tessalônica (1Ts 3.2). Por isso seu nome aparece junto com o de Paulo na saudação das duas epístolas aos Tessalonicenses. De Tessalônica foi para Corinto. E então há um silêncio de meia década quanto a Timóteo.

Mas ele reaparece como enviado de Paulo para preparar o caminho deste através da Macedônia, da Acaia, em Jerusalém e em Roma (At 19.22). Deve ter retornado pelo mesmo trajeto, para encontrar-se com Paulo (1Co 16.10) e estava com ele quando 2Coríntios foi escrita (2Co 1.1). Foi até Corinto com Paulo. De Corinto Paulo enviou a epístola aos Romanos, e Timóteo aparece como um daqueles que enviavam saudações na epístola (Rm 16.21). Foi um dos colegas de viagem de Paulo a Filipos e, tomando outro navio, ficou esperando por Paulo naquela cidade (At 20.3-6). Há um novo período de silêncio a seu respeito. Mas ele reaparece em companhia de Paulo em Roma, o que se vê nas epístolas que Paulo escreveu da capital (Fp 1.1; 2.19; Cl 1.1; Fp 1).

Em Timóteo 1.3, vemos que ele e Paulo visitaram de novo a Ásia proconsular, depois da soltura do apóstolo. Mas Timóeteo ficou em Éfeso, lacrimoso (2Tm 1.4), enquanto Paulo continuava viagem. Coube a Timóteo, em nome de Paulo, supervisionar a igreja, infectada por heresia e licenciosidade. Alguns dos pastores dali eram mais idosos do que ele (1Tm 4.12). Timóteo chegou a ordenar pastores e diáconos (1Tm 3.13). A responsabilidade era grande, e Paulo temeu por ele, desejando vê-lo outra vez (2Tm 4.9,21). Há dúvidas se isso foi possível, isto é, se conseguir ver Paulo antes de sua execução. No que tange ao trecho de Hebreus 13.23, alguns veem nele uma indicação que Timóteo compartilhou da prisão com Paulo.

Uma antiga tradição diz que Timóteo continuou como bispo de Éfeso, tendo sido martirizado sob Domiciano ou Nerva. É provável que tenha sido no governo do primeiro, o qual, como é do conhecimento geral, perseguiu os cristãos e baniu João para a ilha de Patmos. Portanto, entre 81 e 96 d.C.

1Timóteo

Essa epístola foi escrita algum tempo após os eventos narrados em Atos 28, pelo menos 8 anos após a permanência de Paulo em Éfeso por 3 anos (At 19.8,10; 20.31), segundo alguns estudiosos.

Escolhemos 1Timóteo 3.1 como passagem cêntrica da epístola: "Fiel é a palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja".

Razões da epístola

A certo ponto, Paulo deixou Timóteo encarregado da igreja em Éfeso e partiu para a Macedônia. Preocupado em Filipos com Timóteo e com a igreja em Éfeso, afetada por um falso ensino, escreveu a epístola, visto que talvez tivesse de demorar a voltar a Éfeso (3.14,15).

Timóteo foi um evangelista itinerante. Começou com Paulo na segunda viagem missionária, participou da terceira e acompanhou o apóstolo a Jerusalém, na entrega da coleta aos santos pobres.

Timóteo era jovem de saúde precária (1Tm 5.23). Mas não deveria dar mau exemplo, para que sua juventude não fosse desacatada (1Tm 4.12). Isso ele poderia evitar não seguindo o mau exemplo de Alexandre, Himeneu e Fileto (1Tm 1.20; 2.15), sendo dedicado estudioso das Escrituras (1Tm 4.13), prevenido contra as tentações do dinheiro e dos prazeres (6.11) e guardando bem o seu depósito (1Tm 6.20), que muitos estudiosos pensam ser uma alusão aos "talentos" de uma parábola de Jesus (Mt 25.14 ss.).

Além desses conselhos pessoais a Timóteo, este também deveria cuidar de certas questões e assumir certas atitudes: ordenação de pastores, diáconos e diaconisas; como tratar viúvas idosas e jovens; como tratar com pessoas ricas; e qual atitude deveria ter para com as autoridades governamentais (1Tm 2.1,2).

Natureza do falso ensino em Éfeso

As epístolas pastorais combatem variados erros doutrinários. Nessa epístola é difícil identificar o erro ou erros combatidos; mas há algumas indicações, pois havia: (a) quem quisesse ser mestre da lei, baseado em mitos e genealogias ou hierarquias gnósticas (1Tm 1.4,7; veja Tt 3.9); (b) a tendência ao ascetismo, que proibia o casamento e a ingestão de certos alimentos (4.3); (c) aqueles que diziam que a ressurreição já ocorrera (1.20; veja 2Tm 2.18); (d) e a admiração a um conhecimento assim falsamente chamado, início da presença de ideias gnósticas (1Tm 6.20). Essas tendências ao erro podem ser detectadas em 1Timóteo. Outros erros são frisados nas duas outras epístolas pastorais. Em 2Timóteo vemos que alguns negavam a ressurreição, enquanto os outros ficavam debatendo sobre assuntos inconsequentes (2Tm 2.18). Em Tito, Paulo torna a atacar as hierarquias gnósticas (Tt 3.9), bem como a religiosidade superficial dos cretenses (Tt 1.10-16). Mas aquilo que apreendemos de 1Timóteo já nos permite concluir que a heresia efésia era uma combinação de gnosticismo, judaísmo tradicionalista e ascetismo.

Conteúdo da epístola

Após a saudação, Paulo faz um sumário dos temas da epístola (1.2-17). Em seguida, dirige uma admoestação a Timóteo (1.18-20). Logo após, instrui a igreja sobre missões, a conduta das mulheres e as qualificações dos ministros (2.1—3.13). Então exorta aquela igreja como arauto da verdade (3.14—4.5). Depois, exorta quanto a várias questões particulares (4.4—6.2). Na sequência mostra o contraste entre a piedade e a ganância (6.3-10), discorre sobre os motivos impulsionadores do homem de Deus (6.11-16) e, por último, impõe a Timóteo um divino encargo (6.17-21).

2Timóteo

Essa epístola encerra a coletânea de escritos paulinos. Após uma quarta viagem missionária, não mencionada em Atos, Paulo foi preso de novo em Roma. Nessa segunda vez, Paulo ficou preso em uma fria masmorra, à disposição do imperador. Nessa epístola de despedida, Paulo exibe os seus cuidados pela pureza da doutrina cristã, pois os crentes estavam começando a ser pressionados pela perseguição imperial. A palavra de ordem de Paulo aos crentes, nessa conjuntura, era "perseverança". Por isso mesmo, escolhemos como trecho cêntrico da epístola aquele que diz: "Tu, porém,

permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste [...]" (3.14).

Nessa sua segunda prisão em Roma, Paulo enfrentou duas audiências com um preposto do imperador, ou teve de falar com o imperador em pessoa. Em 2Timóteo 4.17, ele escreveu: "Fui libertado da boca do leão". Archibald T. Robertson via nessa declaração o desejo de Nero de lançar Paulo aos leões. Mas Nero foi impedido disso pelo fato de Paulo ser cidadão romano. No versículo seguinte, Paulo prevê seu fim iminente. Mas o Senhor o livraria de toda obra maligna e o levaria para seu reino eterno.

Corria o ano de 67 d.C., e era pleno outono. Nenhuma esperança mais restava a Paulo. Nero, em sua loucura e maldade, já havia decidido pôr fim à vida do grande apóstolo. Paulo sabia disso, mas não temeu nem se acovardou. A palavra de ordem do céu era *sursum corda* ("Elevai os vossos corações").

Seu último desejo era fortalecer seu filho na fé, Timóteo. Quanto a isso há quatro grandes recomendações paulinas: "Não te envergonhes [...]" (1.8); "Fortifica-te na graça [...]" (2.1); "Permanece naquilo que aprendeste [...]" (3.14); e "Prega a palavra [...]" (4.2).

Visto que Paulo só saiu da prisão a fim de ser executado, ele escreveu essa epístola algum tempo antes de ser morto. Ele sabia disso, pois escreveu: "[...] o tempo da minha partida é chegado" (2Tm 4.6). Portanto, 2Timóteo é de 67 d.C., ano da execução de Paulo.

Paulo rogou a Timóteo que viesse ter com ele o mais prontamente possível (2Tm 4.9). Não sabemos se Timóteo conseguiu fazê-lo. Se o conseguiu, então os dois devem ter-se encorajado e consolado mutuamente. Que nós, que somos pastores levantados pelo Senhor, saibamos imitar dignamente, para honra do nome de Cristo, esses dois notáveis líderes do cristianismo primitivo.

Motivos e conteúdo da epístola

Sozinho em sua masmorra, Paulo via muitos cristãos primitivos desistirem de avançar pela trilha da fé, sob a pressão da perseguição imperial. Em meio a essa realidade, ele exorta e encoraja a Timóteo a se manter a firmeza na fé (1.1-18), aconselhando-o também sobre como tratar com os falsos mestres (2.1-26). O momento crítico serve de base para predições sobre a futura deterioração moral da cristandade (3.1-9). Então, sabendo que Timóteo seria um homem-chave da segunda geração de crentes, que logo ficaria encarregada da defesa da verdade, Paulo torna a dirigir-lhe exortações, sobretudo quanto ao cumprimento de seu ministério (3.10—4.5). Então Paulo traça sua mensagem de despedida, fulgurante em seu tom de vida cristã realizada, na certeza da aprovação divina (4.6-18). E finaliza tudo com saudações e um apelo pela presença física de Timóteo (4.19-22).

Esboço

1Timóteo

I - SAUDAÇÃO 1.1,2

II - SUMÁRIO DOS TEMAS DAS EPÍSTOLAS 1.3-17

1) Ensino veraz versus ensino falso 1.3,4
2) Propósito do ensino veraz 1.5-7
3) Uso autêntico da lei mosaica 1.8-11
4) A mensagem cristã e uma doxologia 1.12-17

III - ENCARGO E ADMOESTAÇÃO A TIMÓTEO 1.18-20

IV - INSTRUÇÕES DIVERSAS A IGREJA MILITANTE 2.1—3.13

1) Oração em favor das missões 2.1-8
2) Conduta das mulheres crentes 2.9-15
3) Qualificações dos ministros 3.1-13

V - EXORTAÇÕES À IGREJA COMO COLUNA DA VERDADE 3.14—4.5
1) Sua posição como arauto 3.14,15
2) Hino de louvor ao Senhor 3.16
3) Predição sobre doutrinas falsas 4.1-5
VI - EXORTAÇÕES A VÁRIOS GRUPOS 4.6—6.2
1) Aos bons ministros 4.6-16
2) O trato com homens e mulheres 5.1-15
3) O trato com outros ministros 5.17-25
4) O trato entre padrões e empregados 6.1,2
VII - PIEDADE VERSUS COBIÇA 6.3-10
VIII - MOTIVOS DO HOMEM DE DEUS 6.11-16
IX - ENCARGO FINAL A TIMÓTEO 6.17-21

2Timóteo

I - SAUDAÇÃO 1.1,2
II - UM MINISTÉRIO CRISTÃO ATIVO 1.3-14
III - EXPERIÊNCIAS DE PAULO COM CERTO IRMÃO 1.15-18
IV - A FIDELIDADE A MENSAGEM CRISTÃ 2.1—3.17
1) Deve ser anunciada com diligência 2.1-7
2) Deve ser anunciada com constância 2.8-13
3) Deve ser anunciada com consagração pessoal 2.14-22
4) Deve ser anunciada com mansidão 2.23-26
5) Precauções contra os maus cristãos 3.1-9
6) Apego a Palavra de Deus 3.10-17
V - ENCARGO FINAL A TIMÓTEO 4.1-5
VI - TOQUES PESSOAIS DE PAULO E SAUDAÇÕES FINAIS 4.6-22

21
Tito

Conforme dissemos no capítulo anterior, foi Paulo quem escreveu as três epístolas pastorais, das quais a de Tito é uma delas.

Tito, um líder cristão da segunda geração de crentes, foi comissionado por Paulo a um trabalho de supervisão em Creta, em nome do apóstolo, com várias instruções pastorais. Mas, embora representante oficial de Paulo, tal como se deu com Timóteo, nem por isso se deve pensar que tal incumbência guindou Tito a uma posição de superioridade hierárquica acima de outros pastores da época.

A prática do bem é a nota-chave da epístola, juntamente com um sumário da doutrina cristã (Tt 1.15; 2.7,14; 3.1,8,14 e 2.11-14; e 3.4-7). Por isso mesmo, elegemos a passagem de 2.7 como o centro da epístola: "Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras [...]".

Data e local

No itinerário após sua libertação do cárcere romano, Paulo esteve na ilha de Creta, onde deixou a igreja local aos cuidados de Tito. Em 1Timóteo 3.14 e 4.13, sabemos que Paulo estava na Macedônia e desejava avistar-se com Timóteo. Então o apóstolo rumou para Nicópolis, de onde escreveu a Tito (Tt 3.12). O período foi entre 63 e 65 d.C.

Perfil de Tito

Tito, nome tipicamente latino, quer dizer "seguro", "salvo". Ele não é mencionado em Atos, e a fim de tentar formar sua biografia precisamos extrair material com base em Tito, 2Timóteo, Gálatas e 2Coríntios.

Em Gálatas 2.3 lemos que Tito era "grego", designação geral, naqueles tempos, para quem não era judeu. Muitos opinam que ele pode ter nascido em Filipos, na Macedônia, ou na Antioquia da Síria. Mas a Bíblia não dá informes sobre sua família ou sobre a sua educação formal.

Archibald T. Robertson, comentando sobre o trecho de 2Coríntios 12.18 — "Roguei a Tito, e enviei com ele o irmão" — informa-nos de que o artigo definido de "o irmão" pode ser traduzido por "seu", segundo se vê nos escritos homéricos. Nesse caso, Robertson conclui que Tito poderia ser irmão carnal de Lucas.[1] Mas parece que Tito era um dos "outros dentre eles", ou seja, um dos irmãos que subiram a Jerusalém, desde Antioquia da Síria (At 15.2; cf. Gl 2.3).

A presença de Tito em Jerusalém pode ter escandalizado alguns judeus crentes, pelo fato de ele não ser circuncidado. Mas Paulo manteve firme a posição da liberdade cristã e não circuncidou a Tito (Gl 2.3). Em Tito 1.4, Paulo chama-o de "verdadeiro filho, segundo a fé comum". Em outras palavras, o apóstolo reputava-o um crente autêntico, conquistado para Cristo por sua instrumentalidade.

Em 2Coríntios 2.13; 7.16; 8.6,16 e 12.18 lemos que Tito fora enviado a Corinto para corrigir abusos da igreja dali. Talvez ele tenha sido o portador de 1Coríntios. Paulo aguardou seu retorno com ansiedade (2Co 2.13). Deixando Éfeso, Paulo esperava encontrar Tito em Trôade. Não o achando ali, o apóstolo seguiu para a Macedônia. Ali houve, finalmente, o encontro dos dois, e Tito deu a alvissareira notícia de que o problema em Corinto, que Timóteo não pudera contornar, estava resolvido (veja 1Co 16.10; 2Co 7.15). E Tito voltou a Corinto, levando 2Coríntios (8.16s).

Em 2Coríntios 8.23, ele é chamado por Paulo de "companheiro", pois cooperava fielmente nas lides do ministérios do grande apóstolo. Tito e Timóteo, além de outros, estavam ao dispor de Paulo como "enviados" apostólicos a serviço das igrejas. Após tomarem conhecimento dos problemas, eles discutiam a solução com Paulo, razão de serem chamados "companheiros".

No período de liberdade de Paulo, entre as duas prisões deste em Roma, Tito ficou responsável pela igreja em Creta (Tt 1.5,6), onde antes atuara em companhia do apóstolo, e onde deveria agir com autoridade. Mas, durante a segunda prisão do apóstolo na capital, voltou para a companhia deste, e então foi enviado a Dalmácia (2Tm 4.10). Mas, depois de ter sido enviado a Dalmácia, nada mais sabemos sobre a exuberante e fiel vida de Tito.

A. T. Robertson afirma que o fato de termos na epístola a Tito tão reduzido número de exortações, prova que Tito era mais velho que Timóteo, e também mais forte, física e espiritualmente.

Há uma tradição insistente que liga Tito a Creta, até o final de sua vida, onde foi pastor permanente. Ele teria falecido ali, com avançada idade. Em um fragmento do advogado Zenas, Tito aparece como bispo de Gortina.

Creta

Uma grande ilha do Mediterrâneo, na sua maior parte montanhosa, com cerca de 250 km de oeste a leste, e com a largura máxima de 56 km. Fica a meio caminho entre as costas da Síria e a ilha da Malta. Foi berço de uma notável civilização, chamada minoana, centrada em Cnossos, que teve longa duração (cerca de 2600-1125 a.C.).

O declínio dessa civilização começou depois de 1400 a.C., devido às incursões de piratas, talvez os mesmos "povos do mar" dos quais os filisteus faziam parte. Em torno

[1] ROBERTSON, Archibald. *Épocas da vida de Paulo*.

de 1125 a.C., foi invadida pelos gregos dórios, que ali lançaram a idade do ferro. Houve um longo período de rivalidades internas, até que Creta passou a fazer parte do Império Romano em 67 a.C.

Creta não é citada por esse nome no Antigo Testamento. Mas o substantivo locativo *Caftor* aponta para essa ilha (veja, por exemplo, Jr 47.4 e Am 9.7). Ali se aprende que os primeiros habitantes da ilha eram descendentes de Cam, através de Mizraim (veja também Gn 10.13,14).

Quando de sua viagem a Roma como prisioneiro, o navio de Paulo passou perto de Creta.

O que Paulo diz em Tito sobre os cretenses, citando um poeta local, corresponde aos fatos acerca desse povo: "[...] sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos" (1.12). É possível que esse poeta tenha sido Epimênides, que viveu no século VI a.C. Os clássicos aludem à tendência dos habitantes da ilha para a mentira. O professor J. Rendal Harris demonstrou que a má reputação dos cretenses começou pelo fato de eles dizerem que o deus supremo do paganismo, Zeus (Júpiter para os romanos), fora morto e sepultado em Creta.[2]

Conteúdo da epístola

Após uma extensa saudação (Tt 1.1-4), Paulo insta com Tito para que complete a organização da obra cristã em Creta (1.5). Paulo mostra então os requisitos básicos do ministério cristão (1.6-9). Ele exorta a uma posição de resistência aos falsos mestres (1.10-16). A partir daí, dá instruções sobre relações domésticas entre várias classes (2.1-10). Vem então a elucidação sobre como uma vida cristã santa e piedosa é possível (2.11-15). Depois, Paulo discorre rapidamente sobre a boa cidadania (3.1,2). Em seguida, ele revisa as razões da vida piedosa (3.3-8). Há uma advertência contra o ensino falso (3.9-11). Paulo esboça então seus planos futuros (3.12-14). E, por último, envia suas saudações (3.15).

Esboço

I - SAUDAÇÃO 1.1-4

II - A MISSÃO DE TITO: ORGANIZAR 1.5—3.11

1) A seleção de um bom ministro 1.5-16

a) Suas qualificações morais 1.5-9

b) Sua combatividade contra o erro 1.10-16

2) O ensino da correta doutrina cristã 2.1—3.11

a) Sua aplicação a diversos casos 2.1-10

b) Proclamação da graça 2.11-15

c) Prática da boa conduta cristã 3.1-11

III - RECOMENDAÇÕES E SAUDAÇÕES FINAIS 3.12-15

[2] HARRIS, J. Rendal. *The Expositor*, 1907.

22
Filemom

A epístola a Filemom é uma carta pessoal dirigida a esse cristão primitivo, em favor de Onésimo, ex-escravo fugido de Filemom, mas que se convertera a Cristo através de Paulo. O apóstolo apela a Filemom para que agora acolha novamente a Onésimo, dessa vez não como escravo, nem mesmo como escravo perdoado, mas como "irmão em Cristo". Há laços inequívocos entre esta epístola e a dos Colossenses, na qual Onésimo também é mencionado.

A grande lição desta epístola é a maneira como os cristãos devem enfrentar certos males sociais — no caso em pauta, a escravatura. Se o cristianismo não se propõe a alterar as instituições humanas, mediante uma militância ativa, nem por isso deixa de ensinar, aos que pertencem ao seu círculo, como se deve tratar irmãos pouco privilegiados, isto é, de forma humanitária, fraternal e amorosa.

Em Efésios, Paulo deu instruções a escravos e a seus senhores quanto ao relacionamento entre eles, no caso de serem pessoas convertidas (Ef 6.5-9). Portanto, parece que Paulo aceitou pacificamente a escravatura, sem protestar contra tão infame instituição. Muitos estudiosos têm-se admirado dessa atitude do Novo Testamento, que lhes parece tão contraditória com o amor cristão. Mas, se os autores sagrados não legislaram a respeito da escravatura — pois o evangelho é fator de mudanças sociais apenas indiretamente, como uma influência benéfica —, o seu exemplo serviu para humanizar o sistema, despertando as consciências, e assim, contribuiu decisivamente para sua descontinuação. Quanto às questões sociais, a atitude dos autores do Novo Testamento é o oposto exato da atitude do chamado "evangelho social", que prega uma revolução armada, se for necessário, contra as condições vigentes na sociedade. A filosofia bíblico-cristã é que o mundo é mau e caracterizado pela injustiça, e que só a volta de Cristo à terra corrigirá as desigualdades e injustiças entre os homens.

Qual é a finalidade do evangelho, então? Anunciar a salvação eterna em Jesus Cristo, mediante o arrependimento e a fé. Desse modo, os escolhidos do Senhor serão salvos, embora os demais permaneçam refratários aos convites do Senhor!

Similar tem sido a influência do evangelho quanto a outros fatores de desagregação social, como os cuidados pelos enfermos, órfãos, desamparados, idosos, pela educação dos jovens, pelas mães solteiras, pelas vítimas do álcool e dos tóxicos químicos, além de uma infinidade de outras instituições que hoje se tornaram comuns, mas que foram iniciadas pela iniciativa cristã, graças à força de seu exemplo positivo.

Paulo escreveu essa epístola e a enviou ao mesmo tempo que a de Colossenses, cujo portador foi Tíquico, cerca de 59 d.C. O próprio Onésimo foi portador da presente epístola.

Dados pessoais sobre Filemom

Seu nome significa "amante", "amigável". Era de origem grega. Residia em Colossos e parece que era homem abastado.

Embora crente, não se sabe quando foi sua conversão. Mas o versículo 19 permite-nos ver que era filho espiritual de Paulo.

A igreja em Colossos reunia-se em sua casa (v. 2). No entanto, em Colossenses 4.15 somos informados de que a igreja dali se reunia na casa de Ninfa. Seriam duas igrejas, ou dois pontos de reunião de uma mesma igreja?

Em uma época na qual os crentes gentios eram tão poucos em cada lugar, e ainda não tinham casas de oração totalmente dedicadas aos cultos, os crentes reuniam-se em casas de irmãos.

Alguns estudiosos sugeriram que a "irmã Áfia", mencionada no versículo 2, era esposa de Filemom, e o "Arquipo", do mesmo versículo, deveria ser um dos pastores de Colossos.

Certas qualidades de Filemom são frisadas na epístola: um crente fiel, firme na fé, cheio de amor (v. 5) e desejoso de crescer do conhecimento de Cristo (v. 6). Operoso, ele anunciava a Cristo mediante palavras e obras, ajudando os irmãos (v. 8). Paulo confiava no espírito de obediência de Filemom (v. 2).

Embora crente, tendo-se ajustado à sua época, Filemom possuía ao menos Onésimo de escravo ("Onésimo" significa "útil"). Mas a escravatura entre os gregos e os romanos, apesar de também ser cruel, não se parecia com a que vigorou no Brasil antes da Lei Áurea de 1888. Na acepção do Novo Testamento, um escravo era, no mais das vezes, um prisioneiro de guerra, e podia ser pessoa culta. Muitos escravos em Roma eram mestres de famílias ricas, como foi o caso do famoso filósofo Epíteto.

Circunstâncias da epístola

Quando Paulo estava em Roma, durante sua primeira prisão em um aposento alugado, tinha liberdade para receber quantos desejassem visitá-lo (At 28.30,31). Entre os muitos que o procuravam, das mais diversas camadas sociais, certo dia apareceu-lhe um jovem de nome Onésimo. Este era escravo foragido, que se tornara ladrão de seu senhor (v. 18). No contato com Paulo, porém, converteu-se ao Senhor. Então Onésimo abriu o coração. Podemos imaginar sua confissão, com base naquilo que sabemos dele: "Sou um escravo fugido, vindo de Colossos. Para garantir minhas despesas, furtei dinheiro de meu senhor. Ocultei-me aqui na capital, mas agora sou crente e não posso continuar a esconder-me. Que devo fazer?".

Ao saber que Filemom era o senhor de Onésimo, Paulo retrucou: "Filemom? Ele é nosso irmão em Cristo [...]". E Paulo recomendou a Onésimo que voltasse a seu senhor e lhe devolvesse o que fora furtado. Mas Onésimo já havia gastado o dinheiro, e indagava se Filemom o receberia de bom grado. Foi então que Paulo redigiu Filemom, a qual, no seu original grego, consiste em apenas 335 palavras. Essa carta revela muita coisa acerca de Paulo e de seu caráter, bem como do renovado Onésimo:

1. Paulo apela a Filemom em nome do amor — um Paulo já velho e, agora, prisioneiro do Senhor (v. 9).
2. Paulo apresenta Onésimo não como escravo, mas como filho em Cristo, gerado "entre algemas" (v. 10).
3. Fazendo um jogo de palavras, Paulo diz que Onésimo se tornara "inútil" para Filemom, mas agora era "útil" tanto para Paulo quanto para Filemom (v. 11). A conversão havia afetado a personalidade e os préstimos de Onésimo. Paulo sabia observar e valorizar as pessoas!
4. Que Paulo muito estimava a Onésimo fica claro quando diz que ele é mais que um filho, é "meu próprio coração" (v. 12).
5. Paulo chama Onésimo de "irmão caríssimo". Isso não somente dele, Paulo, mas sobretudo do próprio Filemom (v. 16).
6. Paulo se identificara de tal modo com Onésimo que rogou que Filemom o recebesse como se estivesse recebendo ao próprio apóstolo (v. 17).
7. Paulo assumiu a dívida do ex-escravo Onésimo (v. 19), garantido ressarcir Filemom pelos danos materiais e escrevendo essa missiva com o próprio punho.
8. Onésimo foi o portador da carta (v. 12), demonstrando assim que realmente se arrependera da fuga e do furto, entregando--se às mãos de seu ex-senhor.

Lições da epístola

A conversão de Onésimo prova o trabalho positivo e corajoso que Paulo desenvolveu estando aprisionado em Roma. Fisicamente, ele era um prisioneiro, mas a Palavra de Deus circulava livre, realizando a obra de libertação dos escravos de Satanás.

O evangelho de Cristo nivela todos os homens: Paulo, o maior cristão, colocou-se em pé de igualdade com Onésimo, um escravo foragido.

Deus não atenta para o exterior, mas olha para o coração, para o interior do homem. Onésimo errara muito na vida, mas Deus o amou e o salvou. E quantos outros indivíduos, até de nobre caráter, têm sido alvos da graça divina?

Como mensageiro de Cristo, Paulo tinha autoridade para "ordenar" a Filemom. Mas preferiu "solicitar", pois seus sentimentos e atitudes navegavam no oceano do amor de Cristo.

A fim de que Onésimo pudesse regularizar sua situação diante de Filemom, Paulo assumiu o compromisso da dívida de Onésimo. Essa atitude do apóstolo desfechou um profundo golpe no problema da escravização do homem pelo homem. É verdade que o sistema da escravatura resistiu aos apelos do evangelho por dezoito séculos. Mas pôs fim ao desumano sistema escravocrata neste mundo de pecado.

Esboço

I - PREFÁCIO, SAUDAÇÃO E AÇÃO DE GRAÇAS 1-7

II - INTERCESSÃO POR ONÉSIMO 8-20

1) Autoridade de Paulo 8
2) Apelo a Filemom 9
3) Oração por Filemom 10,11
4) Onésimo, útil a Paulo 12
5) Regularização da situação de Onésimo 13,14
6) Onésimo seria proveitoso a Filemom 15,16
7) Paulo assume a dívida de Onésimo 17-19
8) Filemom recobraria o ânimo de Paulo 20

III - A CONFIANÇA DE PAULO 21,22

1) Filemom faria além do solicitado 21
2) Hospitalidade e orações de Filemom 22

IV - SAUDAÇÕES FINAIS E BÊNÇÃO APOSTÓLICA 23-25

23
Hebreus

Essa epístola é um tratado, um sermão e uma carta que expõe a absoluta supremacia de Jesus Cristo e do pacto firmado com base em seu sangue expiatório, em relação a qualquer ser ou instituição humana ou celeste criados. Cristo é superior aos anjos, a Moisés e a Arão, bem como à classe sacerdotal proveniente deste último. Cristo é retratado como o grande sumo sacerdote, que, tendo oferecido a si mesmo como o único sacrifício suficiente pelos pecados, agora ministra no santuário celestial como nosso representante diante do trono de Deus.

O autor sagrado atribui várias aplicações práticas a essa superioridade de Cristo, entre as quais se destaca de que modo o sacerdócio ímpar e eterno de Jesus Cristo tornou obsoleto o antigo sacerdócio levítico. Outra dessas aplicações é a necessidade de perseverança na carreira cristã, por parte dos crentes em Cristo, obrigando toda tentação a retornar às meras sombras ou símbolos do antigo pacto, depois de terem abraçado as realidades eternas do novo pacto. Logo, a epístola combate a tendência de reversão ao judaísmo, por parte de certos judeus cristãos. Em lugar dessa tendência retrógrada, a epístola expõe uma mensagem universal, ao salientar a figura do nosso grande sumo sacerdote, aquele acerca de quem Deus chamou de "Deus".

De acordo com A. T. Robertson, especialista em Novo Testamento, "a carta aos Hebreus não é igual a nenhum outro livro do NT. Começa como um tratado, continua como um sermão e termina como uma carta".[1]

Hebreus reveste-se de suma importância no estudo do Novo Testamento e da literatura bíblica em geral. É profundo e penetra no âmago do Antigo Testamento, extraindo tudo da Lei e dos Profetas que conduzem à pessoa do Senhor Jesus. Há uma acentuada semelhança entre Levítico e Hebreus.

O comentário do acadêmico Westcott é bem-vindo: "Quanto mais estudamos as tendências dos tempos [...], tanto mais profundamente sentimos que o Espírito de Deus nos acautela acerca dos tremendos perigos espirituais e seculares, através dos avisos encontrados nas profecias de Jeremias e na Epístola aos Hebreus".[2]

Tirando as sandálias dos pés, e com muita oração, passemos a considerar Hebreus, um maravilhoso documento do cânon sagrado. Nenhum outro livro do Novo Testamento faz uma exposição mais completa e inteligente acerca da superioridade de Cristo sobre todos e tudo. E mostra que desde o Antigo Testamento, o Filho de Deus é "Deus". Por isso mesmo, escolhemos como passagem central o trecho de Hebreus 1.8: "[...] mas [diz Deus] acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre". Essa é uma citação extraída de Salmos 45.6,7.

Autoria

Muitos nomes de ilustres cristãos primitivos foram sugeridos como possíveis autores dessa epístola, como Paulo, Barnabé, Apolo, Lucas, Silvano, Filipe, Priscila e Áquila, e até Clemente. Isso mostra a dificuldade que circunda a questão. É melhor confessarmos que não sabemos quem foi o autor de Hebreus, e que se trata de uma epístola anônima. Orígenes declarou: "Só Deus sabe quem escreveu Hebreus". O que se conhece ao certo

---

[1] ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, vol. V, p. 328.

[2] WESTCOTT. Citado por TURNBULL, M. R. Rierson. *Estudando o livro de Levítico e a epístola aos Hebreus*. 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, p. 96.

é que esse livro é dos mais notáveis da coletânea neotestamentária, uma joia literária e de exposição do pensamento cristão, um tratado-sermão-epístola.

Há três posições gerais, entre os acadêmicos, quanto à autoria da epístola: (a) é de Paulo, (b) não é de Paulo e (c) foi escrita sob a influência de Paulo.

O exame das evidências externas e internas só consegue mostrar-nos quem "não" escreveu a epístola, deixando-nos em um beco sem saída.

Panteno, predecessor de Clemente de Alexandria (185 d.C.), foi o primeiro a atribuir a Hebreus a autoria paulina. Clemente de Alexandria (150-200 d.C.), influenciado por Panteno, ex-filósofo estoico que se converteu ao cristianismo, ele afirmou que Hebreus foi escrita em hebraico e traduzida por Lucas para o grego. Dionísio, bispo de Alexandria (247-264 d.C.), citou Hebreus como obra paulina. Eusébio de Cesareia (325 d.C.) escreveu que Hebreus foi escrita por Paulo em hebraico e vertida para o grego por Clemente de Roma. Orígenes asseverou que os pensamentos da carta são paulinos, mas não a carta propriamente dita. E Tertuliano (cerca de 155-222 d.C.), o maior luminar cristão ocidental antes de Agostinho, em *De Pudicicia*, xx, disse que Barnabé foi o autor de Hebreus. O testemunho patrístico, pois, está dividido quanto à autoria da epístola.

Data e local

Eis outra questão muito debatida e quase insolúvel, se quisermos pensar em alguma data mais exata. Alguns sugerem 90 d.C., ou mesmo bem mais tarde. Neste caso, como Clemente de Roma poderia tê-la citado em *1Clemente* em 95 d.C.? O peso maior da erudição coloca Hebreus antes do ano 70 d.C. por estas razões:

1. O trecho de 10.1 parece indicar que o templo de Jerusalém ainda estava em atividade. Um fato tão marcante como a destruição do templo, que ocorreu em 70 d.C. e mostrava a falência do sistema mosaico, não teria merecido a consideração do autor de Hebreus?
2. O autor usa verbos no presente, ao descrever o sacerdócio levítico: "recebem" e "se testifica" (7.8), "prestes a desaparecer" (8.13), "entram no primeiro tabernáculo", "oferece", "o primeiro tabernáculo continua erguido" (9.6,10,13) e "os que ministram" (10.2).
3. Ainda não havia começado a perseguição imperial contra os cristãos — ela iniciou logo depois de junho de 64 d.C., quando Nero incendiou Roma.
4. Os "dias anteriores" podem ser uma alusão à perseguição de Cláudio, em 49 d.C., quando houve confisco de bens e muitas mortes. Mas também podem ser uma alusão à perseguição neroniana.

Com base em motivos assim, Westcott mostrou-se taxativo, afirmando que Hebreus foi escrita entre 64 e 67 d.C.

O trecho de Hebreus 13.24 permite-nos concluir que a carta foi escrita de alguma parte da Itália. Esse parecer é confirmado mediante o confronto de Hebreus 13.24 com Filipenses 4.22. Ademais, os primeiros escritores cristãos que citaram Hebreus eram de Roma, o que nos leva a pensar na proximidade do autor com os referidos escritores. Mas a pureza do grego e as ideias neoplatônicas exaradas na carta sugerem Alexandria como berço de Hebreus.

Destinatários

A opinião que atualmente prevalece entre os estudiosos é que Hebreus foi enviada a um grupo de judeus cristãos que corria o perigo de apostatar da fé. Separados da vasta maioria de seus compatriotas, que haviam rejeitado a Cristo, e desencorajados pela demora da parúsia (1.6; 9.28) e pela perseguição, dispunham-se a voltar ao judaísmo. Alguns estudiosos pensam que o autor enviou a carta a alguma comunidade judaico-cristã local (5.12; 13.7), mas outros sugerem que devemos pensar nos judeus cristãos

espalhados em qualquer lugar onde eles chegassem a formar um grupo dentre a maioria gentílica (6.9,10; 10.34; 13.7,9 etc.).

Ainda há outras posições a respeito dos destinatários, como judeus-cristãos que foram perseguidos, mas sem sofrer o martírio (12.4), ou que cuidaram de irmãos que haviam passado por essa experiência (6.10; 10.34). De algum modo, a tendência dos destinatários era separar-se do restante da comunidade cristã (10.25). Seja como for, o grupo dispunha de bons líderes e mestres (13.7), mas não se havia desenvolvido na fé e no conhecimento (2.1-4; 3.12-19; 6.4-6; 10.25-29; 12.14-16).

Quanto a onde residiriam esses judeus-cristãos, a opinião mais abalizada sugere Roma, embora alguns tenham pensado em Jerusalém. Ygael Yadim, famoso arqueólogo judeu, sugeriu a colônia de judeus essênios de Cumran. Mas a única posição que resiste a um detido exame é aquela que indica Roma.

Características

Hebreus foi escrita em grego coiné de alta qualidade literária, com frases bem construídas. Adolf Deissmann comentou acerca desse aspecto: "É o mais literário de todos os livros do Novo Testamento. A forma mais artística, a linguagem mais literária e o argumento mais formal assinalam uma época nova na história do cristianismo". De fato, Hebreus nada fica a dever aos escritos de Tucídides e Xenofonte.

A formação do autor é alexandrina, mas sem chegar aos extremos de Filo, filósofo judeu contemporâneo dos apóstolos de Cristo. Seu modo de ser encaixa-se ao pensamento neoplatônico. E esse é um forte argumento em favor de Apolo como autor do livro (veja At 18.24).

O livro está repleto de citações extraídas do Antigo Testamento. Certas passagens, como Salmos 110.1,4, são usadas reiteradamente. Essas citações servem de base da exposição, e não só como confirmações de argumentos.

O culto veterotestamentário é usado como trampolim da exposição da superioridade de Cristo na obra da redenção. Mas o autor não se alicerçou sobre o judaísmo tradicional de seus dias, e sim sobre o ritual do tabernáculo, da época de Moisés e Arão.

O livro mostra como a própria antiga aliança anunciava seu caráter passageiro. Esse argumento atinge seu ponto máximo em Hebreus 8.7-13, onde o autor cita o trecho de Jeremias 31.31-34, e conclui: "Quando ele [o Senhor] diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer" (v. 13).

Essa conclusão pavimenta o caminho para a exposição do sistema cristão como "superior" em relação ao sistema do judaísmo mosaico. E é em relação com essa ideia que o autor destaca os ofícios de Cristo, principalmente o de rei e sumo sacerdote do cristianismo. É quanto a esse particular que Hebreus se aproxima do quarto evangelho.

A escatologia do livro aparece como já cumprida (1.2; 6.5) e também como futurista (9.28; 10.37).

Há cinco avisos que alertam do perigo da negligência quanto à salvação em Cristo até a queda da rejeição (2.1-4; 3.7—4.13; 5.11—6.20; 10.26-39; 12.15-29). A vacina para essa tendência consiste em "ouvir" a voz de Deus (2.1s).

O ensino prático gira em torno de dois eixos: (a) aproximar-se do trono da graça, mediante firme fé (10.22; compare com 4.14-16); e (b) avançar sempre, até a perfeição (6.1-3), identificando-se o crente com Cristo, em seu opróbrio da crucificação (13.13).

Grandes vocábulos da epístola são: "melhor", "superior", "aperfeiçoar", "fé", "salvação", "descanso", "santo", "pecado", "sacrifício", "sangue", "promessa", "aliança", "testemunho", "diligência", "anjo" e "céu".

Conteúdo

Desse ângulo, Hebreus é um tratado cristológico. Por ser a revelação final de Deus, o Filho é superior: aos profetas (1.1-3), aos anjos (1.4—2.18) e a Moisés e Arão (3.1—4.13). Somente Cristo pode prestar a ajuda espiritual da qual carecemos (4.14-16). O centro da exposição mostra Cristo como sumo sacerdote superior a Arão, por pertencer à categoria de Melquisedeque (5.1—7.28). O novo sumo sacerdócio importa em uma nova aliança (8.1-13), dotada de um santuário celeste (9.1-10), onde foi oferecido um sacrifício único e perenemente eficaz (9.11-14; 10.1-18), que nos provê uma melhor herança (9.15-28).

A porção prática da epístola (10.19—13.25) é uma longa exortação que convida os crentes a avançar sem cessar, alicerçados sobre a santificação (em seus aspectos de consagração e de separação do erro), em constante obediência, imitando a carreira de grandes "heróis" da fé, nunca estranhando a disciplina paterna e cuidando também do aspecto horizontal do relacionamento cristão (entre crente e crente) e não somente do aspecto vertical (entre o crente e a deidade).

Esboço

I - RECADO FINAL DE DEUS, ATRAVÉS DO FILHO 1.1-4
II - O FILHO É SUPERIOR AOS ANJOS 1.5-14
III - REALIDADES SUPERIORES DO FILHO 2.1—5.10
1) Uma salvação superior 2.1-4
2) Um sumo sacerdote superior 2.5-18
3) Um mediador superior a Moisés 3.1-6
4) Um descanso superior 3.7—4.13
5) Uma ordem sacerdotal superior 4.14—5.10
IV - EXORTAÇÃO À ESCALADA ESPIRITUAL 5.11—6.20
V - O SUMO SACERDÓCIO DO FILHO 7.1—10.18
1) Prefigurado em Melquisedeque 7.1-28
2) Mediador de um pacto superior 8.1-13
3) Ministra em um santuário superior 9.1-28
4) Ofereceu um sacrifício superior 10.1-18
VI - EXPOSIÇÃO DA FÉ CRISTÃ 10.19—12.11
1) A firmeza da fé 10.19-25
2) Perigos da desistência 10.26-39
3) Os heróis da fé 11.1-40
4) Nosso grande modelo: Jesus Cristo 12.1-4
5) Razões da disciplina divina 12.5-11
VII - CONDUTA CRISTÃ CONSEQUENTE 12.12—13.19
1) A santidade necessária 12.12-17
2) Nossa atmosfera espiritual 12.18-24
3) A reverência diante do Senhor 12.25-29
4) Várias atitudes recomendáveis 13.1-9
5) Nosso altar de renúncia 13.10-16
6) Obediência aos guias espirituais 13.17
7) Pedido de oração do autor 13.18,19
VIII - SAUDAÇÃO FINAL 13.20-25

24
Tiago

A epístola de Tiago é o livro menos doutrinário e mais prático do Novo Testamento. Reflete uma fase da história da igreja quando esta ainda não se divorciara o judaísmo.

A carta combate o antinomianismo de alguns cristãos, razão pela qual frisa a justificação do crente por meio das "obras de fé", ou seja, das obras produzidas pela fé. Alguns têm pensado que Tiago estava em choque com Paulo. Mas a verdade é outra. Paulo ensinava a justificação do ímpio por meio da fé (Rm 4.5). Em outras palavras, Paulo via a questão até o momento da justificação, mas Tiago a via a partir desse momento. Não há conflito real entre Tiago e Paulo, pois Paulo também ventilou o fato de que a verdadeira fé é comprovada por obras de fé.

Em harmonia com isso, a mensagem central de Tiago figura em 2.22: "[...] a fé cooperou com as suas obras, e [...] pelas obras a fé foi aperfeiçoada".

Tiago reflete muitos ensinos de Jesus que as demais epístolas do Novo Testamento não relembram. Isso indica proximidade entre o Senhor Jesus e o autor sagrado.

Autoria

O texto não nos dá maior informação a esse respeito do que o nome do autor: Tiago. No original grego, temos a forma *Iákobos*, "Jacó". Esse é um forte indício da autoria, pois, apesar de haver quatro Tiagos no Novo Testamento, só um personagem proeminente poderia ter usado o nome sem maior identificação. E o único que se ajusta a isso é Tiago, um dos irmãos do Senhor (Mc 6.3). Tal como os outros três irmãos, a princípio ele não creu. Mas acabou convencido mediante a ressurreição de Cristo (At 1.14; 1Co 15.7). Em outras passagens bíblicas ele é chamado somente de "Tiago" (At 12.17; 15.13; 21.18; Gl 2.9,12; Jd 1). O trecho de Gálatas 1.19 especifica que ele era "irmão do Senhor".

Evidências internas

1. O autor era judeu, um homem humilde, pois chama a si mesmo de "servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo". Seu vocabulário é nitidamente judaico, como "Abraão, nosso pai" (2.21), "sinagoga", e não igreja (2.2); "inferno", no original, *geena* (3.6); "Senhor dos Exércitos", tradução do hebraico *Sabaoth* (5.4). Isso sem falar em outros indícios, como os seguintes trechos: 1.11; 3.12; 4.4,8 e 5.3,7.
2. Reconhecia a Jesus como "Senhor"; portanto, como o "Messias" esperado pelos judeus.
3. A semelhança entre a epístola e a mensagem de Tiago, em Atos 15.13-21, serve de forte argumento em favor da autoria de Tiago.
4. Há outros pontos de semelhança entre Atos 15.23-30 e Tiago; e entre Atos 15.17 e Tiago 2.7.
5. A comparação da epístola com o Sermão do Monte (Mt 5—7) mostra que Tiago conviveu com Jesus no mesmo lar, e que ambos foram orientados pelos mesmos pais, José e Maria.
6. A sintaxe da epístola é semítica, e não grega, havendo apenas alguma ocasional construção hipostática, própria do grego. Isso seria próprio de um judeu criado na Palestina.
7. O autor busca suas ilustrações no Antigo Testamento, em personagens como Abraão, Isaque, Raabe, Jó e Elias.
8. Ele alude sempre à lei, não distinguindo entre a lei de Moisés e a lei de Cristo, mas apenas esta como graduação daquela, pelo que a chama de "lei da liberdade" (1.25; 2.12).
9. A ordem de "purificar as mãos" e "limpar o coração" (4.8) tem um tom decisivamente veterotestamentário.

Essas evidências também atestam acerca dos destinatários da obra (veja mais adiante o subtítulo “Destinatários”).

Dados biográficos

O trecho de Mateus 13.55 registra os nomes de Maria, mãe de Jesus, e dos seus quatro irmãos por parte de mãe (Tiago, José, Simão e Judas), além de irmãs. Nessa lista, Tiago aparece em primeiro lugar, do que alguns concluem ser ele o primogênito de José e Maria. A Igreja Católica Romana, que ensina que Maria foi virgem antes e depois do parto, diz que os irmãos de Jesus eram seus “primos”. Mas o grego tem uma palavra para “irmão”, *adelfós*, e outra para “primo”, *eksadelfós*, e esta última não figura no texto original. Essa distinção também é apoiada por trechos como Mateus 12.46,47; Lucas 8.19 e João 2.12.

Tiago converteu-se mediante uma aparição especial do Cristo ressurreto a ele, segundo lemos em 1Coríntios 15.7.

Quando Paulo, em cerca de 40 d.C., visitou Jerusalém, esteve com Tiago, “irmão do Senhor” (Gl 1.19). Então Tiago já ocupava lugar de proeminência na igreja de Jerusalém. Atos 12.17 e 21.18 são trechos que mostram Tiago como dirigente dessa comunidade. Atos 15.6,13 distingue-o dos apóstolos e novamente o coloca à testa da igreja. Tiago figura como uma das “colunas” da igreja em Jerusalém, juntamente com os apóstolos Pedro e João (Gl 2.12). Talvez Tiago, irmão do Senhor, tenha tomado o lugar de Tiago, irmão de João, que fora executado pelo tirano Herodes (At 12.17). O fato de Jesus ressurreto lhe ter aparecido em visão mostra que Tiago se tornou então um apóstolo, o que também sucedeu a Paulo, que escreveu: “[...] não sou apóstolo? não vi a Jesus, nosso Senhor? [...]” (1Co 9.1). Paulo reconheceu o apostolado de Tiago, ao dizer: “[...] e não vi outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor” (Gl 1.19).

Alguns têm dito que Tiago se tornou líder dos judaizantes, crentes judeus heréticos que tanto trabalho deram a Paulo e à igreja primitiva. Não cremos nisso. E ainda que Tiago tenha simpatizado com eles em algum tempo, nunca chegou às conclusões extremadas a que eles chegaram. Em Gálatas 2.12 lemos sobre “alguns da parte de Tiago”. Isso não significa seguidores de Tiago, mas somente que esses tais chegaram da igreja em Jerusalém, da qual Tiago era o líder principal.

A última menção a Tiago em Atos encontra-se em 21.18, assim que Paulo chegou em Jerusalém, onde, poucos dias depois, seria preso. Tiago e os líderes da igreja, pois, ouviram o relatório de Paulo quanto à sua atuação entre os gentios.

A suposta contenda entre Paulo e Tiago é fruto da desinformação de alguns estudiosos. No século XVI, Lutero, em seu conflito com a Igreja Católica Romana, imaginou que Tiago pregava a salvação pelas obras — o que não corresponde aos fatos, pois ele somente ensinava que a salvação pela fé leva às obras produzidas pela fé — e por isso denominou essa carta de “epístola de palha”. Esse suposto choque entre Tiago e Paulo precisa ser desmascarado como um lamentável equívoco de interpretação por parte de alguns estudiosos. A maior prova de que eles não ocupavam campos opostos é a posição sólida de todos os apóstolos — incluindo Tiago — em defesa da liberdade cristã contra o palpite dos judaizantes, que queriam atrelar a salvação dos cristãos aos ritos do judaísmo (At 15.1-29).

Romanos 4 conflita com Tiago 2? De modo nenhum! Paulo vai da causa para o efeito, e Tiago vai do efeito para a causa. Mas ambos chegam à mesma conclusão. Para Paulo, a fé produz obras; para Tiago, as obras provam a fé. Praticamos “boas obras” não para sermos salvos, mas porque somos salvos.

Eusébio cita o testemunho de Hegesipo, um historiador eclesiástico do século II d.C., que afirmava que Tiago vivia como nazireu perpétuo, em orações constantes, no templo de Jerusalém. Ele era muito estimulado pelo povo judeu, que o alcunhara de “o Justo”.

A história secular também conta que Tiago foi martirizado no ano 62 d.C., em um motim de judeus, por meio de uma forte pancada, entre a morte de Festo e a nomeação de seu sucessor.[1]

Autenticidade

Em favor da autenticidade da epístola, ela é mencionada por Clemente de Roma (*Epístola aos Romanos* 1, cap. 10); Hermas (*O pastor*, "Parábola", viii, 6); Irineu (*Contra as heresias*, iv 16); Abraham Aiucus Dei, *Jacob*, 1.23); Tertuliano (*Contra os judeus*, cap. 2) e Eusébio (*História eclesiástica*, II, xxiii, 24,25). Em fins do século IV d.C., Jerônimo e Agostinho introduziram a epístola de Tiago nas igrejas latinas. Nos dias de Atanásio (367 d.C.), a epístola foi definitivamente aceita no cânon do Novo Testamento.

Data e local

Tudo na epístola tem levado alguns estudiosos a considerá-la a mais antiga de todos os documentos do Novo Testamento. Alguns lhe dão a data 48 a.C., ao passo que outros são ainda mais radicais, pensando em 40 d.C. Visto que foi escrita antes do concílio de Jerusalém (49 d.C.), uma data entre 45 e 48 d.C. é a mais aceita entre os estudiosos. Enumeramos a seguir alguns raciocínios dos acadêmicos sobre a questão:

1. Visto que há pouca concordância quanto ao linguajar entre Tiago e os evangelhos sinóticos (excetuando o material relativo ao Sermão do Monte), parece que a epístola foi escrita antes de a tradição dos evangelhos ter sido fixada sob forma escrita.
2. A simplicidade da organização eclesiástica, que alude somente a anciãos, favorece uma data anterior (5.14).
3. A intensa espera pela volta de Cristo aponta na mesma direção (5.7-9).
4. O abismo ente ricos e pobres também testifica uma data anterior (5.1-6). Pois, quando eclodiu a guerra com os romanos (66 d.C.), os ricos sofreram grandes perdas e a agricultura ficou quase estagnada na Palestina.

Quanto ao local onde Tiago a teria escrito, não há nenhuma prova a respeito. Mas gostamos de pensar que o fez em Jerusalém, pois ali ele estava à frente de uma grande igreja. Por meio do conteúdo da epístola, deduzimos que o autor estava familiarizado com: (a) o mar e os navios (1.6; 3.4); (b) plantas cultivadas como a oliveira, a vinha e a figueira (3.12); (c) sal e fontes de águas amargosas (3.11,12); (d) os mascates andarilhos (4.13); (e) tempo chuvoso e tempo seco (3.17,18); e (f) as primeiras e as últimas chuvas do ano agrícola da região do Oriente Próximo (5.7).

Destinatários

A epístola foi endereçada às "doze tribos que se encontram na dispersão" (1.1). Mas isso suscita as seguintes possibilidades: Devemos pensar (a) nos judeus que se achavam pelo mundo, desde o cativeiro assírio ou babilônico?; (b) nos judeus convertidos, principalmente os do dia de Pentecoste, onde havia judeus de cerca de 16 nacionalidades? (At 2.8-12); ou (c) nos judeus cristãos da Diáspora Oriental, isto é, da Síria, Mesopotâmia, Capadócia, Pontos e Ásia Menor, regiões nitidamente helenizadas? A própria carta permite-nos entender que seus leitores tencionados eram judeus convertidos, pois eram salvos (1.18), deviam zelar pelo nome de cristão e aguardar com paciência o retorno do Senhor (1.12).

Características

As seguintes características principais podem ser observadas na epístola:

---

[1] Veja JOSEFO, Flávio. *Antiguidades*, 20.9,1; e EUSÉBIO. *História eclesiástica*, 2.23.

1. A epístola apresenta um tom de liderança pujante, com muitos imperativos. Mas o leitor não observará alguma atitude autocrática.
2. Não há ensino sobre a redenção por meio da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. De resto, há bem pouco ensino doutrinário.
3. Do começo ao fim o autor procura mostrar como pôr em prática, na vida diária, a religião cristã.
4. O elemento de ligação é a necessidade de o crente ser praticante da Palavra e não mero ouvinte.
5. A epístola tem caráter pessoal. O autor trata seus leitores como "meus irmãos" (1.2; 2.1,14; 3.1,10,12; 5.12,19).
6. Apesar da brevidade, Tiago inclui mais observações sobre a natureza do que Paulo nas suas treze epístolas.
7. A similaridade entre Tiago e o Sermão do Monte é bastante acentuada. Exemplos: julgar ao próximo (Tg 4.11,12 e Mt 7.1); auto-humilhação (Tg 4.10 e Mt 23.12); juramentos (Tg 5.12 e Mt 5.34-37).
8. A epístola pode ser classificada entre a literatura de sabedoria (como o livro canônico de Provérbios ou os livros apócrifos de *Sabedoria de Salomão* ou *Sabedoria de Ben Siraque*), com a diferença de Tiago exibe interesse por assuntos escatológicos.
9. O grego da epístola é de alta qualidade, comparável ao de Hebreus e de 1Pedro, com alta porcentagem de palavras peculiares.

Esboço

I - INTRODUÇÃO 1.1
II - A FÉ E AS PROVAÇÕES 1.2-27
1) Pedindo sabedoria 1.2-8
2) A glória dos ricos e dos pobres 1.9-11
3) A origem das tentações 1.12-15
4) Somos espirituais e gerados pela Palavra 1.16-18
5) Pondo a Palavra em prática 1.19-27
III - A FÉ E A SOCIEDADE HUMANA 2.1-13
1) Desníveis sociais na igreja? 2.1-9
2) A própria lei condenava privilégios 2.10-13
IV - A FÉ E AS OBRAS PRODUZIDAS PELA FÉ 2.14-26
V - A FÉ E O CONTROLE DA LÍNGUA 3.1-12
VI - A FÉ E A SABEDORIA CELESTE 3.13-18
VII - A FÉ E O QUEBRANTAMENTO 4.1-12
VIII - A FÉ E OS NOSSOS PLANOS DIÁRIOS 4.13-17
IX - A CONDENAÇÃO DOS EXPLORADORES 5.1-6
X - EXORTAÇÃO À PACIÊNCIA 5.7-12
XI - A FÉ E A ORAÇÃO 5.13-18
XII - RESTAURANDO OS DESVIADOS 5.19,20

25
1—2Pedro

A literatura petrina consiste em duas epístolas, cada qual com seu propósito bem definido. Em 1Pedro, vemos uma dupla finalidade: mostrar a "preciosidade" do salvador e da salvação do crente. Outra finalidade da epístola foi fortalecer e animar os crentes judeus ("da dispersão") e os crentes gentios que eram vítimas de dura perseguição. Em 2Pedro, o propósito é outro: prevenir os crentes contra falsos mestres e suas doutrinas. Isso posto, a primeira consola, e a segunda adverte. Na primeira, o pano de fundo é o sofrimento; na segunda, o erro doutrinário.

Traços biográficos

Nome

Seu nome era Simão, derivado de Simeão. O nome parece estar relacionado ao termo hebraico *shama*, "ouvir". Mas ele gostava mais de falar, pois era um espírito impulsivo. Quando André trouxe Simão ao Senhor, este, ao olhar para aquele, disse: "Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)" (Jo 1.42). Cefas é a forma aramaica de Pedro. No grego é *pétros* ("pedregulho", "seixo"), diminutivo de *pétra*, quer dizer "rocha".

Potencial

Potencialmente, Simão reunia os elementos que, trabalhados pelo Senhor, o transformariam no grande Pedro do dia de Pentecoste. Como tal, ele é o modelo de todos quantos confiam em Cristo, segundo ele mesmo disse: "[...] também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual [...]" (1Pe 2.5). No caso de Simão, foi declarado ser ele uma peça formadora da igreja quando ele reconheceu em Jesus o Cristo ou ungido de Deus (Mt 16.15s).

Seus pais

A Bíblia adianta apenas que seu pai se chamava João (Jo 1.42; 21.15-17), mas nada diz sobre sua mãe.

Local de nascimento

João 1.44 é o único texto que informa a terra natal de André e Pedro: Betsaida. Esta ficava a noroeste do mar da Galileia, a cerca de 4 km de Cafarnaum, talvez do lado oriental do rio Jordão. O nome dessa cidade significa "casa de pesca". Visto que João 12.21 diz "Betsaida da Galileia", alguns geógrafos pensam que havia outra cidade com esse nome, fora da Galileia.

Profissão

O mar da Galileia é o lago mais piscoso do mundo. Suas águas cristalinas são povoadas por 22 diferentes espécies de peixe. De acordo com Lucas 5.8-11, os irmãos André e Pedro eram sócios de Zebedeu e de seus dois filhos: Tiago e João. Marcos 1.20 diz que eles tinham empregados. Os pescadores da região eram, na realidade, exportadores de peixes, principalmente para Roma.

Conversão

André e João foram primeiramente discípulos de João Batista (Jo 1.35), cujo ministério estava centrado em Betânia, na Transjordânia (Jo 1.28). Quando João apontou para Jesus como "o cordeiro de Deus" (Jo 1.36), os dois passaram um dia com Jesus (Jo 1.39). André trouxe Simão a Jesus (Jo 1.41,42). Foi assim que Simão se converteu.

Discípulo de Jesus

Lucas 5.1-8; Mateus 4.18-22 e Marcos 1.16-20 descrevem a chamada de Pedro para ser discípulo. Ele e alguns colegas foram chamados para serem "pescadores de homens". A. T. Robertson lembra que Lucas 5.10 contém um verbo no futuro perifrástico, o que indica "operação permanente": "O verbo aqui indica colher vivos, não mortos [...] com redes era fácil colher os peixes vivos. [...] É mais difícil colher vivos os homens nas redes espirituais, que os peixes nas redes de pesca. Homero usou a palavra no sentido de poupar a vida aos homens vencidos nos campos de batalha". João 1.12 indica que então Pedro já era discípulo.

Apóstolo

Após uma noite de oração (Lc 6.12), Jesus, ao amanhecer, escolheu dentre seus numerosos discípulos, doze deles, aos quais chamou de apóstolos ou "enviados". Simão Pedro sempre encabeça as listas de apóstolos (Mt 10.1-4; Mc 3.13-19; Lc 5.12-16; At 1.12-14).

Residência

Mateus 8.14,15 e seus paralelos situam a casa de Pedro em Cafarnaum. Na atual Cafarnaum há as ruínas de uma sinagoga, e, não muito longe, o que dizem ter sido a casa de André e Simão. Mateus 8.14 e seus paralelos afirmam que Pedro tinha sogra. Logo, ele era casado. Estava dentro do plano divino para o homem (Gn 2.18-24).

Pedro, Tiago e João

Esses três formavam o círculo íntimo de seguidores de Cristo (Mt 17.1; 26.39; Mc 5.37; 9.2; 14.33; Lc 8.51; 9.28).

Personalidade

Pedro era impetuoso, arrojado, volúvel. Vê-se a instabilidade de Pedro em três notáveis momentos: (a) logo depois de reconhecer que Jesus era "o Cristo, o Filho do Deus vivo", ele já estava sendo usado por Satanás, tentando desviar Jesus da cruz (Mt 16.16,17,22,23); (b) durante o lava-pés Pedro nega-se a deixar Jesus lavar-lhe os pés, mas em seguida pede que Jesus não lhe lave só os pés, mas o corpo todo (Jo 13); (c) certa ocasião, Pedro declarou que nunca abandonaria ao Senhor, mesmo que tivesse de morrer por isso; mas o negou vergonhosamente em um momento psicológico crucial (Lc 22.33,54-62).

Fases da vida de Pedro

John D. Davis assinala três fases distintas na vida de Pedro: (a) o período de aprendizagem, de sua conversão até a ascensão de Jesus; (b) a partir de Atos 1.12, quando assumiu a liderança espiritual em Jerusalém, e daí até Atos 12, ao ser libertado miraculosamente do cárcere; e (c) sua velhice, quando escreveu suas duas epístolas, como presbítero (ou pastor), a outros presbíteros. Tendo contemplado a Jesus transfigurado (Mt 17), Pedro foi sendo gradualmente transfigurado. Nos evangelhos ele é impetuoso, corajoso, impactante, ambicioso por vantagens terrestres; em suas epístolas, já idoso, ele é homem longânime, confiante, amoroso, enobrecido em todas as suas atitudes.[1]

Pedro esteve em Roma?

Durante a acesa polêmica travada entre os reformadores do século XVI e a Igreja Católica Romana, Lutero negou que Pedro houvesse sido o "primeiro papa", considerando isso uma fantasia. Mas em sua argumentação também negou que Pedro jamais estivera em Roma. O primeiro ponto, pois, ele pôde provar, mas não o segundo.

---

[1] DAVIS, John D. *Novo dicionário da Bíblia*. Ed. ampl. e atual. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 962.

Quanto à questão, a única coisa que pode ser aprovada é que Pedro não foi o fundador da igreja cristã de Roma. Acompanhemos alguns fatos bíblicos e históricos:

1. Pedro não estava em Roma quando Paulo esteve ali aprisionado. Paulo escreveu em Roma Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom, mas não mencionou Pedro uma vez sequer, o que seria, no mínimo, uma descortesia, se Pedro estivesse ali.
2. Mas Pedro estava em Roma ao escrever sua primeira carta (5.13, onde Roma aparece com o nome simbólico de "Babilônia"). Archibald T. Robertson presume que Pedro esteve em Roma entre 65 e 66 d.C., junto com Marcos (1Pe 5.12,13).
3. Alguns dos pais da igreja falaram da presença de Pedro em Roma, alguns mais diretamente que outros: (a) Clemente de Roma, em sua *Epístola aos Coríntios* (95-96 d. C.). (b) Inácio (107). (c) Dionísio de Corinto (170), citado por Eusébio, falara sobre o marítimo de Pedro e Paulo em Roma, ao que acrescentou Eusébio: "Eles igualmente ensinaram juntos também na Itália, e sofreram marítimo na mesma ocasião" (*História eclesiástica*, II, 25.8). (d) Em *Contra as heresias* (III 1.1), Irineu de Lyon (190) afirma o mistério de Pedro em Roma, bem como alude ao evangelho de Marcos. (e) Clemente de Alexandria (200), de acordo com Eusébio (*História eclesiástica*, VI, 14.5-7), seria testemunha da pregação de Pedro em Roma, como também da composição do evangelho de Marcos, discípulo de Pedro. (f) Tertuliano (155-222) descreveu o marítimo de Paulo e Pedro em Roma, as mãos de Nero (*Scapiace* 15; *De praescriptione haereticorum*, 36; *De baptismo*, 4). (g) Gaio, presbítero de Roma, no começo do século III d.C., disse que as sepulturas de Paulo e Pedro estavam em Roma (*História eclesiástica*, III 1.2). (h) Orígenes (250) afirmou que Pedro chegou a Roma e foi crucificado de cabeça para baixo, sendo esse o mais antigo documento a descrever a morte de Pedro. (i) Lactâncio (*De martibus persecutorum*, cap. II), no começo do século IV d.C., afirmou que Pedro foi martirizado as mãos de Nero, o mesmo que mandou decapitar Paulo. (j) Eusébio (*História eclesiástica*, II, 25.5), historiador de começos do século IV d.C., confirmou os relatos anteriores com seu próprio testemunho.

A vida de Pedro é das mais dramáticas nas páginas do Novo Testamento. A. T. Robertson expôs o perfil de Pedro com os seguintes de-talhes: uma personalidade simpática, mas eclipsada pela de Paulo. Diferente de João. Sua impulsividade serve de apelo para nós. Seu grande pecado desperta nossa simpatia. Mostrou-se varonil até o último momento.[2]

A última vez em que Pedro figura nas memórias apostólicas é em Gálatas 2.11-14. Se aceitarmos 50 d.C. como o ano da visita de Pedro a Antioquia, e 67 d.C. como o ano de sua morte, segue-se que no espaço de 17 anos o Novo Testamento faz total silêncio sobre ele. Jesus declarara, em João 21.18,19, que Pedro teria morte violenta. E há uma alusão a isso em 2Pedro 1.14. Que teria feito Pedro naqueles 17 anos? Deve ter estado ensinado em muitos lugares, incluindo Roma.

QUO VADIS?

Uma antiga lenda conta que os cristãos de Roma persuadiram Pedro a fugir da cidade para escapar do sanguinário Nero. Mas quando Pedro chegou às portas da cidade, eis que Jesus lhe veio ao encontro. Pedro perguntou ao Senhor: "Quo vadis?" (Para onde vais?). E Jesus lhe respondeu: "A Roma, para ser crucificado outra vez". Então Pedro entrou de novo na cidade, foi preso e crucificado.

1Pedro

[2] ROBERTSON, A. T. *Épocas en la vida de Simón Pedro*. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1937, p. 1-2.

Esta é uma carta de encorajamento, dirigida a crentes espalhados pela porção noroeste da Ásia Menor, em face das perseguições de que estavam sendo alvo, por causa de sua fé em Cristo. Tem um teor nitidamente exortativo, mostrando a necessidade de resistência paciente sob os sofrimentos, na certeza esperançosa dos galardões finais. Paralelamente, os cristãos deveriam mortificar sua velha natureza, vivendo como cristãos autênticos, no cumprimento de seus deveres, por amor à retidão aprendida de Cristo. Por isso mesmo, selecionamos o trecho de 3.17 como o âmago da epístola: "[...] se for da vontade de Deus, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom, do que praticando o mal".

A epístola contém ensinos que têm provocado debates entre os estudiosos, como é o caso daquele que versa sobre a descida de Cristo ao *hades* e sua prédica aos espíritos ali retidos (1Pe 3). Incidentalmente, sem nenhum jogo de palavras, esse ensino mostra a profundeza das revelações expressas por Pedro, as quais requerem estudos mais completos de nossa parte. Estranhamente, a teologia petrina não é muito levada em conta na formação de nossas ideias teológicas.

Pano de fundo

A perseguição pressuposta na epístola ainda não era aquela movida pelo governo imperial, pois Pedro chega a referir-se ao governo como uma proteção (2.13-17; 3.13). Essa perseguição consistia em calúnias, ostracismo social e levantes populares; se havia repressão por parte da autoridade, essa era meramente local. A perseguição de Nero, generalizada, ocorreu ligeiramente mais tarde.

Data e local

A epístola deve ter sido escrita, no máximo, em 63 d.C., anos antes do martírio de Pedro em Roma, sob ordens de Nero, o que ocorreu em 67 d.C. Por isso mesmo, a maioria dos estudiosos estipula Roma como o local de onde a carta foi escrita e enviada.

Mas outros estudiosos, como A. T. Robertson, preferem uma data ligeiramente posterior, como 64-66 d.C., partindo do pressuposto de que a perseguição subentendia na epístola já era a perseguição neroniana. Seja como for, o portador da epístola foi Silvano (5.12), que também foi companheiro de Paulo, como sabemos.

A menção à "Babilônia" (1Pe 5.13) está envolvida nessa questão do local. Alguns interpretam isso ao pé da letra. Mas a cidade de Babilônia havia séculos fora destruída. Resta o sentido metafórico. O romanismo toma esse versículo como prova de que Pedro esteve em Roma; mas não aceita que "Babilônia", em Apocalipse (17.4-6,9,18), seja interpretada do mesmo modo. Roma era chamada simbolicamente de "Babilônia", em fontes extrabíblicas, por ser a capital da idolatria na época, papel desempenhado na antiguidade pela cidade de Babilônia. Vários dos pais da igreja assim também interpretaram 1Pedro 5.13.

Autenticidade

A *Enciclopedia de la Biblia* afirma sobre a autenticidade dessa carta: "A primeira epístola de Pedro é um dos escritos neotestamentários cuja autenticidade nunca foi posta em dúvida; os mais antigos testemunhos comprovam sua origem petrina".[3]

Eusébio de Cesária afirmou que a epístola de Pedro, conhecida como a primeira, "é aceita unanimemente". Irineu, Tertuliano, Cipriano, Clemente de Alexandria, Orígenes e Clemente de Roma confirmam esse parecer. Policarpo (125 d.C.) citou 1Pedro muitas vezes. No entanto, ela não consta no *Cânon muratotiano*, talvez devido a má conservação do fragmento. C. Bigg, um estudioso moderno, disse que 1Pedro resistiu incólume a todos os golpes da crítica destrutiva.

---

[3] *Enciclopedia de la Biblia.* Ediciones Garriga, vol. V.

Destinatários

A frase "forasteiros da dispersão" (1.1), contrastada com "no meio dos gentios" (2.12) e a "vontade dos gentios" (4.3), pode dar a impressão de que Pedro escreveu somente a judeus crentes. Mas a alusão à conversão dos leitores da idolatria (4.3) e frases como "paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância" e "vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram" (1.14,18) indicam que os leitores originais da epístola também envolviam gentios. Isso é reforçado em 2.10: "[...] vós, sim, que antes não éreis povo [...]". Mas a carta nivela judeus crentes e gentios crentes, ao chamá-lo de "peregrinos e forasteiros" (2.11). O crente vive neste mundo, mas está aqui somente de passagem, pois é cidadão da pátria celeste.

Propósitos

O propósito principal da epístola foi a de animar os leitores originais, que estavam sofrendo perseguição por motivo de sua fé. O autor faz isso relembrando a eles as boas novas de Jesus Cristo. A morte, a ressurreição e o retorno prometido dele lhes infundiam esperança. Diante desses fatos, cabia-lhes aceitar com paciência os seus sofrimentos, sabedores que serviam apenas para lhes acrisolar a fé, e que redundariam em galardões, quando da "revelação" ou do reaparecimento de Cristo.

Um segundo corolário da esperança cristã é que os cristãos devem conduzir-se nesse mundo como um povo pertencente a Deus. Os cristãos precisavam adquirir toda uma filosofia de vida, diante da situação que estavam enfrentando. Eles estavam sendo difamados, como se fossem malfeitores (2.12; 3.16). Estavam sendo injustiçados pelos homens, tal como haviam feito com Cristo (4.1). Em autodefesa, deveriam tomar certas atitudes: mesmo sob flagrante injustiça, o crente é bem-aventurado, pois sofre pelo nome de Cristo (3.13,14 a); não se amedronta diante das ameaças dos inimigos da cruz (3.14b); sabe que está ao lado da verdade de Deus, e precisa estar pronto a defender sua fé (3.15,16); e deve ser coerente, em sua conduta, com a nobre fé que abraçou (4.1).

Pedro falava de cátedra, pois sabia, por experiência própria, o que significa sofrer como cristão. Sofreu as mãos do Sinédrio e de Herodes Agripa I (At 5.17s; 12.1s). Era vítima da má vontade popular do momento, junto com todos os cristãos, que eram vistos com desconfiança (4.4).

E mais sofrimento ainda aguardava por Pedro. Não como malfeitor, mas com a coragem de uma vida impoluta e santa. Essa tem sido o tipo de vida de muitos crentes no decorrer dos séculos. Pedro e Paulo pagaram com o próprio sangue o preço de seu testemunho. Na segunda geração de crentes, Policarpo diria aos esbirros do imperador: "Jesus é o Senhor". Ele foi decapitado por esse "crime". Paulo sumariou a filosofia de vida do crente ao dizer: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós" (Rm 8.18).

Estilo petrino

O grego de 1Pedro é correto; o estilo, ameno e agradável. Como sucedeu ao segundo evangelho, redigido por João Marcos, deve ter acontecido com essa epístola. Podemos pensar que Silvano (5.12) ouvia a mensagem dos lábios de Pedro e grafava em sua boa linguagem. Em tudo, porém, podemos sentir a presença do Espírito Santo atuando sobre Pedro e seu fiel amanuense.

Nem em seus sermões registrados em Atos, nem em sua primeira epístola, Pedro exibiu argumentos poderosos como se vê no caso das epístolas de Paulo. Mas, embora gostasse de exortar, estava alicerçado sobre doutrinas sólidas:

1. Na saudação (1.2,2) refere-se à triunidade, à santidade e à propiciação pelo sangue de Cristo.
2. No segundo parágrafo (1.3-12) há frases ligadas por pronomes, exaltando a multiforme graça divina, o poder da regeneração, a viva esperança do crente e a ressurreição de

Jesus (v. 3); a herança do crente, guardada no céu (v. 4); o sofrimento presente e o regozijo futuro (v. 6); o grande valor da fé (v. 7,8); a inquirição dos profetas antigos sobre Cristo (v. 10-12).

3. No terceiro e último parágrafo apresenta uma reforçada exortação sobre: a santidade (1.13-21); o amor fraternal (1.22-25); o corpo do crente como santuário de Deus (2.1-10); o respeito devido às autoridades (2.11-17); como sofrer por amor a Cristo (2.18-25); os deveres mútuos de marido e mulher (3.1-7); como cultivar certas virtudes cristãs (3.8-17); como imitar a Cristo, que morreu como o justo pelos injustos (3.18-22); como morrer para o pecado (4.1-6); os deveres mútuos dos crentes (4.7-11); o privilégio que o crente tem de sofrer por Cristo (4.12-19); o bom exemplo que os ministros do evangelho devem dar (5.1-4); o segredo da vida cristã vitoriosa: entregar-se, humildemente, aos cuidados do Senhor (5.5-11).
4. Na saudação final, Pedro insiste que escrevera uma "exortação" (5.12-14).

Pensamento teológico[4]

Deus

Ele é o Deus e Pai de Cristo (1.3); ele é santo (1.15) e é Pai (1.17). É o criador e o juiz dos homens (4.5,19), além de ser o pastor de seu povo (2.25). Por tudo isso, deve ser o objeto da fé e das expectações dos remidos (1.21; 3.18).

Cristo

É o salvador desde antes da fundação do mundo (1.20). Seu sangue vertido é o preço da redenção pelos perdidos (1.18). Embora sem pecado, sofreu (2.21,22). Sua morte expiatória também foi vicária (2.24; 3.18). Vários pontos altos de sua realização são destacados: a ressurreição e a ascensão (1.3,21; 3.21), a posição à mão direita do Pai (3.22), a vitória sobre os poderes hostis (3.22). Ele mereceu o título e a função de "Senhor" (3.15). Na qualidade de "a pedra", embora rejeitado pelos homens, foi aprovado por Deus (2.4) e é precioso para os crentes (2.6,7). Voltará gloriosamente para consumar o plano de Deus (1.7,13; 4.13; 5.1). A exposição cristológica de Pedro destaca o motivo do "Servo de Javé". Pedro não menciona a ideia, mas alude a ela por meio de citações baseadas em Isaías 53 (veja 1Pe 2.22,24,25). Isso é sugestivo quanto à influência de Pedro sobre o evangelho de Marcos.

O Espírito Santo

Atuou sobre os santos do Antigo Testamento (1.11), como atua sobre os que agora anunciam o evangelho (1.12). É ele que separa os crentes para Deus (1.2) e sobre eles repousa como a presença gloriosa do Todo-poderoso (4.14).

Os crentes

Eles são escolhidos, chamados e regenerados (1.2,15,23). A igreja não é mencionada por esse nome, mas fica subentendida nas pedras vivas que formam o templo de Deus (2.5). Os crentes são uma realeza sacerdotal (2.5,9). Eles são o povo e o rebanho de Deus (2.10; 5.2).

A volta de Cristo

A carta salienta a esperança escatológica como algo para "breve" (1.6). O crente deve manter-se alerta e vigilante (1.13; 4.7). A volta do Senhor trará recompensa pelos sofrimentos (4.13) e pelo serviço cristão fiel (5.4). A gloriosa herança do crente figura logo no começo da epístola (1.4,5).

Conforme alguém já disse, se Paulo é "o apóstolo da fé", e João é "o apóstolo do amor", Pedro é "o apóstolo da esperança".

Palavras-chave

---

[4] Quanto a esta seção, veja HARRISON, Everett. *Introduction to the New Testament*, p. 374s.

Já vimos que a maior palavra-chave é "sofrimento". A noção figura por 21 vezes na epístola. "Precioso" é também muito importante. A epístola menciona seis coisas preciosas (veja 1Pe 1.7,19; 2.4,6,7; 3.4). Em 2Pedro há alusão a mais duas preciosidades (2Pe 1.1,4).

2Pedro

Essa epístola é uma controvérsia contra a lassidão moral entre crentes, ensinada por falsos mestres. Pedro enfrentou essa distorção licenciosa por meio da verdade da Palavra de Deus. A resposta final à pecaminosidade na terra será o segundo advento de Cristo. Desse retorno Pedro destaca a fase final, com a destruição de todas as obras humanas, anterior à restauração dos céus e da terra, um quadro com o qual também se encerram Apocalipse, no Novo Testamento, e Isaías, no Antigo Testamento.

É em face desse desígnio divino para todas as coisas, ao qual o mundo está sendo conduzido pela soberana vontade de Deus, que o cristão precisa desenvolver sua espiritualidade, não se deixando enredar pelas ideias indignas dos falsos mestres, mas sempre na expectação do cumprimento das promessas divinas acerca da consumação de tudo.

O grande motivo que levou o apóstolo Pedro a escrever essa epístola foi a corrupção — moral e doutrinária — que ameaçava seus leitores. O medicamento por ele prescrito foi a firmeza na fé. Quanto à corrupção moral, Pedro apresentou um recurso: a natureza divina que nos foi doada (1.4). Seus leitores precisavam ser "lembrados" dessa verdade (1.12,13). Quanto à corrupção doutrinária, ele apresentou um recurso: as Escrituras (1.19-21). Os leitores também precisavam ser "lembrados" dessa verdade (1.15). A firmeza na fé deve estar amparada sobre a aproximação da volta do Senhor Jesus. Novamente, Pedro "lembrou" a seus leitores esse fato que deve nortear toda a nossa conduta neste mundo (3.1,2). Para o apóstolo, a vida cristã não consiste só em crer, mas em crer e agir de acordo com a fé, o que redunda em desenvolvimento espiritual. Levando em conta esses fatores da epístola, selecionamos 2Pedro 1.8 como o versículo-chave da epístola:

> Porque estas coisas [uma série, em crescendo, de oito grandes qualidades], existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

Autoria

O nome do autor aparece logo no início: "Simão Pedro". Alguns manuscritos exibem a forma aramaica do nome. Pedro, em ambas as cartas, apresenta-se como "apóstolo de Jesus Cristo". Mas aqui ele se considera "servo" (no grego *doûlos*, "escravo"), sem dúvida para exaltar o senhorio de Cristo.

Devido a diferenças de estilo entre as duas epístolas, alguns pensam que o autor dessa epístola não foi o mesmo que escreveu 1Pedro. Mas essas diferenças não impossibilitam a autoria petrina. Um mesmo autor, ao escrever sobre assuntos diferentes, usa de um fraseado e de um estilo diferente. Outrossim, Pedro pode ter-se valido de dois amanuenses diversos, conforme alguns estudiosos salientam, apesar de esse argumento não ter muito peso. Ficamos aqui com Simão Pedro como autor de ambas as epístolas que trazem o seu nome.

Os críticos apresentam diversas objeções contra a autoria petrina da epístola, mas todos os argumentos são fracos; contudo, há um que nos chama a atenção: sua grande semelhança com a epístola de Judas. Com base nisso, os críticos dizem que algum autor do começo do século II d.C. copiou boa parte da carta de Judas, acrescentou algo seu e lançou a epístola em nome de Pedro. A debilidade do argumento pode ser vista no fato de que, com igual razão, Judas poderia ter sido baseada em 2Pedro. Nos textos similares

entre Judas e 2Pedro, vemos que os verbos aparecem no passado em Judas e no futuro em 2Pedro. Isso parece indicar que Judas é que usou 2Pedro.

Pontos de contato entre 2Pedro e Judas:

ACONTECIMENTO	**2PEDRO**	**JUDAS**
Israel no deserto	2.1,2	5
Anjos caídos	2.4	6
Sodoma e Gomorra	2.6	7
Anjos que entregam o julgamento a Deus	2.11	9
Balaão	2.15	11
Escarnecedores	3.3,4	17,18

Outra objeção que merece nossa atenção é aquela que diz que 1Pedro cita o Antigo Testamento 31 vezes, ao passo que 2Pedro o faz apenas 5. Essa objeção, contudo, perde muito do seu peso quando verificamos que, em ambas as cartas, o autor citou preferencialmente Salmos, Provérbios e Isaías. E esse fato pesa mais do que a mera diferença numérica de citações, não é mesmo?

As razões em prol da autoria petrina, por outro lado, são convenientes e lógicas. Eis algumas:

Evidências internas

1. Pedro declara-se autor da epístola.
2. A carta traz as marcas da inconfundível personalidade de Pedro.
3. A dependência a epístola de Judas, nos capítulos 2 e 2, longe de provar que a carta não é genuína, apenas mostra que Pedro e Judas tiveram acesso a um mesmo material exortativo, que circularia entre os cristãos da época.
4. Não há nenhum indício, na própria carta, de que ela tenha sido forjada.
5. Não há adornos românticos nem informes anacrônicos na epístola, o que faz intenso contraste com obras apócrifas atribuídas a Pedro, como o "Evangelho de Pedro" e o "Apocalipse de Pedro".
6. 2Pedo 3.1 faz alusão a 1Pedro, o que serve de poderoso argumento interno quanto à autoria petrina.
7. A nota sobre a transfiguração (1.16-18), que contou com a presença de Pedro, também autentica fortemente a autoria petrina.
8. A menção a Paulo, em 2Pedro 3.15, onde o apóstolo dos gentios é chamado de "nosso amado irmão", atesta sobre a grande amizade entre os dois, sem mencionar o fato de que Pedro também se pôs, desse modo, na posição de apóstolo-escritor.

Evidências externas

1. Orígenes (185-254 d.C.), ao comentar João 5.3, fez alusão a 2Pedro, que citou por 6 vezes (*História Eclesiástica*, VI, xxv, 8).
2. Um papiro do século III d.C. (Bodmer), o P72, contém, 1—2Pedro e Judas.
3. Clemente de Alexandria sem dúvida tinha 2Pedro em sua Bíblia, pois até escreveu um comentário sobre essa epístola.
4. A versão cóptica saídica, datada de fins do século II d.C., contém 2Pedro.
5. 2Pedro foi obtendo, gradativamente, lugar no cânon do Novo Testamento. O concílio de Hipona (393 d.C.) e o terceiro concílio de Cartago (397 d.C.) aceitaram a epístola como autêntica. Em tempos modernos, se Erasmo de Rotterdam a rejeitou, Martinho Lutero acatou-a.

Data, local e destinatários

Archibald T. Robertson escreveu sobre 2Pedro: "É o livro mais disputado em todo o Novo Testamento, ainda que, em minha opinião é provável que seja genuína e a data da sua composição não vai além do ano de 67".[5]

Nossa posição é mais segura ainda que a de Robertson. Não há nenhuma evidência que proíba que 2Pedro tenha sido escrita pouco depois de 1Pedro. Se Simão Pedro já estava à beira da morte ao escrever a primeira epístola, mais ainda no caso da segunda. Portanto, 2Pedro deve ter sido escrita no mesmo ano (63 d.C.) e na mesma a cidade, ou seja, Roma.

Robertson diz que as palavras "aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa" (2Pe 1.1) ligam os destinatários dessa epístola à primeira carta de Pedro, isto é, os "eleitos", que são forasteiros da dispersão, no Ponto, na Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1Pe 1.1).

Importância

A literatura petrina compõe-se, segundo alguns estudiosos, de três livros: dois diretos (1—2 Pedro), e um indireto (o evangelho de Marcos). Parece que no começo da história cristã não havia muitas cópias disponíveis de 2Pedro, razão pela qual ela figura pouco nas citações antigas; mas isso não desmerece o valor da epístola. Com muita justiça figura no cânon do Novo Testamento. Através dos séculos, essa carta tem servido de marco seguro para os viajores rumo à eternidade. É um farol do céu a guiar peregrinos neste mundo tenebroso, conforto para corações atribulados, bálsamo para as almas cansadas, vida para os que estão no vale da sombra da morte. Inspirada pelo Espírito Santo, brotando viva do coração experiente do corajoso apóstolo, tem resistido a todos os embates da adversidade. Vale a pena a leitura de seus capítulos, regada pela oração, o que muito nos edifica para a glória do Senhor.

Grandes temas

Quatro grandes vocábulos caracterizam quatro grandes temas dessa carta de Pedro:

Conhecimento (1.2,3,5,8; 3.18; 20.20,21)

Pedro usa tanto *gnôsis*, "conhecimento experimental", quanto *epígnosis*, "conhecimento experimental adicional ou pleno". Há um conhecimento por informação, *oida*, e há um conhecimento por experiência própria, *gnôsis*. Para Pedro, o conhecimento do crente deve ser algo crescente, cultivado (1.3-11). O crente estuda as Escrituras proféticas, e o Espírito faz com que ele experimente o que as Escrituras ensinam (1.3-11).

Diligência (1.5,10; 3.14)

Como substantivo, verbo ou adjetivo, o vocábulo indica o senso de urgência com que o crente deve viver sua vida cristã: (a) acrescendo uma virtude cristã a outra, como as camadas de uma cebola, consideradas de dentro para fora (1.5); (b) confirmando a chamada cristã mediante uma reta conduta, o que tanto impede o tropeço quanto garante o ingresso no reino eterno de Cristo (1.10,11); (c) no aguardo da manifestação futura de Cristo, diligenciando desde agora para viver de modo pacífico, imaculado e irrepreensível (3.14).

Lembrança (1.12,13,15; 3.1,2)

No grego, *ipómnesis*, "reminiscência". Pedro queria reavivar a memória de seus leitores acerca dos fatos básicos da mensagem cristã, despertando-os para esses fatos (1.13; 3.1) e mantendo-os de sobreaviso (1.15; 3.2,17). Quando as coisas previstas acontecessem, eles não seriam apanhados desprevenidos, nem sem informação prévia.

Corrupção (1.4; 2.12,19)

---

[5] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas en la vida de Simón Pedro*.

No grego temos *thorá*, "depravação". Deus livrou-nos da paixão pela depravação que há no mundo (1.4). Há certos indivíduos que foram criados para a depravação (2.12). Prometem liberdade, mas são escravos da corrupção. Isso fica provado pelo fato de que tomam conhecimentos da salvação em Cristo, mas se deixam envolver de novo pelas "contaminações" do mundo (2.19).

O estudo desses termos permite-nos fazer uma análise parcial do conteúdo de 2Pedro e fornece um quadro satisfatório dos grandes temas da epístola.

Esboço

1Pedro

I - SAUDAÇÃO 1.1,2
II - NOSSA GRANDIOSA SALVAÇÃO 1.3-12
1) Ação de graças 1.3-9
2) Prevista e pesquisada pelos profetas 1.10-12
III - APELO À SANTIDADE 1.13—2.10
Cumpre-nos ser santos 1.13-25

2Pedro

I - SAUDAÇÃO 1.1,2
II - NOSSO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL 1.3-21
1) A escalada espiritual 1.3-11
2) Motivo de Pedro ao escrever 1.12-15
3) O testemunho do apóstolo e das Escrituras 1.16-21
III - ADVERTÊNCIA ACERCA DOS FALSOS MESTRES 2.1-22
1) O aparecimento deles é inevitável 2.1
2) Suas características e atitudes 2.2-22
IV - CUMPRIMENTO DAS PROMESSAS DIVINAS 3.1-16
1) O ceticismo dos incrédulos acerca delas 3.1-10
2) A piedade dos crentes 3.11-16
V - FIRMEZA E DESENVOLVIMENTO DO CRENTE 3.17,18

26
1—3João

A literatura joanina — evangelho, três epístolas e Apocalipse — é marcante quanto à sua unidade. Há um claro enfoque cristocêntrico nesses livros, de tal modo que tudo quanto se diz ali gira em torno da pessoa e da obra do Senhor Jesus. Outra característica de João é que ele partia de algumas ideias fundamentais:

1. Deus faz as coisas em razão de sua natureza. Se Deus ama, é porque ele é amor. Se Deus criou, é porque ele é o Criador. Se Deus se revela aos homens, é porque o impulso de revelar-se faz parte de sua natureza, e assim por diante.
2. Cristo é a grande revelação de Deus. "Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é que o revelou" (Jo 1.18). "Quem me vê a mim, vê o Pai" (Jo 14.9).
3. João apreciava expor a verdade em seus contrastes: luz e trevas, fé e incredulidade, salvação e condenação, ovelhas e bodes. Jesus, pois, veio causar divisão entre os homens, separando-os em duas classes bem distintas, com destinos bem diferentes. E isso depende da aceitação ou rejeição dos homens quanto à revelação de Deus em Cristo.
4. João expunha uma religião que consiste em uma nova vida espiritual, que não tem por base o formalismo e os ritos. O novo nascimento é indispensável: "Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo" (Jo 3.7).
5. As realidades espirituais manifestam-se desde agora, são permanentes e garantem a bem-aventurança eterna de quem as experimenta. "Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24).
6. Quem é verdadeiro cristão, recebeu a natureza divina e manifesta as virtudes divinas: "Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do Diabo: todo aquele que não pratica justiça na procede de Deus; também aquele que não ama a seu irmão" (1Jo 3.10).
7. Em Cristo, Deus está dirigindo sua criação para uma nova fase, inédita mesmo, na qual o mal estará alijado e Cristo será a razão e a finalidade de tudo. "Eis que faço novas todas as coisas" (Ap 21.5). "Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim" (Ap 22.13).

Pano de fundo

O Senhor Jesus, em Lucas 21.20-24, avisou seus discípulos da iminente destruição de Jerusalém. Esta começou em 66 d.C., quando os exércitos romanos começaram a cercar Jerusalém, a fim de conter um grande levante liderado pelos zelotes. Jerusalém estava abarrotada de peregrinos, procedentes de muitas partes do mundo. Mas os cristãos, advertidos pelas palavras de Cristo (Mt 24 e paralelos), deixaram a cidade às pressas, desceram a Jericó, cruzaram o rio Jordão e foram para a cidade de Pela, na Pereia. É provável que João e Maria, mãe de Jesus, estivessem entre os fugitivos.

O cerco prolongou-se por 3 ou 4 anos e culminou na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Paulo e Pedro, martirizados em Roma alguns anos antes disso, não assistiram o drama.

Não se sabe quando João se deslocou de Pela para Éfeso, capital da Ásia Menor. Mas chegando a Éfeso, começou a orientar as igrejas da região, que eram numerosas. As principais delas são mencionadas em Apocalipse 1.11.

Alcançamos um ponto em que todos os apóstolos estavam mortos. João era o remanescente. Quando chegou a Éfeso, deveria estar com cerca de 60 anos. Ele faleceu já se aproximando dos 100 anos, de acordo com certas tradições antigas.

O maior problema que João enfrentou em Éfeso não foi o judaizante, que foi o inimigo número um de Paulo, mas o gnosticismo, uma filosofia oriental, casada com o

platonismo, que se manifestou entre os cristãos com certo sabor de judaísmo. Foi para combater essa heresia que João escreveu suas três cartas, conhecidas como 1João, 2João e 3João. Na primeira delas, combateu frontalmente diversas correntes do gnosticismo.

Após escrever essas cartas, João foi banido para a ilha de Patmos, pelo imperador Domiciano. Foi em Patmos que ele escreveu suas visões apocalípticas. Já quase no fim de sua carreira, escreveu o quarto evangelho.

Podemos avaliar o penoso trabalho e a importância da cartas do idoso apóstolo considerando que as igrejas da Ásia estavam perturbadas por heresias perigosas, o que levou muitos cristãos a desistir de sua fidelidade ao Senhor. Mas a verdade é que os crentes sempre tiveram de combater contra o erro, geração após geração. Hoje defrontamo-nos com um cristianismo de mãos dadas com o mundanismo atrevido e idólatra, que tem penetrado nas fileiras cristãs e atacado as fortalezas da santidade e da fidelidade à Palavra do Senhor, entre outros problemas igualmente sérios de caráter teológico e doutrinário que têm invadido as próprias igrejas.

1João

A primeira epístola de João é uma carta circular que tem por tema principal a questão do "companheirismo cristão". Chegara o momento de os crentes selecionarem entre "cristãos autênticos" e "cristãos nominais". Estes últimos ou eram mestres gnósticos ou, pelo menos, admitiam ideias gnósticas, e isso com uma pitada de judaísmo.

Um dos ensinos gnósticos é que o espírito é bom, mas a matéria é má. Daí negava-se a verdadeira humanidade de Cristo (4.2,3). A alternativa, também ensinada por alguns gnósticos, é que Jesus não podia ser Deus, não podia ser o Cristo ou ungido de Deus (2.22; compare com 5.1). O que os gnósticos realmente queriam era negar a Cristo. Assim, ou negavam a realidade de sua encarnação ou negavam ser ele o verdadeiro Deus!

Logo, parece estar em pauta o gnosticismo cerintiano, do heresiarca Cerinto. Mas João estava combatendo também um aspecto igualmente maléfico do gnosticismo, ou seja, a ideia de que o pecado só afeta o corpo, e nunca o espírito do indivíduo (1.8,10).

Parece-nos que todas essas correntes do erro levavam os leitores de João a pôr em dúvida a sua própria salvação. Felizmente, João não deixou de corrigir essa insegurança. Por isso mesmo, escolhemos como trecho que expõe o pensamento central da epístola a passagem de 1João 5.13: "Estas coisas vos escrevo, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna".

Autoria

O testemunho da antiguidade é quase unânime em atribuir a João tanto 1João quanto o quarto evangelho. A primeira epístola não começa com o nome do autor, e assim não segue o exemplo de Paulo. Aliás, João foi mestre na omissão de seu nome em tudo quanto escreveu. Nas outras duas epístolas ele se chama apenas de "o presbítero".

Com frequência ele disse "vos escrevo" (3.1,12-14,26; 15.13); de outras vezes usou o plural literário (1.1-5); e repetidamente empregou o plural, incluindo os leitores (1.6-10; 3.16-24; 4.7).

O autor afirma ter sido testemunha pessoal da vida e do ministério de Jesus (1.1-3). A epístola termina sem a costumeira saudação de Paulo e de outros autores bíblicos. Mas há uma exortação final: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos".

"Como já afirmei, João é o autor do evangelho, das epístolas e de Apocalipse, o que é aceito como provado", disse A. T. Robertson.

Evidências internas

1. Se o quarto evangelho é do apóstolo João, então 1João também o é, pois a semelhança é inconfundível.

2. O tom enérgico do autor, ao tratar do problema doutrinário, denuncia a firmeza das convicções do idoso apóstolo.
3. A primeira epístola é um repositório de amor aos anciãos, aos jovens, às crianças, a todos enfim. Essa maneira de tratar condiz com "o apóstolo do amor".
4. As declarações de 1João 1 mostram que o autor foi testemunha ocular e auricular do ministério de Jesus. Portanto, 1João é obra autêntica do "discípulo a quem Jesus amava".

Evidências externas

A carta de 1João foi abundantemente citada pelos chamados pais da igreja. Veja:

1. Clemente de Roma (xlix.9), que faz referência, direta ou indireta, a 1João 4.18.
2. Policarpo, que escreveu trechos extremamente parecidos com 1João 4.2; 2.18,22 e 3.8 por volta de 110-120 d.C., em sua obra *Ad. Philip C.*, vii.
3. A *Didaquê*, coletânea de ensinos apostólicos, em C.x, parece ter citado 1João 4.18 (150 d.C.). Irineu (III.xvi5) fala do quarto evangelho e das epístolas de João.
4. Clemente de Alexandria (*Stromata*, II.15,16) citou 1João 5.16 e vários outros trechos dessa epístola. Orígenes, citado por Eusébio (*História Eclesiástica* VI, 25), confirmou o quarto evangelho, as três cartas de João e o Apocalipse. Tertuliano usou por muitas vezes as cartas de João. Eusébio informa que Clemente de Alexandria comentou as sete epístolas universais.
5. Atanásio, em sua trigésima epístola festal, citou 1João (367 d.C.).

Data

Quanto à data de composição dessa epístola, A. T. Robertson declara: "Sobre o tempo em que foi escrita a primeira carta de João, temos somente opiniões pessoais". Lightfoot assevera: "1João pode ser considerada uma preparação para o Evangelho". As opiniões mais autorizadas situam 1João entre 80 e 90 d.C. E é dentro desse mesmo período geral que João, ligeiramente depois de ter escrito 1João, deve ter escrito suas duas outras epístolas.

Local

João viveu em Éfeso nas suas ultimas décadas de vida. Alguns dos primeiros escritores cristãos disseram que João passou em Éfeso cerca de três décadas do final de sua vida terrena (70 a 100 d.C.). Dessa cidade, ou de alguma cidade próxima, pois, escreveu essa carta.

Outros dados confirmam essa informação:

1. Policarpo, que foi discípulo de João, afirma que João residiu e faleceu em Éfeso. Esse testemunho foi preservado por Irineu, em *Haereses*, II.3,4.
2. Polícrates, bispo de Éfeso, citado por Eusébio (*História Eclesiástica*, V.24), disse que João foi sepultado em Éfeso.
3. A heresia gnóstica assolou a região da Ásia Menor. Como 1João é um libelo contra essa falsa doutrina, podemos concluir que a carta foi escrita de Éfeso, capital da província.

Archibald T. Robertson (*Épocas en la vida del Apóstol Juan*), diz enfaticamente que 1João foi escrita em Éfeso.

Destinatários

Quanto aos destinatários da epístola, não há indicação específica a respeito. Mas como ela foi escrita em Éfeso, opina-se que os destinatários eram os cristãos de Ásia Menor, os mesmos a quem foram dirigidas a primeira e a segunda cartas de Pedro.

Os leitores de 1João deveriam ser judeus e gentios crentes. O apóstolo admoesta aos gentios contra a idolatria (1Jo 5.21), pois dificilmente os judeus tenderiam para esse mal.

2João e 3João são missivas pessoais, mas não 1João. Nesta, o apóstolo não se dirige a alguma igreja em particular. Antes, devemos pensar em uma carta circular, destinada a todos os crentes da região da Ásia menor.

1João e o quarto evangelho

Diferenças

"O evangelho (de João) é histórico, a epístola (1João) é ética; ambos combatem o erro. No evangelho, o apóstolo apresenta a verdade em sua pureza. Na epístola, com frequência ele põe o erro negativo ao lado da verdade positiva. O evangelho é um resumo de teologia; a epístola, um resumo da ética. No evangelho, as doutrinas fundamentais do cristianismo são expostas como a base da vida cristã. O evangelho é objetivo; a epístola, subjetiva. O evangelho é histórico; a epístola, moral. O evangelho apresenta a teologia de Cristo; a epístola, a ética cristã. O evangelho é didático; a epístola, polemista. O evangelho declara que o Verbo se fez carne e habitou entre nós; a epístola afirma que o homem Jesus é o Filho de Deus. Portanto, a conexão entre essas duas obras é íntima e orgânica" (Plummer).

Semelhanças

"Há uma íntima e vital conexão na linguagem e no pensamento, entre 1João e o (quarto) evangelho" (Robertson).

Em uma comparação entre João 1.1-18 e 1João 1.1-5, achamos que em ambos os livros figuram estas palavras ou expressões: "princípio", "verbo", "vida", "luz", "trevas", "testemunho", "Pai" e "eis aqui".

Ademais, há trechos similares entre os dois livros. São 42 trechos similares entre 1João e o quarto evangelho.[1] Quem poderia duvidar que a mesma mão redigiu ambos esses livros? E, em vários casos, os símiles são reiterados dois, três ou mais vezes no evangelho.

Além dessas similaridades "linguísticas", que são como que "as impressões digitais" de um autor qualquer, há também similaridades de ideias:

1. A encarnação é apresentada quase do mesmo modo (cf. Jo 1.14 com 1Jo 4.2).
2. Cristo é a fonte originaria da vida eterna (cf. Jo 5.26; 11.25 com 1Jo 1.1,2).
3. Nossa identificação mística com Cristo (cf. Jo 5.26; 11.25 com 1Jo).
4. A permanência em Deus, para quem permanece em Cristo (cf. Jo 6.56; 15.4-7 com 1Jo 2.24-26).
5. A Palavra de Deus, que veio habitar permanentemente nos crentes (cf. Jo 5.38 com 1Jo 2.14,24).
6. A grande prova do amor de Deus, mediante o envio de seu Filho (cf. Jo 3.16 com 1Jo 4.9).

---

[1] Compare 1Jo 1.6 com Jo 3.21; 8.12 | 1Jo 1.8 com Jo 8.44; 9.41 | 1Jo 2.3 com Jo 14.15 | 1Jo 2.4 com Jo 8.44 | 1Jo 2.5 com Jo 14.21 | 1Jo 2.6 com Jo 15.4; 2.21 | 1Jo 2.11 com Jo 8.12; 3.8; 8.14; 13.26 | 1Jo 2.16 com Jo 8.23; 15.19 | 1Jo 2.17 com Jo 8.35; 12.34 | 1Jo 2.21 com Jo 18.37 | 1Jo 2.24 com Jo 15.7 | 1Jo 2.27 com Jo 2.25; 16.30 | 1Jo 2.28 com Jo 6.56 | 1Jo 2.9 com Jo 1.13 | 1Jo 3.1 com Jo 1.12 | 1Jo 3.2 com Jo 1.12 | 1Jo 3.2 com Jo 1.12 | 1Jo 3.3 com Jo 11.52 | 1Jo 3.4 com Jo 11.55 | 1Jo 3.5 com Jo 8.34 | 1Jo 3.8 com Jo 1.29 | 1Jo 3.9 com Jo 8.44 | 1Jo 3.10 com Jo 3.8; 8.43 | 1Jo 3.14 com Jo 8.47 | 1Jo 3.16 com Jo 5.23 | 1Jo 3.19 com Jo 10.11,17,18; 13.37 | 1Jo 3.20 com Jo 18.37 | 1Jo 3.23 com Jo 10.29 | 1Jo 4.4 com Jo 14.31; 12.49; 13.34; 11.57 | 1Jo 4.6 com Jo 10.29 | 1Jo 4.7 com Jo 14.15; 16.3 | 1Jo 4.9 com Jo 7.17 | 1Jo 4.12 com Jo 1.14,18; 3.16,18 | 1Jo 4.16 com Jo 1.18; 6.56 | 1Jo 4.20 com Jo 6.69 | 1Jo 5.4 com Jo 6.46; 16.33 | 1Jo 5.5 com Jo 16.33 | 1Jo 5.6 com Jo 19.34; 1.33 | 1Jo 5.9 com Jo 3.33,34 | 1Jo 5.13 com Jo 14.28; 6.53 | 1Jo 5.18 com Jo 3.8 | 1Jo 5.20 com Jo 17.3.

7. O amor como grande virtude norteadora da família divina (cf. Jo 13.34; 15.10 com 1Jo 3.23).
8. Os crentes como filhos de Deus (cf. Jo 1.12,13 com 1Jo 5.1).
9. O testemunho de Cristo (cf. Jo 5.36 com 1Jo 5.6).

Características

Cristologia

É abordada quase sempre em conexão com a refutação do erro gnóstico, o que explica a ênfase sobre a encarnação e a redenção pelo sangue de Cristo; mas não há alusão à ressurreição.

Cristo, nosso advogado

Ele é nosso defensor, diante do Pai, quando pecamos (2.1,2).

Repetições

O autor sagrado faz sua exposição girar sempre em torno de certos temas, como "luz", "verdade", "fé", "amor" e "justiça". O argumento não é claramente articulado, nem segue uma linha crescente de raciocínio. Antes, vai subindo em uma "espiral", repetindo-se, mas explorando algum novo ângulo de cada questão.

Simplicidade de estrutura

As sentenças não são complexas, salvo aquela do inicio. Há muitas sentenças condicionais, mas não são intrincadas. Nisso o autor reflete a literatura de sabedoria dos hebreus.

Frases explicativas

Vez por outra o autor explicou algo que acabara de dizer. Por exemplo: "[...] porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitoria que vence o mundo, a nossa fé" (5.4).

Ideias antitéticas

O autor não permite campo neutro entre, por exemplo, a luz e as trevas, a retidão e o pecado, o amor a Deus e o amor ao mundo; e aquele que se diz cristão, mas não exibe o caráter cristão, é um mentiroso. Para ele, pois, o crente não pode comungar com as atitudes e obras próprias do mundo incrédulo.

Silêncio quanto ao Antigo Testamento

Só há uma alusão ao relato veterotestamentário (veja 3.12). A mensagem da carta está alicerçada sobre a autoridade do apóstolo, e não sobre a história sagrada anterior.

Conteúdo

Apesar de alguns julgarem ser dificíl determinar a estrutura de 1João, se tomarmos como ponto de partida a ideia do "companheirismo cristão", seremos capazes de acompanhar de perto o conteúdo da epístola fazendo isso se refletir no esboço. A introdução reitera a doutrina do Logos, que também aparece no quarto evangelho, como base do companheirismo cristão (1.1-4). Há condições para a manutenção desse companheirismo (1.5-10). Em seguida, o autor trata da conduta certa no companheirismo cristão (2.1-29), que se reveste de certas características (3.1-24). Mas é preciso o crente acautelar-se acerca daqueles com os quais deve manter esse companheirismo (4.1-21). A grande causa ou razão do companheirismo cristão é a nossa fé em Deus, por meio de Cristo (5.1-21).

2João

Essa epístola notabiliza-se por ser a única, em todo o Novo Testamento, que foi dirigida a uma mulher crente. Bengel disse que "senhora" (v. 1) provém do grego, *kúria*, e do hebraico *marta*. Estaria em foco a única "Marta" do Novo Testamento, irmã de Maria e de Lázaro? (Jo 11.1 etc.). Nesse caso, conforme Bengel também incluiu, a "irmã" (v. 13) seria Maria.

Como é obvio, outros estudiosos pensam que "a senhora eleita" (v. 1) é um modo metafórico de o autor aludir a uma igreja local. E reforçam o parecer dizendo que a carta foi dirigida pelo "presbítero" ou pastor dessa igreja aos seus membros. Inclinamo-nos aqui pela primeira alternativa.

2João foi escrita para exortar quanto à necessidade de discernimento no acolhimento de pessoas em nossos lares. Nos primórdios do cristianismo, pelo menos durante os dois primeiro séculos, era muito comum a figura do evangelista itinerante. Até os falsos mestres gnósticos tiravam proveito de uma hospitalidade que certamente não mereciam. Doutra sorte, os crentes poderiam estar contribuindo, sem intenção de fazê-lo, para propagar a heresia, e não a verdade bíblica.

Por essa razão, selecionamos, como âmago da epístola, o versículo 9: "Todo aquele que vai além do ensino de Cristo e não permanece nele, não tem a Deus: quem permanece neste ensino, esse tem tanto ao Pai como ao Filho".

Peculiaridades

2João e 3João têm apenas 13 e 15 versículos, respectivamente. Alguns acadêmicos observam que cada qual caberia, em forma manuscrita, em uma antiga folha comum de papiro de 25 x 20 cm, conforme era uso no caso de missivas padrões. Elas são os dois menores livros da coletânea sacra do Novo Testamento. Contudo, A. R. Crabtree afirma acerca de 2João: "A carta é de grande valor por apresentar uma nova faceta da personalidade do apóstolo amado".[2]

Na missiva temos matéria de suma importância para a teologia, e também diretrizes para a vida cristã. A carta previne quanto à existência de falsos irmãos, ocultos no seio da igreja; e exorta-nos a viver em completa dependência ao Senhor, tornando-nos servos vigilantes na igreja do Deus vivo.

Nessas duas pequenas cartas, o autor chama-se "presbítero". Isso pode indicar tanto a idade avançada de João como a sua função pastoral, ou mesmo as duas coisas. No quarto evangelho, João escondeu-se atrás de "o discípulo a quem Jesus amava" e, nessas duas cartas, atrás do título "o presbítero". O estilo, o vocabulário, a simplicidade, o conteúdo e tudo mais fazem-nos crer que são obras autênticas do apóstolo João.

Autenticidade

A. R. Crabtree informa sobre a genuinidade de 2João: "O testemunho patrístico favorece a hipótese de que estes quatro escritos [o evangelho e as três epístolas] são do mesmo autor — o apóstolo João. Irineu, discípulo de Policarpo, conheceu realmente bem a segunda Carta de João e reconheceu nela a autoria joanina. Clemente de Alexandria, Dionísio de Alexandria e Cipriano concordam com Irineu".[3]

Data, local e destinatários

Veja as notas a esse respeito em 1João.

Reconhecimento por parte da igreja antiga

Os primeiros escritores cristãos aludiram mais raramente a 1—2João. No caso de 2João, isso se deu devido a sua brevidade, ao seu caráter pessoal e à ausência de ênfase doutrinária. Orígenes chegou a indicar que alguns duvidavam de sua autenticidade, embora nem por isso rejeitasse essas epístolas. Jerônimo, reverberando um parecer que se generalizara, de que havia o apóstolo João e o presbítero João, dois homens do mesmo nome que teriam vivido na mesma época geral, em Éfeso, atribuiu essas

---

[2] CRABTREE. A. R. *Introdução ao Novo Testamento*.

[3] CRABTREE. A. R. *Introdução ao Novo Testamento*.

epístolas ao presbítero João.[4] Mas, como já vimos, o apóstolo João passou a ser o presbítero João, tanto por causa de sua idade avançada, quanto porque, durante décadas, supervisionou as igrejas cristãs da Ásia menor, com centro em Éfeso.

Pano de fundo e conteúdo

É muito clara a situação refletida em 2João. Certos hereges estavam negando a autenticidade da humanidade de Cristo (v. 7; compare com 1Jo 4.2) e queriam ser ouvidos nas igrejas sob a responsabilidade do apóstolo. Assim, João advertiu sobre a possibilidade do aparecimento de tais homens, com suas ideias distorcidas (v. 9), e aconselhou que lhes fosse negada hospitalidade (v. 10,11). Paralelamente, encareceu o "amor" à verdade, o maior incentivo do crente para andar de acordo com os mandamentos do Senhor (v. 4-6). É evidente que temos aqui reminiscências de ensinos de Cristo, como "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros" (Jo 13.34) e "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama" (Jo 14.21).

O versículo 12 mostra-nos que a intenção de João era avistar-se pessoalmente com seus leitores. Ele sabia que o resultado dessa futura visita seria a "alegria" mútua, quando pudessem juntos se regozijar diante das profundas verdades que cercam a doutrina de Cristo e nosso relacionamento com ele. Certo desse encontro futuro, ele escreveu apenas resumidamente. Nessa certeza, encerrou a carta (v. 13). Se "tua irmã eleita" refere-se à Maria, irmã de Marta, então a saudação era enviada pelos sobrinhos de Marta. Caso essa expressão indique uma igreja local, então a saudação era dos membros de uma igreja local para os membros de outra igreja local (veja os dois primeiros parágrafos das notas sobre 2João).

Palavras-chave

Há dois termos que se destacam em 2João: "amor" (vs. 1-6) e "verdade" (vs. 1-4).

O termo "verdade", no dizer de alguns autores, foi usado na epístola em três sentidos: (a) como base do ensino cristão (vs. 1 e 4); (b) como designativo do próprio Cristo (v. 2); e (c) como sinônimo de "sinceramente" (v. 4). Tal como a cruz de Cristo divide a humanidade em duas, à sua direita e à sua esquerda, assim também a "verdade" divide a humanidade em verazes e mentirosos. Os que são da verdade vivem em acordo com a verdade, obedecendo aos mandamentos do Pai e praticando o amor fraternal.

3João

A terceira epístola de João, endereçada a Gaio (v. 1), é uma das seis cartas do Novo Testamento enviadas a indivíduos: 1—2Timóteo, Tito, Filemom, 2—3João.

A presente epístola é *sui generis* porque sua mensagem gira em torno de três personagens: (a) Gaio, o destinatário, homem bondoso e hospitaleiro; (b) Diótrefes, arrogante oficial da igreja; e (c) Demétrio, de quem todos davam bom testemunho.

A ideia é que Gaio não deveria imitar a Diótrefes, e sim a Demétrio. Assim, escolhemos o versículo 11 como aquele que exprime o pensamento central da epístola: "Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus, aquele que pratica o mal jamais viu a Deus".

Embora não contenha nenhum ensino doutrinário importante, a carta revela-nos o início de certa atitude arrogante, dominadora e despótica, por parte de alguns líderes eclesiásticos. Essa atitude — que talvez corresponda à dos "nicolaítas", designação que no grego pode ser traduzida como "dominadores do povo", em Apocalipse 2.6,15 —, tem sido uma maldição para a igreja, século após século. Era uma atitude tão pretensiosa que a própria autoridade apostólica foi posta em cheque por ela.

---

[4] JERÔNIMO. *Sobre homens ilustres*, xi.18.

Autoria

"O presbítero", tal como aparece em 2João. Se a segunda epístola foi escrita pelo apóstolo João, outro tanto se dá no caso de 3João. Nem uma nem outra dessas epístolas foi muito bem citada no começo do cristianismo, mas não houve grandes dificuldades para sua inclusão no cânon sagrado. O apoio à autenticidade da literatura joanina das três epístolas sempre foi bastante sólido.

Data e local

Quanto ao local e à datação, o que foi dito sobre 2João também se aplica aqui.

Destinatário

O "amado Gaio" (v. 1). No Novo Testamento lemos sobre vários Gaios: (a) um crente coríntio (1Co 1.14); (b) um hospedeiro de Paulo (Rm 16.23); (c) um macedônio que esteve em Éfeso (At. 19.29); (d) um companheiro de Paulo (At. 20.4); (e) um ancião ou pastor da Ásia Menor (3João 1).

Alguns têm reduzido tudo a dois Gaios, mediante o seguinte raciocínio: um deles seria representado pelas letras "a" e "b". O outro converteu-se mediante a prédica de Paulo; foi batizado por ele, tornando-se membro hospitaleiro da igreja em Corinto; é o último a quem João lhe enviou a presente epístola, por ser muito "amado" pelo "apóstolo do amor". Mas A. T. Robertson afirma: "Este Gaio de 3João é um varão desconhecido no [restante do] Novo testamento".[5]

Pano de fundo e propósito

Pregadores itinerantes, enviados por João, foram rejeitados em uma das igrejas da província romana da Ásia por parte de Diótrefes, um líder cristão de atitudes ditatoriais. A razão de Diótrefes parece ter sido sua ambição pela "primazia" (v. 9). Talvez pensasse que, se recebesse os enviados de João, estaria reconhecendo a ascendência espiritual do apóstolo. E tão decidido estava de não perder sua "autoridade" que chegou a excluir os irmãos da igreja que hospedaram os enviados por João (v. 10b). Assim, João escreveu essa epístola para elogiar a Gaio quanto à sua hospitalidade, e também para repreender a Diótrefes, embora indiretamente (v. 10a). Veja o esquema a seguir:

QUALIDADES OU DEFEITOS DAS PERSONAGENS

Gaio

- Andava na verdade.
- Mostrava-se fiel e fraterno.
- Mostrava-se disposto a cooperar.

Os mensageiros itinerantes (vs. 6-8)

- Desprendidos.
- Empenhados pelo reino de Deus.
- Pregavam a Cristo.
- Não recebiam ajuda de estranhos.
- Mereciam ser acolhidos.
- Foram cooperadores da verdade.

Diótrefes (vs. 9,10a)

- Ambicioso de posição.
- Hostil à autoridade apostólica.
- Atacava com palavras maliciosas.

---

[5] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas en la vida del Apóstol Juan*.

Demétrio (v. 12)

- Merecedor de bom testemunho.
- Defensor da verdade.
- Elogiado pelo apóstolo.

O versículo 11 também fornece o critério divino de que os crentes devem imitar o que é bom. E a razão disso é apresentada por meio de uma antítese, típica do estilo joanino: os que pertencem a Deus praticam o bem; os que não pertencem a Deus praticam o mal.

Essa epístola, tal como 2João, caracteriza-se pelo uso da palavra "verdade", como se pode ver nos versículos 1,3,4,8,12.

Esboço

1João

I - O LOGOS, A BASE DO COMPANHEIRISMO CRISTÃO 1.1-4
II - CONDIÇÕES DO COMPANHEIRISMO CRISTÃO 1.5-10
1) Conformidade com a luz 1.5-7
2) Confissão de possíveis transgressões 1.8-10
III - CONDUTA NO COMPANHEIRISMO CRISTÃO 2.1-29
1) Sua natureza: imitação 2.1-11
2) Seu mandamento: separação 2.12-17
3) Seu credo: confissão do Filho 2.18-29
IV - CARACTERÍSTICAS DO COMPANHEIRISMO CRISTÃO 3.1-24
1) Quanto ao estado futuro: pureza 3.1-3
2) Quanto à posição presente: retidão e amor 3.4-18
3) Quanto à oração: resposta obtidas 3.19-24
V - CAUTELAS NO COMPANHEIRISMO CRISTÃO 4.1-21
1) Quanto aos falsos mestres 4.1-16
2) Quanto aos cristãos fingidos 4.7-21
VI - FÉ, CAUSA DO COMPANHEIRISMO CRISTÃO 5.1-21
1) Fé comprovada pela conduta 5.1-5
2) Fé comprovada por credenciais 5.6-12
3) Fé comprovada pela confiança 5.13-21
a) Nas orações 5.13-17
b) No conhecimento experimental 5.18-21

2João

I - PREFÁCIO E SAUDAÇÃO 1-3
II - MOTIVO DO AUTOR 4
III - EXORTAÇÃO AO AMOR E A OBEDIÊNCIA 5,6
IV - CAUTELA QUANTO AOS FALSOS MESTRES 7-9
V - COMO TRATAR OS FALSOS MESTRES 10,11
VI - ANÚNCIO DE UMA ENTREVISTA FUTURA 12
VII - SAUDAÇÃO FINAL 13

3João

I - SAUDAÇÃO 1
II - SENTIMENTOS PESSOAIS DE JOÃO 2-4
III - APROVAÇÃO A GAIO 5-8
IV - DESAPROVAÇÃO A DIÓTREFES 9,10
V - QUE DEVEMOS IMITAR? 11
VI - APROVAÇÃO A DEMÉTRIO 12
VII - INFORMAÇÃO E SAUDAÇÃO 13-15

27
Judas

Pequena em tamanho, mas poderosa em sua mensagem, essa epístola registra o conflito da igreja cristã dos fins da era apostólica contra forças estranhas em suas próprias fileiras, que pretendiam destruí-la mediante a corrupção moral.

O combate é o mesmo que aquele refletido por 2Pedro; só que desfechado com maior intensidade. Judas não especifica os erros doutrinários, mas faz duras críticas aos hereges com candentes acusações contra o caráter negativo deles.

O autor tencionara escrever um tratado doutrinário, mas a infiltração de falsos mestres na igreja compeliu-o a redigir uma apologia da verdade do evangelho. Então mostrou como, na história de Israel, já houvera casos exemplares de punição divina contra rebeldes, e também como Deus dá a devida retribuição até mesmo a anjos, muito superiores a nós em poder.

Como o crente pode e deve resguardar-se do grande perigo que é a "apostasia"? Judas responde que o segredo consiste em nos entregarmos aos cuidados daquele que é "poderoso" para nos guardar. Mas não devemos limitar o poder resguardador do nosso Senhor à questão da firmeza ante o erro doutrinário. Pois, de fato, o Senhor nos levará seguros até diante de sua glória eterna. Por isso, escolhemos o versículo 24 como aquele que contém o pensamento central da epístola: "Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados, diante da sua glória [...]".

Judas é uma epístola pouco conhecida, encravada como penúltimo livro do Novo Testamento. Muitos crentes nem se dão ao trabalho de lê-la para tomar conhecimento de seu teor, que contém algumas pérolas preciosas da fé cristã.

Autoria

O nome do autor é a forma grega de *Judá*, nome hebraico que quer dizer "louvado". Judas declara-se "servo de Jesus Cristo e irmão de "Tiago" (v. 1). Isso basta para distingui-lo dos outros seis homens do mesmo nome que aparecem no Novo Testamento. Visto que Tiago era irmão do Senhor, então Judas era outro irmão carnal do Senhor, por meio de Maria (Mc 6.3). Não se sabe quando ele se converteu, mas o fato é que chegou a ter alguma posição de liderança na igreja primitiva (veja Jo 7.5; At 1.14). Alguns opinam que ele não foi apóstolo ou "enviado" do Senhor, em razão de aparentemente pôr-se fora do grupo apostólico (v. 17). Mas, para outros estudiosos, essa interpretação do versículo em foco é um tanto forçada.

Segundo o historiador cristão Hegesipo, em suas *Memórias*, o imperador Domiciano, desejoso de erradicar os descendentes de Davi, convocou à sua presença dois netos de Judas, chamados Jacó e Zoquer. Mas ao ver que eram homens simples, que trabalhavam no solo e esperavam apenas um reino espiritual, sem nenhuma aspiração a um trono terrestre, despediu-os, sem mais os incomodar. Judas, por igual modo, era homem simples. Mas era ardoroso e cheio de zelo profético. Porém, lado a lado com sua austeridade, pulsava um coração afetuoso. Por três vezes em sua breve epístola ele usa o adjetivo "amados" (v. 3,17,20).

Data

A principal objeção a uma data mais antiga da epístola é precisamente a convocação dos dois netos de Judas à presença de Domiciano. Visto que este foi imperador entre 81 e 96 d.C., alguns têm dito que nessa época dificilmente Judas teria netos. Porém, se pensarmos que é provável que, nesse tempo, Judas já deveria estar com cerca de 70

anos, o argumento perde inteiramente a sua força. Facilmente, um homem de 70 anos pode ser avô e até bisavô!

Outra dificuldade é saber se 2Pedro se baseou em Judas, ou se Judas se baseou em 2Pedro (veja as notas sobre 2Pedro). Isso importa em alguma diferença quanto ao tempo, embora o intervalo não precise ser grande. Por isso, os estudiosos pensam em uma data entre 66 e 70 d.C., embora também seja possível uma data entre 70 e 80 d.C. Internamente, a antiguidade da epístola é confirmada pelo fato de Judas omitir qualquer menção à queda de Jerusalém, que ocorreu em 70 d.C. Determinar mais precisamente a data da epístola é impossível.

Confirmação patrística

A doxologia de Clemente (20.12 e 65.2) combina com Judas 24 e 25. Data de cerca de 95 d.C.

Policarpo (115 d.C.), em sua *Epístola aos Filipenses* (3.2), usou palavras e pensamentos semelhantes a Judas 3 e 20; e Filipenses 1.10 parece-se com Judas 20,23.

Judas figura no Cânon Muratoriano (190 d.C.). Outros pensadores cristãos reconheceram a canonicidade de Judas: Tertuliano (197 d.C.); Clemente de Alexandria (200 d.C.), que usou a frase: "Judas, o meio-irmão do Senhor Jesus"; Orígenes (250 d.C.), que citou Judas em seu *In Mather*, vol. xvii 30, como autor da epístola; Atanásio (367 d.C.); e Jerônimo (392 d.C.). Juntamente com as epístolas de Pedro, Judas acha-se inclusa em manuscritos do século III d.C., e também em P72, um papiro Bodmer dos séculos VII ou VIII d.C.

Destinatários e local

Os leitores originários seriam judeus ou gentios? E onde residiam? Sobre essa questão também há pouca concordância entre os estudiosos. A alusão à "nossa comum salvação" (v. 3) pode indicar um escritor judeu escrevendo a leitores gentios (veja 2Pe 1.1), mas também pode designar leitores judeus. As várias citações extraídas do Antigo Testamento e até da literatura apócrifa dos judeus, contudo, parecem apontar mais para leitores judeus que, naturalmente, tinham conhecimento de toda essa literatura.

No entanto, visto que até crentes gentios podem tomar conhecimento do Antigo Testamento e da literatura apócrifa dos judeus, outros estudiosos retrucam que aquele argumento nada prova. Assim, não há como determinar a questão. Mas não importa. Judas escreveu a cristãos primitivos, e até hoje sua epístola prega a mesma mensagem.

Quanto ao local, há dois fatores que talvez ajudem a determinar onde a epístola foi escrita: (a) se 2 Pedro foi escrita em Roma, segue-se, por motivo de semelhança, que Judas foi escrita no mesmo lugar, pois ambos parecem ter-se valido da mesma fonte informativa, o que explica seus pontos de contato; (b) o Códex Muratoriano e Tertuliano citam a carta de Judas; daí podemos concluir que ela era conhecida na região que originou o Códex Muratoriano e de onde Tertuliano era oriundo, Roma.

Mas há acadêmicos que preferem pensar em Jerusalém, ou alguma outra localidade de Israel, ou mesmo a Síria, o Egito ou a Ásia Menor, como lugar onde a epístola de Judas foi produzida. Não há certeza alguma quanto a essa questão.

Características

Um dos pontos mais controvertidos acerca da carta de Judas são as suas citações de obras pseudepígrafas. Assim, nos versículos 14 e 15 ele cita *1Enoque* 1.9; e no versículo 9 ele parece aludir à *Assunção de Moisés*, outra obra pseudepígrafa. Aliás, esse tem sido um dos motivos pelos quais alguns antigos e modernos têm lançado dúvidas sobre a canonicidade da epístola de Judas. Mas esse fato não constitui um obstáculo intransponível para a aceitação da carta de Judas. Paulo aludiu à *midrash* (exposição) rabínica ao falar sobre a rocha que provia água e que seguia o povo de Israel no deserto

(1Co 10.4). Também citou poetas pagãos (At 17.28; 1Co 15.33; Tt 1.12), além de referenciar alguma fonte não-canônica ao dar os nomes de Janes e Jambres, mágicos egípcios que se opuseram a Moisés (2Tm 3.8). Pedro, por sua vez, cita *Enoque* 20.2 ao referir-se ao "Tártaro" (2Pe 2.4), palavra que nossa versão portuguesa traduz por "inferno"; e Judas, embora sem chamar o lugar por aquele nome, refere--se *ao mesmo* local quando diz que certos anjos estão guardados "em algemas eternas, para o juízo do grande dia". O fato de alguns autores sagrados citarem tais materiais não lhes empresta inspiração divina.

O vocabulário da epístola tem muita semelhança com o fraseado da Septuaginta e com a literatura helenística. Quinze termos lhe são peculiares. O especialista Frederic Henry Chase frisou que Judas dispunha de um largo cabedal de palavras solenes, sonoras e mesmo poética, o que, para esse escritor, mostra ter sido Judas "homem de boa cultura, que não desconhecia as obras de escritores gregos". Criado como um dos irmãos menores de Jesus, não lança isso alguma luz sobre sua educação no lar, conforme era costumeira entre os judeus?

O estilo é direto, incisivo, assinalado pelo gosto por tríadas. Observa-se isso na saudação (v. 2), nos três casos de juízo extraídos do Antigo Testamento (vs. 5-7), nas figuras de Caim, Balaão e Coré (v. 11), e na tríplice classificação de pessoas que precisam de ajuda (v. 22,23).

Os falsos mestres são comparados com certos fenômenos naturais que causam dificuldades ou espanto aos homens (vs. 12,13).

Pano de fundo e propósito

A heresia gnóstica ganhou terreno na Ásia Menor, na África do Norte e na Europa, e atingiu os leitores originais de Judas, quem quer que tenham sido. Vale a pena relembrar algumas características dos gnósticos a fim de nos ajudar a entender melhor a epístola:

1. *Imoralidade*. Eles criam que nenhuma prática libidinosa do corpo afetava a pureza do espírito, e pensavam que podiam abusar do corpo.
2. *Negação da deidade e da humanidade de Cristo*. Logo, anulavam a eficácia de sua obra redentora e de sua expiação no Calvário.
3. *Negação do governo de Deus*. Eram deístas, dizendo que Deus criou, mas se mantém distante da criação. Assim, exageravam a transcendência de Deus, à custa de sua imanência. Isso requeria uma cadeia de éons intermediários, para que o homem pudesse entrar em contato com a divindade. E, como corolário, Jesus de Nazaré não seria o único Mediador entre Deus e os homens (1Tm 2.5). Como é fácil ver que a doutrina católica romana da intermediação de Maria, dos santos e dos anjos está baseada nesse erro dos gnósticos. Judas intuía estar combatendo um erro perigoso!

Judas escreveu prevenindo seus leitores contra as falsas filosofias religiosas. Ele queria trazê-los de volta à fé genuinamente bíblica (v. 3). O gnosticismo, como sistema, perdurou somente por 150 anos, e desapareceu. Mas suas ideias erradas deixaram um ranço que ainda fustigam a fé cristã. Precisamos de discernimento espiritual para poder atender ao apelo de Judas: "[...] batalhardes diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (v. 3).

Conteúdo

Logo no início o autor sagrado reconhece que os crentes são guardados em Cristo (v. 1,2; veja Jo 10.28). Em seguida, Judas agiu segundo a máxima que diz que o erro doutrinário precisa ser refutado, não bastando ser comparado com a verdade, na esperança de que os homens diferenciem o certo do errado. Judas, pois, lançou-se à denúncia contra os falsos mestres, mostrando seu caráter maléfico (vs. 5-16). Nesse

ataque, usou de dois esquemas: mostrou exemplos históricos do juízo de apóstatas (vs. 5-7) e descreveu o caráter dos apóstatas de seus dias (vs. 8-16). A seguir, fez uma série de rápidas mas agudas exortações a seus leitores (v.17-23).

Na conclusão, escreveu uma doxologia ou louvor ao Senhor Deus, por motivo de seu poder de guardar-nos seguros, até chegarmos à glória celeste, quando estaremos, eternamente, na sua augusta presença (v. 24,25). A mensagem de Judas, pois, resume-se no seguinte pensamento: nossa salvação eterna está garantida pelo Senhor, mas enquanto estivermos neste mundo teremos que trabalhar pela pureza da fé revelada!

Esboço

I - PREFÁCIO E SAUDAÇÃO 1-2
II - MOTIVO DA EPÍSTOLA 3-4
1) Mudança do assunto 3
2) Razão dessa mudança 4
III - ADVERTÊNCIA ACERCA DOS FALSOS MESTRES 5-16
1) Juízos historiados de apóstatas 5-7
a) Israelitas incrédulos 5
b) Anjos caídos 6
c) Habitantes de Sodoma e Gomorra 7
2) Descrição dos apóstatas contemporâneos 8-16
a) Sua linguagem difamatória e atrevida 8-10
b) Seu caráter maléfico e fingido 11-13
c) Sua condenação predita 14-15
d) Seus principais defeitos identificatórios 16
IV - EXORTAÇÕES AOS CRENTES 17-23
1) O exemplo dos apóstolos de Jesus 17-19
2) Que cada qual se resguarde do erro 20-21
3) Compaixão para com os desviados para o erro 22-23
V - DOXOLOGIA 24-25
1) Porque “ele” é poderoso para guardar-nos 24
2) Porque “ele” é exaltado em majestade 25

28
Apocalipse

O nome do último livro do Novo Testamento e da Bíblia significa "revelação", mais literalmente, "retirada do véu". O termo grego *apokálupsis* desde Heródoto era usado para denotar "manifestação" de algo antes oculto. Mas mesmo antes da era cristã já havia recebido um sentido de revelação religiosa, conforme declara o especialista em Novo Testamento Wilhelm Mundle.[1] Os quadros mentais do livro estão alicerçados sobre as profecias preditivas do Antigo e do Novo Testamento, formando uma incrível colcha de retalhos. Há citações ou alusões a cerca de 400 passagens de todos os livros do Antigo Testamento. E os ensinos de Jesus e dos apóstolos igualmente entram em sua composição.

Apocalipse é também o mais complexo livro da Bíblia. Nos seus seis primeiros versículos o livro declara-se uma revelação (1.1), uma profecia (1.3) e uma epístola (1.4-6; compare com 22.21, onde temos a conclusão, tipicamente epistolar). Quanto a seu conteúdo, Apocalipse é uma revelação; quanto à sua atitude, uma profecia e mensagem essencial; e quanto à forma, uma epístola.

Além de *apokálupisis*, havia outros termos gregos usados correlatamente: (a) *semaíno*, "indicar", "dar como sinal", que figura por 6 vezes no Novo Testamento, uma das vezes em Apocalipse 1.1, onde lemos "para mostrar"; (b) *epifaíno*, "aparecer", "tornar visível"; consta, como verbo, substantivo ou adjetivo, por 11 vezes no Novo Testamento; (c) *parousía*, "presença", usado na literatura profana para indicar a presença oficial de algum potentado em um lugar; usado por 24 vezes no Novo Testamento.

Por que *apokálupsis*? Quando o anjo revelador entregou a Daniel a profecia das 70 semanas proféticas do fim, explicou que até a 69ª semana o Ungido seria morto, mas se negou a revelar muita coisa sobre a 70ª semana (Dn 12.4). Depois de Daniel, há total silêncio sobre as "setenta semanas" em todo o Antigo Testamento. Jesus, porém, reabriu o tema, em seu discurso profético (Mt 24) e paralelos ao dizer: "Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel [...]" (Mt 24.15). Então, cai novamente o "véu" do mistério sobre o assunto. E é somente em Apocalipse que esse véu é, finalmente, retirado.

Quando acompanhamos as evidências internas de Apocalipse, notamos que seu âmago é constituído por quatro grandes visões, cada uma delas iniciada por um arrebatamento de João pelo Espírito, que o levava a algum lugar diferente. Isso, além de dar-nos suas divisões naturais. Esses arrebatamentos estão em: 1.10; 4.2; 17.3 e 21.10.

No seu segundo arrebatamento, João recebeu a mais longa série de visões, que envolve o complexo dos selos, das trombetas e das taças. Essa série, pois, corresponde à última (septuagésima) semana de Daniel. Logo, o que a Daniel não foi permitido revelar, foi concedido a João.

Mas, como é claro, a profecia das 70 semanas não esgota o escopo da revelação bíblica. E é por essa razão que as outras duas grandes cisões de Apocalipse, embora comecem como desdobramentos de detalhes da segunda, nos levam até a criação de novos céus e nova terra, ou seja, até ao eterno estado futuro. Tudo isso ficará mais claro quando acompanharmos o conteúdo e o esboço de Apocalipse.

---

[1] MUNDLE, Wilhelm. Em BROWN, Collins; LOTHAR, Coenen (Eds.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 2114.

Apocalipse é o ponto culminante da revelação escrita de Deus, de modo que maiores revelações só as teremos no céu, na presença do próprio Senhor. Nesse derradeiro livro do cânon sagrado vemos a reversão de todo o mal, iniciado no jardim do Éden por instigação da serpente. E, em sua graça, na pessoa de Jesus Cristo, o Senhor Deus acrescentará muitas bênçãos jamais antecipadas pela mente humana, que são oferecidas a "quem quiser" (22.17). As palavras não conseguem expressar o que tudo isso significará; o Espírito Santo é único capaz de interpretá-las ao coração dos remidos.

Um estudo mais aprofundado sobre Apocalipse do que aquilo que podemos oferecer dentro dos limites de uma introdução ao Novo Testamento aparece no livro *Apocalipse: introdução e comentário*, de George Eldon Ladd.[2]

Unidade

Certos detalhes têm levado alguns estudiosos à conclusão de que o livro é um composto, e não uma unidade.

Os que negam a unidade do livro apelam para três teorias básicas:

1. *Teoria da revisão*. Apocalipse resultaria de revisões prévias de apocalipses judaicos e cristãos, por parte de hábeis revisores.
2. *Teoria da compilação*. Alguns relatos teriam reunido trechos de vários apocalipses e, sem nenhuma coesão, alinhavado o último livro do Novo Testamento.
3. *Teoria da interpolação*. Semelhante à anterior, com a diferença de que algum redator, valendo-se de fragmentos de vários apocalipses, interpolou algum material seu.

Mas as evidências internas do livro, com seus vários pontos de junção natural, entre os quais avultam os quatro arrebatamentos de João, cada qual dando início a uma nova série de grandes visões, emprestam unidade e simetria ao livro. Apocalipse é realmente uno em seu pensamento, linguagem e estilo, quer no seu todo, quer em suas partes constitutivas. Segundo Archibald T. Robertson, o livro de Apocalipse, em sua forma atual, garante que foi produzido por um só autor, o apóstolo (Ap 1.1,4,9 e 22.8). O comentador Swete declarou que Apocalipse é o livro que nos dá a impressão, *prima facie*, que foi escrito por um único autor.

Autoria

Por quatro vezes o autor identifica-se como João (1.1,4,9; 22.8). Desde tão cedo quanto Justino Mártir, no século II d.C., tem sido aceito que se trata do apóstolo João, filho de Zebedeu (veja Mt 10.2). A primeira sombra de dúvida quanto à autoria do livro foi lançada por um bispo africano, conhecido como Dionísio de Alexandria (265 d.C.), que sugeriu como autor certo "presbítero João". Embora muitos prefiram seguir a opinião de Dionísio, as evidências internas em favor da autoria joanina são avassaladoras. As notas sobre a 2João e 3João mostram que o apóstolo João e o presbítero João são a mesma pessoa, "o discípulo a quem Jesus amava".

Entre notáveis escritores cristãos dos primeiros séculos que aceitaram a autoria joanina de Apocalipse, destacamos:

1. Irineu (180 d.C.) escreveu: "João, o discípulo do Senhor, viveu na Ásia até os tempos de Trajano e escreveu Apocalipse no reinado de Domiciano" (*Ad. Haereses*, V, xxx,3).
2. Polícrates (fins do século II d.C.), Clemente de Alexandria e Tertuliano aceitavam a autoria joanina do livro.
3. Orígenes (225 d.C.) diz que quem escreveu Apocalipse foi o apóstolo que reclinou a cabeça no peito de Jesus.
4. O Cânon Muratoriano (175 d.C.) contém Apocalipse, atribuindo-o ao apóstolo João.

---

[2] LADD, George Eldon. *Apocalipse: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980.

Outra evidência: em 1945, em Chenoboskion, Egito, foi descoberto o *Livro apócrifo de João*. Esse testemunho extrabíblico diz que "João, irmão de Tiago", ambos filhos de Zebedeu, foi o autor de Apocalipse.

Apocalipse e o quarto evangelho

Se há algumas diferenças entre esses dois livros, quanto ao estilo, ao vocabulário e à qualidade gramatical, o que é apenas natural, os pontos de semelhança são de chamar a atenção:

1. Ambos expõem a ideia de um conflito cósmico entre os poderes do bem e do mal; no quarto evangelho, mediante conceitos religiosos e morais; em Apocalipse, sob a forma de visões simbólicas. O cósmico, porém, reflete-se nos eventos deste mundo.
2. No quarto evangelho, as forças do mal aparecem de formas abstratas e absolutas, em contraste com as forças do bem, também de formas abstratas e absolutas. Exemplos: Luz e trevas | Amor e ódio. Mas em Apocalipse esse dualismo aparece sob formas concretas personalizadas. Exemplos: Deus e o Diabo | A noiva de Cristo e a grande meretriz.
3. Em ambos os livros, Cristo é a figura central. Sua vitória sobre o anticristo levará a história da humanidade à sua consumação, na verdade, à consumação do plano divino sobre a criação. Certos vocábulos-chave figuram em ambos os livros: *Logos*, aludindo a Cristo ou à sua palavra (Jo, 40 vezes; Ap, 18); *cordeiro*, aludindo a Cristo como a expiação (Jo, 4 vezes; Ap, 28); *água da vida* (Jo 4.14,15; Ap 22.1,17); *fonte da água da vida* (Jo 4.14; 7.38; Ap 22.6).

Data e local

Há opiniões desencontradas a respeito dessa questão, variando desde os dias do imperador Cláudio (41-54 d.C.), até os dias de Trajano (98-112 d.C.). Até mesmo a época de Nero (54-68 d.C.) tem sido sugerida. Mas a maioria dos acadêmicos prefere pensar em 95 d.C., já em fins do governo de Domiciano (81-96 d.C.). Outra opinião razoável é aquela que sugere a época de Vespasiano (69-79 d.C.).

Cremos que foi o imperador Domiciano quem baniu o apóstolo João para a ilha de Patmos. João mesmo alude a essa ilha como o lugar onde recebeu suas visões (1.9). A ilha de Patmos é uma minúscula ilha rochosa do mar de Içaria, parte do mar Egeu, do arquipélago das Esporades (no grego, "sementes"). Tem apenas 130 km^2. Fica a 60 km a sudoeste de Mileto. Em razão de sua esterilidade e estado de desolação, o governo romano fez da ilha um lugar de banimento de criminosos. Os prisioneiros eram forçados a trabalhar nas minas da ilha.

Para esse lugar João fora banido como se fosse um criminoso, provavelmente por não haver aceitado a "adoração ao imperador" instituída por Domiciano. Apesar de desolada, a ilha era dotada de uma linda paisagem marítima, com rochas de calcário branco. Esse lugar serviu de palco para que João recebesse suas magníficas séries de visões.

Os romanos tinham três formas de exílio: (a) *relegatio* ou *deportatio in insulam*, reservada aos nobres ou aos cidadãos romanos; (b) condenação *ad metalla*, que forçava os prisioneiros a extraír minérios; e (c) *ad opus publicum*. Um dos intuitos do exílio de João deve ter sido separá-lo da atenção e da atividade públicas. O Senhor Jesus, no entanto, pôs João no centro do palco, com as revelações que lhe deu sobre as realidades espirituais que estavam sucedendo e que ainda sucederiam no fim dos tempos.

Destinatários

Esse detalhe também faz parte do texto bíblico: "João, às sete igrejas que se encontram na Ásia" (1.4). Sete versículos adiante são essas igrejas especificadas: Éfeso,

Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. No mapa, vemos que elas formavam uma espécie de círculo muito irregular.

Mas por que seriam "sete igrejas" se havia tantas outras? O Cânon Muratoriano dá-nos a resposta, alicerçada sobre um claro simbolismo bíblico: sete significa "todas". Logo, é como se João tivesse dito: a todas as igrejas que se encontram na Ásia.

Todavia, secundariamente, o livro foi enviado a todos os crentes individuais de todas as épocas, segundo lemos em 1.3: "Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo". Essa é a maior prova de que a mensagem do livro não é aplicável somente às igrejas dos dias de João, conforme diz certa escola de interpretação, mas aplica-se a todos os crentes de todos os séculos, incluindo aqueles que estarão vivendo nos dias atribulados preditos em Apocalipse. Assim diz a interpretação chamada "futurista". Assim dizemos nós.

No entanto, os pré-tribulacionistas consideram que, em Apocalipse, a igreja só está em foco até 3.22. Daí por diante, Apocalipse refere-se a acontecimentos que ocorrerão depois do arrebatamento da igreja, o qual, dentro desse último livro da Bíblia, seria sinalizado em 4.1, quando a voz celestial convidou a João: "Sobe para aqui". De Apocalipse 3.22 em diante, a revelação seria endereçada aos judeus que se converterão durante a grande tribulação.[3]

A posição oposta, dos pós-tribulacionistas, acha o arrebatamento da igreja somente em Apocalipse 20.4-6, partindo do ensino bíblico de que não haverá arrebatamento sem que primeiro ocorra a ressurreição dos santos (1Ts 4.16,17). E é naquele trecho de Apocalipse que temos a "primeira ressurreição", exclusiva dos santos. Os pós-tribulacionistas, todavia, confessam que o "arrebatamento da igreja" só aparece indireta e incidentalmente, e não como declaração específica em Apocalipse. Trata-se de uma interpretação escudada na exegese de textos bíblicos correlatos.

DOMICIANO E O CULTO AO IMPERADOR

O imperador romano, Tituts Flavius Domitianus, foi um dos piores déspota , que "deificou" a si mesmo. Foi ele quem decretou o chamado "culto ao imperador". Cultuar o imperador tornou-se sinal de lealdade ao império. Dessa maneira, ele estabeleceu o governo absoluto sobre o corpo e a alma dos homens. Havia holocaustos públicos a ele oferendados. Os espectadores que, nas arenas, vaiassem os gladiadores do imperador, eram executados. Os cortesãos chamavam-no de "senhor" e "deus". Seu leito era considerado sagrado, como também as festas que oferecia, e até o peixe que comia.

Dominicano foi extremamente sanguinário, monstruoso e cruel. Matou políticos, filósofos e até parentes. Sua crueldade e ostentação tornaram-no odiado por todos, até pela aristocracia. Vendo-se em dificuldades financeiras, passou a confiscar bens de suas vítimas. Por fim, foi assassinado, mediante um conluio de várias figuras palacianas, incluindo a própria esposa, Domitia Longina, em setembro de 96 d.C.

Pano de fundo e propósito

Na época em que Apocalipse foi escrito — fins do século I d.C. —, certas condições militares, econômicas, sociais e religiosas dentro do Império Romano davam o colorido certo para as revelações do livro. Analisemos uma por vez.

Militares

[3] Quanto a essa interpretação, defendida por nobres nomes do mundo evangélico atual, veja o capítulo 17 ("1—2Tessalonicenses"), no subtítulo "Posições escatológicas".

Sob os imperadores Flaviano, Vespasiano (69-79 d.C.) e seus filhos, Tito (79-81 d.C.) e Domiciano (81-96 d.C.), o Império Romano foi muito ampliado territorialmente. Os batavos (modernos holandeses) foram pacificados, Tito capturou Jerusalém, e a Judeia ficou sob total supremacia de Roma. Vespasiano deu atenção especial à questão das fronteiras, anexando novos territórios ao longo dos rios Reno e Danúbio. Guarnições romanas chegaram ao Alto Eufrates, e o reino de Comagene foi adicionado ao território romano. Sob Domiciano houve a conquista de novas regiões na Bretânia e na Germânia. Contudo, não conseguiu conquistar a Dácia e teve de ajustar-se a um acordo. Isso posto, o imperialismo romano parecia destinado a engolfar todo o mundo conhecido.

Econômicas e sociais

Esses eventos trouxeram um novo surto de prosperidade a Roma. Mas havia má distribuição de renda, quando os ricos eram poucos, mas muito abastados, ao passo que as massas eram reduzidas a extrema pobreza, tendo de ser sustentadas pelo Estado. As extravagâncias dos imperadores, a balança comercial desfavorável que forçava a Itália a importar os alimentos que consumia e a decadência paulatina da agricultura produziram a inflação. O povo meramente sobrevivia. Assim, a prosperidade romana foi um ponto de nítida fraqueza. A moral do povo caiu drasticamente, prenunciando o declínio e o colapso final do Império. Na verdade, isso marcou o passo para o resto da maior parte da história da civilização, quer nos dias restantes do império, quer nos escombros, do império e até hoje.

Religiosas

Apocalipse interessa-se, sobretudo, pelas condições religiosas que vigiam no império. Pois o Estado é aí retratado principalmente como a manifestação de uma maligna força espiritual. A idolatria de Roma era notória. Não somente tinha seu panteão, mas também importava todos os deuses estrangeiros, em um afã de religiosidade difícil de ser igualado, a menos que evoquemos o catolicismo papal. Apocalipse refere-se a essa idolatria em várias oportunidades. Um texto claro é o de Apocalipse 2.13, na carta de Jesus à igreja em Pérgamo, onde se lê: "Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás". Era ali que estava o grande altar de Zeus (Júpiter, para os romanos). E no seu capítulo 13 vemos que o último estágio do totalitarismo humano será uma rebelião organizada contra todos os padrões estabelecidos por Deus para o mundo.

Roma foi apenas um estágio do sistema da malignidade da civilização. Esse estágio, porém, aparece no livro como o modelo do que prevalecerá quando Deus intervier por ocasião do segundo advento de Cristo. Como já vimos, foi Domiciano quem instituiu o "culto ao imperador". E o anticristo, quando surgir no palco do mundo, copiará esse modelo. Paulo disse acerca do paroxismo de pretensão a que chegará o anticristo: "[...] a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus" (2Ts 2.4).

Essas eram as condições do mundo civilizado quando Apocalipse foi escrito, a fim de mostrar que o Senhor não permitirá que o mal prevaleça, mas que o reino de Deus será, finalmente, instituído na face da terra! Apocalipse, pois, entre outras coisas, responde à perplexidade dos primitivos cristãos ante o avanço do mal, aparentemente sem que Deus tentasse refreá-lo.

Métodos de interpretação

Já houve época em que até os maiores vultos cristãos não se aventuravam a comentar Apocalipse. Calvino, em suas *Institutas*, obra monumental de muitos volumes, silenciou sobre Apocalipse, embora tivesse comentado o Antigo e o Novo Testamento. Assim fizeram também várias outras figuras exponenciais do protestantismo. Atualmente,

porém, há grande número de obras escritas sobre Apocalipse. Desse modo, surgiram as "escolas" de interpretação. Algumas delas são meras teorias infundadas. Vejamos:

Escola preterista

Os advogados dessa posição dizem que Apocalipse se cumpriu integralmente nos dias do antigo Império Romano. Daí o nome preterista. A posição nasceu de uma polêmica, no século XVII, entre o jesuíta Alcazar e os reformadores da época. Estes afirmavam, suportando sua contenção em Apocalipse, que o papa é o anticristo. Estavam equivocados quanto a essa identificação. Mas essa posição é indefensável, pois ela mesma tem de admitir que o livro fala de um futuro juízo final e de um estado aperfeiçoado, no fim.

Escola histórica

Há duas variedades nessa escola: a contínua e a sincrônica. A primeira diz que o livro revela a história da igreja, desde os dias de João até a consumação final. Nesse processo, apareceriam os passos da apostasia romanista. E todos os símbolos representariam eventos específicos no curso da história do mundo. Mas é impossível determinar quais símbolos correspondem a quais acontecimentos históricos. É aí que os advogados da posição mais se desentendem. A segunda procura corrigir essa falha e toma as mesmas séries de "sete" apenas como símbolos de acontecimentos sincrônicos com a história da igreja do primeiro século.

Escola simbólica ou idealista

Apocalipse não seria nem profético nem histórico; apenas reuniria uma coleção de símbolos que ensinam preciosas lições de moral, desprezando qualquer preocupação cronológica. Os eventos descritos seriam meramente espirituais e jamais teriam cumprimento verdadeiro. Essa tentativa de solução é a mais fraca de todas.

Escola futurista

Duas correntes destacam-se nessa escola: a radical e a moderada. A primeira diz que o livro inteiro só terá cumprimento no futuro; a segunda admite que os três primeiros capítulos do livro foram cumpridos nas igrejas dos dias de João, embora também digam respeito à igreja do fim (simbolizada em sua totalidade pelo fato de serem "sete"). Em vista do claro elo de Apocalipse com o livro de Daniel e com o Discurso Profético de Cristo em Mateus 24 e paralelos, essa é a interpretação que mais nos atrai, sobretudo em sua variante "moderada".

Escola eclética

Procura aproveitar de cada uma das outras escolas o que ali tenha valor, amalgamando tudo. No presente, é a escola interpretativa mais em voga.

O DIA DO SENHOR

Apocalipse 1.10 menciona a expressão "dia do Senhor". É tradicional interpretá-la como se João dissesse que recebeu suas visões num dia de domingo. Mas essa interpretação, além de não ter nenhum antecedente na Bíblia, também esquece que a expressão "Dia do Senhor" é própria da linguagem profética da Bíblia, indicando tempos adversos à humanidade, que culminarão com a manifestação gloriosa de Cristo, em seu segundo advento (veja Is 2.12; 13.6,9; 34.8; Jr 46.10; Lm 2.22; Ez 30.3; Am 5.18; Jl 2.1; Ob 15; Sf 1.8,18; 2.2,3; Zc 14.1).

Nas outras três séries de visões, João sempre foi transportado para algum lugar: na segunda séria, com início em 4.2, o "céu"; na terceira, com início em 17.3, um "deserto"; na quarta série, com início em 21.10, uma "grande e elevada montanha". Ora, se "Dia do Senhor" em 4.2 significa apenas um dia de domingo, então se segue que somente na primeira série de visões não houve arrebatamento de João para algum lugar.

Mas se essa expressão for interpretada em harmonia com o seu sentido usual na Bíblia, então João foi arrebatado, pelo Espírito, ao futuro "Dia do Senhor".

Mesmo que Robertson e outros prefiram a interpretação tradicional, as razões apresentadas compelem-nos a ver aí uma clara alusão à tribulação dos últimos dias. João foi arrebatado "em espírito", isto é, tirado do tempo e do espaço, e então foi transportado ao período da tribulação. Ele viu de antemão o que outros crentes haveriam de presenciar no futuro. Cremos que Apocalipse contém metáforas, mas não apenas sobre questões morais, e, sim, sobre acontecimentos que realmente ocorrerão. João viu engenhos de guerra e até artefatos atômicos, embora não tivesse podido descrevê-los com os nomes que lhes damos agora. As coisas que João viu ainda esperam cumprimento. Estão reservadas para a última das 70 semanas de Daniel 9, correspondente à tribulação do Novo Testamento.

O Senhor Jesus mostrou que a verdadeira interpretação do livro é a futurista, pois declarou: "O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer" (Ap 22.6).

O relógio profético

No tocante à sorte do povo de Deus neste mundo, segundo revelação divina a Daniel, havia 70 semanas de anos proféticos. Cada semana constituiria 7 anos. O ponto de partida seria "a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém" (Dn 9.24,25). A partir dessa ordem, se passariam "sete semanas" mais "sessenta e duas semanas", isto é, 69 semanas (483 anos), até que fosse "morto o Ungido" (Dn 9.26a). A "ordem" seria divina, como é óbvio; mas teria algum cumprimento na dimensão terrena. E o decreto governamental foi o do rei medo-persa Artaxerxes II autorizando Neemias a reedificar Jerusalém. Portanto, 483 anos depois, Jesus foi crucificado em Jerusalém. Havia terminado a 69ª semana de Daniel.

Então, ainda segundo a profecia preditiva de Daniel, foi revelado que "surgiria o povo de um príncipe que há de vir", e que esse príncipe faria uma "firme aliança com muitos por uma semana" (Dn 9.26,27). Também que "na metade da semana", além de quebrar a aliança, esse príncipe estabeleceria "abominação" como um "assolador". Essa "semana", pois, é a 70ª da série de 70 semanas.

Que essa 70ª semana estaria separada da 69ª semana fica bem claro quando Jesus fala do "abominável da desolação" (Mt 24.15) como algo futuro para ele. De fato, para nós, que vivemos praticamente 2.000 anos depois de Cristo, continua sendo um evento futuro. Quando começará, porém, essa 70ª semana? O próprio Daniel revelou: quando o "príncipe" fizer "firme aliança com muitos por uma semana" (Dn 9.27). Isso será cumprido quando algum político importante estabelecer um pacto com o povo de Israel — os "muitos" de Daniel 9.27 —, pelo prazo de 7 anos. Quando esse pacto for firmado com Israel, portanto, o relógio profético de Deus acerca do seu povo, que estava parado desde a morte do Senhor Jesus, no Calvário, começará de novo a tiquetaquear. Quando isso acontecer, os 7 anos atribulados do fim terão início.

Ora, em Mateus 24.15, Jesus referiu-se a um detalhe desses 7 anos. Na metade deles, o tal líder político romperá seu acordo com Israel. Logo, após 3 anos e meio da vigência do pacto, ele reverterá sua atitude para com Israel. No dizer de Daniel, "fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares" (Dn 9.27). Isso dará início à segunda fase da tribulação, fase essa chamada grande tribulação.

Portanto, é indispensável levar em conta a profecia de Daniel sobre as 70 semanas e o discurso profético de Jesus (Mt 24 e paralelos) para entender Apocalipse.

Cada uma das quatro visões mostra-nos algo: na primeira visão (1.10—3.22) vemos Jesus na glória, dono do destino de sua igreja completa (sete); na segunda (4.1—16.21), achamos a descrição apocalíptica da última semana de Daniel; na terceira (17.1—21.8),

encontramos um desdobramento da segunda visão — a descrição da grande meretriz ou falso cristianismo, com uma extensão preditiva até a criação de novos céus e de nova terra, onde toda contrafação religiosa terá sido enterrada no passado; e na quarta (21.9—22.5) há outro desdobramento da segunda visão — a descrição da noiva do Cordeiro, a igreja verdadeira, composta por judeus e gentios crentes, vivendo no paraíso restaurado.

De Apocalipse 22.6 até ao fim do livro, temos a reiteração da promessa do segundo advento de Jesus.

Características

De acordo com Everett F. Harrison,[4] Apocalipse tem como distintivos principais os seguintes pontos, que elaboramos um pouco:

1. É o livro bíblico do tempo do fim, por excelência. Essa ênfase aparece ocasionalmente no restante da Bíblia, mas não de forma tão concentrada e abrangente como aqui. Serve de apropriado encerramento do cânon sagrado.
2. É misterioso, repleto de enigmas, sobretudo para o leitor moderno, não acostumado com a literatura apocalíptica judaica. A linguagem profética é simbólica, mística. João foi o mais místico de todos os autores do Novo Testamento, equiparável a Daniel, Ezequiel ou Zacarias, profetas do Antigo Testamento.
3. Destaca a soberania e a majestade do Rei dos reis e Senhor dos senhores (19.6), em contraposição às pretensões blasfemas de alguns líderes terrenos — destacando-se o futuro anticristo — que se afirmavam ou afirmarão ter *status* de divindade.
4. Assemelha-se a um roteiro teatral, mostrando cenas celestes que são refletidas na terra, e, mais raramente, cenas terrestres com consequências nas atitudes de seres celestes. Os decretos do céu são inexoravelmente cumpridos na terra. Procuraremos mostrar isso no subtítulo "Conteúdo", mais adiante.
5. Uma das grandes lições do livro é que, terminado o drama, o céu terá invadido a terra — com a descida da Nova Jerusalém. Mas para tanto, o atual regime de pecado e revolta contra Deus terá de ser totalmente derrotado, entretanto em colapso total, com a destruição da presente civilização (veja Ap 16.19).
6. Enfatiza a impiedade coletiva dos povos, em sua revolta final contra Deus e seu Ungido. Isso é reflexo de Salmo 2. Será como a renovação da revolta de Babel, e a força impulsionadora dessa revolta serão os estertores do Diabo, que formarão uma trindade satânica em companhia do anticristo e do falso profeta, figuras sinistras do futuro.
7. Se o livro tanto fala em julgamento contra os praticantes do mal, também sobeja em louvores ao Deus Altíssimo. Anjos e homens remidos unem as suas vozes nesse louvor.
8. Procura mostrar a precisão matemática dos decretos divinos, razão pela qual os números, sobretudo o "sete", ocupam um papel tão importante no desenrolar do drama dos séculos.
9. Apocalipse é uma colcha de retalhos de trechos proféticos do Antigo Testamento. São citados principalmente os livros de Salmos, Isaías, Ezequiel, Zacarias e Daniel. Em menor número, todos os demais livros do Antigo Testamento também são citados, incluindo Cantares de Salomão, que, assim como Apocalipse, teve sua canonicidade questionada.
10. As irregularidades gramaticais são mais numerosas aqui do que em qualquer outro livro do Novo Testamento. Mas em vez de mostrar a inépcia do autor no uso do grego coiné, isso reflete antes um original aramaico, do qual Apocalipse é uma tradução feita pelo próprio autor sagrado. Não há nisso nenhum motivo de estranheza, pois João falava o aramaico como sua primeira língua; e no seu espanto diante das visões que recebia,

[4] HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*, p. 433-435.

deve ter preferido grafá-las no seu idioma pátrio. Daí, o livro reflete aramaísmos, sobretudo na formação das frases.

11. Embora sem confessar que conhecia a literatura pseudepigráfica judaica, João reflete expressões que aparecem nessas obras. Robert Henry Charles, especialista britânico em Bíblia, oferece uma lista de 18 passagens que exibem dependência ou são paralelas às obras pseudepigráficas.[5]

Simbolismo do livro

O livro profético do Novo Testamento é altamente simbólico, similar aos livros das visões de Daniel, Ezequiel e Zacarias. Essa natureza simbólica é anunciada logo no primeiro versículo, nas palavras "para mostrar". No original grego temos aí o verbo *semaíno*, que era a palavra usada para designar os pronunciamentos do oráculo de Delfos, na Grécia. Esse termo aponta para uma comunicação figurada, simbólica, que transmite a verdade por meio de quadros mentais, e não por meio de definições.

Essa comunicação simbólica presta-se como veículo da revelação de mistérios. No dizer de Merril C. Tenney, os símbolos são chaves que abrem as portas dos ministérios divinos.[6] Esses símbolos dividem-se em três categorias: (a) os que são aclarados por explicações; (b) os que não são aclarados, mas estão baseados no Antigo Testamento; e (c) os que têm alguma conexão com a literatura apocalíptica ou com o uso pagão contemporâneo. Vejamos:

Símbolos explicados

Sete estrelas (anjos das igrejas) 1.20
Sete candeeiros (sete igrejas da Ásia) 1.20
Sete tochas (o Espírito de Deus) 4.5
Incensários (orações dos santos) 5.8
Grande multidão (crentes da tribulação) 7.13,14
O dragão (Satanás) 12.9
Sete cabeças da besta (sete montes) 17.9
Dez chifres da besta (dez reis futuros) 17.12
Muitas águas (população do mundo) 17.15
A mulher embriagada (Roma) 17.18
Lagar (castigo da humanidade revoltada) 14.20; 19.15

Símbolo baseados no Antigo Testamento

Árvore da vida 2.7; 22.2
Maná escondido 2.17
Vara de ferro 2.27
Estrela matutina 2.28
Chave de Davi 3.7
Seres viventes 4.7s
Quatro cavaleiros 6.1
Grande anjo 10.1
Primeira besta 13.1-10
Segundo besta 13.11-18

Símbolos não-explicados

Pedrinha branca 2.17

---

[5] *Charles*, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*. Edinburgh: Clark, 1920, vol. I, p. 82-83. 2 vols.

[6] TENNEY, Merril C. *Interpreting Revelation*. Wm. B. Eerdmans, p. 186s.

Coluna 3.12
Vinte e quatro anciãos 4.4s
Sete selos 5.1; 6.1-17
Duas testemunhas 11.3s
Mulher vestida com o sol 12.1,2,14s
Ceia das bodas do Cordeiro 19.6-9,17
Lago do fogo 19.20
Grande trono branco 20.11
Cidade de Deus 21.2s

Quanto aos símbolos não-explicados no texto sagrado, alguns deles são autoevidentes, como a "coluna", a "mulher vestida com o sol" (a igreja), a "ceia", o "trono branco" e a "cidade de Deus". Restam três: a "pedrinha branca", os "vinte e quatro anciãos" e as "duas testemunhas". Quanto a esses três símbolos, importa confessar que não se sabe qual é seu sentido exato, embora tenha havido dezenas de tentativas de explicação.

Pensamento teológico

Quanto a essa seção, novamente, dependemos muito de Everett Harrison.[7]

1. Deus aparece como Criador, Juiz e Protetor de seu povo. Sendo o Todo-poderoso, controla o curso da história. No entanto, sua paternidade só é mencionada em relação ao Filho. Seu plano para a criação arranca louvores de toda a criação inteligente.
2. A cristologia é muito rica. Jesus é o Filho de Deus (2.18), o Verbo (19.13), o Cordeiro (5.6 etc.), o Amém e a testemunha fiel e veraz (3.14), o santo (3.7), o soberano da criação (3.14), o primeiro a ressuscitar gloriosamente dentre os mortos (1.5), o possuidor das chaves da morte e do Hades (1.18), o que vive (1.18), a raiz e o descendente de Davi (22.16), a brilhante estrela matutina (22.16), o Leão da tribo de Judá (5.5) e o Rei dos reis e Senhor dos senhores (19.16).
3. O livro não ressalta a vida terrena de Jesus. Seu nascimento é seguido por sua ascensão (12.5). Mas sua obra redentora não é esquecida (1.5). Sua ressurreição fica implícita (1.5,18), e seu retorno tanto é prometido (1.7) como descrito (19.11s).
4. Se em função o Filho é subordinado ao Pai (3.12), quanto à natureza ele é igual ao Pai. Isso é exibido de vários modos: ambos têm o título de Alfa e Ômega (1.18; 22.13), ambos são salvadores (7.10), os mártires ressurretos aparecem como sacerdotes de ambos (20.6), ambos são adorados (caps. 4 e 5), ambos sentam-se no mesmo trono (22.1,3), de ambos provém a ira divina final (6.16), ambos são reis no mesmo pé de igualdade (11.15 e 12.10) e ambos são o templo da Nova Jerusalém (21—22).
5. O Espírito Santo figura sob três aspectos principais: aquele que deu as experiências místicas a João (1.10; 4.2; 17.3; 21.10); o revelador e mestre (2.11,17,29; 3.6,13,22; 14.13; 19.10); e como testemunha de Cristo, juntamente com a igreja (22.17; compare com João 15.22,27).
6. O problema do mal recebe considerável atenção. A origem do mal reside em um ser espiritual, chamado Diabo e Satanás, dragão e antiga serpente (20.2). É ele que se opõe a Deus e a seu plano (12.1-6), assim como à igreja (3.13,24). Ele é o enganador do mundo (12.9) e o instigador da rebeldia contra Deus (20.8). Por isso mesmo, o conflito retratado no livro assume proporções cósmicas (12.7), embora a terra seja seu palco central. Atrás do governo humano ímpio há o poder de Satanás (13.2), o qual ambiciona uma adoração devida somente a Deus (13.4). Todavia, o poder de Satanás não é

[7] HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*, p. 438-440.

absoluto, pois seu tempo de oportunidade foi limitado (12.12) e sua condenação está assegurada (20.10).

7. Ainda que a posição pré-tribulacionista diga que a igreja ocupa papel secundário em Apocalipse, pois seus destinatários seriam os judeus que se converterão durante a grande tribulação, na verdade ela ocupa o centro do palco terreno como destinatária (veja 1.4 e o final de cada uma das sete cartas de Apocalipse, e também 22.16); como a figura principal da quarta das grandes séries de visões (21.9—22.5), já em seu estado glorificado; e como testemunha da verdade das revelações, junto com o Espírito Santo (22.17), convidando o Senhor a voltar ao mundo.

A questão do arrebatamento

Entre os intérpretes futuristas (também chamados pré-milenistas) há um pequeno desacordo: A igreja será evacuada da terra antes da eclosão do período atribulado do fim? Ou haverá de atravessar todo esse período, para somente então ser arrebatada? A primeira pergunta reflete a posição dos pré-tribulacionistas; a segunda, a dos pós-tribulacionistas.

Mas não devemos fazer disso um cavalo de batalha, pois ambos os grupos concordam quanto a um ponto capital: a igreja será arrebatada! E a volta de Cristo terá por propósito inaugurar o reino de Deus, em seu terceiro e último estágio, aquele que prevalecerá, para sempre, acima de todo outro reino (veja Dn 2.44,45). Antes da primeira vinda de Cristo havia o primeiro estágio do reino; Cristo veio inaugurar o segundo estágio, no qual vivemos; e sua volta levará o reino a seu terceiro estágio.

Visto que, no mundo evangélico, ainda há uma polêmica sobre o momento exato do arrebatamento da igreja, neste livro os autores buscam a maior imparcialidade possível a respeito, expondo tanto uma quanto outra posição. O pastor Enéas Tognini é defensor do pré-tribulacionismo; o pastor João Marques Bentes vê muitos pontos positivos no pós-tribulacionismo. Mas isso não os divide, pois sabem que o destino final da igreja é ser arrebatada e ficar com o Senhor para sempre (1Ts 4.17).

Mas por que essa diferença? Vejamos o que diz Robert H. Gundry: "[...] falando em termos bem amplos, quanto mais um intérprete separa o trato de Deus com Israel do trato de Deus com a igreja, mais inclinado ele fica em ver a igreja removida da terra antes da tribulação".[8]

Um intérprete pós-tribulacionista, pois, não faz essa separação no que tange ao fim de Israel e da igreja. Antes, considera a igreja "o Israel de Deus" (Gl 6.16). Em outras palavras, o destino final de Israel coincide com o destino final da igreja. Israel vai se converter no fim dos tempos, um ensino bíblico indiscutível, que ambos os grupos aceitam. A pergunta que se impõem é: Quando Israel se converter, fará ou não parte da igreja? Os pré-tribulacionistas respondem "não"; os pós-tribulacionistas, "sim". Os primeiros respondem "não" partindo do pressuposto que a igreja já terá sido então arrebatada. Os segundos respondem "sim" baseados no fato de que um princípio neotestamentário é que quem se converte integra automaticamente a igreja. Para estes, quando Israel se converter, se tornará parte da igreja. Essa é a base do pós-tribulacionismo.

Para os pré-tribulacionistas um ponto de dificuldade na posição oposta é que entrar na tribulação é estar fadado à ira. Se fosse assim, então Israel estaria fadado à ira, com todos os crentes que se converterão durante a grande tribulação (veja Ap 7.9-17). Mas os pós-tribulacionistas dizem que a igreja, durante a grande tribulação, embora muito

[8] GUNDRY, Robert H. *A Survey of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1976, p. 367.

desgastada, não será aniquilada, pois o Senhor a preservará (veja Ap 12.1-6 e, mais especificamente, 7.14).

Estão expostos os fatos básicos da questão. Há dados bíblicos cujos detalhes, em nosso estágio de conhecimento e sabedoria, não sabemos precisar. A questão pré-tribulacionismo *versus* pós-tribulacionismo envolve um detalhe!

Terminologia

Em Apocalipse há termos e expressões repetidos com frequência. Alguns têm um sentido técnico e outros estão ligados à estrutura do livro. Há três categorias de termos ou expressões: (a) os que envolvem instituições ou objetos, como, por exemplo, "igrejas" e "trono"; (b) os que representam personalidades ou lugares, como "Cordeiro", "besta" e "Babilônia"; (c) as fórmulas, como "achei-me no espírito", "bem-aventurados" e "relâmpagos, vozes e trovões".

A importância desses termos e expressões é que eles servem de auxílios interpretativos, identificando conceitos básicos da escatologia do primeiro século cristão, e sua vinculação com o Antigo Testamento serve-nos de indícios proféticos. Esses indícios formam todo um arcabouço que permeia o livro. Tal arcabouço mostra que a igreja será absorvida no todo abrangente reino de Deus, o qual o Filho apresentará ao Pai e que será chamada de Cidade de Deus ou Nova Jerusalém. Apresentamos a seguir um quadro que ilustra a questão, servindo de guia para estudos particulares do leitor:

IGREJA	CONCEITO	CONSUMAÇÃO
2.7	A árvore da vida	22.2
2.11	A segunda morte	21.8
2.17	A pedrinha branca	-
2.27	A vara de ferro	19.15
3.5	O livro da vida	20.12
3.12	O templo de Deus	21.3,22
3.21	O trono de Cristo	22.3

Esse quadro mostra que todas as promessas aos "vencedores" terão cumprimento na Nova Jerusalém, o reino em seu estágio definitivo e eterno.

Quanto às "fórmulas", já vimos como "me achei em espírito" é uma expressão que fornece as quatro divisões naturais de Apocalipse. Cada vez que ela aparece, tem início uma nova série de grandes visões (veja 1.10; 4.2; 17.3; 21.10).

Outra fórmula importante é a das "bem-aventuranças". Há sete delas por todo o livro: (a) em 1.3 — felizes os que levam em conta o ensino contido no livro; (b) em 13.7 — felizes os crentes que morrem durante o reinado da besta; (c) em 16.15 — felizes os que se mantiverem imaculados na santificação; (d) em 19.9; 20.6; 22.7 e 22.14 — as quatro bem-aventuranças sumariam a santidade e a esperança dos crentes, à medida que se aproximar a parúsia, ou presença do Senhor Jesus na cena terrestre.

Outra fórmula que queremos destacar é "relâmpagos, vozes e trovões" (4.5; 8.5; 11.19; 16.18). Essa fórmula também é muito útil na interpretação do livro. Ela afunila informes, mostrando que todas as descrições envolvidas terminam concomitantemente:

- Na primeira ocorrência (4.5) aparece o trono de Deus, o que mostra que Deus terminara por controlar todas as coisas.
- A segunda (8.5), no fim do sétimo selo.
- A terceira (11.19), no fim da sétima trombeta.
- A quarta (16.18), no fim da sétima taça.

Isso ensina que os selos, as trombetas e as taças são meios de como o império do anticristo será desmantelado e o trono de Deus será estabelecido; e, paralelamente,

ensina que selos, trombetas e taças terminam no mesmo ponto, dentro do tempo. Um diagrama simples ajudará o leitor a compreender melhor essa coincidência temporal:

SELOS, TROMBETAS E TAÇAS

1º Selo
2º Selo
3º Selo
4º Selo
1ª Trombeta
5º Selo
2ª Trombeta
6º Selo
3ª Trombeta
7º Selo
4º Trombeta
1ª Taça
5ª Trombeta
2ª Taça
6ª Trombeta
3ª Taça
7ª Trombeta
4ª Taça
5ª Taça
6ª Taça
7ª Taça

Conteúdo

Após o prólogo (1.1-8), logo em seguida temos:

A "primeira visão" (1.9—3.22)

Essa visão mostra o Cristo ressurreto na sua glória, controlando a igreja (os sete candeeiros à sua volta). Aparecem então as sete cartas, cada qual mostrando pontos essenciais do caráter da igreja envolvida, havendo elogio, condenação, correção convocação e desafio. O desafio é aquele que diz "ao vencedor". Os vencedores são os crentes autênticos, regenerados.

Essa primeira visão consiste em uma cena celeste (1.9-20), com seu reflexo na cena terrestre (2.1—3.22).

A "segunda visão" (4.1—16.21)

Essa é a descrição da "última" semana de Daniel 9. O pormenor mais importante dessa visão é o livro ou rolo com sete selos (5.1—6.17). Após dois parênteses seguidos (7.1-17), o sétimo selo é aberto, desdobrando-se nas trombetas, seis em sucessão (8.1-9.21), a sétima ficando reservada para um próximo momento. Isso também envolve uma cena celeste (4.1-5.14) e, daí em diante (até 9.21), cenas terrestres.

Entre a sexta e a sétima trombetas há de novo dois parênteses (10.1—11.14). Então soa a sétima trombeta (11.15-19). Aparecem depois cenas rápidas, mostrando seis quadros com diversos personagens simbólicos (12.1—14.20). Esses quadros são cenas celestes prevendo eventos na terra. Logo em seguida são apresentadas as taças (no céu) e o derramamento delas (na terra), com suas terríveis consequências (15.1—16.21). Os selos, as trombetas e as taças terminam ao mesmo tempo, consumando a ira de Deus, com o fim da atual civilização e a instalação do trono de Deus na terra (o milênio). Os selos, as trombetas e as taças terminam ao mesmo tempo, pois as trombetas são a descrição do sétimo selo, e as taças são a descrição da sétima trombeta (veja o gráfico

Selos, trombetas e taças, no subtítulo "Terminologia"). Com os eventos da sétima taça (a destruição desta civilização), encerra-se a segunda série de visões.

A "terceira visão" (17.1—21.8)

Essa visão é um desdobramento da anterior, mostrando o cristianismo falsificado sob a forma da grande meretriz. Após o terceiro arrebatamento de João, ele vê uma mulher sentada numa terrível fera e ouve explicações a respeito (17.1-18). A mulher é um sistema político-religioso: a Roma papal. A fera é o Império Romano, sobretudo em seu futuro estágio renovado pelo anticristo. Na Idade Média a mulher passou a controlar a fera (o Santo Império Romano). O anticristo será o último imperador de Roma e fará desmontar o papado usurpador, destruindo o sistema político-religioso da Igreja Católica Romana, pois não tolerará rival algum. Por isso mesmo, de 18.1 em diante temos a descrição da "queda de Babilônia", de acordo com duas perspectivas: terrestre (18.1-24) e celeste (19.1-3). Seguem-se aleluias celestes, diante da vitória já antecipada e garantida de Cristo sobre as duas bestas, uma figura política e outra figura religiosa que dominarão o mundo incrédulo do período atribulado (19.4-10). Em seguida, aparece o duplo quadro da vitória propriamente dita de Cristo, sob a forma de um cavaleiro no cavalo branco (19.11-21). Na primeira parte do quadro (19.11-18), vemos o cavaleiro no céu; na segunda (19.19-21), a destruição dos exércitos terrenos, em sua louca tentativa de impedir a volta de Cristo à terra. Essa segunda parte corresponde à sexta taça (16.12-16), que fizera parte da segunda grande visão.

A visão volta ao céu, com a prisão de Satanás e a consequente inauguração do milênio, na terra (20.1-6). Em seguida, vem a soltura de Satanás, a rebeldia final da humanidade e a derrota definitiva do Diabo (20.7-10). Isso porá fim ao milênio. Então a terceira visão encerra-se com duas cenas: o juízo final (20.11-15) e a criação de novos céus e de nova terra (21.1-8), o que inaugurará o estado eterno.

A "quarta visão" (21.9—22.5)

Arrebatado a um alto e elevado monte (símbolo bíblico claro do reino de Deus), João começa vendo no céu a Nova Jerusalém. Mas esta desce à terra e aqui se instala. A grande lição dessa quarta visão é que, por fim, céu e terra não mais serão entidades distintas. Com o afastamento de Satanás, de seus demônios e de todos os incrédulos para seu devido lugar (a *geena*; veja 20.11-15), visto que o reino de Deus terá sido trazido palpavelmente a este mundo transformado e purificado, Deus completará seu imenso esquema dos séculos, juntando o céu e a terra em uma única entidade, na qual habitará a justiça (veja 2Pe 3.13).

A Nova Jerusalém é uma metáfora do povo remido de Deus (judeus e gentios convertidos), a igreja em seu aspecto glorificado e eterno, o corpo místico de Cristo, que o complementa (veja Ef 1.22,23). Esse é o destino da igreja; esse é o destino de todos os remidos pelo sangue de Cristo. Adão e Eva viveram no paraíso terrestre. Os remidos viverão no paraíso restaurado, celeste-terrestre. A revelação bíblica começa com o paraíso e termina com o paraíso. Também começa com a possibilidade de pecado e a queda, e termina com a glória e a impossibilidade de pecado. Não admira que Paulo, ao rever o plano de Deus para a criação, tenha exclamado: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus. [...] A ele, pois, a glória eternamente. Amém" (Rm 11.33-36).

Epílogo

Por fim, encontramos o epílogo de Apocalipse, no qual quatro coisas são destacadas: (a) promessas aos obedientes do presente (22.6,7); (b) o testemunho do autor sagrado (22.8-10); (c) a fixação eterna da atitude de cada indivíduo para com Cristo (22.11-15); e (d) saudações finais de Cristo e de sua noiva (22.16-21).

Esboço

I - PRÓLOGO 1.1-8
II - PRIMEIRA VISÃO 1.9—3.22
1) O Cristo na glória 1.9-16
2) Ordem para João escrever 1.17-20
3) As sete cartas às sete igrejas 2.1—3.22
III - SEGUNDA VISÃO (ÚLTIMA SEMANA DE DANIEL) 4.1—16.21
1) Majestade do ungido de Deus 4.1-11
2) O rolo com sete selos 5.1-14
3) Abertura de seis dos selos 6.1-17
4) Parênteses — tribos de Israel 7.1-8
5) Parênteses — mártires na glória 7.9-17
6) Desdobramento do sétimo selo nas trombetas 8.1
7) Soam seis trombetas 8.2—9.21
8) Parênteses — o livrinho 10.1-11
9) Parênteses — as duas testemunhas 11.1-14
10) Soa a sétima trombeta 11.15-19
11) Personagens e cenas diversas 12.1—14.20
a) A mulher e o dragão 12.1-18
b) A fera saída do mar 13.1-10
c) A fera saída da terra 13.11-18
d) O Cordeiro e seus remidos 14.1-5
e) Os três mensageiros e a voz celeste 14.6-13
f) A ceifa e a vindima 14.14-20
12) Apresentação das taças 15.1-8
13) Derramamento das taças 16.1-21
IV - TERCEIRA VISÃO 17.1—21.8
1) A meretriz religiosa 17.1-18
2) Queda de Babilônia (ângulo terrestre) 18.1-24
3) Queda de Babilônia (ângulo celeste) 19.1-3
4) Aleluias da vitória antecipada 19.4-10
5) Vitória de Cristo sobre as bestas 19.11-21
6) Prisão de Satanás — inauguração do milênio 20.1-6
7) Soltura e derrota de Satanás - fim do milênio 20.7-10
8) Julgamento final 20.11-15
9) Novos céus e nova terra 21.1-8
V - QUARTA VISÃO 21.9—22.5
1) Descrição da noiva do cordeiro 21.9-21
2) Os habitantes da nova Jerusalém 21.22—22.5
VI - EPÍLOGO 22.6-21
1) Promessas aos obedientes 22.6,7
2) Testemunho pessoal de João 22.8-10
3) Fixação eterna da escolha de cada um 22.11-15
4) Saudações finais de Cristo e sua noiva 22.16-21

Parte 4

Apêndices

Apêndice 1
Harmonia dos evangelhos

Cada um dos quatro evangelistas escreveu com base em um plano e propósito próprios. Uma harmonia dos evangelhos nos ajuda a entendê-los mediante um estudo comparativo.

Marcos escreveu o âmago da história dos atos de Jesus como o servo de Deus.

Mateus, tomando o esboço histórico de Marcos, recheou-o com "declarações" de Jesus, com o propósito de mostrar que ele é o prometido Rei-Messias, pois cumpriu profecias do Antigo Testamento.

Lucas pôs em melhor ordem cronológica os episódios da vida de Jesus, a fim de provar a sua grande tese: Jesus é o homem perfeito. Seu evangelho é o mais completo de todos como "biografia" de Jesus, porquanto entrou com material resultante investigações próprias.

João escreveu muito depois dos três primeiros, quando se fazia necessária uma apologia da divindade de Jesus. É o mais teológico evangelhos, não incluindo apenas material rigidamente histórico, segundo se vê no seu prólogo e em muitos dos discursos de Jesus, nos quais ele se autorrevela como o eterno Filho de Deus desde a eternidade. Com isso em foco, João selecionou alguns tantos episódios da vida de Jesus, salteados, sem muita preocupação cronológica.

Outra vantagem de uma harmonia é ver que o material dos quatro evangelhos pode ser organizado em torno dos acontecimentos entre cada festa da Páscoa que coincidiram com o ministério público de Jesus. Talvez não haja melhor recurso para acompanhar os passos do Senhor, ao longo dos cerca dos 3 anos e meio em que ele agiu e ensinou, até oferecer a sua vida como resgate por muitos.[1]

Acontecimentos	**Mateus**	**Marcos**	**Lucas**	**João**
FATOS PRELIMINARES				
O Verbo eterno encanado				1.1-14
Prefácio de Lucas			1.1-4	
Predição do nascimento de João Batista			1.5-25	
Anúncio do nascimento do Messias			1.26-28	
Maria visita Isabel			1.39-56	
Nascimento de João Batista			1.57-70	
Sonho de José sobre Maria	1.18-25			
NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS				
Genealogia real e natural de Jesus	1.1-17		3.23-38	
Nascimento de Jesus	1.18,25		2.1-7	1.1-14
Os anjos e os pastores			2.8-20	
Circuncisão de Jesus			2.21	
Apresentação de Jesus no templo			2.22-39	
Visita dos magos e Herodes, em Jerusalém	2.1-12			

[1] Essa "Harmonia dos evangelhos" está baseada, com algumas modificações, no estudo do final do verbete "Gospels, the Four", de Merril F. UNGER. *Unger's Bible Dictionary*. Chicago: Moody Press, 1960.

Consternação de Herodes	2.3-7			
Visita dos magos ao menino Jesus, em Belém	2.10-12			
Ciúmes e ressentimento de Herodes	2.7,8,16			
Fuga de José, Maria e Jesus para o Egito	2.13-15			
Massacre dos infantes de Belém	2.16-18			
José, Maria e Jesus voltam do Egito	2.19-22			
[Seguem-se cerca de 10 anos de silêncio]				
Jesus aos 12 anos, no Sinédrio			2.40-52	
[Seguem-se 18 anos de silêncio]				
Ministério de João Batista	3.1-12	1.3-8	3.1-18	
Início do ministério de Jesus	3.13-17	1.9-11	3.21-23	
Tentações de Jesus por Satanás	4.1-11	1.12-13	4.1-11	
Batista testifica sobre o Cordeiro de Deus				1.15-36
Dois discípulos de João seguem a Jesus				1.35-42
Filipe e Natanael seguem a Jesus				1.43-51
Primeiro sinal de Jesus, em Caná da Galileia				2.1-12
DA PRIMEIRA À SEGUNDA PÁSCOA				
Jesus expulsa os vendilhões do templo				2.13-22
Diálogo com Nicodemos				3.1-21
Segundo testemunho de João Batista sobre Jesus				1.15-34
Discípulos de Jesus batizam a outros				3.22
Antipas encarcera João Batista	14.3-5	6.17-20	3.19,20	
Então Jesus deixa a Judeia e vai para a Galileia	4.12	1.14,15	4.14,15	4.1-3
Diálogo com a mulher samaritana				4.4-42
Início do ministério de Jesus na Galileia	4.14	1.14,15	4.14,15	4.43-45
Sinal da cura do filho do nobre				4.46
DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA				
Jesus visita Jerusalém durante a Páscoa				5.1
Sinal da cura do homem com 38 anos				5.2-9
Conflito acerca do sábado				5.10-17
Jesus afirma igualdade com Deus				5.18-47
Jesus prova seu messiado em Nazaré	4.15-22			
Rejeitado em Nazaré, Jesus reside em Cafarnaum	4.13-15	4.23-31		
Jesus ensina e cura em Cafarnaum	4.17-25	1.21,22	4.31-32	
Chamado de Pedro, André, Tiago e João	4.18-22	1.16-22	5.1-11	
Cura do endemoninhado na sinagoga	1.22-28	4.33-37		
Cura da sogra de Pedro	8.14-17	1.29-34	4.38-41	
Primeiro circuito de Jesus com seus discípulos na Galileia	4.23-25	1.35-39	4.42-44	
Cura do leproso	8.2-4	1.40-45	5.12-16	
Voltando a Cafarnaum, Jesus cura o paralítico	9.2-8	2.1-12	5.17-26	
Chamado de Mateus e banquete em sua casa	9.9-13	2.13-17	5.27-32	
Conflito acerca do jejum	9.14-17	2.18-22	5.33-39	
Outro conflito acerca do sábado	12.1,8	2.23-28	6.1-5	
Sinal da cura do homem de mão ressequida	12.9-14	3.1-6	6.6-11	
Muitas curas à beira-mar	3.7-12			
Escolha dos doze apóstolos	10.1-42	3.13-19	6.12-19	
Jesus prega nos montes da Galileia	5, 6 e 7	4.21-25	6.20-49	
Cura do servo do centurião	8.5-13		7.1-10	

Ressurreição do filho da viúva de Naim			7.11-17	
Indagações de João Batista	11.2-6		7.18-23	
Jesus elogia João Batista	11.7-19		7.24-35	
Jesus repreende certas cidades incrédulas	11.20-30			
Unção dos pés de Jesus, na casa do fariseu			7.36-50	
Segundo circuito de pregação pela Galileia			8.1-3	
Voltando a Cafarnaum, Jesus cura o endemoninhado	12.22-37	3.22-30	11.14-26	
Familiares de Jesus	13.1-3	4.1-34	8.4-18	
Jesus acalma o tufão no lago	8.23-27	4.35-41	8.22-25	
Cura dos endemoninhados gadarenos	8.28-34	5.1-20	8.26-40	
Cruzando o lago, Jesus ressuscita a filha de Jairo	9.18-25	5.21-24	8.40,41	
Cura da mulher hemorrágica	9.20-22	5.25-34	8.43-48	
Segunda rejeição de Jesus em Nazaré	13.54-58	6.1-6	4.16-30	
Terceiro circuito de pregação na Galileia	9.35-38	6.6		
Envio dos doze com poderes miraculosos	10.1-42	6.7-13	9.1-6	
Antipas decapita João Batista	14.1-12	6.14-29	9.7-9	
Relatório dos doze, ao retornarem		6.30	9.10	
Multiplicação de pães para 5 mil homens	14.13-21	6.31-44	9.10-17	
Jesus caminha por sobre o mar, a noite	14.22-42	6.45-56		6.15-24
Após a multiplicação de pães, Jesus volta a Cafarnaum				6.22-71
DA TERCEIRA À QUARTA PÁSCOA				
Jesus adia sua ida a celebração da Páscoa				7.1-10
Muitas curas na planície de Genesaré	14.34-36	6.53,56		
Conflito acerca das lavagens cerimoniais	15.1-20	7.1-23		
Cura da mulher siro-fenícia	15.21-2	7.24-30		
Jesus volta através de Decápolis, com muitas curas	15.29-31			
Multiplicação de pães para 4 mil homens	15.32-38	8.1-9		
Jesus recruza o lago para Magdala	15.39	8.10		
Dali veleja para Betsaida-Júlias	16.1-4	8.13,22		
Cura gradual do cego		8.22-26		
Jesus vai às regiões de Cesareia de Filipe	16.13	8.27-30		
Opinião dos discípulos sobre Jesus	16.13-20	8.27-30		
Primeira predição da morte de Jesus	16.21	8.31	9.21,22	
Transfiguração de Jesus no monte	17.1-13	9.2-13	9.28-36	
Descendo do monte, cura um menino endemoninhado	17.14-21	9.14-29	9.37-43	
Segunda predição da morte e ressurreição de Jesus	17.22,23	9.30-32	9.44,45	
Prodígio da moeda na boca do peixe	17.24-27			
Quem seria o maior discípulo?	18.1-35	9.33-50	9.45-50	
FESTA DOS TABERNÁCULOS, SEIS MESES APÓS A PÁSCOA				
Em Jerusalém, Jesus ensina no templo				7.10
Jesus submete a consciência humana a teste				7.17
Debate popular acerca do ensino de Jesus				7.11-44
Nicodemos defende Jesus no Sinédrio				7.45-53
Episódio da mulher adúltera				8.1-11
Discurso sobre a luz do mundo				8.12-20
Jesus, o preexistente				8.42,56-59
Sinal da cura do cego de nascença				9.1-34
Discurso sobre o bom pastor				10.1-16

Jesus declara-se outra vez o Filho de Deus	26.63,64			9.35-41
Jesus deixa definitivamente a Galileia			9.51-56	
O preço do discipulado			9.51-56	
Envio dos setenta discípulos, aos pares			10.1-16	
Os discípulos voltam com alegria			10.17-20	
Parábola do bom samaritano			10.25-27	
Marta e Maria, de Betânia			10.38-42	
Jesus acusado de pacto com Belzebu			11.14-26	
Admoestação aos discípulos sobre os fariseus			12.1-3	
Perigos e deveres do discipulado cristão			12.3-53	
Jesus não veio para ser partilhador			12.13-21	
Conselhos, parábolas diversas e predições			12.21-59	
Cura da mulher com um espírito de enfermidade			13.10-17	
Cristo na festa da Dedicação				10.22-29
Judeus tentam apedrejar a Jesus				10.31-38
Jesus escapa e retira-se para a Pereia				10.39-42
Jesus volta a Betânia para ressuscitar Lázaro				11.1-16
Jesus compara Antipas a uma raposa			13.31,32	
Cura do homem hidrópico			14.1-6	
Parábola do grande banquete			14.7-24	
Perigos do discipulado cristão			14.25-35	
Três parábolas: ovelha, moeda e filho perdidos			15.3-32	
Parábola do mordomo infiel			16.1-15	
Termina a lei, começa o Novo Testamento			16.16-18	
Ensino sobre o rico e Lázaro			16.19-31	
Grande sinal da ressurreição de Lázaro				11.17-46
Conspiração do Sinédrio contra Jesus				11.47-53
Deixando Jerusalém, Jesus vai para Efraim				11.54
ÚLTIMA VIAGEM A JERUSALÉM, ATRAVÉS DE SAMARIA				
Cura de dez leprosos na fronteira de Samaria			17.11-19	
Parábola da viúva importuna			18.1-8	
Parábola do fariseu e do publicano			18.9-14	
Jesus vai a Jerusalém através da Pereia	19.1,2	10.1		
A questão sobre o divórcio	19.3-12	10.2-12	16.18	
Jesus abençoa as criancinhas	19.13-15	10.13-16	18.15-17	
O jovem rico e o discipulado cristão	19.16-30	10.17-31	18.18-31	
Galardões dos trabalhadores na vinha	20.1-16			
Terceira predição da morte de Jesus	20.17-19	10.32-34	18.31-34	
Pedido especial de Tiago e João	20.20-28	10.35-45		
Cura de Bartimeu e de outro cego	20.29-34	10.46-52	18.25,19	
Conversão de Zaqueu			19.2-10	
Parábola das dez minas			19.11-28	
ÚLTIMO SÁBADO DA VIDA TERRENA DE JESUS				
Unção de Jesus, em Betânia	26.6-13	14.3-9		12.1-8
Judeus procuram a vida de Jesus, em Jerusalém				11.55-57
Muitos vão a Betânia para verem Jesus e Lázaro				12.9-11
ÚLTIMA SEMANA DA PÁSCOA				

DOMINGO

Entrada triunfal de Jesus em Jerusalém	21.1-11	11.1-11	19.29-40	12.12-19
Jesus chora diante de Jerusalém			19.41-44	
Jesus inspeciona o templo de Jerusalém		11.11		
Jesus retira-se para Betânia, a noite		11.19		

TERÇA-FEIRA

Voltando, explica a lição da figueira amaldiçoada	21.20-22	11.20-26		
Perdoar para ser perdoado		11.25,26		
Devemos ter confiança em Deus	21.21,22	11.22-24		
Jesus ensinava diariamente no templo			19.47	
O Sinédrio desafia a autoridade de Jesus	21.23-27	11.27-33	20.1-18	
Resposta de Jesus: parábola da vinha	21.28-32	12.1-16		
Membros do Sinédrio tentam prender Jesus	21.43	12.12	19.47,48	
Parábola do rei, de seu filho e da vinha	22.33-41	12.1-12	20.9-19	
Herodianos e fariseus tentam confundir Jesus	22.15-22	12.13-17		20.19-26
Saduceus zombam da ressurreição	22.23-33	12.18-27	20.27-40	
Jesus e o grande mandamento	22.35-40	12.28-34		
Jesus é o Senhor (Javé) de Davi	22.41-46	12.35-37	20.41-44	
Ais acerca dos escribas e fariseus	23.1-36	12.38-40	20.45-47	
Predição de Jesus acerca de Jerusalém	23.37-39	13.34,35		
A oferta da viúva pobre		12.41-44	21.1-4	
Gentios procuram veja a Jesus				12.20-22
A voz do Pai é ouvida saindo do céu				12.27-30
Predição sobre a parúsia, no monte das Oliveiras	24.1-42	13	21.5-37	
Parábola do servo bom e do servo mau	24.44-48		12.44-48	
Parábolas das dez virgens e dos talentos	25.1-30			
Julgamento das nações	25.31-46			
Judas Iscariotes atraiçoa a Jesus	26.1-16	14.1-11	22.1-6	

Membros do Sinédrio creem em Jesus	12.42			

SILÊNCIO QUANTO À QUARTA-FEIRA

QUINTA-FEIRA

Preparação da refeição pascal	26.17-29	14.12-16	22.7-13	
Jesus toma a Páscoa ao pôr-do-sol	26.20-35	14.17-31	22.14-23	
Discípulos contendem sobre qual seria o maior deles	22.24-30			
Jesus lava os pés de seus discípulos				13.1-20
Instituição da ceia do Senhor	26.26-29	14.22-25	22.15-20	
Jesus prediz e aponta seu traidor	26.20-25	14.17-21	22.21-23	13.21-29

Judas Iscariotes retira-se da ceia				13.27-30
Jesus prediz a dispersão dos discípulos	26.31-35	14.27-31	22.31-38	13.36-38
Palavras de despedida de Jesus aos discípulos				16.1-33
Agonia de Jesus no horto do Getsêmani	26.30-46	14.26-42	22.39-46	18.1
Judas identifica a Jesus e o entrega	26.47-56	14.42-46	22.47-51	18.2-9
Pedro decepa uma orelha de Malco	26.51-56	14.47-50	22.49-53	18.10,11
SEXTA-FEIRA				
Jesus diante de Anás e depois de Caifás	26.59-68	14.53,54	22.54	18.13,24
Pedro nega a Jesus por três vezes	26.69-75	14.66-72	22.54-62	18.25-28
Jesus afirma ser o Messias (ungido de Deus)	26.59-68	14.55-65	22.63-71	18.19,24
Jesus perante Pilatos	27.1-14	15.1-5	23.1-5	18.28-38
Pilatos envia Jesus a Antipas			23.6-12	
Soldados de Antipas zombam de Jesus	27.27-37	15.16-20		
Pilatos inocenta a Jesus	27.15-26	15.6-15	23.13-25	18.39,40
				19.1-16
Mordido pelo remorso, Judas devolve as moedas	27.3-10			
Jesus carrega sua cruz, aliviado por Simão	27.31-33	15.21	23.26	19.16,17
PARTICULARIDADES DA CRUCIFICAÇÃO				
Jesus foi crucificado no lugar chamado Gólgota	27.33	15.22	23.33	18.17,18
Jesus foi crucificado entre dois malfeitores	27.38	15.27	23.32,33	19.18
Houve três horas de trevas sobrenaturais	27.45	15.33	23.44,45	
Os soldados dividem as vestes de Jesus	27.35	15.24	23.34	19.23,24
Escárnios dos inimigos de Jesus	27.39-44	15.29-32	23.35-43	
Simpatia manifestada pelos amigos de Jesus	27.36-56	15.40,41	23.47-49	19.25-27
Rasga-se ao meio a pesada cortina do templo	27.51	15.38	23.45	
Partem-se rochas com um terremoto	27.51			
Certos santos de Deus ressuscitam	27.52,53			
SETE DECLARAÇÕES DE JESUS NA CRUZ				

Oração por seus algozes			23.34	
Promessa ao malfeitor penitente			23.42,43	
Jesus deixa Maria aos cuidados de João				19.26,27
Jesus expressa sua sede	27.4	15.36		19.28-30
O grito de desamparo	27.46	15.34-37	23.46	
A expiação estava completa				19.30
Jesus recomenda seu Espírito ao pai e expira	27.50	15.37	23.46	
MAIS PARTICULARIDADES DA CRUCIFICAÇÃO				
Como os soldados trataram o corpo morto de Jesus				19.31-37
Oficial militar reconhece Jesus como o"Filho de Deus"	27.54			
Como os amigos de Jesus trataram de seu corpo	27.57-61	15.42-47	23.50-56	19.38-42
SÁBADO				
Soldados guardam o corpo sepultado de Jesus	27.62-66			
DA RESSURREIÇÃO A ASCENSÃO DE JESUS				
[APARIÇÕES DO PRIMEIRO DIA]				
Cedo de manhã as mulheres encontram o sepulcro vazio	28.1,2	16.1-6	24.1-8	20.1
Maria Madalena da notícia a Pedro e João	20.2			
Outras mulheres ficam no sepulcro e veem anjos	28.2,7	16.5-7	24.4-8	
Pedro e João correm até ao sepulcro vazio	24.12			20.3-10
Primeira aparição de Jesus: a Maria Madalena		16.9		20.11-17
Segunda aparição: a Maria, Salomé e Joana	28.8-10	16.8	24.9,10	
Guardas anunciam aos sacerdotes a ocorrência	28.11			
Guardas subornados espalham notícia falsa	28.12-15			
Terceira aparição: a Pedro	24.34			
Quarta aparição: a dois discípulos, em Emaús		16.12,13	24.13-35	
Quinta aparição: a dez discípulos(Tomé ausente)		16.14	24.36-49	20.19-23
[APARIÇÕES POSTERIORES]				
Sexta aparição: a onze discípulos(Tome presente)				20.24-29
Sétima aparição: a onze discípulos, na Galileia	28.16-20	16.15-18		

Oitava aparição: a sete discípulos que pescavam		21.1-24
Nona aparição: a quinhentos irmãos, na Galileia (veja 1Co 15.6)	28.16	
Décima aparição: a Tiago, irmão de Jesus (veja 1Co 15.7)		
Décima primeira aparição: a Estevão (veja At 7.56)		
A Saulo de Tarso (veja 1Co 15.8)		
A João, na ilha de Patmos (veja Ap 1.5-18)		

Apêndice 2
A vida de Paulo

Em Gálatas 1.15, Paulo declarou que foi separado "antes de [...] nascer" e que foi chamado pela "graça" de Deus. Essa declaração mostra que ele foi predestinado por Deus, como foram Abraão, Moisés, Davi, Jeremias e tantos outros.

Dois fatos essenciais podem ser desdobrados a partir desse trecho bíblico: (a) Paulo foi escolhido por Deus para um grande e poderoso ministério; e (b) ele foi chamado para realizar uma obra frutífera, cheia de vida e de vitórias.

James Stalker afirma: "Paulo foi um homem reclamado pela época".[1] Ele foi preparado, pela misericórdia de Deus, para uma conjuntura especial. A velha dispensação, com figuras como Moisés e Elias (veja Mt 17.3-8), havia cessado em Jesus; e agora havia sido inaugurada a nova aliança, consumada no calvário. Paulo, fiel intérprete de Cristo e de sua obra santa e perfeita, deixou-nos em suas treze epístolas o suprassumo da doutrina que Jesus viera ensinar.

Ele soube mostrar como ninguém as relações entre a lei mosaica e a graça de Cristo, pondo ao alcance de todos o fragrante perfume de Cristo, as realidades eternas do cristianismo.

Mas, se Paulo tem sido apelidado de "o intérprete de Cristo", a crítica negativista tem ousado afirmar que Paulo foi "o inventor" do cristianismo. A ideia desses críticos é que Paulo extrapolou o que Jesus ensinou, chegando aonde o divino Mestre nunca quis chegar. Na verdade, o que Paulo fez foi imortalizar as definições dos temas fundamentais da teologia cristã. Aliás, nisso Paulo não esteve sozinho. Os outros apóstolos escritores também contribuíram para o quadro, embora não tão decisivamente.

Em seu ministério terreno, Jesus não ensinou toda a doutrina cristã, ou seja, não a levou às suas últimas consequências lógicas. Ao ensinar o lava-pés, ante o protesto de Simão Pedro, que achava que Jesus não lhe devia lavar os pés, o Senhor disse: "O que eu faço não o sabes agora, compreendê-lo-ás depois" (Jo 13.7). Mediante a iluminação do Espírito, os apóstolos puderam penetrar nas profundezas da doutrina de Cristo. Todavia, todos os ensinamentos apostólicos germinaram das instruções dadas pelo Senhor quando ainda na terra. Jesus expôs o botão; os apóstolos, a inflorescência.

Traços biográficos de Paulo

Nome

[1] STALKER, James. *O apóstolo São Paulo*, p. 7. São Paulo: Imprensa Metodista, 1921.

Saulo vem do hebraico *Shaul* = "implorado". No mundo grego passou a chamar-se Paulo = "pequeno". Esse último nome lhe é dado a partir de Atos 13.9. Era da tribo de Benjamim, à qual também pertencia a Saul, o primeiro rei de Israel (Fp 3.5; Rm 11.1). Vinha dos judeus da dispersão (At 22.3). Fariseu de três gerações (At 23.6).

Terra natal

Tarso era sua terra natal (At 11.11,30). Essa era uma importante cidade às margens do rio Cidno, próxima ao mar. A cidade fora muito helenizada pelos selêucidas. Sob Trajano veio a ser a capital da Cilícia, uma província romana. Paulo fez questão de dizer que era uma cidade de renome (At 21.39). William Ramsay ligou Tarso a Társis, de Gênesis 10.4.[2]O desfiladeiro que cruza os montes Taurus dista 50 km de Tarso. Era uma cidade populosa, com cerca de 500 mil habitantes nos dias de Paulo. Tarso era uma notável cidade universitária. Estrabão, contemporâneo de Paulo, disse que havia em Tarso tanto apego às disciplinas filosóficas e às chamadas "encíclicas" que ela superava as escolas filosóficas de Atenas, de Alexandria e de qualquer outra parte do mundo. Foi nessa grande cidade, nesse importante centro, que nasceu o "campeão da liberdade cristã".[3]

Seus pais

Apesar de não conhecermos o nome dos progenitores de Paulo, sabemos que seu pai era judeu restrito, pois Paulo foi "instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados" (At 22.3). O pai de Paulo não era helenista, não estando afeito à cultura grega. William Ramsay assinala a existência de uma colônia judaica em Tarso, desde 171 a.C. Um pequeno número de judeus conseguiu o título de "cidadão romano" em Tarso.[4] Os que o conseguiam, faziam-no por se terem arrolado em "alguma das tribos de Israel", a fim de os romanos poderem controlar os cultos na sinagoga. Os judeus de Tarso desfrutavam de grande prestígio. Quanto à mãe de Paulo, a Bíblia silencia a respeito.

Parentes

O trecho de Atos 23.16 registra, sem mencionar nomes, a irmã de Paulo e um sobrinho. Romanos 16.7 registra os nomes de Andrônico e Júnias, parentes de Paulo, mas sem precisar o grau. Em Romanos 16.11 é mencionado outro parente do apóstolo, Herodião.

Membro do Sinédrio

Mediante Filipenses 3.4-6 sabemos que Paulo desempenhou cargos importantes no cenário de Jerusalém, incluindo até uma cátedra no Sinédrio, pois lemos em Atos 26.10 que Paulo dava o seu "voto" contra os cristãos, o que os condenava à morte. Três condições eram necessárias para alguém fazer parte do Sinédrio: não ter menos de 30 anos de idade; ser casado e ser doutor. Paulo deve ter enviuvado antes da conversão.

Nacionalidade

Um judeu, onde quer que nasça, será sempre um judeu. Paulo nasceu em Tarso, mas era judeu. Ele mesmo se classifica assim: judeu (At 22.3), israelita (Rm 9.3,4; 11.1; 2Co 11.22) e hebreu de hebreus (Fp 3.5; 2Co 11.22).

---

[2] RAMSAY, William. *The Cities of Saul*, p.116.

[3] Veja TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 446-450.

[4] RAMSAY, William. *The Cities of Saul*, p.169.

Fariseu

O apóstolo Paulo pertencera à mais rígida seita do judaísmo, apegada à lei e às antigas tradições. Os fariseus eram espiritualistas, contrastando com os saduceus materialistas, que também formavam a elite aristocrática. Na época havia duas principais escolas farisaicas: a de Shamai, mais radical, e a de Hilel, mais liberal. Hilel foi avô de Gamaliel, a cujos pés Paulo foi instruído. Hilel provinha da classe média baixa e laboriosa. Mas tanto Shamai quanto Hilel eram observantes convictos da guarda da lei, com seu minucioso ritualismo.

Educação

Esta obedeceu a dois estágios: (a) durante a infância, ministrada em casa, pela mãe e pelo rabino, segundo se lê em Deuteronômio 6.4-6 e 11.19-21; a mãe de um menino tinha a responsabilidade de ensinar-lhe "as sagradas letras" (2Tm 3.15); (b) após esse estágio vinha a "universidade", em que havia dois cursos básicos, sistema que continuou vigorando durante a Idade Média: o *trivium* (gramática, retórica e lógica) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). A julgar pelos escritos de Paulo podemos supor que ele estudou o *trivium*. Paulo deve ter brilhado como estudante. Não estaria ele entre os expoentes do saber, mencionados em Atos 6.9? Entre eles estavam os da Cilícia, de onde Paulo era natural.

O *Dicionário enciclopédico da Bíblia* adianta: "Pode-se duvidar, por causa de sua educação farisaica, se Paulo frequentou uma das numerosas escolas gregas desse importante centro cultural. De outro lado, isso parece provável, por causa do vasto conhecimento da língua grega e das noções e do método da diatribe, que suas epístolas apresentam".[5] Ele até cita alguns autores gregos (em At 17.28, cita Epimênides ou Cleantes na primeira cláusula e Arato na segunda; em 1Co 15.33, Menandro; em Tito 1.12, Epimênides).[6]

Terminada a faculdade, Paulo ingressou no seminário teológico. Estudou com Gamaliel, conceituado mestre (At 5.34; 22.3; 26.4). Ali, aprofundou-se na interpretação da lei, para ser irrepreensível na justiça (Fp 3.6), e tornou-se zeloso na guarda dos mandamentos (At. 8.3; 9.1,2; 22.3; 26.9; Gl 1.14; Fp 3.6). Com tal bagagem, tornou-se um fanático intolerante, galgando posições dentro do sistema religioso de sua gente, até tornar-se "douto", na teoria e na prática.

Ofício

Entre os judeus, a par com sua formação cultural, ensinava-se também algum ofício, de natureza manual. Paulo aprendeu a fabricar tendas (At 18.3). Essa profissão lhe garantiu o alimento, sobrando-lhe para sustentar até os companheiros, durante sua penosa carreira missionária (At 20.34; 1Co 9.12; 1Ts 2.9; 2Ts 3.8). "Assim estamos diante do gigante do saber, o mestre das três culturas: a hebraica, a grega e a latina", disse A. T. Robertson.[7] O homem Saulo estava preparado, pela providência divina, para sua grande missão: tremular o pavilhão de Cristo em três continentes.

Feroz perseguidor

Por meio de Atos 5.33-42 chegamos a pensar que Gamaliel se convertera a Cristo. Longe disso, o ímpeto perseguidor de Saulo era alimentado pelas lições de seu mestre.

---

[5] *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 1.135.

[6] Veja também ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p.32.

[7] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p.33.

Gamaliel não fazia parte do Sinédrio quando Estevão foi martirizado? Por que não o defendeu? Porque não havia a graça do novo nascimento em seu coração.

Testificou Paulo: "Encerrei muitos dos santos nas prisões; e, contra estes dava o meu voto, quando os matavam" (At 26.10). E prossegue a ex-fera de Tarso: "Persegui este caminho até a morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres" (At 22.4). Temos aí um autorretrato de Saulo. Muitos anos depois, Paulo continuava lembrando o seu passado, sem poder perdoar a si mesmo "[...] eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado de apóstolo, pois persegui a igreja de Deus" (1Co 15.9). E também: "[...] a mim que noutro tempo era blasfemo e perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade" (1Tm 1.13).

Saulo tinha espírito intolerante e perseguidor, mas isso porque desconhecia a graça transformadora de Deus. Sua esperança residia no farisaísmo. Gamaliel dizia que o Messias seria um fariseu. Mas o Jesus pregado pelo "Caminho" não fora morto na cruz por ter protestado contra o ensino dos fariseus? Estevão estava sendo executado por teimar em repetir ensinos de Jesus: (a) o templo será destruído (At 6.14); (b) Deus não habita em templos de construção humana (At 7.48); (c) os antepassados dos fariseus mataram os profetas (At 7.52a); (d) os membros do Sinédrio eram traidores e homicidas (At 7.52b); (e) os fariseus eram transgressores da lei (At 7.53). Para os judeus incrédulos, Estevão deveria ser algum desvairado. Assim, rilhando os dentes de fúria, eles taparam os ouvidos, gritaram e arremeteram "unânimes" (Gamaliel no meio da turba) contra ele. Saulo não atirou uma pedra sequer contra Estevão. Mas foi o autor intelectual do crime coletivo. A Bíblia diz que "as testemunhas deixaram suas vestes aos pés de [...] Saulo" (At 7.58), e que, quando apedrejavam a Estevão, Saulo "consentia na sua morte" (At 8.1). Comentando o verbo "consentir", do grego *suneudokéo*, em Atos 8.1, A. T Robertson esclarece: "Na sua forma simples, é a mesma palavra usada para o agrado do Pai com relação ao Filho (Mt 3.17)".[8] Logo, Saulo participou do linchamento de Estevão com agrado íntimo, no coração.

Carrasco do Sinédrio

O instinto assassino de Paulo contagiou os judeus de Jerusalém. "Naquele dia levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém" (At 8.1). E o restante desse versículo mostra que todos os judeus cristãos, com exceção única dos apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria. "Saulo porém assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere" (At 8.3). Não é difícil imaginar o rancoroso jovem Saulo arrancar as pessoas de suas casas, com a ajuda dos soldados do sumo sacerdote, a fim de encarcerá-las. E, quando a tarefa de limpar Jerusalém de judeus cristãos terminara, ao ouvir que em Damasco havia judeus cristãos, em seu zelo farisaico, Saulo continuava respirando "ameaças e morte contra os discípulos do Senhor" (At 9.1). Partiu então para Damasco, ampliando assim o alcance de sua perseguição. Os sumos sacerdotes podiam interferir em outros países, no caso de judeus que cometessem algum "crime religioso". Autorizado pelo sumo sacerdote e com o coração cheio de ódio, Saulo parte, disposto a erradicar o "nome de Cristo" que ameaçava o futuro do farisaísmo. Para tanto, não importavam os meios usados. Saulo era agora o carrasco oficial do Sinédrio.

Fanático

O ardor fanático de Saulo contra os judeus cristãos tornou-se incontrolável. O trecho de Atos 26.9-12 é o testemunho pessoal de Paulo a respeito. No entanto, ao converter-se, Paulo recordou seus crimes com vergonha e tristeza.

---

[8] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p.38.

Cai o altaneiro cedro

O maior e mais erudito fariseu de todos os tempos terminou caído aos pés do Nazareno. Foi notável, em todos os sentidos, o encontro do "boi recalcitrante" com o "Dono de todas as coisas". Saulo respirando ódio; Jesus com amor. Saulo com as mãos manchadas de sangue; Jesus com pureza. Saulo com cartas de autorização; Jesus com o poder da cruz. Saulo em nome dos homens; Jesus na autoridade do Pai. Saulo perseguindo; Jesus perseguido. Saulo paladino de homens; Jesus com a vitória celeste. Saulo matando; Jesus salvando. Saulo destruindo; Jesus edificando. Saulo dentro do tempo; Jesus desde a eternidade. Saulo, o assassino; Jesus, o Doador da vida.

Em Atos 9.1 destaca-se o termo "respirando". Esse é o símbolo da continuação da vida biológica. Em Saulo tudo era ódio, intolerância e destruição da vida. Ele via somente judeus traindo e abandonando o templo, os costumes judaicos, as tradições dos antepassados, engrossando as fileiras cristãs.

Quem era Jesus Cristo na opinião de Saulo de Tarso? Um impostor, um profeta falso, um traidor que ousou desafiar os fariseus em seu reduto de zelo pela lei e pelas tradições dos anciãos. Fiel à causa judaica, Saulo concluía que os seguidores do "falso mestre" mereciam a morte. Matá-los, exterminá-los, esse era seu dever. Então, partiu para Damasco.

Entre Jerusalém e Damasco havia três estradas: a do litoral, a do centro e a do leste. Provavelmente Saulo tomou esta última, a mais curta. Um estirão de mais de três dias de viagem a cavalo. Acompanhavam-no soldados judeus. Nesses três dias, passando por lugares ermos, Saulo teve tempo de meditar sobre os últimos acontecimentos em Jerusalém. Na sua mente travava-se renhida batalha. O "aguilhão" de Deus impelia-o em certa direção, mas ele recalcitrava, teimando em seguir na direção oposta. Ele deve ter pensado: *Por que esses seguidores do Caminho preferem morrer a negar a Jesus? Estou mesmo do lado certo? A Lei não me tem garantido a paz. E se os do Caminho estiverem com a razão, qual será meu fim? Estevão, fiel a Jesus até a morte, disse que estava vendo Jesus. Nunca vi alguém morrer como ele, com tanta paz e com tanto amor. Estarei errado e os cristãos certos?* Com tais pensamentos, esporeou o cavalo. A morte de Estevão deixara em Saulo marcas profundas. O aguilhão de Deus o feria. O Senhor Jesus estava atuando sobre o coração do mais famoso dos fariseus.

Por fim, Saulo encontrou-se com Jesus. Onde foi o encontro? Perto de Damasco (At 9.3; 22.6). Saulo sem dúvida estava exausto, mas diante da cidade recobrou ânimo, pois ali se lhe oferecia maravilhosa oportunidade de confirmar sua fidelidade ao Deus de seus pais. Ele deve ter pensado: *Mãos à obra, Saulo. Vamos acabar com esses cristãos*. Mas o encontro com o Senhor o aguarda. A hora ocorreu o encontro? Ao meio-dia (At. 22.6; 26.10). Nessa hora o sol brilhava ao máximo, para que Saulo não tivesse dúvidas acerca da luz "mais brilhante" que o deixou cego por alguns dias. Como foi o encontro? Os três relatos de Saulo sobre o encontro com Jesus concordam que o Senhor se dirigiu a ele com estas palavras: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9.4; 22.7; 26.14). Esta última passagem esclarece que Jesus falou "em língua hebraica". Há pormenores, nesses relatos, que merecem destaque:

1. Os três relatos concordam em que Paulo "caiu por terra". E o último desses, em Atos 26.14, adianta que tanto Paulo quanto seus companheiros caíram por terra.
2. Atos 9.7 e 22.9 dizem que os companheiros de Paulo "ouviram" a voz que falara com ele.
3. Atos 9.7 e 22.9 afirmam que todos "viram a luz".
4. A. T. Robertson afirma: "Há dificuldades nos detalhes das narrativas de Atos, porém não são fundamentais, e é possível explicá-las, como no caso dos homens que 'pararam emudecidos' (At 9.7) e 'caindo todos nós por terra' (At 26.14). Possivelmente referem-se às duas fases do acontecimento, mas não o sabemos. Na aparente contradição entre o

'ouvindo na verdade a voz' (*akuontes tês fonês*, em At 9.7) e 'não entenderam a voz' (*tên fonên ouk êkousan*, em At 22.9), a diferença no caso (ouvindo o som, com o caso genitivo, e compreendendo o sentido, com o caso acusativo, isto é, ouvindo mas não entendendo, está em harmonia com o uso do antigo grego".[9]

5. Em Atos 26.13 Paulo afirma o seguinte: "vi uma luz no céu", mas em Atos 26.16 temos: "por isso te apareci", que é mais enfático. O verbo *oráo* ("aparecer") é o mesmo de 1Coríntios 15.6, usado para garantir a aparição de Jesus após a ressurreição. Lucas 24.34 usa o mesmo termo acerca do aparecimento de Jesus. Em 1Coríntios 9.1, Paulo afirma taxativamente: "vi a Jesus".
6. Travou-se animado diálogo entre Jesus e Saulo. Primeiro, Jesus falou-lhe mediante o sentido da visão. Ao meio-dia raiou uma luz mais ofuscante que a do sol. Essa luz foi o próprio Jesus, em sua presença gloriosa. A luz reduziu a nada o orgulho, a ira, a prepotência, a cultura, a posição social, a bagagem doutrinária do fariseu Saulo. Ele só se disporia a ouvir ao Senhor se primeiro fosse posto a revolver-se no pó da estrada. Jesus disse a Saulo: "Saulo, Saulo, por que me persegues?". O pronome oblíquo "me" mostra que Paulo se dispunha a perseguir, se possível, ao próprio Senhor Jesus. Reconhecendo intuitivamente a autoridade de quem falava, Saulo indagou: "Quem és tu, Senhor?" Atos 22.10 diz que Saulo acrescentou: "Que farei, Senhor?" E Jesus deu a primeira ordem ao seu novo servo: "Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer".
7. Saulo estava caído por terra, regenerado, transformado, eternamente salvo. Naqueles instantes, Saulo passara pela profunda experiência mística a que, mais tarde, aludiu em 2Coríntios 5.17.
8. Por que Saulo ficou cego por três dias (At 9.9)? Ora, quem pode suportar a presença gloriosa de Jesus? Moisés, no Sinai, não pôde vê-lo; nem os três apóstolos por ocasião da transfiguração do Senhor. O apóstolo João (Ap 1.17), diante da glória de Jesus, caiu por terra. E Saulo, pelo espaço de três dias, além de ficar sem comer, ficou sem visão. Nada via desta terra. Via somente a Jesus.

Saulo em Damasco

O ex-fariseu foi guiado pela mão, até ao interior de Damasco, por homens insignificantes (At 22.11). Se Saulo tornou a montar no corcel, guiaram o cavalo. Mas, se haviam planejado entrar na cidade em espalhafato, tudo mudou. Em lugar de clamores, silêncio; em lugar de ódio, calma; em lugar de prepotência, humilhação; em lugar de vitória, derrota; em lugar de perseguição, tranquilidade para os campeões da cruz.

James Stalker faz uma observação interessante:

> Antes de chegar Saulo a Damasco, chegaram as notícias; e o pequeno rebanho de Cristo, em oração, rogava que, se possível, o lobo que avançava para fazer depredações, fosse obstado em seus passos. Entretanto, mais e mais perto ele estanciava. Estava na derradeira estada da jornada; e ao ver o lugar onde se encerravam suas vítimas, o apetite se lhe aguça para a presa. Mas o bom pastor ouvira os tremendos brados do rebanho e saia a enfrentar por eles o inimigo.[10]

O lobo foi contido devido à transformação nele operada pelo Espírito do Senhor. Apagaram-se as chamas perseguidoras. Talvez seus companheiros de viagem o tenham conduzido a uma rua chamada Direita, onde residia certo Judas (At 9.11). Até hoje, em Damasco, há uma rua chamada Darb Al-Justaquim, "rua Direita", ou então Suq Al-

---

[9] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 50.

[10] STALKER, James. *O apóstolo São Paulo*, p. 45.

Tawileh, "rua Longa". Tal rua não é importante. Mas quem seria o tal Judas? Seria um judeu da equipe de Saulo? Seria um cristão? Pena que Lucas não deixou nenhuma pista a seu respeito. Mas assim pareceu bem ao Santo Espírito de Deus.

Durante três dias (At 9.9), Saulo ficou sem ver, sem comer, sem tomar água. Mas se dedicou à oração. Assim ele continuou o diálogo com Jesus, iniciado à entrada da cidade. Saulo, externamente cego, mas iluminado espiritualmente, valeu-se do ensejo para se recompor e pôr as coisas no lugar. E os companheiros de Saulo? Devem ter regressado a Jerusalém, levando novas sombrias para os membros do Sinédrio. Mas voltaram sem Saulo.

Ananias é comissionado

Ananias é a forma grega do nome hebraico *Ananiah*, "Javé tem sido gracioso". Ananias era um homem "piedoso conforme a lei", alguém que "tinha bom testemunho de todos os judeus de Damasco" (At 22.12). Ele é chamado de "discípulo" (At 9.10). Em uma visão, Jesus manteve diálogo com seu servo, um judeu convertido, quase certamente um pastor.

Chamando-o pelo nome, Jesus ordenou a Ananias: "Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso". E um detalhe impressiona: "Ele está orando" (At 9.11). Assim, tivera início sua vida de oração. Saulo havia trocado a febricitante atividade de campeão do farisaísmo pela vida doce e piedosa de oração. Seu espírito, desprendido da terra, elevava-se ao céu. Em silêncio com os homens, mas em conversa com Jesus.

O Espírito de Deus dera a Saulo, momentos antes, uma visão. Nessa visão Saulo vira a Ananias (talvez um daqueles a quem viera perseguir em Damasco), que lhe impunha as mãos a fim de recobrar a visão. Mas Ananias hesitou por alguns instantes, motivado pelo receio. Como uma frágil ovelha poderia confrontar o leão faminto? E ante o esclarecimento dado por Jesus — "este é para mim um instrumento escolhido" (v. 15) —, Ananias tranquiliza-se e obedece. Ele tratou Saulo como "irmão", irmão em Cristo. As desigualdades haviam sido aplainadas. Agora, Ananias e Saulo eram irmãos em Cristo.

Ananias então indicou a sua comissão: "o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho" (At 9.17). Então Ananias impôs as mãos sobre Saulo e na "mesma hora" Saulo recobrou a vista e olhou para Ananias, como o próprio Paulo testificaria muitos anos mais tarde (At 22.13). Saulo então foi cheio do Espírito Santo (At 9.17). A. T. Robertson esclarece: "Saulo não somente se convertera, mas também recebera o Espírito Santo antes do batismo".[11] De fato, foi assim, pois não existe crente que não tenha o Espírito Santo (veja 1Co 3.16). Mas mediante a imposição das mãos de Ananias, Saulo recebeu o batismo no Espírito Santo, tal como sucedeu a Cornélio e a seus familiares (veja At 10.44; 11.15,16). Em seguida, Saulo alimentou-se e fortaleceu-se. Ananias também batizou Saulo em água, o qual deu assim um magnífico exemplo de obediência. Saulo não discutiu com Ananias, mas se submeteu ao mandamento de Jesus. Ananias, por sua vez, entregou a Saulo a mensagem de Jesus, revelando-lhe o trabalho que deveria realizar no reino de Deus: "O Deus de nossos pais de antemão lhe escolheu" (At 22.14). Isso combina com Gálatas 1.15. Saulo era um homem predestinado pelo Senhor, escolhido para conhecer a "vontade" de Deus, "ver o justo e ouvir uma voz da sua própria boca" (At 22.14). Saulo seria uma testemunha de Jesus das coisas que viu e ouviu (At 22.15). A missão da qual Saulo foi encarregado pelo Senhor, por meio de Ananias, incluía os gentios (At 9.15), bem como reis e os filhos de Israel.

---

[11] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 61.

Saulo prega em Damasco

Recuperando-se, Saulo ficou alguns dias com os discípulos de Damasco (At 9.19). Podemos imaginar o receio daqueles irmãos por terem de conviver com Saulo. Ele deve ter aprendido muito daqueles irmãos humildes, mas experientes na caminhada cristã. Todavia, logo Saulo saltou por cima dos muros da congregação cristã e foi anunciar Cristo nas sinagogas (At 9.21). Ele confundia aos judeus, afirmando se Jesus era o Messias prometido. Os judeus admiravam-se bastante da reviravolta na vida de Saulo, comentando: "Não é este o que exterminava em Jerusalém aos que invocavam o nome de Jesus, e para aqui veio precisamente com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes?" (At 9.21).

Saulo na Arábia

Após alguns dias em Damasco, Saulo partiu para a Arábia (veja Gl 1.17). Ora, a Arábia abrange mais de 3 milhões de km^2. William Ramsay opinava que Saulo foi para alguma região a leste de Damasco. Mas outros, por analogia com o quarto capítulo de Gálatas, sugerem o Sinai. Saulo passou 3 anos, talvez incompletos, nessa região. Que teria feito ele durante esses anos de obscuridade? Trabalhou com as próprias mãos, para sustentar-se. Mas foi ali que o Espírito de Cristo, com o infinito vagar, preparou seu mensageiro escolhido para desbravar o mundo com o evangelho. Cumpria-lhe rever todo o curso da verdade revelada no Antigo Testamento, à luz da nova revelação. É possível que as gloriosas verdades mencionadas por ele em 2Coríntios 12 tivessem sido vivenciadas durante sua estada ali.

O especialista bíblico Archibald T. Robertson disse o seguinte sobre a ida de Saulo à Arábia: "Lucas omite essa parte da vida Paulo. Provavelmente ela deveria ser intercalada entre os versículos 22 e 23 de Atos 9. Não se registra que o próprio Paulo a tenha mencionado em Atos 22 ou 26. Se não tivéssemos a passagem de Gálatas 1.17 [...], nada saberíamos desses 3 anos ou menos, na Arábia, uma lição para aqueles que deduzem grandes influências do silêncio. Os 3 anos incluem também uma segunda estada em Damasco, por ocasião de sua volta da Arábia.[12]

Saulo novamente em Damasco

Vencidos os 3 anos de silêncio e de grandes experiências com o Senhor, Saulo retornou a Damasco (Gl 1.17) "decorridos muitos dias" no deserto (At 9.23). Ao retornar, ele ia às sinagogas e dava testemunho do Senhor Jesus, o qual lhe "aparecera" na estrada de Damasco. Fazia-o com ousadia e poder, confundindo os adversários. Nessa atividade, Saulo ganhou muitos amigos, mas também não poucos opositores. E estes obtiveram o apoio do rei Aretas (2Co 11.32), que deliberou tirar a vida de Saulo (At 9.23). Perseguido em Damasco, Saulo partiu para Jerusalém (At 9.26-29). Ameaçado de morte, os irmãos enviam Saulo a Tarso, onde ele ficou por 6 ou 8 anos (Gl 1.21).

Entre Atos 9.19 e 23 cabe o trecho de Gálatas 1.18. Vejamos como isso sucedeu.

Saulo em Jerusalém

Em Jerusalém, outrora quartel-general de suas ferozes perseguições, Saulo procurou os discípulos. Mas estes o evitaram, "temendo" ser ele um perseguidor disfarçado de amigo em uma hora incerta. Em Gálatas 1.18, Paulo acrescenta que passou quinze dias com Pedro. Nesses dias, confrontou sua mensagem, que recebera diretamente de Jesus, com a mensagem de Pedro, testemunha apostólica de todo o ministério do Senhor. Paulo declara que "nada me acrescentaram" (Gl 2.6), ou seja, não havia nada para

[12] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 79-80.

corrigir ou adicionar, pois ele pregava o genuíno evangelho de Cristo. Paulo esteve também com Tiago, irmão do Senhor, com João e com os outros, "entrando e saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor. Falava e discutia com os helenistas; mas estes procuravam tirar-lhe a vida" (At 9.28,29). Foi por essa altura que Jesus lhe apareceu e ordenou: "Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios". Expulso de Damasco e, agora, expulso de Jerusalém.

Saulo em Tarso

Sabedores da conspirata contra Saulo, os irmãos de Jerusalém enviaram-no com urgência a Cesareia, e daí a Tarso (At 9.30). Não se sabe quantos anos ele teria ficado em Tarso. Os estudiosos pensam entre 4 e 6 anos. Que teria feito ele durante esse tempo? Segundo Gálatas 1.21, ele esteve nas regiões da Síria e da Cilícia. Nessas regiões não o conheciam desde antes. Mas, ao ouví-lo, os crentes diziam a seu respeito: "Aquele que antes nos perseguia, agora prega a fé que outrora procurava destruir" (Gl 1.23). Não é demais imaginar que Saulo evangelizou seus parentes, incluindo seus pais. Como teriam recebido a mensagem do ex-perseguidor dos cristãos?

O Senhor estava dando os retoques naquele que em breve tremularia a gloriosa bandeira de Cristo pelo mundo todo. Saulo preparava-se em oração e no estudo das Escrituras, aguardando a clarinada dos céus que o convocaria para maiores batalhas. De acordo com Oswald Sander: "O cego que foi conduzido para Damasco levava dentro de si o potencial de um Saulo generoso e liberal. O fariseu intolerante percorria qualquer distância para destruir a igreja. O cristão tolerante iria agora a qualquer parte para defendê-la e estendê-la".[13]

Cronologia paulina

O problema cronológico do começo da era cristã é dos mais difíceis e complicados. Depois de examinar várias obras teológicas,[14] sentimo-nos capazes de sumariar as opiniões de tantos autores acerca do problema cronológico que cerca a vida de Paulo:

Nascimento de Jesus, 5 a.C.
Batismo de Jesus, 25 d.C.
Morte de Jesus, 29 d.C.
Nascimento de Paulo, entre 6 e 10 d.C.
Estudos de Paulo em Tarso, entre 8 e 20 d.C.
Martírio de Estevão, 34 d.C. (At 7)
Conversão de Saulo, 34 d.C. (At 9)
Damasco, Arábia e Jerusalém, 34-36 d.C. (Gl 1.17,18)
Em Tarso, 36-40 d.C. (At 9.30; 11.25)
Em Antioquia da Síria, 40-42 d.C. (Gl 1.21)
Em Jerusalém, levando ajuda, 42-43 d.C. (At 11.27-30; 12.25; Gl 2.1-10)
Primeira viagem missionária, 46-48 d.C. (At 13.2—14.28)
Concílio em Jerusalém, 49-50 d.C. (At 15.40—18.23a)
Segunda viagem missionária, 50-54 d.C. (At 15.40—18.23a)
• Em Corinto, escreve 1—2Tessalonicenses
Terceira viagem missionária, 54-57 d.C. (At 18.23b—21.17)

[13] SANDERS, J. Oswald. *Paulo, o líder*. São Paulo: Vida, 1986, p. 60.

[14] Por exemplo, *O novo dicionário da Bíblia* (Vida Nova); *Enciclopedia de la Biblia* (Garriga); *Paulo de Tarso*, de Huberto Rohden; *Epístola aos Gálatas*, de W. C. Taylor (Juerp); *Novo dicionário da Bíblia*, de John D. Davis (Hagnos); *Épocas da vida de Paulo*, de A. T. Robertson (Juerp), e também *Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional* (Vida).

• Em Éfeso, escreve Gálatas e 1Coríntios
• Em Filipos, escreve 2Coríntios
• Em Coríntios escreve Romanos
Prisão em Jerusalém e Cesareia, 57 a 59 d.C.(At 23.23 –26.32)
Viagem a Roma, 59-60 d.C. (At 28.16-31)
• Em Roma, escreve Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom
Liberdade condicional
Quarta viagem missionária, 62-66
Viagem à Espanha, 62 d.C.
Viagem ao Oriente, 62-65 d.C.
• Na Macedônia, escreve 1Timóteo
• Em Nicópolis, escreve Tito
Segunda Prisão em Roma, 66 d.C.
• Em Roma, na prisão, escreve 2Timóteo
Execução de Paulo, 67 d.C.

Compasso de espera

Enquanto Pedro respondia diante dos exclusivistas judeus cristãos de Jerusalém (At 11.1-18), recrudescia a perseguição contra os cristãos. Saulo prosseguia perseguindo; e então Herodes começou também a perseguir.

É o que se aprende em Atos12. Herodes encarcerou e executou Tiago, irmão de João; e também prendeu Pedro, pois intentava matá--lo. Mas o Senhor livrou Pedro das mãos do monstro, cujos dias estavam contados (At 12.23,24).

Ante a perseguição desencadeada por Saulo, muitos cristãos foram forçados a deixar Jerusalém (At 8.1; 11.19). Os cristãos perseguidos tomaram duas iniciativas: ou (a) se limitavam a pregar a judeus (At 19.11b), ou (b) pregavam também aos gentios, pois eram judeus naturais de Chipre e de Cirene. A mão do Senhor era com estes, e muitos gentios converteram-se a Jesus (At 11.21).

Muitos crentes dispersos de Jerusalém estabeleceram-se em Antioquia, capital da Síria. E a notícia do novo e próspero trabalho chegou ao conhecimento da igreja em Jerusalém. E quem foi inspecionar a obra foi Barnabé (At 11.22), que fez um trabalho digno de alguém chamado "filho de exortação" (At 4.36; 11.23). Ora, Barnabé era um completo obreiro cristão: era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. Por essa razão, ganhou grande número de pessoas para Cristo (At 11.24).

Em Atos 11.24,25 temos tempo bastante para o crescimento da igreja em Antioquia. O trabalho cresceu de tal modo que Barnabé já não dava conta do recado. Sendo homem "cheio do Espírito", Barnabé começou a buscar quem poderia preencher a necessidade. E o Espírito fez com ele se lembrasse de Saulo, que por essa altura havia sido enviado a Tarso, na Cilícia. A distância entre Tarso e Antioquia não era proibitiva. Barnabé partiu pessoalmente em busca de Saulo (At 11.25). As palavras "tendo-o encontrado" (At 11.26) dá-nos a ideia de que Barnabé procurou Saulo com grande empenho.

Saulo já se havia convertido e vinha-se preparando talvez por 14 anos. Barnabé e Saulo trabalharam juntos na igreja em Antioquia por cerca de um ano. E aquela comunidade cristã, com milhares de membros, foi ensinada e treinada por eles. Que teriam ensinado Barnabé e Saulo durante todo aquele tempo? Sem dúvida, tudo sobre Cristo, pois naquela cidade, pela primeira vez na história, os crentes foram chamados "cristãos".

Afinal, Saulo havia chegado ao ponto que fora preparado pelo Senhor, desde a sua educação doméstica até os anos de comunhão com o Senhor na Arábia — tudo isso agora lhe garantia um ministério consistente. Tudo isso lhe valeu o honroso título de "o intérprete de Cristo". Doravante ele podia sair pelo mundo pregando a Cristo,

estabelecendo igrejas, escrevendo epístolas, ganhando almas, edificando os remidos do Senhor, sacrificando a vida como oferenda agradável a Deus.

Archibald T. Robertson diz que "o nome cristão surgiu do esforço dos gentios em distinguir esta nova entidade religiosa, que não era uma seita do judaísmo, [visto] que a igreja de Antioquia era gentia. [...] O nome 'cristão' proveio dos gentios e talvez fosse dado como apelido, por divertimento ou por desprezo".[15]

Missão em Jerusalém

Durante algum tempo, houve na Judeia seca e pobreza, quase chegando à miséria. Em Atos 6 somos informados sobre um grande número de viúvas necessitadas. Ali a situação era grave, ao mesmo tempo que a igreja em Antioquia experimentava grande avivamento espiritual. Ora Barnabé conhecia de perto o problema econômico da comunidade cristã de Jerusalém. Espírito generoso e magnânimo como era, ele deve ter encabeçado o movimento em favor dos crentes pobres da Judeia.

Atos 15.25,26 mostra que havia um clima de compreensão e fraternidade entre os crentes de Antioquia e os de Jerusalém. A "fome" predita pelo profeta Ágabo chegara, e uma generosa oferta foi enviada a Jerusalém por meio de Barnabé e Saulo (At 11.30). Essa oferta foi entregue aos anciãos da igreja em Jerusalém, o que comprova a ausência dos apóstolos na cidade. Quanto tempo terá transcorrido entre Atos 11.30 e Atos 12.1? William Ramsay calcula que a oferta "chegou em Jerusalém em 46 d.C".[16] Mas outros estudiosos preferem pensar em 43 ou 44 d.C. Na ocasião, a cidade estava convulsionada pela perseguição movida por Herodes Agripa I, a qual culminou com a morte de Tiago, irmão de João. Terminada a missão, Barnabé e Saulo voltaram a Antioquia, levando Marcos com eles (At 12.25).

O grande chamado missionário

Na mensagem enviada por Jesus a Saulo, por meio de Ananias, estava incluso o chamado para a obra missionária (At 9.15,16). A barreira que limitava aos judeus a pregação do evangelho havia caído. A porta da salvação foi aberta, em Cristo, aos gentios. Além disso, a igreja já existia há cerca de 20 anos, empenhada em oração. Antioquia, na Síria, já havia sido sacudida pela Palavra de Deus.

Como de costume, a igreja em Antioquia estava em jejum, em poderosa reunião de oração: "E, servindo *eles* ao Senhor e jejuando [...]" (At 13.1). A palavra "eles" parece indicar a congregação inteira. Então o Espírito de Deus ordenou à igreja: "Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra que os tenho chamado" (At 13.2). A lista de obreiros cristãos, no versículo anterior, estampa em primeiro lugar o nome Barnabé, seguido por quatro nomes, o último dos quais é Saulo.

Essa lista mostra-nos, que, na época, Barnabé era o líder principal. Ele decidiu que, na viagem missionária que foi planejada, levariam a João Marcos, primo de Barnabé (Cl 4.10), e que visitariam primeiro a ilha de Chipre, terra natal de Barnabé (At 4.36). Os ministros de Antioquia impuseram então as mãos sobre ambos e os despediram (At 13.3). Parece-nos que a "imposição de mãos" implica tanto o reconhecimento por parte da igreja do chamado dos dois, quanto o compromisso financeiro. Mas A. T. Robertson escreveu: "Não há evidência de que a igreja em Antioquia tenha dado para o sustento de Barnabé e Saulo".[17]

---

[15] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 101.

[16] RAMSAY, William. *St. Paul the traveller and the Roman Citizen.* 3d ed. New York: G. P. Putnam's sons; London; Hodder & Stoughton, 1898, , p. 49.

[17] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 106.

Acompanhemos agora o trajeto dessa primeira viagem missionária:

Chipre (At 13.4-12)

Os três — Barnabé, Saulo e João Marcos — desceram de Antioquia a Selêucia, um percurso de 30 km, e chegaram à beira-mar. Então tomaram um navio e zarparam para Chipre, uma ilha do Mediterrâneo oriental com 9.590 km^2 de superfície. Primeiro visitaram Salamina, a sudeste da ilha. Parece que ali pregaram aos judeus na sinagoga (v. 5). E por terra (v. 6) foram a Pafos, no sudoeste. Encontraram o procônsul Sérgio Paulo (v. 7), que, apesar de inteligente, estava sob a influência de um falso profeta judeu de nome Elimas, o mágico (v. 8). Elimas resistia à mensagem cristã, mas o procônsul diligenciava em ouvir a Palavra do Senhor. Paulo (pela primeira vez assim chamado), tomado pelo Espírito Santo, feriu o mágico com cegueira temporária. O procônsul converteu-se a Cristo. Foi em Pafos que Saulo assumiu a liderança espiritual. Há dois indícios disso: (a) Saulo passa a ser chamado Paulo (v. 9); (b) o comando fica com Paulo, segundo se vê no v. 13: "Paulo e seus companheiros".

Perge (At 13.13)

Partindo de Chipre, Paulo e seus companheiros cruzaram de navio o mar da Panfília, perigoso por causa de suas borrascas inesperadas, e chegaram a Perge, capital da Panfília. Perge ficava em um extenso e formoso vale, regado pelo rio Cestro. Essa era a cidade "catedral" de Artemisa, uma deusa pagã. Ali eram endêmicas certas doenças, e um grande número de piratas chegava por mar. Foi de Perge que Marcos voltou a Jerusalém. As palavras "apartando-se deles", isto é, de Paulo e Barnabé, indicam que houve algum atrito entre esses três homens. Por qual razão Marcos voltou à sua mãe? Não o sabemos. Mas talvez por divergência com Paulo, por saudade do lar, por receio dos perigos da cidade ou por falta de maturidade espiritual. O fato é que voltou, deixando Paulo e Barnabé desolados, a ponto de nem pregarem nesse importante centro.

Antioquia da Pisídia (At 13.14-52)

Eles atravessaram "de Perge para Antioquia da Pisídia" por terra (v. 14). Pisídia ficava a mais de 1.000 metros de altitude. W. C. Taylor garante que "as igrejas da Galácia são as do sul da província romana (da Galácia), nas cidades de Antioquia da Pisídia, Icônia, Lista e Derbe. Lucas usou aqui a linguagem de seus contemporâneos e do governo romano".[18] A Pisídia era conhecida como região das terras altas. A leste ficava a Licaônia, ao sul a Panfília, ao norte a Ásia menor, e a oeste a Frígia. Estava situada no extremo oeste da cordilheira do Taurus. Fazia parte do reino da Galácia, entregue por Antônio a Amintas, em 36 a.C. A cidade era chamada "da Pisídia" para ser distinguida da Antioquia da Síria.

Por quanto tempo ficaram em silêncio quando chegaram à cidade? Talvez tenham chegado numa terça-feira, e esperavam pelo sábado. Visto que havia ali uma sinagoga, era considerável o número de cidadãos judeus. Paulo e Barnabé foram então à sinagoga. Após a leitura da lei e dos profetas, foi-lhes franqueada a palavra. Paulo pregou, livre e poderosamente, no Espírito Santo. Seguindo a história do povo judeu, chegou à "promessa", plenamente cumprida em Jesus Cristo. E discorreu sobre a morte do Filho de Deus, exaltado mediante o poder da ressurreição. É no nome Jesus que pregamos a salvação a todos, judeus ou gentios. É útil comparar Atos 13.16-41 com Atos 2.14-36 e 7.1-53, em seus pontos de convergência. A mensagem apostólica era uma só, pois brotava da mesma fonte: o Espírito Santo.

O povo gostou da mensagem, regozijando-se com as boas novas da salvação em Cristo. "Judeus" e "prosélitos" seguiam a Paulo e Barnabé, e foram exortados a

---

[18] TAYLOR, William Carey. *Epístola aos Gálatas*, p.19.

permanecer no Senhor (At 13.43). A pedido, os dois voltaram no sábado seguinte e encontraram quase a cidade inteira esperando para ouvir a Palavra de Deus (13.40). Mas os judeus incrédulos, ante tal sucesso, foram tomados de inveja e blasfemaram, contradizendo a Paulo (13.45).

Em Antioquia da Pisídia, os gentios acolheram a palavra (13.48), mas os judeus a rejeitaram (13.45). Foi ali que, lentamente, Paulo foi-se voltando para os gentios (13.46s). Cada vez mais ele se tornou conhecido como "o apóstolo dos gentios".

Os judeus ocupavam altas posições na cidade. Arregimentaram algumas mulheres religiosas e cidadãos notáveis para perseguir Paulo e Barnabé, que foram expulsos da cidade (13.50).

Foi também em Antioquia da Pisídia que começou a resistência dos judeus a Paulo, o que culminou com sua prisão em Jerusalém (21.27), depois em Cesareia, e, por fim, Roma. Diante da pregação de Paulo, os judeus dividiram-se em dois grupos: (a) judeus (os que não se converteram a Cristo); e (b) judaizantes (convertidos, mas presos à lei mosaica). E mais: "muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé" (At 6.7). Talvez esses tenham sido os mesmos que se manifestaram em Atos 15.1. Mas, enquanto os judeus ardiam de cólera contra Paulo e Barnabé (13.50), os discípulos transbordavam de alegria, no Espírito (13.52).

Icônio (At 14.1-5)

Era a cidade da Ásia menor, descrita por Xenofonte como "a última cidade da Frígia, para quem vai para o Oriente". Por muito tempo foi a principal cidade da Licaônia. Foi incluída no reino da Gálacia, e, finalmente, parte da província romana da Gálacia. Não distava muito de Antioquia da Pisídia. Ali, Paulo e Barnabé foram diretamente à sinagoga. Pregaram com ousadia. Resultado: "grande multidão", formada por judeus e gentios, foi salva. Mas os judeus incrédulos, provavelmente vindos da Antioquia, incitaram os gentios contra os "irmãos", ou seja, os que se tinham convertido a Cristo (14.2). Apesar da oposição, Paulo e Barnabé demoraram-se ali por muito tempo; e o Senhor confirmou a sua Palavra com sinais e prodígios (14.3).

Listra (At 14.6-19)

Era a cidade da Licaônia e colônia romana, pertencente à província da Galácia. Encravada nos montes do sul. Era um local obscuro, uma espécie de praça-forte. Ao fugir de Icônio, Paulo e Barnabé rumaram para Listra (14.6). Parece que ali não havia sinagoga, pelo que o evangelho foi pregado nas praças e ruas da cidade (14.7).

Em Listra havia um homem, aleijado desde o nascimento, que jamais pudera andar (14.8). Ao ouvir a Palavra, Paulo ordenou ao homem: "Apruma-te direito sobre os pés" (14.10). Então o aleijado saltou e andou. O povo gritou: "Os deuses, em forma de homens, baixaram até nos" (14.11). A Barnabé chamaram Júpiter, e a Paulo, Mercúrio (14.12). Talvez Barnabé fosse alto e vigoroso, e Paulo, menor. Daí as identificações. Ademais, o milagre ocorrera defronte do templo de Júpiter (14.13), cujos sacerdotes logo vieram a oferecer sacrifícios animais aos dois apóstolos. Foi com dificuldade que Paulo e Barnabé impediram a imolação (14.14-18).

Os judeus incrédulos de Antioquia e Icônio chegaram a Listra. Sua tática de instigar as multidões repetiu-se. O povo arrastou Paulo (Barnabé conseguiu escapar) para fora da cidade. Apedrejaram-no (14.19). Para a turba, num dia Paulo era um deus, e, no outro, um demônio indesejável. O ânimo popular é por demais inconstante. Deram Paulo como morto; mas os discípulos (Timóteo estaria entre eles?) rodearam-no. Então Paulo levantou-se e partiu para Derbe, em companhia de Barnabé (14.20).

Derbe (At 14.20,21)

No licaônico, *Delbeia* = "junipeiro". Era uma cidade da Galácia romana, no extremo oriental da região visitada por Paulo e Barnabé. Um dos companheiros de Paulo, Gaio,

era natural de Derbe (At 20.4), que ficava a 95 km de Listra. Foi identificada por M. Ballance, em 1956, em Kerti Huyuk, a 21 km de Laranda.

Os perseguidores não chegaram a Derbe. Os missionários puderam pregar livremente ali, fazendo muitos discípulos (14.21). Em Derbe, Paulo e Barnabé deram por encerrada a primeira viagem missionária. Fazia cerca de um ano que a tinham iniciado, desde que haviam estado em Jerusalém para entregar a ajuda aos crentes pobres dali. Era tempo de voltarem.

Retorno

O trabalho de Paulo e Barnabé, iniciado em Chipre e que se ampliou por Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, foi como as pescarias com pesca de arrastão (At 14.21-28). Eles pregaram a judeus e a gentios, nas sinagogas, nas ruas, nas praças etc. Chegou, porém, o tempo de selecionar os peixes, isto é: reunir os convertidos, organizá-los em igrejas, discipulá-los e treiná-los, e eleger os presbíteros para pastoreá-los. Assim fizeram os dois varões de Deus (14.22,23).

Quem eram esses "presbíteros"? A. T. Robertson explica que eram "oficiais da igreja, mencionados pela primeira vez em Atos 11.30. O termo é usado aqui em conexão com a sinagoga judaica e também com as assembleias populares no Egito [...]. Estes mesmos oficiais mais tarde foram chamados bispos e pastores".[19] (Veja At 20.17,28.)

Chocados com a desistência de João Marcos, Paulo e Barnabé não pregaram em Perge; e só o fizeram na volta (14.23). Um homem como Paulo jamais deixaria de realizar a obra do Senhor em uma cidade como Perge. O método usado por eles era sempre o mesmo: pregavam, e então organizavam igrejas, compostas pelos convertidos.

Cumprida a missão, Paulo e Barnabé, passando por Atália, navegaram para Antioquia da Síria, onde tinham sido inicialmente recomendados à graça de Deus (14.26). William Ramsay opinou ser possível "Paulo ter recebido dinheiro da fortuna de seu pai" [20] para essas viagens, bem como para os longos anos de prisão em Cesareia e Roma. Isso se harmoniza com o que próprio Paulo diz em Atos 20.34. Parece que Barnabé era homem abastado (veja At 4.36,37), pelo que também se autofinanciaria. Mas tudo isso, apesar de ser uma conjectura interessante, não é a maneira normal de as igrejas sustentarem seus obreiros. Esse deve ter sido também o caso da igreja em Antioquia da Síria.

Os missionários prestaram relatório à igreja, que se reuniu com esse objetivo (14.27). Gostaríamos de ter estado presente a essa reunião. Que testemunho! Que poder! Quantas maravilhas da graça! E uma nota soou mais forte naquele relatório: como Deus "abrira aos gentios a porta da fé" (14.27). Isso mexeu em um nervo sensível dos crentes dos crentes judeus, sobretudo dos que vieram de Jerusalém e da Judeia em geral.

Paulo e Barnabé ficaram "não pouco tempo com os discípulos" (At 14.28), afirmação essa que nos permite deduzir que ficaram relatando acontecimentos entre os gentios daqueles 2 anos de atuação missionária. Isso provocou uma forte reação contra Paulo e Barnabé por parte dos "judaizantes" — judeus convertidos, mas que insistiram ser mister o crente observar a lei mosaica. Paulo e Barnabé, por sua vez, rebateram esse "outro evangelho" dos judaizantes. Qual foi o final da controvérsia?

A grande controvérsia

---

[19] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 102.

[20] RAMSAY, William. *St. Paul, the traveller*, p. 310.

Paulo e Barnabé devem ter retornado de sua primeira viagem cerca de 48 d.C. Tendo por base Atos 14.28 entendemos que devem ter ficado em Antioquia aproximadamente por um ano. Talvez não mais exercessem os cargos de liderança referidos em Atos 13.1, mas tudo indica que pregavam aos irmãos da igreja, relembrando os eventos da primeira viagem missionária. Fiel ao evangelho da graça de Deus, Paulo ensinava que "há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1Tm 2.5). Também ensinava que Cristo tem lugar em seu coração tanto judeus quanto gentios, sem que os convertidos precisem observar os preceitos da lei mosaica (veja Rm 3.28). E isso contradizia a doutrina dos "judaizantes" de Antioquia. Essa minoria mantinha contato com a igreja em Jerusalém, onde possuíam parentes e amigos. E a causa "judaizante" engrossou e ganhou terreno. Por um lado, Paulo e Barnabé pregavam salvação pela graça de Cristo, sem o concurso das obras da lei. Em outras palavras, nenhum convertido gentio precisa guardar preceitos da Lei, como a circuncisão, a guarda do sábado ou evitar certos alimentos, para ser salvo. Por outro lado, os judaizantes opinavam que os gentios deveriam primeiro tornar-se judeus ortodoxos — guardando todos os preceitos mosaicos — para então se tornarem cristãos.

Para os judaizantes, pois, o cristianismo seria apenas uma seita judaica, um movimento insignificante. Seria mister os convertidos gentios se circuncidarem e observarem toda a lei mosaica. A prevalecer tal ideia, agora Paulo e Barnabé tinham de voltar para circundar os gentios convertidos nas cidades onde haviam pregado. Assim, houve forte debate (At 15.2). A igreja em Antioquia em peso — exceção feita forte do grupo judaizante — pôs-se ao lado de Paulo e Barnabé, repelindo o jugo à lei. Ficou resolvido que a liderança da igreja em Jerusalém seria consultada a respeito, e que Paulo, Barnabé e outros seriam os representantes da igreja em Antioquia (At 15.2).

Acompanhemos vários momentos desse episódio. Apesar de o nome "judaizantes" não aparecer na Bíblia, modernamente tornou--se comum chamar assim ao partido judaico da igreja primitiva. "Aplica-se tecnicamente àqueles cristãos que sentiam que os gentios não poderiam ser salvos sem se tornarem judeus", explica Archibald T. Robertson.[21] Eles correspondem ao partido da "circuncisão" (At 11.2). Isso indica que na igreja em Jerusalém, no tocante à lei, havia três partidos: aquele que se libertara do jugo da lei, mediante boa compreensão da mensagem cristã; aquele que procurava tal liberdade; e aquele que estava "escravizado" à lei. Esse conflito deve ter ocorrido ou no ano 49 d.C., ou nos primórdios do ano 50 d.C. Não há certeza quanto à data. De onde eram os perturbadores? Atos 15.1 declara que eram "da Judeia". Logo, eram membros da igreja em Jerusalém.

A igreja em Antioquia não exercia autoridade disciplinar sobre eles. Mas a igreja em Antioquia não entendeu que os judaizantes representavam a posição da igreja em Jerusalém, e, sim, que o conflito envolvia meramente a opinião dos judaizantes. Lucas deixa claro que os crentes de Antioquia simpatizavam totalmente com Paulo e Barnabé, paladinos da liberdade cristã, repudiando a tese judaizante. Os verbos "enviados" e "acompanhados" (At 15.3) mostram isso. E, no percurso, Paulo e Barnabé aproveitaram a oportunidade para prevenirem os irmãos da Fenícia e de Samaria contra a tese judaizante (v. 3). E houve muita alegria entre os irmãos.

Em Jerusalém

Por que a igreja em Antioquia enviou Paulo e Barnabé a Jerusalém? Seria esta superior àquela? De modo nenhum. Cada igreja local é autônoma. Quando a igreja em

---

[21] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 102. Veja também *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, vol. I, p. lxix.

Antioquia enviou missionários, não consultou a igreja em Jerusalém. Mas era mister evitar que as igrejas se dividissem: Antioquia pregando uma coisa, e Jerusalém, outra. Só existe um evangelho (Gl 1.8), o evangelho da graça, sem mistura alguma com a lei. Pedro e Tiago pensariam como Paulo ou como os judaizantes? A. T. Robertson comenta: "Paulo faria um esforço para esclarecer, os apóstolos e a todos os interessados, que ele não fora a Jerusalém para receber ordens de quem quer fosse. Fora apenas discorrer com eles, como igual, sobre essa grande questão da liberdade dos gentios nas igrejas".[22]

A igreja em Jerusalém (15.4), com os apóstolos e os anciãos, reuniu-se para ouvir Paulo e Barnabé. Estes relataram como Deus os usara na conversão dos gentios, sem nenhuma observância da lei mosaica. Mas alguns ex-fariseus "insurgiram-se" (At 15.5), verbo que mostra sua veemência. A tese destes era: "É necessário circuncidá-los e determina-lhes que observem a lei de Moisés". O debate esquentou. Então, para almoçar ou para esfriar os ânimos, Tiago, que presidia a reunião, suspendeu-a momentaneamente.

Houve então uma reunião particular entre "os apóstolos e os presbíteros" (15.6). Apraz-nos pensar que Paulo, querendo evitar a interferência dos fariseus, solicitou essa segunda reunião, que envolveria somente os apóstolos e os presbíteros, a fim de a questão ser mais bem examinada. Então Paulo expôs "o seu evangelho" (Gl 2.2), que pregava entre os gentios, a Tiago, Cefas e João, "colunas" da igreja em Jerusalém (Gl 2.6). Estes nada acrescentaram a Paulo, não achando defeito em sua mensagem. Paulo escreveu a respeito: "[...] quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que fôssemos para os gentios e eles para a circuncisão" (Gl 2.9).

Mas o trecho de Gálatas 2.4 leva-nos a crer que, entre os presbíteros, alguns inclinaram-se para a causa dos fariseus, talvez por motivo de medo. Paulo, opondo-se aos tais, chamou-os de "falsos irmãos", ladrões da liberdade que o crente desfruta em Cristo. A dificuldade nasceu da presença de Tito, um crente grego. Talvez fosse de bom alvitre circuncidar a Tito, contemporizando assim com os fariseus. Mas Paulo opôs-se terminantemente (veja Gl 2.3). E mais tarde testificou: "[...] nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós" (Gl 2.5).

Toda a igreja em Jerusalém voltou a reunir-se numa segunda reunião pública (At 15.7-29). Primeiro falou Pedro (At 15.7-11). Depois os irmãos quiseram ouvir novamente Paulo e Barnabé (At 15.12). Então Tiago, irmão do Senhor, presidente da reunião e provavelmente pastor da igreja em Jerusalém, manifestou-se, dando o seu parecer. Citando Amós 9.11,12, Tiago concluiu: "Pelo que julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus" (At 15.19).

Saiu então a decisão final (At 15.22-29), que pareceu bem aos apóstolos, aos presbíteros, com toda a igreja (At 15.22). A decisão envolveu os seguintes pontos:

1. Escolher dois homens destacados de Jerusalém, Silas e Judas, para irem a Antioquia com Paulo e Barnabé (At 15.22).
2. Escrever uma carta a Antioquia dando a decisão sob a forma escrita, mostrando que os perturbadores eram membros da igreja em Jerusalém, mas agiam sem autorização (At 15.24), e que o teor da carta seria confirmado pelo testemunho pessoal de Silas e Judas, juntamente com Paulo e Barnabé (At 15.25,27).
3. A carta reconhecia os esforços de Paulo e Barnabé na obra missionária (At 15.26).

[22] ROBERTSON, Archibald T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 126.

4. A decisão contava com a chancela do céu: “Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós [...]” (At 15.28,29). Aos crentes gentios, pois, não foi imposta nem a circuncisão nem a guarda da lei mosaica. Somente foi recomendado que os crentes gentios “fariam bem” em evitar coisas sacrificadas a ídolos, a carne de animais sufocados e relações sexuais ilícitas. Acresça-se que o trecho de Atos 15.23 nos mostra que a igreja em Jerusalém e as igrejas gentílicas eram reputadas em pé de igualdade.
5. A carta foi lida em Antioquia, aos ouvidos de toda a comunidade (At 15.30,31). Silas e Judas, que também eram profetas, consolaram e fortaleceram aos irmãos (At 15.32). Judas voltou a Jerusalém (At 15.33); Silas ficou em Antioquia (At 15.34). Paulo e Barnabé demoraram-se ainda por algum tempo em Antioquia, ensinando e pregando (At 15.35).

O chamado concílio de Jerusalém resultou em grande vitória para o evangelho da liberdade cristã e em grande derrota para a facção judaizante, que tinha por alvo atrelar o cristianismo ao judaísmo. Mas nem por isso os judaizantes desistiram. Por todo o ministério de Paulo continuaram a acossá-lo, principalmente em Corinto e nas igrejas da Galácia. Embora com outros nomes, até hoje os admiradores da causa judaizante mostram-se ativos.

Segunda viagem missionária

Paulo, Barnabé e Silas continuaram em Antioquia por “alguns dias” (At 15.36). Mas não há como determinar quantos dias foram. Sabe-se apenas que o ano 49 estava no fim, e os missionários sentiam que no ano seguinte deveriam encetar outra viagem missionária. O mundo sem Cristo clamava por luz, e as igrejas antes organizadas precisavam ser fortalecidas e corrigidas.

Um lamentável episódio

A iniciativa da segunda viagem missionária partiu de Paulo, que disse a Barnabé: “Voltemos agora visitar os irmãos por todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam” (At 15.36). Mas então, quando Barnabé fechou questão em torno de João Marcos (At 15.37), Paulo discordou daquele, mostrando-se inflexível. Marcos ficou premido entre o rigor de Paulo e a brandura de Barnabé. Este deve ter visto em Marcos algo que Paulo não pôde ver. E “houve entre eles tal desavença “que Paulo seguiu sozinho, em uma direção, enquanto Barnabé e Marcos foram em outra direção (At 15.39).

Alguns pensam que Barnabé queria reaver sua liderança anterior perdida a partir de Atos 13.13, onde Paulo começa a ser mencionado antes dele, mas que não conseguiu seu intento. É possível. Mas também é provável que ele não quisesse, de modo algum, desfazer-se de Marcos, seu primo, que era um líder cristão com grande potencial. O fato é que Marcos se acrisolou, e muitos anos depois Paulo teve de reconhecer a “utilidade” de Marcos (2Tm 4.11). Marcos também foi grande companheiro de Pedro (1Pe 5.13). O Senhor estava controlando as coisas, mediante a sua providência, nem sempre compreensível para nós. O Senhor tira proveito até de nossos erros e equívocos, para o bem de todos. Um caso típico foi o da venda de José por seus irmãos (veja Gn 50.20,21). No caso que envolveu Paulo e Barnabé, agora havia duas equipes missionárias, e não somente uma. Com isso, ganhou a causa do evangelho. Seja como for, Barnabé e Paulo, grandes amigos, separaram-se um do outro, conforme séculos depois fizeram João Wesley e George Whitefield.

Barnabé e Marcos partiram para Chipre (At 15.39). Paulo, escolhendo Silas, partiu inicialmente para a Síria e a Cilícia (At 15.40,41). As palavras “encomendados pelos irmãos à graça do Senhor” indicam que Paulo e Silas foram enviados sob os auspícios da igreja em Antioquia. E quanto a Barnabé? Deve ter continuado um profícuo

ministério de evangelização e ensino. Mas Lucas, que não o acompanhava, nada mais relata sobre ele, daí por diante, em Atos dos Apóstolos. (Uma observação sobre Atos 15.34. Esse versículo não consta nos melhores manuscritos. Ante a ausência desse versículo, que diz: "Mas pareceu bem a Silas permanecer ali" (em Antioquia), devemos concluir que Silas deve ter retornado a Jerusalém. Nesse caso, onde ele teria se encontrado de novo com Paulo? Talvez em Éfeso, que seria a "Ásia" referida em Atos 16.6.)

Quais os obreiros envolvidos na chamada segunda viagem missionária? Inicialmente, Paulo e Silas (At 15.40). Tendo eles partido de Antioquia da Síria, com o apoio da igreja dali, talvez durante o inverno do ano 50 d.C., e talvez em janeiro ou fevereiro, prolongaram a viagem até ao verão de 53 d.C.

Qual o destino dos missionários? Nos anos em que Paulo ficara em Tarso, entre sua fuga de Jerusalém e o chamado para Antioquia da Síria, ele deve ter evangelizado a Síria e a Cilícia. Então, ao partir agora de Antioquia, em companhia de Silas, foi confirmar as igrejas dessas regiões (At 15.41). Os dois viajaram por terra. A expressão "chegou também a Derbe" mostra que os dois estiveram algum tempo com os irmãos dessa cidade, sem serem molestados por perseguidores. Mas o alvo de Paulo era, realmente, Listra.

Em Listra, pois, Paulo fora tido por morto (At 14.19,20). Ali igualmente pelo evangelho gerara a Timóteo, de mãe judia e pai grego (At 16.1). Desde a adolescência, Timóteo era conhecido por sua piedade em Listra e Icônio. Paulo "quis" que Timóteo dali por diante fizesse parte da equipe missionária. E circuncidou-o, a fim de não ser causa de tropeço para os judeus, que sabiam que sua mãe era judia.

O trecho de Atos 16.4,5 revela que Paulo, "ao passar pelas cidades", frisava as decisões do concílio de Jerusalém. Mas quais cidades foram essas? Sem dúvida, aquelas visitadas durante a primeira viagem missionária. E assim as igrejas eram beneficiadas e aumentavam em número a cada dia.

A mão orientadora do Senhor

Na região frígio-gálata havia cidades como Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, que já haviam sido evangelizadas por Barnabé e Paulo. Paulo almejava Éfeso, a capital da província romana da Ásia menor. Mas o Senhor impeliu o avanço nessa direção. Então rumaram para Mísia, uma região que ficava a noroeste da Ásia, no extremo norte, entre o mar de Mármara e o mar Negro. Mas as portas também estavam ali fechadas para o evangelho: "E percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impelidos pelo Espírito Santo de pregar na Ásia [...]" (At 16.6). O Espírito Santo guiava os seus obreiros através das circunstâncias, mas talvez não só por esse meio. O Senhor pode ter-lhes falado através de dons espirituais. E eles apenas contornaram a Mísia, sem ali realizar nenhum trabalho. E assim chegaram a Trôade.

Trôade era porto de mar, uma grande cidade, fundada por Antígono, um dos sucessores de Alexandre, o Grande. Lisímaco, rei da Trácia, após a morte de Antígono, mudou o nome da cidade para Alexandria Trôade.

Ficava ao sul da antiga Troia de Menelau, situada no extremo noroeste da Ásia, de frente para o ocidente, ou seja, para a Europa. Os missionários ficaram ali, esperando pela voz de comando do Espírito, para tomarem rumo. Foi em Trôade que o grupo conheceu um médico grego, natural de Filipos (alguns preferem Antioquia da Síria), chamado Lucas. Esse estava destinado a tornar-se o autor de Lucas-Atos. De onde teria vindo Lucas? William Ramsay opinava que Lucas só pôde viajar com Paulo, para Roma, na condição de escravo, segundo também sucedeu a Aristarco.[23]

---

[23] RAMSAY, William. *St. Paul, the traveller*, p. 316.

Em uma daquelas noites, Paulo teve uma visão (sem dúvida deve ter tido muitas durante sua carreira), na qual um varão da Macedônia lhe rogava: "Passa à Macedônia, e ajuda-nos" (At 16.9). A partir daquele momento, Lucas passa a fazer parte do grupo, o que se depreende pelo uso do verbo "procuramos" (At 16.10), que está na primeira pessoa do plural, a qual inclui aquele que fala. Ia começar a evangelização da Europa.

Foi um acontecimento importante. A história posterior inteira o confirma. O Espírito guiou Paulo para o ocidente, e não para o oriente. Não para fora do Império Romano, cujas fronteiras orientais não ficavam tão longe, porém cada vez mais para o seu interior. O cristianismo firmou-se dentro da civilização latina. Até os países anglo-saxões latinizaram-se. E o ciclo das Grandes Navegações ampliou essa civilização para o Novo Mundo, as Américas. A Europa e as Américas estão mais bem cristianizadas que a Ásia e a África. O mundo ocidental levou o evangelho a países como o Japão, a China, a Coreia, a Índia etc. Tivesse Paulo evangelizado as porções mais orientais do Império Romano, e seu trabalho teria sido reduzido a quase nada, ante o predomínio do islamismo, que ali debilitou o cristianismo.

Sim, Cristo é nosso Supremo General, e sua mão orientadora guiou Paulo e seus companheiros na direção certa. O movimento do Espírito, no mundo, sempre foi mais de leste para oeste, na vida de Paulo e até hoje. Claro que sempre houve exceções, mas essa tem sido a regra. Há muito mais missionários evangélicos brasileiros nos países sul-americanos de fala castelhana. O Brasil, pois, é um país predestinado no campo da evangelização. A orientação do Espírito é crucial no empreendimento evangelizador.

Filipos (At 16.1-40)

Colônia romana fundada por Filipe II, da Macedônia, em 300 a.C.[24] Nos dias de Paulo era cidade importante. O grupo missionário passou por Samotrácia e Neápolis, e atingiu Filipos. Eles devem ter chegado no princípio de uma semana. Tudo indica que não havia sinagoga na cidade. Esperaram pelo sábado. Então dirigiram-se ao rio Gangites. Se houvesse judeus na cidade, por certo estariam junto às águas, por causa de suas abluções. E ali conheceram Lídia, operosa negociante de tecidos purpurinos, natural de Tiatira, na Ásia Menor.

Cremos que outras mulheres que estavam com Lídia eram suas funcionárias; e moravam juntas, pois eram todas judias. Paulo lhes pregou a Palavra e elas se converteram. E, uma vez convertidas, instaram com os missionários a hospedar-se na casa delas (At 16.15). Foi nessa casa e com aquele núcleo que nasceu a igreja em Filipos, tão querida de Paulo. Se Filipos era ou não a primeira cidade do distrito, há dúvidas. Mas que foi a primeira cidade da Europa a ser evangelizada, não tenhamos dúvidas.

Onde ficaria o local de oração para onde Paulo e seus companheiros se dirigiram, de acordo com Atos 16.16? Ao encontro deles veio uma jovem possessa de espírito adivinhador. Um caso parecido com o daquele que Jesus encontrou na sinagoga de Cafarnaum (veja Mc 1.23-26). Com suas adivinhações diabólicas, a jovem, que era escrava, ganhava muito dinheiro para seus proprietários, exploradores desumanos. Por muitos dias o demônio intromete-se nas atividades da equipe missionária. Mas então, indignado, Paulo ordenou ao demônio (não à jovem): "Em nome de Jesus Cristo eu te mando: Retira-te dela" (At 16.18). E na mesma hora o demônio a deixou. Mas isso acabou com o lucro dos proprietários da jovem escrava. Irados, "agarrando em Paulo e Silas, os arrastaram para a praça, à presença das autoridades" (At 16.19). Os verbos

[24] Para mais informações sobre Filipos, veja TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 452-454.

"agarrar" e "arrastar" revelam a violência e a prepotência deles. E os "pretores" rasgaram as vestes de Paulo e Silas (Lucas e Timóteo foram poupados do vexame) e mandaram que o dois fossem açoitados com varas. Depois de muitos os espancaram (At 16.23), os pretores lançaram-nos em um cárcere subterrâneo, prendendo-lhes os pés em um tronco. Nesse episódio, não sabemos por que Paulo não optou por se valer de sua cidadania romana, evitando assim a injustiça que sofreu.

Naquela aflitiva situação, aí pela meia-noite, Paulo e Silas entoavam hinos de louvor a Deus e oravam; e os outros prisioneiros os escutavam. De repente, um abalo sísmico sacudiu as paredes e abriu as portas da prisão. E o carcereiro, cuja vida respondia pelos detentos, puxou da espada e quis suicidar-se. Foi impedido em seu gesto pelo grito de Paulo: "[...] todos aqui estamos" (At 16.28). Trêmulo, o carcereiro acendeu uma lamparina, a fim de averiguar a situação; e então, tirando Paulo e Silas da masmorra, perguntou: "Senhores, que devo fazer para que seja salvo?" (At 16.30). Essa é uma das mais importantes perguntas que um pecador perdido pode fazer. A resposta foi curta e direta: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa" (At 16.31). Os homens de Deus lhe pregaram a Palavra do Senhor. E ele confiou em Cristo, com todos os seus familiares, e então foi batizado.

Ao amanhecer o dia, os pretores enviaram oficiais de justiça para soltarem os dois prisioneiros. Foi somente então que Paulo protestou, alicerçado sobre sua cidadania romana, o que forçou os pretores a virem pessoalmente fazer a soltura, pedindo desculpas a Paulo e Silas pela injustiça cometida. Saindo dali, Paulo e Silas foram à casa de Lídia, e, vendo os irmãos, confortaram-nos e partiram (At 16.40). Saíram de Filipos, é verdade, mas deixaram ali implantada uma igreja cristã muito estimada por Paulo. Valeu a pena todo o esforço e os sacrifícios dos obreiros do Senhor.

Tessalônica (At 17.1-9)

De Filipos, Paulo e seus companheiros passaram por Anfípolis e Apolônia, e chegaram à importante Tessalônica (At 17.1).[25] Nessa cidade havia uma sinagoga, o que significa que ali residiam numerosos judeus. Conforme era seu costume, Paulo procurou a sinagoga, e, por três semanas seguidas, dissertou para judeus e gentios, igualmente. Lucas diz que Paulo ficou por três semanas trabalhando na sinagoga, de onde podemos concluir que ele ainda permaneceu mais tempo que isso na cidade. Livre de agitadores, Paulo fez tudo com tranquilidade. Na sua exposição das Escrituras, cremos que Paulo começou pelas profecias messiânicas, até chegar ao pleno cumprimento delas na pessoa de Jesus, para só depois entrar na parte escatológica, que gira em torno do segundo advento de Cristo.

Mas os judeus incrédulos, vendo o sucesso dos missionários cristãos, tanto entre os judeus quanto entre os gregos, arrebanharam a ajuda de mulheres da alta sociedade e da malandragem (At 17.5), e caluniaram a Paulo. Tencionavam apresentar Paulo diante da autoridade máxima do distrito, o *politárkas.* Mas não achando a Paulo e seus companheiros, detiveram Jasom, judeu importante que se havia convertido pouco tempo a Cristo, e a outros irmãos. Entre as acusações feitas, houve uma que correspondia rigidamente à verdade dos fatos: "Estes, que têm transtornado o mundo, chegaram também aqui" (At 17.6). Realmente, Paulo estava transtornando o mundo pagão com sua prédica contra o pecado, a escravização ao Diabo, a idolatria, a imoralidade, a mentira, a desonestidade, os vícios etc. O império do Diabo via-se tremendamente ameaçado pelos pregadores da cruz!

---

[25] Para mais informações sobre Tessalônica, veja TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*, p. 454-456.

Mas as autoridades não levaram a sério as acusações, sabendo de quem partiam. Tendo Jasom pagado a fiança estipulada, soltaram os cristãos (At 17.9). Mas na noite daquele mesmo dia, os irmãos sentiram ser sábio enviar Paulo e Silas para Bereia (At 17.10).

Com base em 1—2Tessalonicenses, sabemos que, na ausência de Paulo, os crentes de Tessalônica, ainda inexperientes, começaram, cada qual, a interpretar a escatologia de Paulo ao sabor de sua inclinação. Alguns deles chegaram a pensar que Jesus voltaria já na semana seguinte, ou dentro de um mês. Largaram seus empregos, venderam suas propriedades e passaram a viver ociosamente, comendo na casa de outros irmãos. Tomando conhecimento do que ali sucedia, tempos depois Paulo corrigiu tais aberrações, escrevendo-lhes aquelas duas epístolas, uma pouco depois da outra. Mas em Tessalônica ficou estabelecida uma poderosa e influente igreja cristã.

Bereia (At 17.10-15)

Uma cidade da Macedônia, a oeste de Tessalônica. Distava desta 23 km, e ficava a 44 km da costa.

Somente Paulo e Silas foram para Bereia (At 17.10); é concebível que Lucas e Timóteo tenham ficado em Filipos ou em Tessalônica.

Paulo e Silas dirigiram-se à sinagoga. Pregaram a mesma mensagem sobre Cristo. O judeus de Bereia são chamados de "mais nobres" que os de Tessalônica (v. 11). A maior nobreza deles consistiu em "ouvirem" Paulo para, em seguida, examinarem as Escrituras a fim de ver se as coisas eram conformes ao apóstolo lhes dizia. Ah, se todos os crentes fizessem como eles!

Em Bereia, pois, creu muita gente, tanto mulheres de alta posição como homens (At 17.12). Mas os judeus de Tessalônica, ao saberem que Paulo anunciava a Palavra de Deus em Bereia, correram para lá, amotinaram o populacho e prejudicaram o curso do trabalho do homem de Deus. Atos 17.14 atesta a presença de Timóteo em Bereia. Lucas parece ter-se ocultado por trás de seu costumeiro anonimato.

Aqueles que se sentiam responsáveis por Paulo levaram-no a Atenas, com uma ordem expressa: Silas e Timóteo (e Lucas também) deveriam encontrar-se com o apóstolo em Atenas o mais depressa possível (At 17.15). No entanto, quando Timóteo foi ao encontro de Paulo em Atenas, foi imediatamente enviado de volta a Tessalônica (veja 1Ts 3.1). É lastimável que, apesar da nobreza dos bereanos, nenhuma igreja foi organizada ali, na oportunidade, embora a cidade ser fosse importante centro da Macedônia.

Atenas (At 17.16-34)

Era a capital da Ática. Estava ao sul de Tessalônica, a 32 km de distância.[26] Entre Atenas e Tessalônica ficava Bereia, que Paulo acabava de visitar. Em Atenas, Paulo foi conduzido ao Areópago, uma tribuna popular onde qualquer um tinha o direito de expor suas ideias. Vale a pena citar aqui o que Enéas Tognini, em outro livro, escreveu sobre Paulo no Areópago:

> [...] Paulo foi conduzido por filósofos epicureus e estoicos a essa tribuna para expor a estranha doutrina que pregava: da redenção de Cristo e ressurreição final. O apóstolo dos gentios não perdeu a oportunidade. Cheio do Espírito Santo pregou o que vai registrado em Atos 17.16-34, pondo em cheque o rude politeísmo grego, com o Deus vivo que era a bandeira que Paulo desfraldava. Em suma, eis o que a experiência de Paulo no Areópago:

[26] Para mais informações sobre Atenas, veja TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*, p. 456-460.

a) O espírito de Paulo se revoltava com a brutal idolatria de Atenas. James Adams admite a existência de 30 mil deuses em Atenas.

b) Paulo exaltou a religiosidade dos atenienses. Eles tinham muita religiosidade, mas eram vazios de espiritualidade. Apolônio, filósofo contemporâneo de Paulo, repreendeu os atenienses por causa de suas bacanais nos festivais de Dionísio. Além disso, tiravam a vida do semelhante sem nenhuma razão.

c) O apóstolo destacou, entre os milhares de altares que se espalhavam pela cidade, o dedicado ao "DEUS DESCONHECIDO". Esse "Deus" que eles veneravam, mas não o conheciam, era o que Paulo pregava. Foi o "intróito" de seu poderoso sermão, no qual ele descreveu os atributos desse Deus maravilhoso:

• Deus é criador de tudo o que existe.
• É o Senhor do céu e da terra.
• Não habita em santuários feitos por mãos humanas.
• Não é servido por mãos humanas.
• De nada precisa (ou necessita).
• Pelo contrário, esse Deus dá vida, respiração e tudo mais.
• De um só fez toda a raça humana para habitar sobre a face da terra.
• Fixou os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação para buscarem a Deus, se porventura tateando o possam achar, pois não está longe de cada um de nós.
• Pois nele vivemos, e nos movemos e existimos (argumenta citando um poeta grego).
• A verdadeira divindade não é semelhante ao ouro, à prata, à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem.
• Deus perdoou em Cristo os tempos da ignorância humana.
• Jesus Cristo é o juiz estabelecido por Deus para julgar vivos e mortos.
• Deus não tem prazer na morte do ímpio, pelo contrário, quer que todo homem se arrependa e receba Cristo para perdão dos pecados e desfrute da vida eterna. Deus deu certeza do poder de Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos.[27]

William Ramsay pensa que Paulo foi levado ao Areópago, perante o concílio da cidade, não para ser processado, "mas para constatarem se tinha o direito a um certificado de professor, para ser devidamente aceito como mestre de religião e filosofia, junto aos estóicos e epicureus".[28] James Stalker, referindo-se ao discurso de Paulo no Areópago, disse: "Em parte alguma foi tão completo o seu fracasso".[29] Pensamos de outro modo, pois o sermão de Paulo em Atenas:

1. Testificou do poder e do amor de Cristo na capital intelectual do mundo da época.
2. Mostrou aos orgulhosos e prepotentes atenienses o caminho da salvação em Cristo.
3. Alguns homens converteram-se, entre eles Dionísio, o areopagita; em Atenas atual, bem no centro, há um suntuoso templo dedicado a São Dionísio, padroeiro de Atenas.
4. Dâmaris e outras mulheres da elite converteram-se ao Senhor.
5. Ao chegar a Corinto, Paulo recordou a nulidade da sabedoria humana, sem Cristo (1Co 1.17,26-29).

Todavia, tal como em Bereia, o trabalho de Paulo em Atenas não resultou em alguma igreja. E ele também não foi perseguido ali. Parece que é o sangue dos obreiros cristãos que rega o canteiro da igreja.

---

[27] TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*, p. 458-460.

[28] RAMSAY, William. *St. Paul, the traveller*, p. 247.

[29] STALKER, James. *O apóstolo São Paulo*, p. 101.

Corinto (At 18.1-17)

Corinto era uma cidade cosmopolita. Vejamos o que Enéas Tognini escreveu a respeito dessa cidade:

> Gente de todas as partes do mundo afluía a Corinto para comprar e vender, para tratamento médico, para divertimentos e orgia nas suas famosas bacanais. A população de Corinto se compunha de colonos, libertos, veteranos e cidadãos romanos. A colônia judaica era grande, pois a arqueologia descobriu as ruínas de uma grande sinagoga. Esses judeus em grande parte vieram de Roma, expulsos pelo imperador Cláudio, como foi o caso de Priscila e Áquila (At 18.2).
>
> De Atenas a Corinto havia nada menos de 80 a 100 km. Paulo pôde ir de Atenas a Corinto por mar, desembarcando em Cencreia, distante 11,2 km, ou por terra, pelo caminho de Eleusis.
>
> Opulenta, porém, depravada, predominava a luxúria no famoso templo dedicado a Afrodite na Acrocorinto. Aristófanes lembra que diante da corrupção da cidade, criou-se o verbo *korintiázestai*, que significa "viver à maneira coríntia". Estrabão, Pausanias, bem como Horácio referem-se à imoralidade de Corinto.
>
> Paulo, vindo de Atenas, chegou a Corinto, talvez no final do ano 40 d.C., na sua segunda viagem missionária (At 18.1). Eis os destaques dessa visita:

1. Encontrou-se com Priscila e Áquila, judeus expulsos de Roma pelo imperador Cláudio (At 18.2). Como Paulo, eles eram fabricantes de tendas (At 18.2).
2. Paulo pregava na sinagoga todos os sábados (At 18.4).
3. Quando Silas, Timóteo e Lucas chegaram a Corinto, Paulo deixou as "tendas" e dedicou-se inteiramente à Palavra de Deus (At 18.5).
4. Os judeus blasfemaram de Cristo e se opuseram à mensagem de Paulo (At 18.6).
5. Paulo retirou-se da sinagoga e foi para a casa de Tício Justo, homem crente no Senhor Jesus (At 18.7).
6. Crispo, um dos principais da sinagoga, com toda a sua casa, e muitos coríntios creram no Senhor e foram batizados.
7. Diante dos pecados do povo de Corinto, Paulo ficou desanimado e resolveu deixar a cidade. Jesus, porém, lhe apareceu em visão e lhe disse: "Paulo, tenho muito povo nesta cidade; fala e não te cales; porquanto eu estou contigo e ninguém ousará fazer-te mal" (At 18.9,10).
8. Paulo, obediente à Palavra do Senhor Jesus, permaneceu dezoito meses em Corinto (At 18.11).
9. Em 1Coríntios 2.2 Paulo recorda aos coríntios que esteve entre eles com temor e em fraqueza.
10. De Corinto, a Palavra de Cristo alcançou Cencreia (Rm 16.1) e toda a Acaia (2Co 1.1).
11. Paulo elogia a prontidão dos crentes acaianos em socorrer os crentes pobres da Judeia (2Co 9.2).
12. Parece que a igreja de Corinto era constituída de um misto de gente de condição humilde (1Co 1.26-29) e também de elevada posição (1Co 1.16; 11.17-34).
13. Paulo foi conduzido pelos judeus diante do procônsul Gálio, da Acaia, acusado de crimes contra o Imperador e a Lei. Gálio não deu atenção aos judeus e libertou Paulo.
14. Na igreja de Corinto havia partidos, brigas e exageros, o que deu muito trabalho a Paulo (1Co 1.12; 3.5).
15. Terminado o seu tempo em Corinto, Paulo resolveu ir para a Macedônia (At 20.1). Atravessou aquelas regiões e foi para a Grécia (At 20.2) exortando as igrejas, e nisto gastou três meses. Houve uma conspiração dos judeus contra Paulo, quando estava para embarcar para a Síria. Em razão disso, ele voltou à Macedônia (At 20.3).[30]

---

[30] TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*, p. 460-464.

Archibald T. Robertson afirma: "A chegada de Gálio, irmão de Sênea, a Acaia, como procônsul (portanto, depois de 54 d.C.), teve uma influência importante na carreira de Paulo, no sentido de que se desenvolveu uma atitude imparcial na sua relação para com Paulo e sua pregação",[31] e isso nas cidades da Ásia e também em Filipos, Tessalônica e Bereia. Na Acaia, os adversários de Paulo recorreram às autoridades em seu conflito com Paulo, ao passo que em outros lugares haviam recorrido à ralé, apelando à baderna. Por isso, enquanto nesses lugares Paulo era forçado a fugir quando lhe moviam perseguição, em Corinto ele pôde permanecer e vencer. E os conspiradores tiveram de aplicar em Sóstenes as bofetadas que pretendiam dar em Paulo. A recusa de Gálio em punir Paulo injustamente garantiu ao evangelho uma posição favorável perante as leis romanas.

Timóteo e Tito foram ao encontro de Paulo, que estava em Corinto. Trouxeram notícias animadoras das igrejas por eles supervisionadas. A época era fins de 51 ou primórdios de 52 d.C. Estando em Corinto, Paulo escreveu 1—2Tessalonicenses, que, na opinião de muitos acadêmicos, foram as primeiras cartas inspiradas a sair de sua pena, mas há quem pense que Gálatas foi a primeira a ser escrita. Seja como for, o estado geral de Paulo era excelente, segundo se depreende de 1Tessalonicenses 2.2,8,9,13; 2Tessalonicenses 2.14; 3.4,6,10,12,14.

Retorno a Antioquia da Síria (At 18.18-22)

Essa fase da segunda viagem missionária de Paulo teve lances de menor importância em seu início. Depois de permanecer em Corinto ainda por muitos dias, Paulo navegou para a Síria. Nessa viagem, levou Priscila e Áquila em sua companhia. Mas não viajou enquanto não cumpriu um voto que fizera, rapando a cabeça em Cencreia (At 18.18). Silas e Timóteo teriam ido com ele? Não sabemos dizer, pois Lucas silenciou a respeito.

A viagem não foi feita em uma única etapa. Pois, chegando a Éfeso, na Ásia Menor, Paulo desembarcou e chegou a pregar na sinagoga dos judeus. Apesar da insistência dos judeus em que ficasse com eles por algum tempo, Paulo tornou a embarcar e partiu de Éfeso (At 18.19-21). Mas Priscila e Áquila permaneceram Éfeso.

Nessa segunda etapa da viagem, Paulo chegou a Cesareia, à beira-mar, sede do governo romano da Judeia. Daí, por terra, foi a Jerusalém. Mas, sem tardança, prosseguiu viagem até chegar a Antioquia (At 18.22).

Lucas faz uma transição rápida desse final da segunda viagem missionária para a terceira. Mas com as palavras "havendo passado ali [em Antioquia da Síria] por algum tempo", deixa entendido que o apóstolo teve tempo de prestar relatório à igreja e de preparar-se para a sua terceira viagem missionária.

O fato mais notável da segunda viagem missionária, que agora chegara ao fim, foi que o apóstolo dos gentios atendeu ao "chamado da Macedônia", quando mudou totalmente o itinerário que tinha planejado, passando a rumar para oeste, levando o evangelho de Cristo, pela primeira vez, à Europa. Estava dado o primeiro passo da cristianização do Império Romano, que teve efeitos benéficos e maléficos, segundo a História registra.

Enquanto o cristianismo esteve livre do patrocínio do imperador, até o edito de Tolerância, promulgado no ano 313 d.C., embora tropeçando ocasionalmente, manteve-se relativamente puro. Mas depois dessa data, e, especialmente, após o imperador Constantino (378-395 d.C.) ter oficializado o cristianismo, este entrou em séria decadência. Manobrada pelos imperadores, a cristandade foi tomando rapidamente uma nova feição, copiando avidamente o sistema político e religioso do paganismo romano.

---

[31] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, 160.

É verdade que com a oficialização do cristianismo foram abolidos certos males sociais como a escravatura, as lutas de gladiadores nos circos, a matança de crianças indesejáveis e a crucificação como forma de execução. No começo dessa oficialização também foi suprimida a religião pagã, com toda a sua idolatria. Mas, na verdade, a igreja organizada acabou moralmente conquistada pelo Império Romano, pois foi transformada segundo a imagem do paganismo. Assim, a igreja imperial, mesmo nos séculos IV e V d.C., já era uma instituição muito diferente da igreja perseguida dos três primeiros séculos. Uma das transformações mais evidentes foi a ostentação de templos suntuosos, com um elaborado cerimonial, repletos de "sacerdotes", e não de pregadores do evangelho. À igreja oficial deu-se o nome de Igreja Católica ou Universal. O que importava agora não era alguém estar ligado espiritualmente a Cristo, e, sim, estar vinculado organizacionalmente à igreja oficial.

A essa paganização do cristianismo oficial é que nos referíamos quando dissemos que a cristianização do Império Romano também trouxe efeitos maléficos. Naturalmente, Paulo e sua equipe de obreiros cristãos não tiveram nenhuma culpa nisso, pois ao entrar na Europa o que fizeram ali foi pregar a Cristo. Esses malefícios e outros mais foram frutos do "mistério da iniquidade", que já operava nos dias de Paulo (2Ts 2.7).

Terceira viagem missionária

Em Atos 18.23 temos o fim da segunda viagem missionária e o começo da terceira. O fim da segunda foi marcado por estas palavras: "Havendo passado ali [em Antioquia da Síria] algum tempo [...]". E o começo da terceira, nestas: "[...] saiu, atravessando sucessivamente a região da Galácia e Frígia, confirmando todos os discípulos". Portanto, a terceira viagem missionária contempla Paulo voltando a regiões antes visitadas desde a sua primeira viagem missionária. E Paulo assim fez a fim de fortalecer e talvez corrigir os crentes ganhos anteriormente.

Logo após essa introdução, Lucas refere-se à chegada de Apolo a Éfeso, a capital da Ásia Menor (At 18.24-28). Lucas mencionou a chegada de Apolo a Éfeso e os efeitos de sua permanência ali, porque não demoraria muito para Paulo também chegar a Éfeso, depois de Apolo ter rumado para Corinto. Logo, os dois não estiveram ministrando em Éfeso ao mesmo tempo.

Lucas dá alguns traços biográficos de Apolo por um ângulo muito favorável. Apolo era judeu nascido em Alexandria, no Egito. Eloquente e poderoso nas Escrituras, só conhecia os fatos até o batismo de João Batista. Foram Priscila e Áquila quem melhor o instruíram no "caminho de Deus" (At 18.24-26). Agora mais bem preparado, Apolo partiu para a Acaia, e ali tornou-se um grande auxiliar dos crentes que, "mediante a graça, haviam crido" (At 18.27). Ministrava especialmente entre os judeus, no que obteve êxito, "provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus" (At 18.28). Paulo acrescenta a isso, em 1Coríntios, que Apolo chegou a se tornar um dos "heróis" daquela comunidade cristã. O apóstolo reputou esse "culto à personalidade" como um grave erro, pois somente Cristo é nosso Herói e Rei, e todos os demais são apenas "servos" (veja 1Co 3.1—4.13). Mas podemos ter certeza de que não foi Apolo quem encorajou tais ideias por parte dos crentes de Corinto.

Éfeso

Era a capital da província romana da Ásia Menor.[32] O número de judeus em Éfeso era considerável. Ali Paulo estabeleceu um poderoso trabalho cristão. A atuação de Paulo teve efeitos retumbantes. Vejamos:

[32] Para mais informações sobre Éfeso, veja TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*, p. 470-473.

1. Começou com homens convertidos e cheios do Espírito Santo e com dons espirituais (At 19.1-7).
2. Paulo evitou brigas e polêmicas entre judeus e cristãos (19.9).
3. Paulo pregou somente a Palavra de Deus.
4. A mensagem de Paulo não era apenas sabedoria humana, mas demonstração do poder de Deus com milagres e maravilhas (At 19.11,12).
5. Paulo expulsou demônios (19.13-16).
6. O nome do Senhor Jesus era engrandecido pela pregação das boas novas.
7. Obras de feitiçaria eram queimadas em praça pública pelos novos convertidos (19.18,19).
8. A poderosa Palavra do Senhor Jesus crescia e prevalecia com poder (19.20).
9. Mais tarde, o apóstolo Paulo escreveu a essa igreja uma confortadora e maravilhosa carta, conhecida como "Epístola aos Efésios".
10. O Senhor Jesus dirigiu a essa igreja uma carta de exortação e amor (Ap 2.1-7).[33]

Paulo aportou em Éfeso em fins de 54 d.C. Foi nesse centro estratégico que Paulo ficou por 3 anos no total (At 19.10; 20.31) — o maior período de permanência de Paulo em um lugar nas três viagens missionárias relatadas em Atos. Ele deixou a cidade na primavera de 57 d.C.

Os ourives de Éfeso acusaram Paulo dizendo que "não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente" (At 19.26). Lucas confirma que a atuação de Paulo deu "ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos" (At 19.10). Mais tarde, Paulo escreveu aos crentes de Colossos e de Laodiceia (veja Cl 4.16). Quem pregou em Colossos foi Epafras (veja Cl 1.7). Daí o evangelho pode ter ido para Laodiceia.

Timóteo foi instado por Paulo a ficar em Éfeso e superintender a obra cristã dali, quando o apóstolo planejou viajar para a Macedônia (veja 1Tm). Paulo havia planejado deixar Éfeso, partir para Corinto e chegar à Macedônia. Daí voltaria a Corinto, e por esses crentes seria encaminhado a Jerusalém (veja 2Co 1.16). Mas abandonou esse plano quando escreveu 1Coríntios (1Co 16.5). Era inverno (1Co 16.8) e Paulo planejava continuar em Éfeso até a festa de Pentecoste. Esse itinerário concorda com Atos 19.21. Mas, em vez de ir a Corinto, mandou Timóteo, como portador da epístola (1Co 4.17), o que ensejou que alguns o tivessem por inconstante (veja 1Co 4.18). E Paulo continuava na Ásia Menor quando Timóteo retornou de Corinto (At 19.22).

Os planos de Paulo em Éfeso incluíam Macedônia, Acaia, Jerusalém e Roma (At 19.21). Mais tarde, ele incluiu a Espanha no seu roteiro planejado (Rm 15.24-28). Estando em Éfeso, escreveu 1Coríntios, perto da época da Páscoa (1Co 5.7), onde ficou até o Pentecoste (1Co 16.8). Continuar em Éfeso seria para ele como combater com feras (1Co 15.32), tendo de enfrentar a morte a cada minuto. Após o episódio do ourives, Paulo deixou Éfeso e partiu para a Macedônia (At 20.1). Fortaleceu as igrejas dali e dirigiu-se à Grécia (At 20.2), onde se demorou por três meses. Pretendia embarcar para a Síria, mas uma conspiração forçou-o a voltar, atravessando a Macedônia (At 20.3). Foi na Macedônia que escreveu 2Coríntios (veja 2Co 7.5).

Paulo navegou para Trôade, onde encontrou Sópatro, de Bereia; Aristarco e Secundo, de Tessalônica; Gaio e Timóteo, de Derbe; e Tíquico e Trófico, da Ásia Menor (At 20.4). Esse encontro deu-se logo após os pães asmos (At 20.6). O grupo passou uma semana em Trôade (At 20.6). Ali houve o episódio com o jovem Êutico (At 20.7-12). Paulo seguiu por terra para Assôs, enquanto seus companheiros foram por mar (At 20.13). Em Assôs, Paulo embarcou no mesmo navio de seus companheiros, e todos

[33] TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*, p. 472-473.

rumaram para Mitilene (At 20.4). Passaram assim defronte de Quios e de Samos, e por fim chegaram a Mileto (At 20.15). Paulo planejava chegar a Jerusalém antes da festa de Pentecoste (At 20.16).

Mileto era um grande porto, no Mediterrâneo, 30 km ao sul de Éfeso. Paulo evitou Éfeso, talvez para demorar-se com os irmãos de Mileto (At 20.16). Alguns estudiosos pensam que o porto de Éfeso, na ocasião, estava em reformas. Estando em Mileto, Paulo mandou chamar os presbíteros de Éfeso (At 20.17), também denominados "pastores" e "bispos" (At 20.28). Foi então que proferiu a poderosa exortação registrada em Atos 20.18-35, que o leitor não deve deixar de ler. A despedida foi comovente (At 20.36,37). Paulo sentia instintivamente ser aquela a última vez que se veriam (At 20.38).

O navio tomado por Paulo e seus companheiros zarpou para Cós, e então Rodes e Pátara. Trocando de navio, navegaram para Tiro. Ali, Paulo e seus companheiros ficaram por sete dias com os irmãos. Por meio do Espírito, os irmãos insistiram que Paulo não deveria seguir viagem até Jerusalém. Mas após a nova despedida dolorosa, a viagem prosseguiu (At 20.1-6).

Chegando a Ptolemaida, passaram um dia com os irmãos locais (At 20.7). Dali, seguiram para Cesareia. Ao chegar a essa cidade, hospedaram-se com Filipe, antes diácono (veja At 6.5), mas agora evangelista (At 21.8). Filipe tinha quatro filhas que profetizavam (At 20.9). Então, vindo de Jerusalém, chega Ágabo, um profeta do Senhor, que, em dramática predição profética, mostra o que sucederia a Paulo em Jerusalém (At 20.10,11). Mas ninguém conseguiu dissuadir Paulo de ir a Jerusalém. E os companheiros do apóstolo subiram com ele. Em Jerusalém, hospedaram-se na casa de Mnasom, antigo discípulo (At 20.12-16).

Assim termina a terceira viagem missionária de Paulo.

Paulo em Jerusalém e Cesareia

Essa fase da carreira de Paulo é historiada em Atos 21.17—26.32, desde que ele chegou a Jerusalém, até que ficou decidido que seria enviado à Itália, para que fosse julgado perante o tribunal de César. É difícil precisar o período de tempo coberto por esse estágio, mas não andamos longe da verdade se dissermos que envolveu os anos de 57 a 59 d.C., e que foi ainda em 59 d.C. que ocorreu a fase seguinte, a viagem de Paulo a Roma, onde ele permaneceu por 2 anos detido em prisão domiciliar, com o que se encerra o relato de Atos.

Os apóstolos se mantiveram firmes nas decisões do concílio de Jerusalém, conforme historiado em Atos 15? Sabemos que Pedro mostrou-se hesitante diante da pressão exercida pelo partido judaizante, conforme aprendemos em Gálatas 2. Mas Tiago, irmão do Senhor e pastor da igreja em Jerusalém, manteve boas relações de amizade com Paulo, segundo se lê em Atos 21.17.

Paulo estava cônscio da situação de conflito que esperava por ele em Jerusalém. Estando ainda em Éfeso, planejara visitar Jerusalém (At 19.21). Ao escrever 1Coríntios, pensou em enviar a oferta por meio de mensageiros eleitos pela igreja (1Co 16.3). Mas os "rebeldes" da Judeia foram um fator que determinou sua ida (Rm 15.31). Aquela oferta era expressiva. Ela fora levantada nas igrejas da Galácia, da Ásia, da Macedônia e da Acaia (1Co 16.1; Rm 15.26). Paulo queria evitar a crítica dos homens (2Co 8.21; 12.17), razão pela qual representantes das igrejas o acompanharam até Jerusalém (At 20.4). Lucas o seguiu desde Filipos (At 20.6); Trófimo desde a Ásia Menor (At 21.29). Na verdade, aquela que foi a segunda oferta que Paulo levou aos crentes pobres da Judeia (At 11.30). Em Atos 15.28,29, nas decisões sobre o problema judaizante, não consta a lembrança acerca dos santos pobres da Judeia; mas Paulo refere-se a isso em Gálatas 2.9. Ele cumpriu seu papel, com toda a sinceridade. Mas agora que se

aproximava de novo de Jerusalém (At 20.22,23; 21.10-16), Paulo imaginava o temporal que ali o aguardava. Instado contra fazê-lo por todos os irmãos, chegou finalmente a Jerusalém.

Acompanhemos agora seus passos principais:

1. Os irmãos de Jerusalém receberam-no com muita alegria (At 21.17).
2. Já no dia seguinte, com seus companheiros, foi visitar Tiago (At 21.18), e os presbíteros reuniram-se.
3. Paulo não apresentou relatório, pois Jerusalém não era sua igreja; mas deu testemunho do que Deus realizara entre os gentios, por seu intermédio (At 21.19).
4. Mas os importunos judaizantes já haviam propalado que Paulo ensinava desrespeito à lei de Moisés (At 21.21).
5. Tiago, para fechar a boca dos adversários, aconselhou Paulo a tomar voto, ordenado em Números 6. Paulo discordou? De modo nenhum. Paulo era judeu e estava em seu país, onde a lei de Moisés não tinha apenas cunho religioso, pois era também a lei civil, e até 70 d.C., com a destruição do estado judaico, qualquer judeu residente em Israel estava sujeito à lei. Nesse tempo, um judeu cristão guardava o sábado de acordo com a lei, e o domingo por convicção.
6. O voto tomado por Paulo durava sete dias (At 21.27). No último desses sete dias, foi ao templo. Judeus da Ásia viram-no, agarraram-no e gritaram confusamente. Paulo foi arrastado para fora da nave do templo e espancado (At 21.32).
7. O comandante do destacamento romano interveio e levou Paulo para a fortaleza Antonia, ao norte do templo. Então, da escadaria, o comandante permitiu que o apóstolo falasse à turba (21.28-40).
8. O trecho de Atos 22.1-21 encerra o testemunho da vida, da conversão e das atividades missionárias de Paulo, proferido em língua hebraica (aramaica).
9. A certo ponto, ao ouví-lo dizer que o Senhor Jesus o enviara aos gentios, o populacho começou a clamar pela morte de Paulo (At 22.21,22).
10. O comandante romano, sem entender o que estava sucedendo, já se dispunha a interrogar o apóstolo Paulo, sob açoites, julgando que ele poderia ser um elemento perigoso; mas recusou do intento quando Paulo se declarou cidadão romano (At 22.23-30).
11. No dia seguinte, Paulo foi enviado para ser ouvido pelo Sinédrio (At 23.1-10). Parte do Sinédrio era constituída por saduceus, que não creem em ressurreição; e, sendo Paulo um ex-fariseu, declarou que estava sendo julgado por causa da ressurreição dos mortos. Fariseus e saduceus iniciaram uma discussão, e o comandante Cláudio Lísias arrebatou Paulo dentre o tumulto, e o conduziu em segurança para a fortaleza.
12. Na noite seguinte, o Senhor apareceu a Paulo, fortalecendo-o com a certeza de que pregaria o evangelho em Roma (At 23.11).
13. Quarenta judeus armaram uma cilada contra Paulo (At 23.12-15). Mas um sobrinho de Paulo, sabedor do conluio, informou o comandante romano do intento dos judeus (At 23.16-22).
14. Paulo foi enviado ao governador Félix, com uma carta assinada por Cláudio Lísias (At 23.26-30), sob a proteção de 200 infantes, 70 cavaleiros e 200 lanceiros (At 23.23). Chegou assim a Cesareia (At 23.33) e ficou detido no pretório de Herodes (At 23.35).
15. Cinco dias depois, liderados pelo sumo sacerdote Ananias, os judeus, acompanhados por um famoso advogado, Tértulo (cujo nome parece romano), acusaram a Paulo (At 24.1-9).
16. Paulo defendeu-se das acusações infundadas dos judeus (At 24.10-21). Segundo o historiador romano Tácito, Félix “praticava toda sorte de lascívia e crueldade; exercia

poder de um rei, com o temperamento de um escravo".[34] Por isso, quando Félix mandou chamar Paulo para ouví-lo, tremia ao ouvir falar do "domínio próprio" e do "juízo final" (At 24.22-27).

17. Paulo passou dois longos anos mofando na prisão, em Cesareia (At 24.27). Que teria feito ele naqueles 2 anos? Sabemos que nada escreveu. Talvez tenha fornecido dados a Lucas para escrever o terceiro evangelho. Paulo já se tinha hospedado com Filipe, em Cesareia, quando a caminho para Jerusalém (At 21.8). É provável que Filipe tenha socorrido ao apóstolo nesse longo período de detenção em Cesareia.
18. Após esses 2 anos, Félix foi substituído por Festo no governo da Judeia (At 25.1). Três dias depois de chegar a Cesareia, Festo subiu a Jerusalém (At 25.1), e os judeus valeram-se da oportunidade para pedirem que Paulo fosse julgado pelo Sinédrio, em Jerusalém (At 25.2,3). Mas Festo indeferiu o pedido e exigiu que os judeus fossem acusar Paulo em Cesareia (At 25.4,5). Eles foram, rodearam o prisioneiro e o injuriaram, mas nada puderam provar contra ele. Vendo Paulo que Festo se inclinava por agradar os judeus, enviando-o ao Sinédrio, apelou para César (At 25.9-12).
19. Dias depois, Herodes Agripa II, com Berenice, sua esposa, foram a Cesareia cumprimentar a Festo pela investidura. Ora, Agripa muito desejava ouvir Paulo; e Festo queria que Agripa o ajudasse a colher dados, a fim de enviar o prisioneiro a César, em Roma. Paulo discursou diante do rei e de outros potentados (At 25.13-27), dando testemunho de sua conversão a Cristo (At 26.1-23). Foi nessa ocasião que Festo tomou Paulo por louco (At 26.24). Agripa também desdenhou de Paulo (At 26.28).
20. Essa audiência foi favorável ao apóstolo. As autoridades chegaram à conclusão de que Paulo poderia ser libertado, não houvera ele apelado a César (At 26.30-32).

Paulo a caminho de Roma

Em Cesareia, as autoridades romanas decidiram enviar Paulo ao tribunal de César, em Roma, segundo se lê em Atos 27.1. Outros prisioneiros tomaram o mesmo navio em que Paulo estava, além de Aristarco, macedônio de Tessalônica, e Lucas, de Filipos. William Ramsay lembra que Lucas e Aristarco só puderam acompanhar o apóstolo na qualidade de escravos.[35]

O centurião Júlio, do destacamento imperial, ficou encarregado de Paulo e dos demais prisioneiros. O navio que tomaram era de Adramítio, que estava de partida para costear a Ásia Menor. Ramsay atreve-se a dar uma data exata: 17 de agosto de 60 d.C. Mas muitos estudiosos preferem pensar em 59 d.C.

O barco deixou Cesareia e velejou até Mirra, aportando em Sidom. Então passou ao norte da ilha de Chipre e defronte da Cilícia e da Panfília. Essa foi a primeira etapa da viagem, em um navio costeiro, em pleno verão.

Em Mirra houve uma troca de navio, este último de Alexandria, que seguia em direção à Itália. Mas essa etapa da viagem foi de muitos dias e dificultosa (At 27.7). Avistaram a cidade de Cnido, mas os ventos impediram que o navio aportasse. Então rumaram para o sul da ilha de Creta, passando pelo cabo Salmona. Navegando rente à costa, chegaram afinal a Bons Portos, perto de Laseia (At 27.8,9).

Eles permaneceram bastante tempo em Laseia. Ficaram para trás "o tempo do jejum", talvez o Yom Kipur dos judeus, ou seja, o mês de outubro. Aproximava-se o inverno, quando a navegação era difícil. Paulo avisou, devido à sua grande intuição, que

---

[34] Citado por ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 225.

[35] RAMSAY, William. *St. Paul, the traveller*, p. 316.

a viagem ficaria perigosa e haveria perda de vidas (At 27.10-12). Mas o centurião preferia ouvir o capitão e o proprietário do navio. E, assim, prosseguiram viagem.

Navegaram o mais perto possível do litoral de Creta (At 27.13). Então, de forma inesperada, soprou da ilha um vento fortíssimo, usual naquela época do ano, o euraquilão. O vento desviou o navio para longe de sua rota. Eles ainda tentaram alguma coisa diante da ilhota Cauda. Temiam ir às costas da Líbia, na África. Arriaram as velas e deixaram o barco ao sabor do vento. Mas a tempestade continuou por muitos dias, não deixando aparecer nem o sol nem as estrelas. Para evitar a possibilidade de naufrágio, lançaram ao mar a "armação do navio", provavelmente móveis e utensílios — tudo quanto tornasse o navio mais pesado. Chegaram até mesmo a perder a esperança de sobreviver.

Por muitos dias, ninguém comeu. Estavam todos aterrorizados ou enjoados demais para alimentar-se. Mas Paulo, entre outras 275 pessoas a bordo (At 27.37), animou-as, narrando a visão que tivera de Jesus e garantindo que nenhuma vida se perderia (At 27.21-26), mas somente o navio.

Desde que deixaram Laseia para trás, duas semanas se tinham passado, sempre batidos pelo tufão. Mas, afinal, chegaram ao mar Adriático, uma parte do Mediterrâneo. Sentindo, pela experiência, a aproximação de terra, os marinheiros lançaram sondas e baixaram quatro âncoras. Todos ansiavam para que amanhecesse. Ao clarear o dia, os marinheiros tentaram fugir, mas o centurião os impediu. Paulo instou então que todos comessem, para que tivessem forças de chegar à terra. Finalmente, embora com dificuldade, todos puseram pé em terra (At 27.27-44), sem perda de nem uma vida sequer, conforme o Senhor revelara a Paulo (At 27.24).

A ilha chamava-se Malta. Acenderam uma fogueira. E, quando juntava gravetos, Paulo foi picado por uma víbora (At 28.1-6), o que pareceu um fato extraordinário para os circunstantes, pois Paulo nem inchou nem morreu.

Os nativos trataram bem dos náufragos. Na ilha, Paulo operou várias curas, incluindo a do pai do governador da ilha, chamado Públio (28.7-10).

Passaram em Malta três meses, onde também enfrentaram o inverno. Terminaram por tomar um navio alexandrino, que tinha Dióscuro por emblema na proa. Esse navio tocou primeiro em Siracusa, na Sicília. Depois em Régio, e então em Potéoli. Ali foram encontrados alguns crentes, com quem passaram sete dias. Somente então rumaram para a capital do império, por terra. E crentes de Roma vieram ao encontro de Paulo, na Praça de Ápio e em Três Vendas, na via Ápia (At 28.11-15).

Finalmente, Paulo estava "em Roma" (At 28.16). Estava cumprido o seu sonho. Não como pretendia, em liberdade, mas como "embaixador em cadeias". Consolou aos irmãos e foi consolado.

Três dias mais tarde, convocou os "principais judeus" da cidade, expondo-lhes sua condição de prisioneiro (At 28.16-22). Os judeus vieram no dia marcado, em grande número, e Paulo lhes pregou a Cristo. Alguns creram no Senhor, mas a maior parte deles o rejeitou (28.23-29).

Em uma casa por ele alugada, preso por uma corrente a um soldado romano, Paulo passou 2 anos em Roma, ou seja, durante 59 e 60 d.C. (28.30,31). Em Roma, Paulo estava na relativa liberdade de prisão domiciliar, e pregava a Palavra de Deus a quem quisesse vir ouví-lo. Foi assim que ele pôde anunciar Cristo à guarda pretoriana, ganhando para o Salvador alguns da casa de César. Foi de Roma, nessa oportunidade, que ele escreveu algumas de suas mais notáveis epístolas: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom.

Quarta viagem missionária

O que diremos daqui ao fim deste apêndice não está mais alicerçado em Atos, mas no testemunho da história antiga e sobre informes colhidos em várias epístolas de Paulo.

Sabemos que Paulo, finalmente, foi julgado diante do tribunal de César. Nessa oportunidade, houve muitos fatos que o favoreceram:

1. O centurião Júlio deve ter testemunhado em favor de Paulo.
2. A decisão de Gálio, irmão de Sêneca, em Corinto, também deve ter tido peso considerável nesse julgamento.
3. Sem dúvida, Paulo conseguiu mostrar que o cristianismo é o verdadeiro judaísmo. Ora, o judaísmo era considerado "religião lícita" pelas autoridades romanas. Isso posto, por que Paulo seria condenado por motivos religiosos? Ele nada ensinava que detraísse o governo romano. É verdade que Pompeia, mulher de Nero, era judia, e pode ter querido influenciar o imperador e outros juízes contra o apóstolo. Mas se isso sucedeu, ela não prevaleceu, pois Paulo foi posto em liberdade.
4. Paulo deve ter desfrutado de liberdade por um período de 2 ou 3 anos, isto é, de 63 a 66 d.C.
5. Que teria Paulo feito durante esse período? Encetou a sua "quarta viagem missionária", que pode ser reconstituída com bastante precisão, através do testemunho dos pais da igreja e de dados colhidos nas epístolas paulinas. (Veja o capítulo 11, "Atos dos Apóstolos", onde oferecemos um quadro da provável rota seguida pelo apóstolo nessa sua última viagem missionária.)

Queremos encerrar este apêndice com alguns dados que confirmam o fato de Paulo ter realizado uma "quarta viagem missionária" antes de ser preso pela última vez em Roma e executado em 67 d.C.

Clemente de Roma, escrevendo da capital do império para os crentes de Corinto, disse que Paulo foi solto de sua prisão domiciliar em Roma e que, em uma última viagem, chegou ao extremo ocidente. Para um romano, isso significava Espanha, que na época era constituída pelos atuais países de Espanha e Portugal.

O Cânon Muratoriano afirma que Paulo esteve na Espanha e pode ter chegado à Britânia, atual Inglaterra. Não podemos aceitar esse testemunho como se fosse informe bíblico; mas que Paulo foi posto em liberdade e visitou vários lugares como pregador cristão é fora de dúvida, pois tem a chancela de suas próprias epístolas.

Da Espanha, Paulo partiu novamente para o Oriente, tendo estado em Creta, na Ásia Menor e na Macedônia. Foi em algum ponto da Macedônia que ele então escreveu 1Timóteo. E não muito depois, estando em Nicópolis, também na Macedônia, escreveu a epístola a Tito (Tt 3.12), que fora deixado por Paulo em Creta (Tt 1.5).

Nero mandou incendiar Roma em 19 de julho de 64 d.C. Premido pela revolta popular, acusou os cristãos de incendiários. Archibald T. Robertson descreve como segue o quadro de brutalidade de Nero contra os cristãos:

> Sente-se náuseas perante os detalhes horripilantes dessa perseguição que Nero dirigiu contra os crentes de Roma. Derramava-se azeite sobre suas roupas, eles eram amarrados a postes ou árvores, e ateava-se fogo neles à noite, para que servissem de iluminação, enquanto Nero furiosamente dirigia pelas ruas o seu coche.[36]

Nero começou a procurar o apóstolo Paulo, ao mesmo tempo que este procurava evitar a perigosa Roma. Mas parece que o Alexandre de 2Timóteo 4.14 seja o mesmo referido em Atos 19.33. Por motivo de vingança, Alexandre pode ter denunciado Paulo ao imperador. O apóstolo acabou sendo preso em Roma, ficando encarcerado na prisão Mamertina, de onde escreveu a sua derradeira epístola: 2Timóteo.

---

[36] ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*, p. 270.

Houve duas fases nesse segundo julgamento do apóstolo Paulo. Na primeira fase, ele foi "libertado da boca do leão" (2Tm 4.17). Isso aponta para o fato de que, como cidadão romano que era, ele não podia ser lançado no covil das feras, como execução. No trecho de 2Timóteo 4.9-11, porém, Paulo queixa-se de solidão, por haver sido abandonado por seus amigos. Mas Lucas não o havia abandonado. Outros crentes ou estavam ausentes, por necessidade, ou abandonaram mesmo o apóstolo, com medo de serem considerados seus cúmplices.

Deveria ser a primavera de 67 d.C. Paulo sabia que seu fim neste mundo aproximava-se de forma acelerada. Ele mesmo escreveu na sua última epístola: "[...] estou sendo já oferecido em libação, e o tempo da minha partida é chegado" (2Tm 4.6). Nem por isso seu tom é amargurado ou derrotista. "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda" (2Tm 4.7,8). Tudo em Paulo era triunfo, o senso de uma vida realizada por meio da graça divina.

Nero continuava no poder. Só se suicidaria em 9 de junho de 68 d.C., com um golpe de espada na garganta. Sua desgraça pública ainda estava longe. Sem dúvida acompanhou de perto o julgamento de Paulo.

O processo foi lento. Por fim, veio a terrível sentença: Paulo seria decapitado. No dia marcado, longe da agitação popular, mas entre soldados e o carrasco que levava o machado afiado, lá ia Paulo, carregando, ele próprio, o cepo. O pequeno grupo marchava na direção da Via Óstia. Chegaram a um lugar semideserto. O cepo foi posto no chão. Os soldados forçam Paulo a dobrar o corpo até seu pescoço encostar-se ao cepo. O carrasco ergue o machado e, com um golpe firme e súbito, põe fim à carreira de Paulo, a estrela brilhante que o Senhor Jesus colocara no mundo para iluminar e levar muitos à vida eterna, mediante a pregação do evangelho da graça de Deus.

Uma tradição afirma que uma senhora, chamada Lucina, sepultou o corpo de Paulo no próprio terreno, que ficava à margem da Via Óstia.

Apêndice 3
O movimento gnóstico

As conquistas de Alexandre, o Grande, ocasionaram grande miscigenação das religiões orientais com o pensamento filosófico ocidental. Por sua parte, a dominação romana escravizou 60% da população do mundo. Foram dias de dor e sofrimento. Parece que, exatamente nessa conjuntura, surgiu o gnosticismo, uma filosofia religiosa que ensinava um dualismo do mundo dos sentidos físicos e das realidades espirituais. Para o gnosticismo, o que importava não era a "fé", mas o "conhecimento" esotérico, secreto, que diziam possuir.

O gnosticismo, porém, ainda era incipiente no século I d.C. Seu pleno desenvolvimento foi alcançado no século II. A literatura gnóstica dos primeiros séculos cristãos foi preservada pelo mandeísmo, uma das seitas gnósticas, que só floresceu no século VIII d.C. Quando esses documentos são comparados com o Novo Testamento revelam a enorme distância entre os dois. Tudo nos leva a crer que a colônia de Cumram, no mar morto, conhecia a filosofia gnóstica.

O apóstolo João tomou conhecimento de todos os ensinos do gnosticismo de seus dias, e combateu-os frontalmente no quarto evangelho, principalmente em sua primeira epístola. Paulo agiu da mesma forma em Colossenses e Efésios.

Havia três correntes gnósticas que campeavam no século I da era cristã. Vejamos:

Gnosticismo ceríntio

Cerinto foi contemporâneo de João e também residiu em Éfeso. Poucos escritos seus foram preservados. Através dos escritos dos pais da igreja deduzimos um quadro confuso das ideias de Cerinto. Ele provavelmente sistematizou seus conceitos. O heresiarca Cerinto cria que o homem Jesus fora filho natural de José, e que o seu poder era devido a uma descida temporária de um éon ou emanação angelical, que teria vindo sobre Jesus por ocasião de seu batismo, mas que o deixou por ocasião da crucificação. Alguns fragmentos escritos do gnosticismo atestam que em lugar da exclamação de Jesus na cruz "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", eles a substituíam por: "Poder meu, poder meu, por que me abandonaste?". Também negavam o valor da "expiação" através do sangue do imaculado Cordeiro de Deus (veja 2Pe 2.1). Enfim, negavam a deidade do Senhor Jesus.

Havia outros pontos dessa doutrina falsa que convém salientar: eles exageravam o valor do batismo em água e desprezavam a doutrina da expiação pelo sangue precioso de Jesus Cristo vertido na cruz do Calvário. Por esse motivo João escreveu: "Este é aquele que veio por meio de água e sangue, Jesus Cristo; não somente com água, mas com a água e com o sangue [...]" (1Jo 5.6). Claro que João se referia à água da Palavra (veja Ef 5.26), e não ao ato externo do batismo. A causa eficiente da regeneração não é o ato de batismo, e sim a "palavra de Deus", aplicada pelo Espírito ao coração do ser humano, a qual passa então a atuar como uma semente que germina (1Pe 1.23).

Vale a pena acompanhar os argumentos de João em sua primeira epístola, paralela ao quarto evangelho quanto ao combate ao gnosticismo. No seio da comunidade cristã (1Jo 2.18-26; 3.7) surgira um grupo herético que pretendia conhecer e amar a Deus (1Jo 2.4; 4.8,20). Consideravam-se isentos de pecado (1Jo 1.8,10), mas não praticavam os mandamentos divinos (1Jo 2.4), nem o amor fraternal (1Jo 2.9). Diziam ter comunhão com Deus (2.6,9), mas negavam que Jesus fosse o Cristo, o Filho de Deus (1Jo 2.22; 4.15; 5.5,10) e também um homem verdadeiro que morreu na cruz (1Jo 5.6). Tentavam dissociar o Jesus histórico do Cristo da fé e também distinguiam a fé da vida diária.

Docetismo

Essa seita derivava seu nome do grego *dokéo* = "parecer". Para eles, Jesus seria homem apenas na aparência, pois era um anjo disfarçado, negando-lhe, pois, a humanidade. Desse modo, se uma ala do gnosticismo negava a deidade de Cristo, outra negava a sua humanidade. O apóstolo identificou-os como "anticristos" (1Jo 4.2,3).

Os gnósticos imaginavam Deus como um sol central, que despediria emanações, tal como o sol despede raios de luz. Quanto mais próxima de Deus uma emanação, mais divina. A matéria bruta consistiria nas mais distantes emanações. A primeira e mais próxima emanação era chamada de "demiurgo", ou seja, "construtor público". Os gnósticos afirmavam que Jesus era esse demiurgo, o criador deste mundo material e inferior. Assim, Jesus seria mera "criatura", um entre muitos éons, embora fosse o primeiro de todos. Os mais importantes éons seriam apenas mediadores angelicais. Desse modo, eles podiam negar que Jesus fosse "o cabeça", conforme o cristianismo bíblico ensina. Coube ao apóstolo Paulo, um defensor da ortodoxia, refutar tais ideias (veja Colossenses 1.13-23; 2.8-15).

Gnosticismo imoral

Para esses, o pecado só atingiria o corpo físico, e nunca o espírito. Na verdade, pecar seria benefício ao espírito, pois os excessos do pecado apressam a morte do corpo, libertando assim o espírito de sua prisão carnal. Nisso consistiria a salvação. Logo, quanto mais uma pessoa pecasse, mais depressa seria salva, e seria salva não mediante a

"fé", mas em razão desse "conhecimento". Eles desconheciam a doutrina da "santidade do corpo".

Os ensinamentos gnósticos eram diabolicamente distorcidos, e todas as três variedades gnósticas estavam fazendo incursões nas fileiras cristãs. Os apóstolos não silenciaram diante desse ataque. O apóstolo João subentende no seu evangelho a humanidade de Cristo e destaca a sua divindade. Na sua primeira epístola, João subentende a divindade de Cristo e destaca a sua humanidade.

Se o cristianismo ensina a salvação dos "eleitos", os gnósticos também resolveram criar um sistema de "escolhidos": os homens estariam divididos em três categorias: os *hílicos*, presos inexoravelmente à matéria, que não poderiam ter nenhuma esperança de salvação; os *psíquicos*, os quais alcançariam uma redenção inferior, mediante a fé, como os profetas do Antigo Testamento ou os cristãos; os *pneumáticos*, que alcançariam uma plena salvação mediante o "conhecimento", superior à "fé"; e essa salvação viria através de ritos mágicos e cerimônias místicas. Naturalmente, os gnósticos diziam que essa terceira categoria era formada por eles.

O ponto falho dessa doutrina no tocante ao "conhecimento" e à "fé" é que ela não reconhece que a "fé" é o conhecimento mais elevado, visto ser dado ao homem desde o céu. Para compreender melhor isso, teremos de entrar ao menos um pouco no campo da epistemologia ou teoria do conhecimento. Para benefício do leitor, apresentamos a seguir um sumário.

Há quatro níveis de conhecimento:

1. Através dos "sentidos" (compartilhado pelos animais).
2. Através da "razão" (que já é prerrogativa humana).
3. Através da "intuição" (que já é mais espiritual que mental).
4. Através da "revelação" (dada pelo Espírito Santo, e que tem por centro a fé). (Veja Mt 16.17 e 1Co 2.12.)

O verdadeiro "conhecimento" espiritual é dado pelo Espírito Santo aos regenerados. Por isso João contrapôs a *gnosis* cristã ao "conhecimento esotérico" dos gnósticos. A *gnosis* cristã, harmônica com o sentido da palavra grega, concebe um "conhecimento experimental", que se traduz em uma vida prática piedosa, caracterizado pelo "amor". Foi o que Jesus quis dizer ao declarar: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama [...]" (Jo 14.21). O "conhecimento esotérico" dos gnósticos concebia apenas um conhecimento teórico, imaginário, que jamais resulta na transformação do caráter. Por isso é que o gnosticismo foi evoluindo até chegar ao estágio "gnosticismo imoral", conforme vimos.

Conclui-se então que uma das pedras de tropeço do gnosticismo era a doutrina da "santidade". Visto que nada sabiam da santidade "posicional", em Cristo, como também desconheciam a santidade "experimental", através da Palavra e do Espírito, entregavam-se a "excessos" de pecaminosidade. O gnosticismo conseguiu afetar permanentemente grandes segmentos da cristandade. Há manifestações modernas patentes do gnosticismo, como a seita Testemunhas de Jeová. Há também manifestações mais difíceis de detectar, como é o caso da Igreja Católica Romana. Mesmo no seio do protestantismo há restos de gnosticismo, aqui e acolá. Santidade não é "impecabilidade". O trecho de 1João 1.8-10 nega a impecabilidade. Santidade é consagração a Deus e separação do pecado.

Bibliografia

ALLEN, Edith A. *A linda história.* Rio de Janeiro: Juerp, 1941.

ARNDT, William F., GINGRICH, F. Wilur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.

BARKER, Kenneth. *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003.

BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: cânon, língua, texto*. Rio de Janeiro: Juerp, 1984.

_____. *Problema de uma igreja local*. Rio de Janeiro: Juerp, 1986.

_____. *A personalidade viva de Paulo.* São Paulo: Faculdade Teológica de Rudge Ramos, 1964.

BRAWN, Colin; COENEN, Lothar. (Eds.) *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. *Merece confiança o Novo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 1990. 2 vols.

CHAMPLIN, Russell N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. 6 vols.

CONYBEARE, W. S.; HOWSON, J. S. *The Life, Time and Travels of St. Paul*. F. B. Treat Co., 1869.

CRABTREE. *Introdução ao Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Juerp, 1963.

DANA, H E. *O mundo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Juerp, 1955.

DANA, H. E; MANTEY; JULIUS, R. *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. The MacMililan, 1960.

DEISSMAN, Adolf. *Light from Ancient East*. New York: George H. Doran, 1927.

DENHAM, W. E. *De Belém a Patmos*. Rio de Janeiro: Juerp, 1943.

ELWELL, Walter A. *Enciclopédia histórico-teológico da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988. 3 vols.

GOODSPEED, Edgard J. *Como nos veio a Bíblia.* São Paulo: Imprensa Metodista, 1968.

GUNDRY, Robert H. *A Survey of the New Testament.* Grand Rapids: Zondervan, 1976.

HALE, Broadus D. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Juerp, 1983.

HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1964.

JOSEFO, Flávio. *Guerras judaicas.* Edição feita em Israel, 1987.

_____. *História dos hebreus.* Edição das Américas, 1942.

LANGSTON, A. B. *Teologia bíblica do Novo Testamento.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1955.

MCDOWEEL, Josh. *Evidência que exige um veredicto.* São Paulo: Candeia, 1988.

NICOLL, W. Roberston (Ed.). *The Expositor's Greek Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1956.

POLLOCK, John. *O apóstolo.* São Paulo: Vida, 1990.

_____. *O mestre.* São Paulo: Vida, 1988.

ROBERTSON, Archibald T. *A Grammar of the Greek New Testament.* Nashville: Broadman, 1934.

_____. *Épocas en la vida de Jesús.* El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1932.

_____. *Épocas en la vida de Juan.* El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1938.

_____. *Épocas en la vida de Simón Pedro.* El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1937.

_____. *Épocas na vida de Paulo.* Rio de Janeiro: Juerp, 1982.

_____. *Épocas no Novo Testamento.* Rio de Janeiro: Juerp, 1934.

_____. *Word Pictures in the New Testament*. Nashville: Broadman, 1930. 6 vols.

SANDERS, J. Oswald. *Paulo, o líder.* São Paulo: Vida, 1986.

STALKER, James. *A vida de Jesus*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1985.

_____. *O apóstolo Paulo*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1921.
STRONG, Augustus H. *Systematic Theology*. Valley Forge, PA: The Judson Press, 1951.
TAYLOR, W. C. *Epístola aos Gálatas*. Rio de Janeiro: Juerp, 1938.
_____. *Evangelho de João*. Rio de Janeiro: Juerp, 1943. 3 vols.
TENNEY, Merrill C. *Interpreting revelation*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1962.
_____. *O Novo Testamento, sua origem e análise*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
TOGNINI, Enéas. *O período interbíblico.* São Paulo: Hagnos, 2009.
_____. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*. São Paulo: Hagnos, 2009.
TRENCH, Richard Chenevix. *Synonyms of the New Testament.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1960.
TURNER, D. D. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987.
UNGER, Merrill F. *Unger's Bible Dictionary.* Chicago, Illinois: Moody, 1960.
WATSON, Allen. *Harmonia dos evangelhos*. Rio de Janeiro: Juerp, 1942.